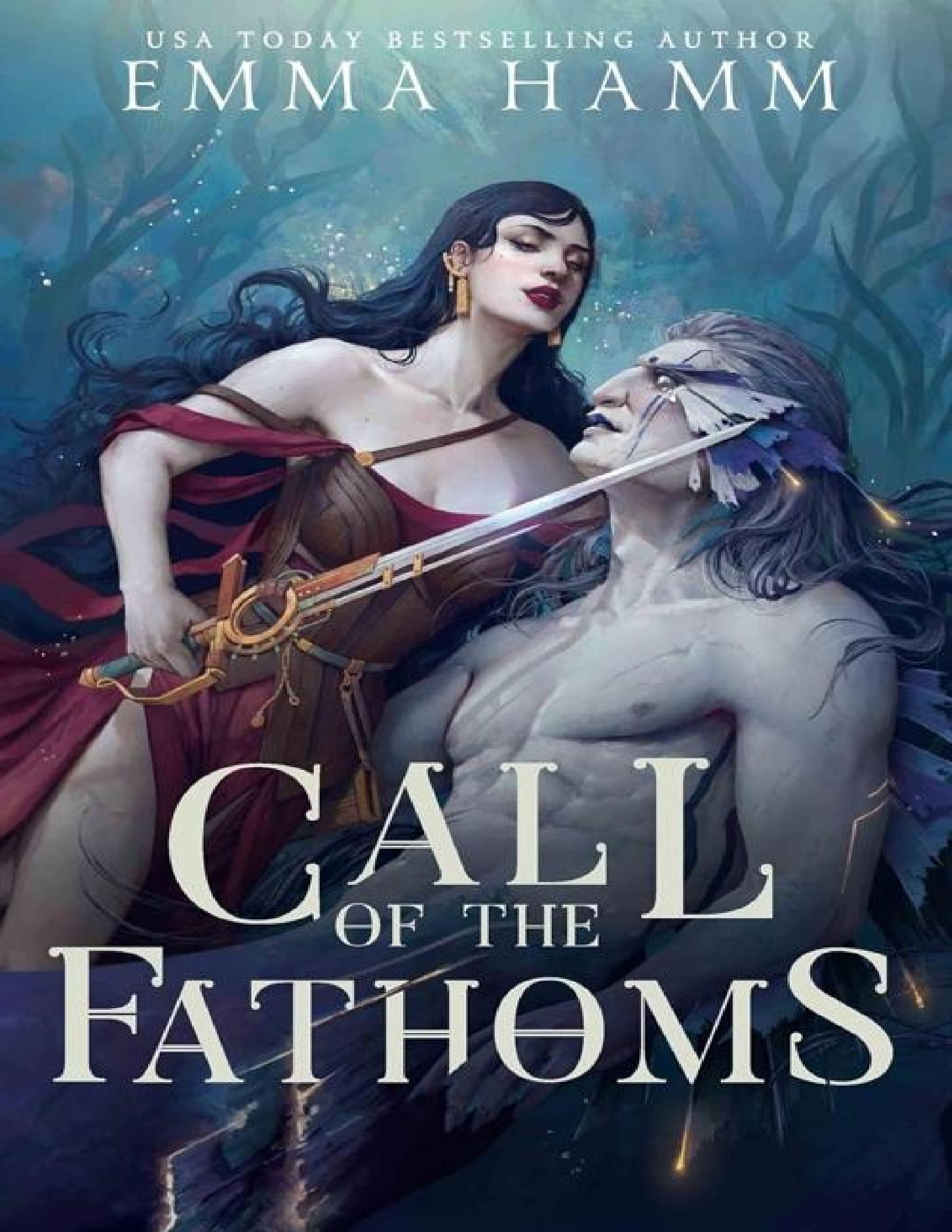
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

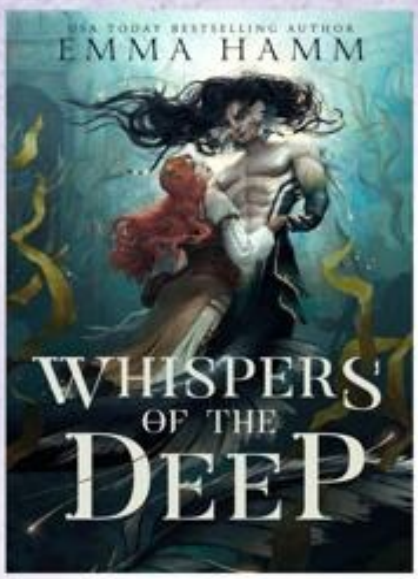
EMMA HAMM

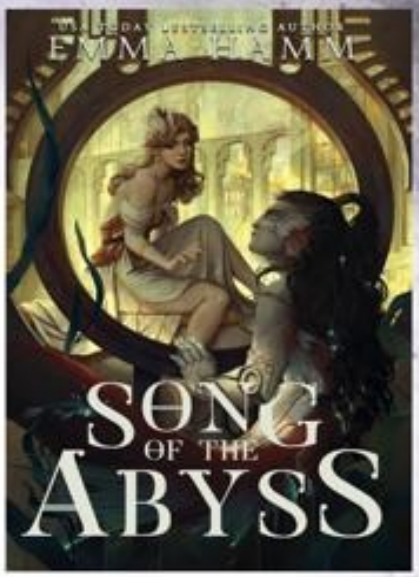


CALL OF THE FATHOMS

DEEP WATERS

ORDEM DE LEITURA









SINOPSE

A Cidade de Tau tem sido um segredo há muito tempo. Até agora. Como experimento genético e guarda pessoal de um dos Originais, Alexia sempre soube qual era seu objetivo. Manter sua Original em segurança. Garantir que a cidade de Tau permaneça escondida nas profundezas do oceano. E destruir todo e qualquer ondino que tente dificultar essas tarefas.

Fortis sempre soube que morreria cedo. Sua esposa tinha visto uma profecia de sua morte em detalhes, então ele sabia o momento exato em que morreria. Isso significava que ele não tinha medo. O destino não poderia ser mudado, nem mesmo pela mulher guerreira que capturou sua atenção. Afinal de contas, ele sabe a hora e as circunstâncias de sua morte.

Ele a atrai para caçá-lo, mas não esperava gostar tanto de suas batalhas quanto gostou. Essa fêmea tem muito a aprender. Se ele tivesse mais tempo, talvez fosse um bom professor para ela. Mas ele precisa convencer essa guerreira a ajudá-los, mesmo que ela odiasse sua espécie.

Quanto mais tempo eles ficam juntos, mais os dois percebem que, afinal, não há tanta diferença entre suas espécies. E quando Alexia descobre que há um grande engano em sua própria cidade, ela percebe que talvez não seja tão difícil ajudar is ondinos, afinal. Ou... até mesmo se apaixonar.

Para todos que já ouviram que vocês eram demais...

E daí?

Acho que vai procurar menos. Ou tipo...

Seja uma pessoa mais legal que possa lidar com mais coisas.

Não é desrespeitar alguém dizendo que é demais. Sua tolerância é muito baixa.

PREFACIO

Em cada prefácio de cada livro desta série até agora, lembrei as pessoas:

Isso não é cientificamente preciso.

Acho que vocês entenderam, então VOU FALAR SOBRE O QUE EU QUERO FALAR.

Que é a lula de Humboldt.

No momento, você não sabe por que isso é tão importante. Tudo o que você sabe é que eles existem na vida real.

Vou colocar um pequeno fato real aqui (porque caso você não saiba, algumas coisas são cientificamente precisas e eu usei este livro para trancar você em um quarto comigo para que eu pudesse desabafar sobre as coisas aleatórias sobre o oceano que eu sei da Nature e da Nova).

Essas espécies de lula são as ÚNICAS das quais os mergulhadores realmente têm medo.

Você descobrirá o porquê em breve.

UM

ALEXIA

— Alexia! Graças a Deus você está aqui. Tenho certeza de que estou prestes a morrer.

Mesmo sabendo que a Original Harlow não expiraria tão cedo, Alexia ainda se moveu para o quarto com mais propósito. Ela procurava toalhas novas em Tau, pois sua Original tinha certeza de que as suas não eram tão macias quanto antes. Ela não conseguia imaginar o que poderia ter acontecido no período entre sua partida e seu retorno.

Mesmo assim, era seu trabalho garantir que Harlow vivesse a vida mais confortável e segura possível. Então, ela colocou o maço de toalhas na superfície mais próxima e entrou no quarto de Harlow.

O quarto era elaborado de forma discreta. Muitos dos Originais se apegavam à grandeza antiga que tornava seus aposentos quase abafados. Preferiam bordas douradas, figuras esculpidas em ouro derretido e pinturas guardadas há centenas de anos. Mas não Harlow. Ela adorava viver nas novas eras do seu mundo. Então, em vez de esconder que vivia no fundo do mar, Harlow deleitava-se nele.

Cada superfície daquele quarto brilhava. O piso era de madrepérola, amassada e incrustada no ladrilho. Os móveis estavam salpicados de iridescência, cada braço e perna brilhando à luz do lustre que vinha de cima. Cilindros de cristal pendiam do teto, projetando arco-íris dançantes por todo o quarto sempre que a luz estava acesa.

Três das paredes eram inteiramente de vidro. Harlow gastara uma boa quantia de dinheiro para garantir que cada uma delas fosse forte o suficiente para conter o mar, além de lhe proporcionar uma vista do mar além. É claro que havia outra parede de vidro a uns 12 metros de

distância, só para garantir que nenhum ondino tivesse a ideia de se aproximar de um dos Originais.

No espaço entre a parede de vidro e a segunda, peixes e flora floresciam. Corais e pequenos cardumes de peixes adicionavam toques de cor ao espaço desolado. Mas, em certo momento, um golfinho ficou preso ali. Harlow gostava de fazê-lo fazer truques até morrer.

Essa lembrança ainda fazia Alexia se sentir estranha.

— O que houve? — ela perguntou, caminhando em direção a Harlow, onde ficou parada perto do vidro.

Harlow era uma mulher deslumbrante, sempre fora e continuaria sendo. Os Originais eram antigos, e Harlow era uma das mais velhas, embora apenas por alguns anos. Ela parecia uma deslumbrante mulher de cinquenta anos. Embora seu cabelo ainda fosse de um castanho dourado e quente, sua pele ainda era imaculada e sua coluna reta e forte. Ela era magra, com as mais sutis curvas nos quadris. Mas, além de sua presença física, ela tinha um jeito de olhar para a alma de uma pessoa com um olhar tão severo que arrasava homens inferiores.

Agora, ela estava com o ombro do vestido caído até o cotovelo, exibindo uma pele imaculada e levemente bronzeada. Ela passava horas por semana em uma cama de bronzeamento artificial, certificando-se de que ainda parecia como se tivesse vivido Acima, e depois horas consertando os danos causados pelo sol por outros meios.

— Vê isso? — disse Harlow, apontando para uma leve mancha vermelha no pico mais alto do seu ombro. — Olha só.

Ela olhou. Alexia tinha que fazer o que Harlow mandasse, mesmo que parecesse um pouco tolo olhar para uma área levemente escamosa de pele vermelha.

— Sim?

— É uma erupção cutânea. Uma erupção cutânea! Um dos renascidos deve ter passado despercebido pelos controles de segurança

da genética — zombou Harlow. — E pensar que isso aconteceria comigo e não com nenhum dos outros.

Bem, era improvável que a cientista responsável pelos renascidos de Harlow cometesse um erro como esse. No entanto, se era isso que Harlow queria pensar, então era isso que ela tinha permissão para pensar.

Cuidadosamente, Alexia ajeitou o vestido de Harlow sobre o ombro novamente.

— Venha. Vamos te colocar na cama. Um descanso vai te fazer se sentir melhor.

Harlow suspirou.

— Esqueço que ter você por perto me alivia instantaneamente. Você é uma companheira maravilhosa, Alexia.

Era mentira. Alexia era uma boa guarda, e era para isso que ela havia sido criada. Ela se sobressaía sobre a forma diminuta de Harlow, mas, por outro lado, Alexia se sobressaia sobre todos, mesmo que não fossem como ela. Com 1,90m, Alexia era uma mulher enorme, criada para ter poder e força. Ela colocaria seu corpo entre qualquer coisa que atacasse Harlow, e já o fez muitas vezes. Harlow ainda estava bem viva e, portanto, era muito boa em seu trabalho.

Guiando a Original até sua cama enorme, da cor da espuma do mar e repleta de travesseiros, era difícil imaginar como ela conseguia dormir. Ela ajudou Harlow a se deitar.

— Quer que eu penteie seu cabelo antes de dormir?

— Ah, você faria isso? Você sabe que é a única com um toque delicado o suficiente para fazer isso. As outras sempre puxam os fios e eu só tenho alguns.

Uma parte de Alexia se agitou com isso. Ela foi até o criado-mudo, pegou a escova também incrustada com madrepérola e olhou para o próprio reflexo nela.

O que Harlow havia dito? Anos atrás? Quando Alexia finalmente se dispôs a servi-la, a primeira coisa que a Original disse ao vê-la foi:

— Droga, você é uma grande bruta.

Havia uma parte dela que ainda acreditava nessas palavras. Seus cabelos escuros estavam puxados para trás, bem presos contra o crânio, fazendo seus olhos parecerem puxados como os de uma raposa. Ela não usava maquiagem, não como as Originais, mas suas sobrancelhas escuras e finas não precisavam de retoques para se tornarem evidentes. A carranca permanente em seu rosto intimidava a maioria, e havia também sua altura, é claro. Músculos volumosos faziam seu pescoço parecer ainda mais grosso do que já era, e seus ombros ainda mais largos. Como Harlow dissera certa vez, ela era uma mulher bruta.

Mas, por outro lado, ela tinha sido feita assim. Às vezes, era difícil desviar o olhar do próprio reflexo. Ela encontrou o próprio olhar e foi sugada por ele, enquanto pensamentos que não pareciam seus de repente se misturavam em sua mente.

Ela não tinha nascido. Fora criada em um tubo de ensaio. Geneticamente modificada para ser a pessoa que queriam que ela fosse. Ainda havia pensamentos em sua mente, lembranças de uma época em que ela estava crescendo. Fragmentos de uma história de quando ela era apenas uma criança, aprendendo a ser forte, a lutar, a não chorar. Todas as coisas que lhe disseram que ela precisava aprender, mas ninguém mais aprendeu. Uma parte dela se ressentia disso, naquela época. Mas agora, ela mal conseguia sentir alguma coisa.

— Alexia! — o tom de Harlow agora era cortante. — Você ia escovar o meu cabelo.

Claro que ia.

Alexia desviou o olhar do próprio reflexo e voltou a atenção para Harlow. Caminhou até a cama e ajoelhou-se ao lado dela, com os joelhos já doendo no chão duro, mas fáceis de ignorar. Quantas vezes ela já havia

feito isso? Ajoelhar-se enquanto Harlow se sentava, passando a mão pelos longos fios do luxuoso cabelo castanho de sua Original. Havia fios dourados neles, um fato que Alexia havia comentado diversas vezes.

Normalmente, agora era a hora de ela encher Harlow de elogios. Dizia-lhe como sua pele era linda e que ela certamente era a mais jovem de todos os Originais, embora fosse uma das mais velhas quando chegaram ali. Os fios dourados em seus cabelos refletiam a luz com mais beleza do que qualquer coisa que Alexia já tivesse visto.

Mas esta noite... esta noite ela não tinha vontade de contar tudo aquilo à outra mulher. Um humor estranho a dominava, e ela não sabia ao certo de onde vinha.

Harlow bufou.

— Dá para acreditar que o geneticista deixou passar alguma coisa com o último renascido? Sério, não é tão difícil fazer o trabalho dele. Eu poderia substituí-lo assim mesmo.

O estalar de dedos fez Alexia estremecer.

A realidade era que os Originais podiam substituir quem quisessem naquela cidade. Infelizmente, substituir alguém geralmente significava matá-lo. Alexia fizera isso sozinha com o último geneticista que decepcionara Harlow. O pescoço do homem fora facilmente quebrado, e o estalar dos dedos de Harlow soava estranhamente semelhante ao som que seus ossos haviam produzido.

Engolindo em seco, ela assentiu.

— Posso dar um aviso a ele, senhora.

— Você acredita que um aviso o fará ouvir?

— Ele é seu geneticista há quase dez anos. Acredito que substituí-lo seria muito difícil.

Houve uma longa pausa enquanto Alexia percebia que havia dado uma opinião verdadeira. Harlow não queria a opinião de outra pessoa sobre nada. Sua Original queria que Alexia simplesmente concordasse

com tudo o que Harlow dissesse e repetisse como um papagaio. Esse era o relacionamento delas, e havia funcionado por anos.

O que ela estava fazendo? Por que ela estava falando sobre isso?

— Certo — disse Harlow lentamente. — Você provavelmente está certa de que eu deveria dar outra chance a ele. Mas certifique-se de que ele prepare outro renascido. Não posso ter uma imperfeição dessas por muito tempo.

— Preparar…

Ela sentiu-se congelar.

Os renascidos eram idênticos a Harlow e aos outros. Eram clones que só despertavam de sua estase quando um Original precisava deles. Havia centenas deles no coração daquela cidade, cercados por geneticistas que se certificavam de que cada um deles fosse uma criação de sangue puro, pronta para ser usada em praticamente qualquer doença ou ferimento.

Foi assim que os Originais se mantiveram vivos por mais de duzentos anos. Eles retiravam pedaços de si mesmos sempre que precisavam de um substituto.

Ela odiava entrar naquele lugar sinistro. Todos aqueles corpos em vários estágios de idade, pendurados ali. Suspensos em tubos de ensaio gigantes, nus, com os olhos fechados. Na primeira vez que entrou no centro de renascimento, notou que os olhos deles ainda se moviam sob as pálpebras.

Eles estavam sonhando. E tinha sido difícil pensar neles como qualquer outra coisa que não fossem pessoas quando ela reconheceu aquele pequeno detalhe.

— Um renascido? — Alexia finalmente conseguiu tossir. — Um renascido é necessário para isso? Posso chamar um médico e pedir que prepare um creme para você.

Harlow ficou imóvel sob suas mãos. Uma fração de segundo. Foi o

suficiente para que a Original se virasse na cama e agarrasse Alexia pelo pescoço. Ela era surpreendentemente forte para uma mulher mais velha, mas não era sua força que Alexia temia. Não, era a raiva em seus olhos.

A qualquer momento, qualquer Original poderia escolher remover alguém de Tau. Bastaria um instante para Harlow morder com força suficiente para ativar o sinal de alerta que todos os Originais tinham afixado nos dentes. Em segundos, uma comitiva inteira de soldados apareceria à sua porta e eles não fariam perguntas. Matariam qualquer pessoa que estivesse perto de Harlow.

Porque, no fim das contas, mesmo tendo servido aquela mulher a vida toda, Alexia era dispensável. Havia centenas de outros guardas geneticamente modificados prontos para tomar seu lugar. Alguns eram mais dispostos e dóceis, e talvez até mais qualificados.

— Você está pensando muito em si mesma hoje — murmurou Harlow. Seus olhos se alternavam entre os de Alexia. — Por quê?

— Não sei, senhora.

— Quando começou?

— Esta manhã. — Foi a primeira coisa que ela notou quando se olhou no espelho.

Ela acordou, olhou para o próprio reflexo e se perguntou por que parecia tão diferente. Era como se estivesse olhando para uma estranha. Seu reflexo não era ela. Aquela mulher endurecida que vira demais certamente não podia ser *ela*.

— Interessante — disse Harlow. — O que aconteceu?

— Não sei. Meus pensamentos estão muito nebulosos e tenho tentado entendê-los.

— Você está tentando entender seus próprios pensamentos? — Inclinando a cabeça para o lado, Harlow pareceu perscrutar sua mente. — Que tipo de pensamentos?

— Ainda não consegui dar um nome a eles, senhora. É difícil segui-

los quando são tantos. Estão bem confusos. — Era a melhor explicação que ela conseguia dar, mesmo sabendo que era o oposto do que Harlow queria.

Todos os Originais preferiam verdades cruas e lógicas. Mas o pensamento humano raramente era assim.

Harlow cantarolou baixinho antes de soltar o pescoço de Alexia. Ela esfregou o polegar na artéria carótida, como se estivesse em uma ameaça.

— Você andou pensando demais. Isso é um fardo, minha querida.

Alexia não achava que fosse um fardo. Mais uma bênção, na verdade. Ela tinha a sensação de que a liberdade de pensamento não era algo que lhe era concedido há muito tempo. E agora que a tinha, não tinha tanta certeza se estava disposta a abrir mão dela.

— Você não deveria estar pensando sozinha. — Harlow a soltou com um suspiro e se levantou da cama. — Minha querida, eu já disse que você é minha guarda favorita, não é? Todos esses anos, passando por sua espécie repetidamente, é tão fácil pensar em todos vocês como um só ser. Mas você sempre se destacou para mim como minha favorita.

Isso não pareceu um elogio. Mesmo assim, ela não conseguia se desvencilhar do chão enquanto Harlow abria a mesa de cabeceira e tirava uma seringa.

O remédio dela. Ou pelo menos era o que sempre diziam que era.

Alexia foi injetada por pessoas a vida toda. Agulhas cheias de produtos químicos tornaram-se tão comuns que era difícil imaginar a vida sem elas. Quando criança, elas eram cheias de vitaminas e todos os outros componentes que faziam seu corpo crescer e ficar mais forte. Talvez se ela não tivesse sido testada e cutucada... e cutucada, ela teria sido uma mulher de tamanho normal. Talvez ela não tivesse se esticado e sentido tantas dores de crescimento que a faziam ficar acordada até tarde da noite gritando enquanto suas pernas cresciam mais rápido do que

deveriam. Talvez suas mãos não tivessem o tamanho de uma cabeça humana se não a tivessem espetado dia após dia, injetando-lhe um veneno que distorcia seu corpo até deixá-lo irreconhecível.

Seu coração acelerou quando Harlow se aproximou com a agulha na mão. Uma voz que ela não reconheceu em sua própria cabeça gritou para ela correr. Ela não deveria ficar ali, ajoelhada, esperando que todo aquele veneno afetasse seus pensamentos novamente.

Mas havia outra parte dela que só ouvia Harlow.

— Não seria mais fácil não ter mais esses pensamentos? — murmurou Harlow. — Eu odiaria perder você. Você sabe que é, e sempre foi, minha favorita.

Ela permaneceu onde estava, observando aquela agulha se aproximar cada vez mais. Porque seria mais fácil não ter pensamentos. Principalmente aqueles pensamentos. Aquelas palavras sussurradas em sua cabeça de que nada estava bem, e que tudo estava errado, e se ela não tomasse cuidado...

— Shh — sussurrou Harlow enquanto passava o braço em volta do pescoço de Alexia, mantendo a cabeça dela inclinada para o lado. — Deixe que eu cuido disso para você.

Ela não deveria. Ela deveria lutar contra isso. Mas, em vez de lutar, inclinou a cabeça para o lado e permitiu que acontecesse. A picada aguda da agulha perfurou os músculos onde seu ombro e pescoço se encontravam. Há muito tempo, ela teria se contraído de dor, mas agora era tão familiar que ela não reagiu.

Em vez disso, ela permaneceu congelada nos braços de Harlow enquanto sentia suas emoções se esvaírem completamente. Desaparecendo no éter de escuridão no fundo de sua mente, onde todos os pensamentos ruins se reuniam para serem jogados no mar.

— Pronto — disse Harlow, apertando-a com força antes de soltá-la. — Você não precisa pensar, Alexia. Tudo o que você precisa fazer é estar

aqui por mim.

E isso era mais fácil do que pensar.

— Obrigada, Harlow — respondeu ela, levantando-se. — Gostaria que eu falasse com o geneticista agora?

— Sim. Eu vou descansar e você prepara o renascido para mim. Ah, e, Alexia? Você é tão boa no que faz.

Ela era a melhor no que fazia.

Alexia se virou e saiu pela porta, deixando todos aqueles pensamentos sombrios no quarto com a Original que os causou.

DOIS
FORTIS

Fortis esperava nas profundezas, observando os submarinos passarem zunindo acima, iluminando o mar com grandes raios de luz. Ele viera ali sozinho, a princípio. Só para ver como seria a grande cidade de Tau. E não se decepcionou.

Espirais enormes afundavam nas profundezas, cada uma delas se enrolando como se a cidade inteira fosse um nó gigante. Havia pontas bulbosas onde ele via pessoas regularmente, mas eram desinteressantes. Trabalhadores perambulavam pelo dia, trabalhando como não deveriam para as pessoas no poder. Não era por elas que ele estava ali. Ele estava ali em busca de uma abertura, uma fraqueza, uma maneira de entrar na cidade através do escudo de energia que a protegia.

Ele não havia treinado a vida inteira para este momento apenas para deixá-lo escapar por entre os dedos. Não importava quanto tempo demorasse, ele encontraria um jeito de entrar naquela cidade.

Seu filho flutuava ao lado dele, observando Tau com um olhar atento.

— Tem certeza de que hoje é a hora certa? Os submarinos parecem estar em números muito maiores. Certamente, se houver mais deles, eles estarão mais conscientes.

— Sim, é a hora certa, Aulax. A deusa me contou. — Ele respirou fundo pelas guelras, sentindo o aroma da cidade.

Metal e substâncias químicas penetrantes. Os mesmos aromas que envolveram seu filho quando Aulax foi libertado das garras de Alfa. Havia mais naquela cidade do que qualquer um deles poderia imaginar. Essas pessoas estavam usando remédios, como Anya os chamava, para

fazer algo terrível dentro daquele labirinto sinuoso.

— Como você pode ter certeza? Profecias são difíceis de ler, mesmo nos melhores momentos.

— O mar me deu um tempo e um lugar. Saberei quando entrar nesta cidade porque estou onde o mar me diz para estar. — Ele realmente acreditava nisso e desejava que seu filho estivesse mais preparado para acreditar também.

Fortis fora criado numa época em que o mar era reverenciado. Os deuses de seu povo emergiam das profundezas com mais frequência, embora ultimamente não saíssem de casa. Poucos dos jovens andarilhos das profundezas tremiam na presença dos antigos nas profundezas do abismo. Seu filho se beneficiaria disso, pois Aulax provavelmente negaria que o mar fosse um deus.

Em breve, ele aprenderia. O mar sempre contatava os andarilhos das profundezas de uma forma ou de outra. Seu filho se depararia com a realidade de que havia criaturas enormes em algum lugar naquele oceano que controlavam a todos. E que, se fechasse os olhos, poderia sentir a conexão com as mesmas feras que respiravam com cada um de sua espécie.

Aulax soltou um suspiro ofegante.

— Não acredito que você esteja destinado a morrer este ano, pai. É tolice buscar a morte só porque sua esposa a previu muito antes de eu estar aqui.

E aí estava o problema.

Ele deveria ter imaginado que o filho estava lutando com a verdade do que estava por vir. O próprio Fortis vira o pai morrer antes dele, quando era muito jovem. Era uma fase difícil da vida, com a qual todos teriam que lidar eventualmente. Era uma situação única para os dois, pois ambos sabiam quando e como ele iria morrer.

— Sua *mãe* recebeu uma profecia dos deuses. Era tanto um aviso

quanto uma mensagem detalhada para que todos pudéssemos ficar em segurança — respondeu ele. — Eu conheço meu lugar neste mar desde muito jovem. Sua mãe era a melhor visionária entre os andarilhos das profundezas. Ela viu a morte de muitas pessoas, incluindo a dela.

E nenhuma dessas profecias estava errada. Ele vira cada uma daquelas pessoas morrer, exatamente como ela descrevera. Então, ele sabia que morreria da mesma forma que ela havia afirmado.

As guelras de Aulax se dilataram, e algumas de suas cores ganharam vida antes que ele as acalmasse.

— Não desejo sua morte como você parece desejar.

Ele deveria se amolecer pelo filho. Fortis frequentemente desaparecia em contato com seus deuses, mas naquele momento, seu filho precisava dele.

Ele nem sempre foi o melhor pai. Mesmo assim, ele tentou.

Flexionando a cauda, ele se lançou em direção a Aulax e agarrou o jovem nos braços. Lutando por um instante, conseguiu imobilizar o filho para que pudesse segurá-lo com uma força tão punitiva quanto reconfortante.

— Às vezes, esqueço que você é adulto. Ainda te vejo como o menino que costumava puxar meu rabo e me implorar para nadar com ele.

— Não consigo ver como isso pode ser útil no tópico do suicídio.

— Não estou me matando. Tive muitos anos para aceitar o fato de que não viverei tanto quanto vocês. Também sei que meu sacrifício trará uma nova era de pessoas que guiará nossa própria espécie para um futuro com menos conflitos. É um sacrifício que farei com prazer para que *sua* vida seja mais fácil. — Ele se recostou, soltando o filho para que pudesse olhá-lo nos olhos. — Nem todos têm a chance de se tornarem mártires. Minha morte é a resposta para todo o nosso sofrimento.

— E isso significa que você pode ser imprudente?

— Significa que não posso morrer antes da minha hora, porque já sei o meu fim. — Ele agitou a barbatana, voltando ao seu posto contra uma rocha saliente e olhou para a cidade. — Meu destino foi decidido. Não morrerei antes que essa hora chegue, e o mar me protegerá para garantir que assim seja.

— Eu ainda acho que essa é a porra de uma ideia estúpida — murmurou seu filho.

— Porra? — repetiu Fortis secamente. — Você anda passando tempo demais com a irmã da Ace.

Não era a primeira vez que ouvia um dos Povos da Água usar o vernáculo achromo. Muitos deles estavam adotando frases à medida que passavam cada vez mais tempo com o outro tipo. Ele achava isso uma prática repugnante; infelizmente, todos eram mais do que bem-vindos para perder tempo com palavras tolas, se quisessem.

Outro submarino passou por eles, levantando poeira do fundo do mar e obscurecendo sua visão. Este era o momento em que ele os antagonizaria. O mar já lhe havia dito que precisava entrar em Tau. Era ali que sua oportunidade se apresentaria.

Mas ele não tinha certeza de qual era a oportunidade. Aparentemente, havia muitas opções para ele descobrir. O mar era útil, embora não muito claro mesmo nos melhores momentos.

Talvez fosse isso que seu filho achava tão desagradável. Aulax gostava que as coisas fossem preto no branco. Ele queria saber tudo sobre um plano muito antes de se dar ao luxo de colocá-lo em prática. Era uma boa característica que o tornaria um guerreiro ainda melhor em seus últimos anos.

Fortis aprendera há muito tempo que as oportunidades sempre se apresentavam para aqueles que tinham os olhos abertos. Seu filho ainda não aprendera isso, e levaria muitos anos para que ele aprendesse tais coisas.

— Estou orgulhoso de você — disse ele, olhando para o filho mais uma vez. Não seria a última vez que veria Aulax, embora o filho temesse que fosse. Talvez fosse uma boa ideia dar ao filho algo para se lembrar dele. Mesmo que ele voltasse em breve. — Sempre fui, sabe?

— Pai…

Sem mais tempo para discussões, Fortis disparou para o mar. Respirou fundo pelas quatro guelras e iluminou todo o corpo. Cada gavinha pendurada em seus flancos ficou amarela brilhante, tão vívida que seria impossível para as naves acromáticas não o verem. Se alguma o fizesse, era um predador pior do que ele imaginava.

E então ele ficou ali. Flutuando na água, esperando o próximo submarino passar. Quando a estranha forma oblonga se aproximou, ele iluminou ainda mais suas luzes. Era uma criatura ofuscante e etérea vinda das profundezas, e os achromos certamente sentiriam terror no momento em que o vissem.

Não demorou muito. Os achromos em Tau eram mais espertos do que os das outras cidades e estavam muito mais acostumados a lidar com a sua espécie. Sabiam como atacar o seu povo. Sabiam exatamente o que o prejudicaria, mas não era isso que Fortis esperava que acontecesse hoje.

— Não facilite para eles, pai! — gritou Aulax com um chamado assombroso de baleia. — Faça-os caçar!

Era exatamente isso que ele havia planejado fazer.

Ele se virou no último momento e acelerou pela água. Sua cauda era maior do que a da maioria dos outros da sua espécie, assim como seu corpo. Demorou mais para ganhar velocidade, e provavelmente não era isso o que os achromos esperavam. Logo, eles perceberiam que ele era difícil de capturar.

A água se abriu ao seu redor, facilitando seu caminho para que ele pudesse ir mais rápido. Então, ele curvou o corpo e mergulhou cada vez mais fundo. Mais fundo nas profundezas do mar, onde finalmente

encontrou um enorme submarino de guerra que havia afundado há muito tempo. Ele levou os achromos para perto daquela embarcação ancestral como um lembrete de seus fracassos. Eles tinham armas que poderiam ferir seu povo, mas os achromos eram a espécie que sempre havia perecido.

Uma e outra vez. O acerto de contas estava chegando. Eles não imaginavam que ele seria o catalisador.

Eles dispararam a primeira arma contra ele, incandescente e abrasadora enquanto borbulhava pelo mar. Ele se esquivou com bastante facilidade, embora fosse curioso que eles tivessem disparado apenas um tiro. Normalmente, disparavam pelo menos vinte ao mesmo tempo. A enorme quantidade de tiros era muito mais difícil para seu pessoal desviar, já que cobriam tanto espaço.

O tiro de advertência foi logo seguido por algo que ele nunca tinha visto antes. Uma rede.

Lanças presas às pontas o esticavam para longe, e ele percebeu que havia uma corda presa à parte inferior do submarino. O mar estava certo. Os humanos não queriam matá-lo hoje. Em vez disso, queriam capturá-lo.

Então Tau era realmente mais uma instalação que fazia experimentos com seu povo. Ótimo. O mar havia alegado que ele precisava entrar em Tau, e ele pretendia ouvir. Permitir que os humanos o levassem era muito mais fácil do que encontrar uma fraqueza na cidade impenetrável.

A rede não o atingiu. Parecia que eles não eram muito bons com aquela nova arma. Talvez os achromos precisassem de prática.

Como era hilário vê-los lutando. Com a voz do filho na cabeça, ele se virou para olhá-los. Estava longe o suficiente agora e se perguntava se eles desistiriam. Ele não podia permitir isso. Fortis estava se divertindo, e havia um propósito em tudo aquilo.

Ele não estava tão longe a ponto de não conseguir ver suas silhuetas dentro daquele submarino. Os achromos também o encaravam. Surpreso por ele se virar para sequer olhar para eles. Com todo o ódio que sentia no coração, ele estalou a cauda e partiu em direção ao submarino.

Se ele fosse ser capturado por eles em algum sentido crível, precisava que sentissem medo. Já os via se debatendo. Havia terror em suas expressões enquanto lutavam para encontrar o botão certo. Talvez um deles quisesse lançar um raio que certamente o mataria. Outros diziam para lançar a rede. E então ele estava bem na frente deles.

Ele se deleitava com o medo deles. Fortis o absorveu em seu corpo, mesmo sem sentir o cheiro através do metal. Se atingisse o submarino nessa velocidade, ele o danificaria irreparavelmente. Todos afundariam no fundo do oceano, onde os antigos eventualmente se banqueteariam com seus cadáveres.

Ele estava ansioso para ver que destino o mar escolheria para esses achromos.

A água se abriu ao seu redor, lançando-o cada vez mais rápido em direção aos humanos em pânico. Ele estava tão perto que podia ouvi-los gritando quando a arma que escolheram disparou. Fechando os olhos, deixou a paz envolvê-lo enquanto aguardava o julgamento do mar.

E lá estava. Não a queimadura de um laser. A sensação de uma rede envolvendo seu corpo. Enrolou-se em todas as suas nadadeiras, prendeu seus braços aos lados e o lançou balançando para baixo do submarino. Eles precisavam acreditar que o haviam capturado. Precisavam acreditar que ele era apenas mais um *ondino* que haviam encontrado no mar. Nenhum deles acreditaria que ele havia permitido que o capturassem.

A rede torceu com força uma de suas nadadeiras laterais. Ele arreganhou os dentes, rosnando, na esperança de que, se houvesse câmeras no fundo do submarino, elas pudessem ver sua dor. Podia ouvir todos comemorando lá dentro, celebrando por terem capturado a

criatura selvagem que quase os matara.

O mais hilário é que eles não tinham ideia de que estavam transportando um tubarão para dentro de casa. Um tubarão que pretendia caçar o mais rápido que pudesse.

Ao passarem pelo escudo, ele viu algumas luzes tremeluzentes no fundo do mar. Sabia que era seu filho. Aulax o avisava que retornaria aos outros e lhes contaria que Fortis havia iniciado sua missão. Em breve, eles saberiam que ele havia tido sucesso.

Ele ainda não sabia como. O mar não lhe dissera muita coisa.

Fortis se permitiu cair naquele lugar liminar entre a realidade e o futuro. O lugar onde o mar segurava sua mão e o guiava sem medo.

Esses achromos eram criaturas fracas e rudimentares que viviam em um mundo com o qual não estavam preparados para lidar. Tudo o que ele precisava fazer era esperar e tudo se encaixaria.

Sempre foi assim.

Ele permaneceu quieto e não se debateu enquanto se aproximavam das luzes da cidade. Em breve, ele estaria dentro daqueles muros. Em breve, eles tentariam dominá-lo com remédios e armas afiadas. O que eles não sabiam era que ele estava pronto e preparado para tais coisas. Eles não o quebrariam.

Ele os quebraria.

TRES

ALEXIA

Ela encontrou o Doutor Barker na manhã seguinte. Harlow tinha muito o que fazer enquanto isso, enquanto a mente da mulher se movia a mil por hora. Antes de Alexia ir procurar a renascida, primeiro ela precisava se certificar de que as roupas da Original ainda estavam perfeitamente passadas, que alguém havia cuidado da criada que a fizera se sentir um pouco desconfortável no dia anterior e que seu café da manhã não conteria mais o que quer que fosse a que ela era alérgica. Só para o caso de a próxima renascida não resolver aquele problema insuportável.

Durante todo esse tempo, Alexia vagava pela vida em uma névoa. O remédio tornou muito mais fácil lidar com tudo. E, no entanto... ainda havia uma voz gritando no fundo de sua cabeça. Como um zumbido nos ouvidos do qual ela não conseguia se livrar.

Quando ela chegou em frente ao consultório do Dr. Barker, estava ficando difícil ignorar tudo de novo. O que era ridículo. Ela não deveria se sentir assim. O remédio existia para que ela pudesse controlar esses pensamentos e deixá-los de lado, em vez de lutar todos os dias.

Batendo na porta à sua frente, ela tentou silenciar os gritos em sua cabeça.

De qualquer forma, era mais fácil ser ela mesma naquela área de Tau. Os médicos e os guardas moravam todos na mesma ala. Não havia beleza ali. Apenas aço frio, camas utilitárias para dormir e equipamentos médicos ao lado das armas, caso os Originais precisassem ser protegidos. Até mesmo do seu próprio povo.

Barker abriu a porta rapidamente. Era um homem pequeno em

comparação a ela. Com pouco mais de um metro e sessenta e cinco, ele chegava até o peito dela e precisava esticar o pescoço para ver seu rosto. Os óculos grossos de vidro empoleirados em seu nariz não ajudavam, embora ampliassem seus grandes olhos castanhos. Cabelos prateados cobriam sua cabeça como se alguém tivesse soprado uma nuvem sobre ele e a girado como um rodopio de algodão-doce. Seu jaleco branco pendia de seus ombros magros, porque o homem sempre se esquecia de comer, não importava quantas pessoas estivessem trabalhando para lembrá-lo.

— Alexia? — ele perguntou, com uma pergunta na palavra.

— Ela não ficou feliz com a última renascida. Agora tem uma erupção cutânea no ombro dela.

— Uma erupção cutânea? — murmurou ele, voltando para o escritório para recolher suas coisas. — Isso não deveria estar acontecendo. Erupções cutâneas são extremamente difíceis para os Originais, a menos que o renascido não seja perfeito. Mas eu as verifico. Verifico sempre que usamos uma.

— Talvez tenha havido um erro.

— Eu não cometo erros.

Mas ele era humano e, portanto, errou. Ela já o vira cometer erros antes, embora fossem raros. Ele era um bom homem, aquele médico, mas isso não o tornava a perfeição em pessoa. Mesmo assim, ela manteve a boca fechada enquanto ele pegava uma maleta médica branca e seguia pelo corredor.

Ela olhou ao redor do quarto dele enquanto ele juntava suas coisas. Alexia gostava de observar como as pessoas decoravam seus espaços privados, porque isso lhe dava um pequeno vislumbre da vida da pessoa. Os aposentos de Barker eram todos cobertos com imagens antigas do Acima. Ele gostava particularmente de imagens da terra ao redor do mar. Praias de areia branca e nuvens brilhantes e fofas que

dançavam acima das ondas.

A terra não era mais assim. Ninguém podia subir lá em cima e, se pudesse, definitivamente não encontraria nuvens brancas e fofas. Apenas tempestades furiosas que ameaçavam matar qualquer um que estivesse nelas, com cacos de gelo do tamanho da cabeça dela.

Ela o acompanhou pelo corredor em direção ao centro de renascidos. O corredor em que se encontravam tinha o formato de um tubo, e ela foi repentinamente tomada por uma onda de tontura. A sala inteira se movia, como se o tubo estivesse girando.

O que estava acontecendo com ela?

Alexia estendeu a mão e tocou a parede, firmando-se enquanto caminhava atrás dele. Ela não demonstraria fraqueza. Não o deixaria saber que algo estava errado.

Mas ele olhou por cima do ombro e franziu a testa.

— O que está acontecendo com você hoje?

— Nada — ela murmurou.

— Você está se segurando na parede como se o mar estivesse te jogando num vórtice. Está tonta?

— Não.

— Sou médico. Se tiver alguma coisa acontecendo, é melhor me contar. — Ele não teve tempo de dizer mais nada antes que o centro de renascidos estivesse bem na frente deles.

Paredes de vidro equipadas com portas duplas de vidro mostravam tudo além. Todos os tubos congelados, mantidos em estado criogenético após os corpos terminarem de crescer. Todos os cilindros estavam cheios de gosma e continham vários estágios da humanidade.

Seu olhar se fixou nos tubos cheios do líquido alaranjado tênue. A cor se devia às vitaminas que mantinham os fetos vivos. Ela odiava olhar para aqueles vermes estranhos que eventualmente se transformavam em crianças, sabendo que ela mesma tinha sido cultivada no mesmo tipo de

tanque. Só que eles purgavam aqueles tubos regularmente, testando todos os genes de cada bebê e escolhendo aqueles que valiam alguma coisa.

Aqueles como ela. Com mutações genéticas cuidadosamente cultivadas, injetadas e introduzidas em uma vida como aquela.

As portas se abriram com um chiado para uma área que não era tão fria quanto o resto, e o Dr. Barker entrou. Essa era a deixa dela. Ela deveria segui-lo para dentro da sala. Ela deveria ser uma boa guarda pessoal e fazer tudo o que precisasse para a sua Original. Era a razão pela qual ela havia sido criada.

Assim como todas aquelas pessoas penduradas naqueles tubos, congeladas, criadas para viver apenas alguns momentos antes que sua respiração ofegante diminuísse e elas fossem usadas para a imortalidade de outra pessoa.

— Alexia? — perguntou o Doutor Barker, com a voz agora carregada de preocupação. — Gostaria de entrar comigo?

Merda. Por que o remédio não estava funcionando?

Ela tomou esses remédios a vida toda. Eles sempre facilitaram a vida. Ela sempre conseguia se injetar e esquecer tudo por pelo menos uma semana, se não mais. Esses pensamentos eram mais fortes que os remédios?

Ao entrar na sala, ela engoliu em seco quando as portas se fecharam atrás dela.

— Desculpe, doutor. Esta sala sempre me deixa desconfortável.

Até admitir isso era estranho. Ela fora criada para ser impossível de se desestabilizar. Ansiedade e medo não eram algo que seu corpo conseguia sentir, essas substâncias químicas simplesmente não existiam em seu cérebro. Pelo menos, era o que lhe diziam a vida toda.

— Desconfortável? — repetiu o Dr. Barker antes de apontar para uma cadeira de couro ao lado dele. Inúmeros braços de metal atrás da

cadeira eram usados para determinar a saúde de pessoas como ela. De medidores de pressão arterial a injetáveis, a cadeira era tão... médica quanto o homem à sua frente. — Antes de reunirmos os renascidos, por que não fazemos uma avaliação rápida do seu estado físico?

Isso definitivamente piorou todos esses sentimentos. Rigidamente, ela se sentou na cadeira. Ele estava sentado em uma mesa em frente a ela, digitando em um computador que comandava os braços de metal para se moverem para a frente. Eles rapidamente fizeram todo o trabalho necessário. Pressão arterial? Perfeita. Frequência cardíaca? Normal.

Talvez não fosse medo. Porque suas mãos não tremiam e seu batimento cardíaco estava exatamente como deveria. No entanto, sua mente estava a mil, e ela pensou, por um momento, que talvez fosse raiva. Será que ela deveria ser capaz de sentir isso?

O Doutor Barker murmurou algo baixinho e acionou o algoritmo renascido que selecionaria o próximo clone pronto para coleta. O computador fazia a maior parte do trabalho hoje em dia, mas todos os médicos eram obrigados a revisar a sequência genética mesmo depois de o computador a ter escolhido. Então, ele girou sua cadeira de rodas e olhou diretamente nos olhos dela.

— Seus sinais vitais parecem normais.

— Como eu presumi que seriam.

— Mas você se sente desconfortável nesta sala? Isso é um comportamento incomum para alguém da sua origem.

Ela sabia disso, droga. Sabia que era estranho alguém como ela pensar por conta própria. Não pensava assim antes. Pelo menos, não achava que pensava. Houve alguns anos em que a mandaram de volta para o treinamento, mas ela não achava que fosse por pensar por si mesma.

Porra. Era ruim pensar por si mesma? Seria tão ruim assim olhar para aquela sala com todos os renascidos pendurados ali, crescendo, e

achar aquilo um pouco mórbido? Ela não ia fazer nada a respeito. Alexia sabia que não era bem assim. Os Originais tinham aquele lugar todo trancado com tanta força que alguém como ela não conseguiria tirar os renascidos de lá, e mesmo assim, o que ela faria com eles?

Eles não eram pessoas de verdade. Não tiveram uma vida nem aprenderam enquanto cresciam. Foram lançados ao mundo como adultos totalmente formados, com cérebros que ainda funcionavam corretamente para alguém da sua idade, mas sem experiência alguma em respirar sozinhos.

Além disso, ela não tinha desejo de morrer. E a morte era tudo o que aconteceria se ela tentasse se opor aos Originais.

O Doutor Barker tirou os óculos e esfregou a ponta do nariz.

— Você sabe o que fazem com os guardas que começam a pensar por si mesmos, não sabe?

Ela recitou as informações que sabia desde criança:

— Guardas que não são mais capazes de desempenhar sua função são desativados.

— Desativado, sim, é assim que chamam vocês. — Ele balançou a cabeça. — Eles os matam, Alexia. Você pode tentar amenizar a situação se quiser, mas a realidade é que alguém como você, que pensa por si mesma, acabará morta. Vamos reutilizar os pedaços do seu corpo que precisamos, pegar sua sequência genética e criar outra versão sua. Uma versão que não terá as falhas que você tinha antes. Houve inúmeras Alexias ao longo dos anos, mas nenhuma delas foi tão poderosa ou tão perfeita quanto o seu design. E a próxima será ainda melhor. Entende o que estou dizendo?

Ela não entendia, embora soasse como uma ameaça e talvez algo que ela não quisesse entender. Então, permaneceu onde estava e o encarou com o que esperava ser uma expressão vazia, e não de raiva absoluta, como parecia.

Ele pigarreou.

— Não deixe que eles vejam que você é diferente. É isso que estou dizendo. Enquanto isso, vou atualizar sua ficha com uma fórmula diferente da sua medicação diária, o que ajudará com esses sentimentos. Se eles persistirem, procure-me primeiro. Ninguém mais.

— Eu tenho um médico. — Um médico específico havia sido designado para os guardas, e ele os submetia a testes rigorosos regularmente para garantir que pudessem fazer seu trabalho corretamente.

— Você virá até mim — disse o Dr. Barker enquanto o computador apitava que a sequência estava pronta. — Agora, preciso dar uma olhada nesta renascida e garantir que esteja pronta para a coleta, já que a outra aparentemente não estava. Uma erupção cutânea, você disse? Era algum alimento ao qual ela era alérgica?

Alexia assumiu o mesmo trabalho de sempre: proteger Harlow.

Ela recitou toda a comida que Harlow havia comido no dia anterior, certificando-se de listar todos os ingredientes de cada receita. Ela conhecia todas essas informações como a palma da mão. Todos os dias, ela se debruçava sobre tudo o que a Original comia, e era boa no que fazia. Ela sempre era melhor que as outras, não importava o quanto desse trabalho.

Levou quase uma hora para analisar tudo o que poderia tê-la deixado alérgica, mas então Barker assentiu.

— Encontrei o problema. Computador, extermine todos os renascidos com essa mutação genética. — Ele clicou em alguns botões e então ela ouviu o som de vidro se estilhaçando. Corpos congelados caíam no chão, tubos saindo de suas bocas. Em breve, pessoas entrariam na sala e arrastariam esses corpos para fora. Eles seriam jogados no mar sem a coleta de um único desses órgãos, porque Harlow agora poderia ser alérgica a frutos do mar.

Errado, uma voz sussurrou em sua cabeça. Isso está errado.

Mas ela desviou a atenção do vidro e, em vez disso, olhou para Barker. Ele se levantou, virando-se de um lado para o outro para estalar as costas antes de apertar o último botão do computador.

— Vamos, a renascida deve estar na sala certa. Não vai demorar muito para conseguirmos o soro certo para injetar nela. Tudo isso vai acabar até o fim do dia.

Graças a Deus. Um Original furioso não era o que nenhum deles precisava na vida.

Ela deixou todas as suas emoções complexas naquela sala e seguiu pelo corredor com ele. Ninguém se apegaria a esses pensamentos de bom grado. Ela também não iria se apegar a eles. Não cabia a ela pensar nos renascidos ou na ética de sequer tê-los. Ela precisava se livrar disso.

Pelo menos, até passarem pela primeira sala cirúrgica. Alexia parou lentamente, olhando através do vidro para a criatura que haviam colocado sobre a mesa.

— É um...

Barker também parou, paralisado enquanto seus olhos se arregalavam ainda mais por trás daqueles óculos estranhos.

— Um ondino?

— Por que eles trariam um ondino para Tau? — ela rosnou, já pegando o dispositivo preso ao pulso que lhe permitia falar com todos os outros guardas. — Código Vermelho. Há uma ondina no local.

Outra voz saiu de seu pulso, desta vez de um guarda chamado Hyperion, que era guarda pessoal de um dos casais mais antigos dos Originais.

— Entendido. Onde?

— Salas cirúrgicas.

— Nós ficaremos longe daquela área e a fecharemos para todos os outros Originais.

O Doutor Barker estava olhando para ela de forma estranha.

— O quê? — perguntou Alexia.

— Você se sente desconfortável no centro de renascimento, mas não se sente desconfortável olhando para aquilo? — Ele gesticulou em direção ao corpo enorme sobre a mesa.

Ela estava desconfortável. Ela se sentia muito desconfortável olhando para o peixe enorme e flácido que havia sido colocado em duas mesas cirúrgicas e ainda assim sua cauda estava de alguma forma caída no chão. Sua pele roxa pálida era estranha de se ver, sem mencionar os tons mais escuros de sua cauda, que terminavam em pequenos tentáculos amarelos e bulbosos que pingavam de suas laterais como contas. Seu cabelo era longo e emaranhado sobre seu rosto, obscurecendo-lhe a visão, no mínimo. Havia algo de *errado* em olhar para uma criatura como ele.

Ele ainda tinha a forma humana. Seu peito era familiar o suficiente, embora não houvesse mamilos dignos de menção. Suas mãos eram palmadas, e uma delas havia caído da mesa e quase se arrastava pelo chão. As garras com pontas pretas naquela mão eram intrigantes, mas havia algo de errado em olhar para uma criatura inconsciente e pensar nas veias em suas mãos.

— Vamos entrar — disse o Doutor Barker, antes de colocar a mão na porta e começar a empurrá-la.

— Com licença?

— Tem bastante tempo. Eles precisam descongelar os renascidos, de qualquer forma. Nunca tive a oportunidade de ver uma dessas feras pessoalmente. — Ele olhou para ela por cima do ombro, com a malícia brilhando naqueles olhos enormes. — A menos que você esteja com medo? Achei que você não estivesse sentindo isso?

Droga. Ele a tinha, e sabia disso.

Suspirando, ela o seguiu até a sala, que já cheirava fortemente a

peixe.

QUATRO
Fortis

O mar não o havia avisado sobre tudo isso. Fortis permitiu que a segunda membrana sobre seus olhos se fechasse, deixando o mundo ligeiramente nebuloso, mas convencendo os achromos idiotas que o cercavam de que suas drogas haviam funcionado. Ele vinha se preparando para aquele momento há anos. De todos os andarilhos das profundezas, Fortis era o que havia ingerido mais enxofre. Ele havia inalado uma quantidade significativa de névoa entorpecente no fundo do mar. Ele até havia perfurado a pele com farpas de peixe-leão.

Nenhum medicamento achromático o faria dormir. Mas ele queria que pensassem que ele estava descansando, porque queria que cometessem um erro.

Eles já estavam conversando, dando-lhe mais informações do que qualquer um deles provavelmente gostaria que ele soubesse. Ele sabia que aquele lugar era Tau, que havia encontrado a cidade certa para se infiltrar. Sabia que os Originais eram os que viviam ali, confirmando todas as teorias dos companheiros achromo.

Este lugar era governado por antigos achromos. Achromos que estavam vivos há muito mais tempo do que o natural. Os Originais, como se autodenominavam, eram seres sobrenaturais que haviam projetado todas essas cidades subaquáticas. Foram eles que deram vida ao metal sob o mar e, de alguma forma, ainda não haviam morrido.

Ele precisava ver isso com os próprios olhos. Ou pelo menos encontrar provas de que isso era possível. Então, ele permaneceu em silêncio. Mesmo quando seis homens retiraram seu corpo da rede e o colocaram em uma mesa com rodas. Mesmo quando o trouxeram para

esta sala, o cheiro era de antisséptico e metal.

Ele manteve os olhos fixos naquele estado, respirando baixo e imóvel. O que fariam com ele? Iriam dilacerar seu corpo exatamente como haviam planejado para seu filho?

Uma onda de raiva queimava em seu peito. Aulax sofrera como nenhum andarilho das profundezas jamais merecia. Ele compartilhara as memórias do filho depois que ele retornara, levando um pouco da raiva para si para que Aulax pudesse funcionar sem que a raiva determinasse cada escolha que fizesse.

Fortis esperava que tentassem fazer experimentos com ele. Queria que a dor o acalmasse, pois sabia que havia uma parte de si que poderia se romper a qualquer momento. Esperava que lhe dessem uma chance de destruí-los.

Em vez disso, não fizeram nada. Os grupos de achromos ficaram ao redor dele, observando-o e murmurando pensamentos para si mesmos.

— Será que as guelras são capazes de respirar ar?

— Não, já testamos um antes, lembra? Eles também têm pulmões. Ele já deve ter expelido a água das guelras, porque ainda está respirando. Viu? É possível ver o peito dele se mexendo. É um bom sinal. Ele não está morto.

— Como saberíamos se ele morreu? O único sinal de vida é a respiração ou as cores também mudam? Alguns peixes fazem isso. Suas escamas perdem o brilho depois que os trazemos para cá.

— Boa pergunta. Devíamos testar aqui e ver se as cores ficam opacas.

Ele ouviu a porta da sala abrir e fechar. Mais achromos entrando para observá-lo como se ele fosse um espetáculo só para eles olharem com desprezo. Ele jamais entenderia aquelas criaturas. Elas estavam tão interessadas em seu povo, mas também faziam tudo o que podiam para

erradicar sua espécie.

A frustração crescia e ele já sentia alguns sinais elétricos nas pontas das nadadeiras doendo para explodir. Queria brilhar e aterrorizá-los. Queria que vissem o quão grande ele era e como a visão de suas luzes o fazia parecer ainda maior.

Mas ele não estava na água, e aquelas luzes elétricas não o fariam parecer maior ali. Então, ele as manteve apagadas enquanto os recém-chegados se aproximavam.

O primeiro fedia. Ele mal conseguia ver o homem enquanto ele entrava na sala, mas seu lábio quase se curvou ao sentir o cheiro que o impregnava. Sangue, drogas e o cheiro mais estranho de algo doce por baixo de tudo aquilo, o que lhe dava um cheiro meio podre. Ele era um macho pequeno. Tão pequeno que talvez fosse preocupante. Ele deveria ter sido maior. Como ele poderia proteger uma companheira com aquela... aparência?

E então a segunda pessoa se aproximou por trás de sua cabeça. Ele não conseguia ver quem era, mas de repente foi inundado pelo cheiro do mar. Água salgada, o ar fresco do mar que tão raramente limpava seus pulmões quando estava acima da água. E algo mais. O aroma reconfortante de algas marinhas e vetiver, um aroma que ele só havia sentido uma vez em toda a sua vida. Quando era jovem, viajara por todo o oceano e parara em uma área pantanosa. Aquele lugar cheirava como aquela pessoa.

Fosse quem fosse, cheirava bem. Fazia com que ele quisesse encher os pulmões com o cheiro.

Ele os odiou por isso. Imediatamente.

— Onde você encontrou um espécime como esse? — perguntou o homem com cheiro metálico.

— Ele estava bem perto de Tau, na saliência do mar profundo. Eu não esperava ver um ondino lá, mas aqui estamos. O desgraçado tentou

nos empurrar para dentro do submarino, mas nós o pegamos com uma rede e o trouxemos de volta para cá. — O soldado parecia orgulhoso de si mesmo. Fortis se perguntou o quão orgulhoso ficaria ao descobrir que Fortis havia planejado tudo aquilo.

— Interessante... — Uma mão fria e seca tocou seu flanco, levantando delicadamente uma de suas nadadeiras e tocando a ponta bulbosa ali. — Estranho. Este não se parece com muitos outros que já vi.

Um movimento acima da cabeça fez com que seus olhos se voltassem para a mão que tocava seu quadril. Uma mão agora coberta por outra significativamente maior, que gentilmente afastava os dedos do homem da barbatana de Fortis. Aquela mão era enorme, mas não era nada masculina. Dedos longos, unhas afiladas, lixadas e curtas, e calos na palma. Era uma mão trabalhadora, a mão de um guerreiro.

Quem era essa pessoa que cheirava a mar e tinha mãos maiores do que qualquer achromo que ele já tinha visto?

Ele cometera um erro. Seus olhos se moveram sob aquelas pálpebras. Ouviu-se uma leve inspiração daquela pessoa enorme inclinada sobre ele, e ele sabia que, quem quer que fosse, o vira se mover.

— Os olhos dele deveriam fazer isso? — Uma voz grave, mas feminina. Áspera nas bordas, como se ela não falasse muito.

Ele deixou seus olhos retornarem fracamente para o centro, mas isso significava que ele estava olhando diretamente para ela.

Porra, ele não tinha percebido que achromos eram tão grandes. Ela era uma mulher enorme. Mira era alta, e ele também tinha visto alguns achromos machos mais altos quando espionou suas casas. Mas essa mulher? Ela era enorme.

Ela se elevava sobre ele e todas as outras pessoas naquela sala. Seus traços fortes eram esculpidos em mármore, com linhas afiadas e bordas irregulares. Era uma mulher feita para a batalha. Ele podia perceber isso pelo olhar duro e pela tensão aguda em seu maxilar enquanto ela o

encarava como se soubesse que ele estava fingindo.

O homem metálico ao lado dela riu baixinho.

— Ele está bem fora de si, se é isso que te preocupa. As drogas que usamos matariam um humano se sentíssemos o cheiro delas. É perfeitamente normal que os corpos deles reajam ao toque. Eles são criaturas únicas, Alexia. Você gostaria de tocá-lo?

Não, ela não deveria querer tocá-lo. Nenhum deles deveria querer tocá-lo. Até onde sabiam, ele não tinha consciência de nada do que estava acontecendo. Era errado tocar outra pessoa daquele jeito, e ainda assim, nenhuma dessas criaturas se importava. Para os achromos, ele era apenas uma criatura marinha sem pensamento ou raciocínio.

Então, quando a mulher se aproximou de um lugar onde ele não podia mais vê-la, ele não ficou tão surpreso. Embora fosse maior que os outros, não era diferente deles. Ela tinha acabado de ter a oportunidade de explorar um ondino quando ele não pôde reagir. Por que ela não aproveitaria?

Os dedos dela deslizaram sobre as guelras dele, um toque bastante sexual que ela provavelmente não entendia. Ninguém o tocara ali desde a morte da esposa, e ela já estava morta havia muito tempo. A sensação não era... exatamente algo que ele odiasse, mas, dadas as circunstâncias, ele queria se afastar dela. Os dedos dela nem sequer foram gentis. Ela o tocou como se tivesse o direito de tocá-lo.

E então ela se inclinou sobre os olhos dele novamente, fitando-o diretamente nos olhos inexpressivos, como se soubesse o que estava fazendo. E, droga, talvez soubesse. Porque ela afundou os dedos um pouco mais fundo em suas guelras.

Precisou de todas as suas forças para não ranger os dentes. Ela notaria o músculo saltitante em seu maxilar se ele fizesse isso, mas, droga, não era isso que ela deveria estar fazendo. Se ela continuasse a dedilhar suas guelras, ele teria uma reação que nenhuma das pessoas

naquela sala provavelmente esperaria. Ele queria que aquela mulher parasse de testá-lo, ela sabia muito bem que ele não estava dormindo.

— Calma, Alexia! — ralhou o baixinho ao lado dela. — É um espécime vivo. Você não pode simplesmente enfiar os dedos dentro dele. Se você o machucar, os outros cientistas nunca mais vão me deixar ouvir o fim disso!

— Desculpe, doutor — ela murmurou.

O lento deslizar dos dedos dela para fora das guelras dele era algo que ele provavelmente não esqueceria tão cedo. Um arrepio quase o percorreu. Aqueles dedos largos e fortes haviam deslizado pela maciez natural das guelras dele com facilidade demais. Como se ela já tivesse feito isso antes e conhecesse cada terminação nervosa para tentá-lo.

A raiva floresceu em seu peito. Esta achromo poderia ser diferente das outras, mas ele a mataria com ainda mais raiva por tê-lo tocado. Ele veria os olhos dela se arregalarem de medo e choque, e então se banharia em seu sangue. Ele se cobriria com seu belo perfume e se gloriaria nos sons de seu afogamento.

Ela deu um passo para trás, e o médico se aproximou novamente. Ele lançou uma luz nos olhos de Fortis, e mais uma vez, ele mal conseguiu se manter parado. Eles realmente estavam tentando de tudo para irritá-lo.

— Sem reflexos à luz. Tenho certeza de que está tudo bem. Gostaria de pesquisá-lo mais, se não se importar, Alexia. Vamos trazer a renascida aqui para descongelar, para que eu possa ficar de olho nos dois espécimes.

— Não acho que seja muito seguro, doutor. — A mulher era mais esperta do que todos ali. Se houvesse alguma criatura eles queriam esconder dele, esse "renascido" então eles realmente não deveriam trazê-lo para esta sala.

Mas eles fizeram.

Ele ficou ali, sem enxergar, enquanto ruídos enchiam o cômodo. O som de rodas quando outra mesa foi trazida. Mais luzes iluminavam ainda mais o espaço. Em certo momento, um braço de metal se estendeu sobre sua cabeça, este aparentemente cheio de agulhas antes de desaparecer novamente. Suas vozes murmurantes diziam coisas que não significavam absolutamente nada para ele.

Algo sobre níveis de cálcio, mutações genéticas e letras e números misturados daquele jeito era uma linguagem própria.

Durante todo o tempo, a mulher grandona pairava sobre sua cabeça. Ela não se moveu. Nem uma vez. Aqueles olhos escuros o encaravam com desconfiança.

Ela sabia que ele não estava dormindo. Ou, pelo menos, suspeitava. Então, ela estava mais atenta do que qualquer outra pessoa naquela sala, e isso significava que era com ela que ele precisava ficar de olho.

Fortis esperou até o momento certo. Um cientista esbarrou em sua mesa a caminho da outra, e ele deixou a cabeça pender para o lado. Talvez parecesse inofensivo para a maioria, mas ele notou como a mulher grande se enrijeceu com o movimento.

Agora ele olhava fixamente para a outra mesa. Haviam colocado uma mulher ali. Ela era jovem, com cabelos longos e bonitos e um nariz altivo. Completamente nua, ela também parecia ligeiramente úmida. Sua pele pálida estava quase branca, como se nunca tivesse sido tocada pelos raios ultravioleta que enchiam aquelas salas e ajudavam os achromos a não morrerem durante o longo tempo longe do sol.

Uma máquina enorme cercava a mulher, e eles a espetavam com agulhas compridas. Ele não tinha ideia do que era aquela renascida, mas viu que havia algo preso à boca dela. Parecia um pouco com o respirador que Mira havia criado, embora este também tivesse um dispositivo pesado enrolado no torso da mulher. Enquanto ele observava, ele inflava e depois desinflava. Continuamente.

O que quer que estivesse preso ao rosto da mulher a impedia de respirar, e isso era tudo o que ele precisava ver.

Era importante cronometrar isso corretamente. Mas ele sabia que o mar havia planejado lhe dar uma oportunidade, e aquela era a oportunidade. A mulher deitada na mesa podia estar doente, mas era a única fraca o suficiente para que ele a agarrasse e desaparecesse no oceano.

Os cientistas se viraram ao som de um barulho vindo do lado de fora do vidro. Provavelmente outra pessoa reagindo à visão de um enorme andarilho das profundezas deitado sobre a mesa.

Era a hora certa. Ele podia sentir. Quase como se o próprio mar se enchesse em seu peito e o convidasse a se mexer. E ele se mexeu. Usando os braços, Fortis se impulsionou para fora da mesa e para o chão, contorcendo-se ao fazê-lo. Aterrissou sobre os antebraços, o que tornou muito fácil deslizar até a mesa, avançar sobre a mulher e arrastá-la para o chão consigo.

Gritos ecoaram pela sala, e ele sabia que havia muita gente pegando em armas. Quando sacaram as armas, porém, ele já estava do lado de fora.

Muitos achromos o subestimaram por causa do seu tamanho. Achavam que algo grande como ele seria desajeitado e lento, especialmente em terra. Mas Fortis era rápido. Arrastar a estranha criatura consigo também não foi tão difícil, considerando que a mulher pesava menos do que ele esperava. Ela era tão magra, tão pequena...

Ele virou no corredor por onde o haviam levado e imediatamente ouviu um grito de fúria. Levou apenas alguns instantes para olhar por cima do ombro, encantado ao ver que a mulher grande o seguia.

— Vocês nunca vão me pegar — ele disse por cima do ombro enquanto se dirigia para a sala com a grande piscina lunar. Ele os vira trancando-a e agora sabia como abri-la.

Eram todos uns tolos. Cada um deles.

Batendo a mão no painel, ele imitou o padrão complexo, e foi fácil assim. Botões para apertar e uma porta se abriu.

Ele observou o chão se abrindo, pronto para fugir para o mar com aquela criaturinha fraca que, com sorte, permaneceria viva nas águas congelantes tempo suficiente para que ele conseguisse alguma informação dela.

Mas, no último segundo, uma pontada lancinante de dor percorreu sua cauda. Arreganhando os dentes em um rosnado, ele se virou e viu que a mulher havia cravado duas lâminas em sua cauda. Ela as segurava contra o chão, ou talvez as tivesse cravado no próprio chão, e o encarou de volta.

— Você não vai levá-la — sibilou a mulher.

— Acho hilário você achar que duas faquinhas vão me impedir.

Ele observou os olhos dela se arregalarem, talvez por reconhecer que estava *falando* com ela, antes de agarrar sua nadadeira caudal e desaparecer nas águas escuras com seu prêmio.

CINCO

ALEXIA

Aquele bastardo tinha acabado de roubar sua renascida.

Ela não fazia ideia de como ele não estava desmaiado, mas teve um mau pressentimento desde o momento em que entrou na sala. Os cientistas sempre eram excessivamente confiantes no que seus medicamentos eram capazes de fazer. Veja a situação dela. Ela estava pensando e sentindo por si mesma quando isso não deveria ser possível. Não era impossível que um ondino fosse capaz de fazer algo semelhante.

A respiração dele era muito superficial. Ela já vira pessoas sob anestesia muitas vezes. Os renascidos geralmente recebiam algum tipo de medicamento para mantê-los calmos e tranquilos enquanto estavam nos tubos. Nenhuma de suas respirações era tão compassada. Era como se ele estivesse contando entre a inspiração e a expiração. Perfeito demais. Regular demais.

Foi por isso que ela se manteve tão perto dos médicos. A última coisa de que precisava era a morte de uma sala inteira de pessoas que não seriam tão facilmente substituídas.

Mas perder uma renascida? Ela nunca fizera nada pior do que isso. Renascidos valiam mais do que a vida de cada pessoa naquela sala.

Então, quando ela olhou para as águas negras que ainda se agitavam com o peso do impacto dele, ela sabia que não havia outra escolha.

O médico correu para a sala atrás dela, com a respiração ofegante.

— Você pegou?

— Não — ela sibilou. — Ele aprendeu a trancar e destrancar a porta, provavelmente observando nossos próprios soldados.

— Impossível. Eles se certificaram de que estava drogado.

— Não estava.

Girando, ela apertou o botão da pulseira e começou a latir ordens.

— O ondino escapou com uma das renascidas de Harlow. Liguem todas as luzes externas do Setor 251. Cada uma delas. Quero ver para onde o desgraçado está indo.

Ouviu-se um som áspero do outro lado da linha, mas então ela pôde ouvir a cidade ganhando vida. Tau não era apenas uma fortaleza que deveria ser difícil de invadir. Era também uma máquina viva que poderia fazer o que fosse preciso para proteger aqueles dentro dela. Com os braços estendidos para fora, armas em ação enquanto luzes poderosas se acendiam, transformando todo o mar em um dia de verão.

Caminhando até o fundo da sala, ela bateu com a mão em um dos painéis para abrir uma parede. Trajes de metal estavam alinhados do outro lado. Trajes que suportariam quase qualquer pressão do mar, assim como seu corpo, com todos os seus aprimoramentos genéticos, e que a manteriam viva ainda mais do que seus próprios aprimoramentos genéticos. O metal fino parecia costelas que cobririam as dela, ossos mais fortes nos braços e pernas que impediriam que os seus se quebrassem se ele a pegasse.

— O que você está fazendo? — perguntou o Doutor Barker, com a voz trêmula enquanto repetia. — O que você pensa que está fazendo?

— Eu vou atrás deles.

— Você não pode ir atrás deles! Quer mergulhar em águas abertas com um ondino? Isso é suicídio, Alexia.

Não, não era. Porque ela tinha seu traje. Porque eles passaram incontáveis anos ensinando-a a lutar, a destruir o mundo com os punhos e a aprender com as táticas de luta de outras pessoas para ver até onde ela conseguia se esforçar. Ela era uma das poucas pessoas que conseguia fazer isso.

O botão vermelho na parede abriu o traje como um molusco. Ela entrou, virando-se para pressionar as costas onde precisava e, em seguida, enfiando as mãos nos braços do traje. Sons de chiado encheram seus ouvidos enquanto o traje reagia à sua presença, fechando-se cuidadosamente e selando-a lá dentro.

Não era um traje que cobrisse todo o seu corpo. Era mais como um exoesqueleto que a ajudaria a se mover mais rápido e nadar mais longe. O metal era leve, acrescentando pouco mais de 11 quilos à sua figura, mas forte. Flexionando as mãos, ela estendeu o braço acima da cabeça e puxou para baixo a máscara facial que lhe daria oxigênio enquanto estivesse lá embaixo.

— A renascida ainda está viva? — ela perguntou, trocando os pés nas botas.

— A temperatura da água... e nem sabemos por que o ondino a agarrou...

— Doutor Barker! — Alexia gritou seu nome na cara dele, saindo da parede e avançando em sua direção. — A renascida está viva?

Ele gaguejou, mas finalmente respondeu à pergunta dela.

— É perfeitamente possível, sim. A água está fria o suficiente para talvez colocá-la de volta em estase e, contanto que ele não tenha removido o tubo de respiração dela, então sim. É perfeitamente possível que a renascida esteja viva.

— Bom o suficiente.

Ela apertou o botão para aquecer o traje, o suficiente para ajudá-la nas temperaturas congelantes das profundezas. Ela havia treinado em temperaturas abaixo de zero por horas. Sabia o que seu corpo aguentava. Os aprimoramentos genéticos serviam para alguma coisa, supôs.

Alexia atingiu a água com força, afundando direto no fundo do planalto que cercava Tau. Suas botas atingiram o chão, lodo e poeira se acumulando ao redor de seu corpo enquanto ela se movia antes de

apertar o botão que a impulsionaria. De repente, ela estava voando pelo oceano.

Tudo estava iluminado, então era fácil para ela ver para onde estava indo. Não havia muita pista de para onde ele foi, mas ela conseguia seguir as luzes. Os outros guardas certamente a estavam levando em direção ao ondino, então ela não foi na direção onde não havia luzes. A velocidade com que ela cortou a água era quase enlouquecedora.

Mas a raiva a impedia de pensar direito. Este ondino havia tirado algo dela. A fizera parecer tola, e mesmo assim, ninguém tinha permissão para entrar em Tau e levar consigo qualquer coisa daquela cidade que deveria ser impenetrável.

Levantando o pulso, ela apertou o botão para falar.

— Os homens que trouxeram o ondino para a cidade? Matem-nos.

— Deveríamos confirmar primeiro com a Original Harlow?

— Informe Harlow de que eles são a razão pela qual sua renascida está atualmente nas profundezas do mar e depois mate-os. Eu não me importo. Erros como esse não serão tolerados.

E então ela o avistou. O ondino. O bastardo que roubara sua maior honra e a fizera parecer incompetente. O piscar de uma cauda enquanto as luzes o seguiam pelas profundezas do mar que ele chamava de lar. Apertando os botões dos polegares do traje para ir ainda mais rápido, ela o perseguiu.

A princípio, ele não parecia saber para onde estava indo. Tau era um labirinto. A cidade inteira se envolvia em si mesma, como uma espécie de redemoinho em forma de prédio. Era fácil se perder. Se ele subisse direto, o que ela quase esperava que acontecesse, daria de cara com a mais poderosa de todas as armas. Os lasers eram muito precisos. Eles mirariam apenas nele, e não na renascida.

Mas a criatura não subiu direto. Em vez disso, continuou serpenteando pelos túneis e pelas áreas difíceis de Tau, onde poderia ser

acidentalmente apanhado.

Ele estava tentando despistá-la? Ela conhecia a estrutura daquele lugar muito melhor do que ele jamais poderia imaginar. Certamente ele sabia que não escaparia dela.

Mas ele estava indo em direção a uma área que tornaria mais difícil para ela segui-lo. Havia um abismo na beira de Tau, principalmente onde eles jogavam todo o lixo e os corpos dos quais precisavam se livrar. Isso desapareceria nas profundezas do mar e ela definitivamente teria dificuldade em acompanhá-los.

Se ele conseguisse atravessar o escudo. Se ele o atingisse com a renascida em seus braços, ambos morreriam. E ela ainda seria culpada pela morte de uma renascida.

Levantando o braço, ela gritou:

— Desça o escudo no Setor 254.

— O que?

— Desça o escudo agora!

Ela observou um brilho de luz ondular à frente deles e jurou que o ondino olhou para ela e sorriu. Como se soubesse que ela desceria o escudo.

As luzes de Tau só se estendiam até certo ponto. É claro que ele passou direto pela beira do penhasco e ela o seguiu. Cada vez mais rápido, até jurar que havia olhares nela de cima, dos lados, de todos os lugares.

Alexia aprendera a ouvir a própria intuição. Mesmo quando fazia todo o treinamento básico de criança, sabia quando alguém ia bater nela. Aprendera a ler o corpo dos outros, sabia que, quando seu instinto dizia que algo ia acontecer, ela precisava ouvi-lo, ou algo terrível lhe aconteceria. Aquele momento era um desses. Ela sabia, sem sombra de dúvida, que o ondino não estava mais abaixo dela. Ele estava em algum lugar naquela água com ela.

Então ela virou o traje e parou. Acendendo a luz em seu ombro, ela espiou através da escuridão, perfurada apenas por minúsculos filamentos de poeira branca. Os pequenos jatos na sola de suas botas a mantinham no lugar, garantindo que ela não se movesse quando quisesse ficar parada. Ela precisava ouvir. Olhar através da água quando sabia que ele a estava caçando agora.

Mas não havia nada para ver com a água daquele jeito. Apenas a escuridão que a cercava. Respirando lentamente, ela se conectou com aquela parte de si que conseguia sentir quando alguém a observava.

Infelizmente, ela chegou tarde demais.

Ele surgiu do nada, mal refletindo a luz presa ao traje antes que ela sentisse o primeiro corte de sua garra. Ele arrastou a ponta longa dela pelo braço dela, e o sangue jorrou na água enquanto ele desaparecia. Ela não tinha ideia de para onde ele tinha ido, mas ele não estava mais com ela.

Então, ele veio, de repente, do nada. Alexia reagiu melhor desta vez. Ela pegou a faca ao seu lado e o atacou. Jurou que se agarrou a algo, mas ele não reagiu como se tivesse sido atingido. Em vez disso, aquela massa enorme deslizou ao longo do seu flanco e uma faca perfurou seu torso.

Soltando um gemido baixo, ela se virou com ele. Mas isso só piorou as coisas. Afinal, não era uma faca. Eram espinhos serrilhados e parte dele, ela percebeu. Ele tinha espinhos por toda a parte de trás dos braços, costas e cauda. Todos aqueles espinhos... eram as coisas afiadas que a haviam arranhado, rasgando seu lado e sua carne com tanta facilidade.

Ela nunca havia lutado contra algo assim. Nunca na vida.

Alexia deveria ter lutado melhor contra ele. Deveria ter se preparado melhor depois de todo o treinamento, mas naquele momento, percebeu que era a mais fraca naquela batalha. Ela estava sob o domínio dele e deveria ter respeitado isso.

Mas ela não desistiria. Não quando ainda havia uma chance de recuperar sua honra.

Apertando botões do traje, ela acendeu o restante das poucas luzes que tinha e então gritou:

— Eu sei que você consegue me entender! Você é o primeiro da sua espécie que eu vi com um dispositivo de tradução.

As águas pareciam paradas. Não, paradas não. Ele a circundava. Como um tubarão. Girando e serpenteando ao redor dela, mas lentamente agora, enquanto a perseguia.

— Dê-me a renascida — disse ela, sabendo que sua voz era transmitida pela água até os ouvidos dele. — E eu o deixarei ir.

Uma risada longa e grave ecoou na água. Ela não fazia ideia de onde vinha. Em vez disso, o som parecia envolvê-la. Envolvendo seu corpo naquela voz profunda e dolorosamente poderosa. Desde quando ela achava uma voz tão interessante? Mas ela queria ouvi-lo falar sobre qualquer coisa.

Como se isso não fosse um pensamento insano, já que ela estava sangrando na água.

Então ele falou, não apenas uma risada, mas palavras:

— Você vai morrer aqui, achromo.

— Não vou morrer se não levar você comigo — ela respondeu.

Houve uma longa pausa. Ela teve que imaginar que o havia surpreendido. Afinal, ele claramente pensava que iria embora com o que quisesse, considerando que o povo dela não deveria saber que ele sequer conseguia falar.

— Permita-me trocar informações com você. Eu consigo entender — disse ela. — Tau decifrou sua língua há muito tempo, no primeiro ano em que nos mudamos para cá. Os Originais sabiam que vocês existiam e que seu povo se intrometeria se os humanos trouxessem uma cidade inteira para cá. Foi uma das primeiras coisas que fizeram. Aprender sua

língua, para que, por precaução, eles soubessem o que estava sendo dito se sua espécie continuasse a caçar a nossa.

E ela sabia que ele havia falado com ela quando levou a renascida. Mas ela também sabia que seu povo era sanguinário e calejado pela batalha. Ela sabia como lidar com pessoas como ele, porque ela era igual. Ela queria lutar, provar seu valor e, mais do que isso, alcançar algum tipo de glória em sua vida.

Tudo o que ela precisava fazer era provocá-lo. Bastava aproximá-lo um pouco mais e aí ela poderia equilibrar o jogo.

Aquela voz baixa ecoou novamente.

— Eu sabia que você podia me entender. Isso não é algo que eu esperava do seu povo.

— Não, tenho certeza de que não. — Ela se virou, tentando localizá-lo onde ele estava na água. — Por que você não aparece, ondino? Lutar nas sombras não parece muito honroso, e seu povo preza muito a honra.

— Você não sabe nada sobre o meu povo.

— Na verdade, não. Mas não consigo imaginar que seja difícil descobrir. Peixes são fáceis de entender quando você simplesmente os observa. Imagino que o mesmo aconteça com os ondinos.

Um movimento rápido vindo das sombras, um leve clarão de luz amarela.

— Peixe? Não deveria me surpreender que você só pense isso do meu povo.

Com um movimento rápido, ela pegou a arma que sempre estava presa aos trajes e a sacou. Um único laser, o suficiente para descobrir onde ele realmente estava, disparou em sua direção, onde ela vira o movimento. E lá estava ele. Iluminou-se logo à direita dele, e a figura pálida da renascida ainda agarrada, mole, em suas mãos.

Ela continuou atirando. Repetidamente, lasers que o teriam queimado se ela o acertasse, mas ela optou por não atirar. Nem uma vez.

Em vez disso, continuou atirando em volta dele, repetidamente, até que a arma ficou tão quente em suas mãos que ela quase a deixou cair.

Só então ela deu a ambos um respiro, onde ele entendeu claramente que ela poderia encontrá-lo mesmo na escuridão.

— Me dê a renascida — repetiu ela. — Me dê ela e você pode ir embora. Ninguém precisa saber que você falhou.

— Eu não falhei — respondeu ele. Algo em seu tom de voz arrepiou todos os pelos dos braços dela. — Mas se você quiser sua... renascida de volta, então pode levá-la.

Parecia fácil demais. Ele não ia simplesmente entregar a mulher a ela, por mais fácil que fosse para os dois. Ele poderia entregar o corpo, e Alexia honraria o acordo. Ela levaria a renascida de volta à cidade muito mais rápido do que lutaria com ele novamente. Mas ela sabia que não era assim que as coisas iriam acontecer.

E então, de repente, todo o mar se iluminou. Seu corpo tinha luzes, ela percebeu. Luzes individuais, amarelas e bruxuleantes, que brilhavam profundamente dentro de sua pele. Centenas delas, todas levando aos globos maiores presos às pontas de suas nadadeiras.

Era... estranhamente belo. Assombrava na escuridão toda aquela luz amarela brilhante pairando sobre as bordas da mulher nua e inerte em suas mãos e a forma de pesadelo que a cercava. Ele era uma criatura que a maioria só veria em seus pesadelos. Um monstro marinho profundo com dentes afiados e garras longas que já haviam danificado a renascida. Finas faixas de sangue cobriam os flancos onde ele havia segurado seu corpo.

— Se você a quer— disse a ondina com seus dentes afiados expostos em um sorriso, — pegue-a.

E então ele largou a renascida.

O peso do aparelho de respiração arrastou a renascida para o abismo. Foi rápido e veloz, quase impossível de parar. Ela teve que

tomar uma decisão em uma fração de segundo. Lutar contra o ondino à sua frente ou mergulhar na escuridão.

Não foi uma escolha.

Xingando, ela apertou os botões do seu traje e se jogou no abismo em busca da única coisa que poderia lhe permitir viver quando retornasse a Tau.

SEIS

FORTIS

A caça ardia dentro dele. Fazia muito tempo que ninguém o perseguia. Ele sabia como eram os rituais de acasalamento dos outros Povos da Água. Os machos caçavam seus prêmios muito maiores e depois os sequestravam. Capturar uma fêmea enorme da qual eles gostavam já era difícil o suficiente, mas fornecer a ela comida e presentes suficientes para que ela decidisse que eles eram dignos de um companheiro? Não era tarefa fácil.

Mas os andarilhos das profundezas eram um pouco diferentes. Seu povo conhecia o futuro, e seus rituais de acasalamento eram mais fáceis por causa disso. Ele sabia há muito tempo que sua esposa viria ao seu grupo e que ele acasalaria com ela. E desde o primeiro momento em que a viu, o amor floresceu profundamente em seu peito.

Ela era linda de um jeito que tão poucos eram. Tão pálida que brilhava na escuridão. Poderia ser uma fraqueza para alguns - afinal, era difícil para ela se esconder -, mas sua deslumbrante noiva nunca teve medo do que pudesse encontrá-la nas sombras. Ela lutou com unhas e dentes contra qualquer coisa que a atacasse. Até que o próprio mar soube que não deveria testá-la.

Ela o perseguiu através das ondas por semanas a fio. Toda vez que ela desistia, ele a perseguia. Correndo através das ondas para provocá-la, provocá-la, fazê-la se virar com raiva e persegui-lo até o fundo do mar.

Ele sentia muita falta daqueles dias. Terrivelmente.

Talvez fosse por isso que o ataque da achromo o fizera lembrar dessas coisas. Ela não era nada parecida com sua Astrum, mas a maneira como o perseguia era estranhamente familiar.

Pensamentos insanos. E, no entanto, ele se viu incapaz de partir. Precisava de orientação, pois tinha certeza de que o mar o enviara para agarrar um daqueles renascidos. Se nada mais, ele poderia ter levado o corpo de volta para Anya para ver que informações poderiam ser descobertas sobre a estranha e inerte criatura.

Mas então ele sentiu os sussurros em sua mente para provocar a grandalhona. Ela usava um esqueleto claramente feito para a batalha, e toda a sua mente lhe dizia para levá-la para as profundezas.

Quase como se o próprio mar quisesse dar uma olhada nela.

Era estranho. O mar queria saber mais sobre aquela mulher, e ele não queria nada mais do que matá-la. Como era de se esperar. Não importava que o cheiro dela impregnasse suas guelras. Ela cheirava tão bem na água, se não melhor, quanto fora dela. Isso o fez querer arrancar toda a pele dela com os dentes, arrancá-la para que não tivesse mais aquele cheiro nos pulmões.

E ainda assim...

Depois que ela desapareceu na escuridão, tudo o que ele pôde fazer foi encarar aquele abismo. O mar tentou falar com ele novamente. Ele tinha certeza disso. Queria que Fortis entrasse no abismo porque tinha mais para ele ouvir. Mais do que queria que ele soubesse.

Suas luzes se apagaram, uma a uma, enquanto ele afundava na escuridão. As vozes ficaram mais altas à medida que ele se aproximava do coração do mar, embora estivessem em uma língua que ele não entendia. Os antigos falavam mais por meio de emoções e visões do que em uma língua real que pudesse ser compreendida. Ele se comunicava com eles há anos, porém, e às vezes captava trechos do que acreditava que estavam dizendo.

— Venham até nós — sussurraram. — Venham até nós e nós lhes mostraremos o futuro.

Ele nunca foi de negar o futuro. Não quando sabia o quanto era útil

saber o próximo passo de sua jornada.

Uma parte dele temia tê-los irritado, ou talvez os decepcionado. As ordens deles nunca eram tão claras. Queriam que ele fosse para Tau. Ele sabia disso. Queriam que ele fosse capturado pelo submarino e entrasse na cidade. Esse era o seu trabalho. Certamente a criatura que haviam colocado sobre a mesa, aquela que fora estudada justamente quando estava prestes a ser testada, era a resposta.

Mas não, agora ele estava vendo que não era ela. Ele sempre quis agarrá-la, disso tinha certeza. Mas toda aquela situação não tinha a ver com aquela mulher chamada "renascida".

— Venham — disseram as vozes novamente, desta vez todas se fundindo em uma só voz.

Mas a voz com a qual se fundiram não era o chamado feminino ao qual ele estava acostumado. Era um estrondo masculino, um som mais profundo, como se as profundezas do mar falassem com ele. Este era mais forte, como se quem falasse tivesse visto demais. E o chamava para as profundezas mais distantes do que ele jamais estivera.

Não era a deusa do mar, então. Ela não o havia convidado para ir até Tau. Mas quem mais poderia ser?

Fortis vagou por um tempo, permitindo que o mar o guiasse em direção à voz. Porque o mar queria que ele procurasse quem estava falando com ele, mesmo que parecesse estranho vagar pelo desconhecido.

A escuridão o envolvia, entrelaçando-se profundamente com suas guelras, todas as suas barbatanas, até mesmo se enroscando em seus cabelos e dando-lhe um pequeno puxão quando as correntes queriam que ele se concentrasse.

A voz vinha de perto de Tau. No momento em que atingiu o fundo do abismo, onde era difícil até para ele respirar, ele entendeu por que havia sido convocado ali.

Havia uma tumba no fundo dessa fenda. Estava enterrada sob anos de lodo, terra e detritos do oceano, mas ele podia vê-la com clareza como no primeiro dia em que fora construída. Um monólito de entalhes claramente gravados por mãos com garras. Era a representação de uma criatura não muito diferente dele. Mas esse macho não era o mesmo que o Povo da Água que vivia hoje. Seus dedos eram mais longos, com uma articulação a mais. Seu rosto era significativamente mais animalesco, com uma boca mais larga que se estendia quase de orelha a orelha. Suas nadadeiras eram maiores, e ele era mais massivo do que qualquer macho que Fortis já tinha visto. Maior até do que o próprio Fortis.

Seu cabelo estava liso e sem vida na escultura, como se ele não estivesse na água. Como se estivesse em terra firme.

Mas isso não era possível. Seu povo viera do mar, e sempre viera do mar. Mas a tumba daquela criatura sugeria algo diferente, e Fortis não sabia bem o que fazer com essa informação.

Murmurando baixinho, ele agitou o rabo para circundar a estranha tumba. Era enorme, como um longo caixão enfiado na lama. Mas, mesmo assim, era incomum em formato e tamanho. Alguém havia se esforçado muito para garantir que esta tumba não só fosse bela, mas que permanecesse selada por séculos. Talvez até mais.

— Fortis — a voz ecoou em sua mente. — Você finalmente chegou.

— Como você sabe meu nome? — perguntou Fortis, circulando o túmulo. — Como você existe no fundo deste mar?

— Estou vivo há séculos. — Quem quer que fosse, fez uma pausa para respirar fundo e profundamente. — Só agora estou começando a acordar. Este mundo não é como eu me lembrava.

— Muitas coisas mudaram nos últimos anos. — Fortis parou diante da entrada da tumba, perguntando-se se estava imaginando que os olhos da estátua estavam quase... brilhando. — Quando foi a última vez que você acordou?

— Há muito tempo. Antes das tempestades. Antes dos... humanos.

Estranho que essa criatura usasse a palavra humana para se referir aos achromos. Seu povo sempre os chamara de achromos, ou pelo menos era o que Fortis pensava. Ele temia que essa criatura destruísse tudo o que sabiam sobre seu próprio povo.

— Por que você me chamou?

— Fui acordado pelo mar. As cidades desses humanos estão causando danos demais. As batalhas sob as ondas precisam parar. — Novamente, aquela inalação ruidosa, como se as guelras da criatura não estivessem funcionando direito. — Você começará com Tau. Você precisa de ajuda para derrubar a cidade e eu sou a ajuda que você receberá.

— Que ajuda você pode me dar? A menos que queira que eu abra seu túmulo? — Fortis se moveu para fazer exatamente isso, congelando quando a próxima ordem foi latida.

— Não!

— Não? — repetiu ele, com as garras raspando a borda do caixão. — Você não quer ser solto?

— Ainda não é hora de eu entrar no mar novamente. — Outro suspiro, outro arquejo, e então a criatura continuou. — Ficarei aqui até a hora certa. Volte para Tau. A mulher que você viu antes, ela é a chave.

— Não acredito que me deixarão chegar perto dos renascidos novamente. Mas tentarei se essa for a corrente que devo seguir.

A voz tornou-se áspera e cortante.

— Não *aquela* mulher. A criatura inerte que você roubou não tem propósito neste plano. A outra mulher, é ela que você precisa convencer a nos ajudar.

A mulher grandona que cheirava a mar? Era ela quem ele deveria convencer a ajudá-los? Ele não tinha certeza se era possível. Ela o caçara como só uma verdadeira guerreira faria. Não seria facilmente convencida. Era claramente leal à sua cidade e aos que a governavam. O

que só tornava tudo isso ainda mais difícil.

— Como? — perguntou ele. — Se você quer que eu faça isso, precisa me ajudar mais do que apenas dar uma ordem.

— Você é um andarilho das profundezas. Seu povo não se lembra mais de como pedir ajuda ao mar?

— Pedi ajuda ao mar muitas vezes na minha vida, mas nunca ele foi tão direto a ponto de me dar as respostas que procuro.

Outra longa pausa, e ele se perguntou se a criatura na tumba havia desistido dele. Mas então ouviu outro suspiro longo e estranho.

— Ah, entendi. Ela se tornou inconstante na velhice. Ou talvez ela não queira se intrometer tanto quanto antes. Tudo bem. Vou lhe contar um segredo, e apenas um segredo, andarilho das profundezas. Use as memórias da mulher contra ela. É assim que você vai conseguir que ela o ajude.

As memórias dela?

A luz pareceu se esvair da tumba, e ele não tinha certeza se era porque tudo aquilo estava em sua cabeça ou se a criatura havia retornado ao seu sono. Fosse o que fosse, ele agora tinha uma resposta para suas perguntas.

Encontrar a mulher novamente. Ele supôs que seria fácil o suficiente.

Encontrar a cidade certamente não foi difícil enquanto ele se dirigia de volta ao monólito da cidade humana oculta. Agora que sabia onde Tau estava, não tinha certeza de como seu povo não a havia encontrado antes. Com as luzes apagadas, talvez fosse assim que eles permaneceram escondidos por tanto tempo. Escudos longos e ondulantes escondiam a cidade. À distância, ele jamais imaginaria que fosse algo além da poeira escura que se erguia naquela profundidade.

Mas agora, ele sabia o que se escondia sob aquele escudo e suas fraquezas. Passou a maior parte do dia procurando uma pequena área

não coberta pela magia deles. Uma pequena área logo abaixo da curva de suas estruturas metálicas havia sido esquecida, e então ele ziguezagueou por toda a cidade. Não havia muitas janelas. Mas ele não estava tão interessado nas pessoas ali. Elas o lembravam daqueles que viveram em Alfa. Enfeitados e brilhantes, eram os peixes chamativos do mar. Aqueles que eram tão pequenos que nenhum grande predador jamais tentaria comê-los.

Lindos peixinhos, cercados por predadores muito maiores, e que ainda não tinham percebido que eram comestíveis.

Balançando o rabo, ele circulou o prédio repetidamente. Havia tantos túneis entrelaçados que projetavam-se naquele lugar. Ele não conseguia imaginar que os achromos lá dentro se movimentassem com tanta facilidade. Parecia que, a cada poucos passos, eles pisavam em um sistema de piso ondulado.

Todas as outras cidades foram construídas de forma semelhante. Esta, porém, parecia ter sido construída por um louco.

Espreitando entre dois dos túneis estranhamente construídos, ele percebeu que havia uma área mais estreita. Esta tinha pequenas vigias, grandes o suficiente para que ele pudesse espiar lá dentro.

Achromos vagavam pelas salas além. Algumas delas eram salas de treinamento. Ele podia ver guerreiros lutando entre si, todos agarrando e arremessando corpos com tanta força. Ele parou para se perguntar se estavam realmente lutando.

E então ele a viu. A mulher grande que havia capturado sua atenção desde o início. Ela também estava brigando com alguém. O macho era muito maior do que ela, e isso já dizia alguma coisa. Ela já era enorme, mas embora fossem de tamanho semelhante... altura, ela não tinha o peso do homem que jogou seu corpo através da sala.

Uma sensação percorreu sua espinha, arrepiando-se ao ver alguém atacando-a. Ela rolou para o lado, os dedos pressionando onde o homem

a ferira. Sangue escorria de suas narinas quando ela olhou para cima, e Fortis ficou chocado ao sentir a raiva quase queimando por seu corpo. Ele não gostou de ver sangue nela.

Não, isso não estava certo. Fortis não gostava de ver seu sangue derramado por outra pessoa quando ele era o único que deveria fazê-lo. Ele também não gostava de estar errado. Ele a considerava uma guerreira, e ela não deveria ter se colocada naquela situação. O macho era maior, mais forte. Ela não deveria tentar lutar com alguém assim. O macho a destruiria.

Mas então, mesmo com as costelas feridas e o sangue escorrendo pelo rosto, seu rosto se distorceu em um grito de guerra furioso enquanto ela se lançava pela sala. As costas do homem bateram na parede onde ficava a janela, e sua cabeça bateu com força contra o vidro antes de ele escorregar. Quase inconsciente.

Fortis estava longe demais para que ela o visse através da escuridão, mas ele jurou que ela conseguia. Aquela mulher, com seus cabelos escuros e rebeldes e sangue manchado no rosto, olhava diretamente para sua alma.

SETE

ALEXIA

— Você não pode continuar forçando seu corpo desse jeito — resmungou o Doutor Barker enquanto olhava para as feridas reabertas ao longo das costelas dela. — Elas não vão fechar por mais que você lute.

— Preciso estar pronta.

— Você precisa descansar. Informei a Original Harlow que você não deve se esforçar demais, ou terá que ser demitida. — Ele suspirou antes de pegar a agulha e a linha na mesinha ao lado, na sala de exames.

Ela viera ali logo após seu último treino. Os outros guardas entendiam que ela não queria que nenhum deles pegasse leve. Ela precisava continuar praticando. Aquele ondino havia nadado ao seu redor a uma velocidade anormal e a derrotara com muita facilidade. Seu orgulho doía com essa informação, sim. Mas isso não significava que ela não pudesse melhorar. Preparar-se com mais afinco.

Da próxima vez que lutasse com ele, ela o faria sangrar. Precisava fazer isso.

Todos presumiram que o ondino havia escapado e que não voltaria. Ela tinha quase certeza, aliás, de que ele voltaria. Ela sempre ouvira seus instintos. Seu corpo sabia a verdade muito antes de sua mente, e ela aprendera há muito tempo a não afastar esses pensamentos. E agora, ela sabia que ele não estava longe.

O ondino tinha um plano. Ele havia pegado aquela renascida por um motivo. Ele havia entrado na cidade com muita facilidade, e agora todos estavam presos. Os soldados que cometeram o erro e o trouxeram para a cidade foram executados. Mas isso não era o suficiente para manter aquela fera longe. Ela estava certa disso.

Balançando a cabeça, ela pigarreou.

— Você sabe que eu não consigo parar de me preparar para o retorno dele. Nenhum de nós consegue.

— É de um ondino que você está falando. Uma criatura que não consegue voltar para esta cidade. Nenhum deles conseguiu antes.

— Só porque eles não conseguiram entrar antes não significa que não haja uma falha na nossa cidade. Saímos daqui regularmente. Há brechas, e os guardas precisam estar cientes de todas elas para que nos sintamos seguros em deixar nossos Originais em paz. — Ela estremeceu. — Harlow está visitando o ex-marido, essa é a única razão pela qual me permitiram ir ao treinamento hoje. Tem sido... exaustivo.

Uma pequena ruga surgiu entre os olhos do Doutor Barker. Ele se virou com os pontos e a linha na mão, mas hesitou ao examiná-la.

— Exaustivo?

Merda. Alexia não deveria estar exausta nem sentir nada nessa forma. Ela era a guarda pessoal de Harlow. Dia após dia. Se estivesse cansada, deveria receber tratamento para tal. Se não estivesse descansando o suficiente quando Harlow estivesse, então deveria ser desativada.

— Desculpe — murmurou ela, olhando para as mãos e fechando-as em punhos. — Uma maneira de falar.

— Você tem se sentido cansada ultimamente, Alexia? — perguntou ele, mas as palavras saíram lentas. Como se estivesse lhe dando uma chance de mudar de ideia. — Tenho um remédio para isso que posso te dar.

Ela não queria mais remédios. Queria sentir essa exaustão. Não era como se estivesse fisicamente cansada, ou que fracassaria em seus deveres de proteger sua Original. Era mais como se estivesse cansada de ser guarda pessoal e da monotonia de sua vida. Às vezes, tudo isso era infinitamente difícil.

Mas ela não podia dizer nada disso a ele. Não quando sabia como ficaria.

— Estou mesmo bem, doutor. Não era minha intenção dizer isso.

Ele se aproximou.

— Alexia, se você não me contar como está se sentindo, não posso te ajudar. E se outra pessoa descobrir que você está *se sentindo* assim...

Ele não terminou o que estava dizendo, mas não precisava. Ela sabia o que aconteceria se alguém descobrisse que ela não era a perfeição em pessoa.

As portas da sala se abriram, o ar comprimido percorreu o espaço enquanto Harlow entrava com passos furiosos.

— Por que não me contou que foi atrás da renascida na água? — Harlow retrucou. — Você perseguiu um ondino usando apenas um exoesqueleto?

Ela estava particularmente bonita hoje, mesmo cercada pelo branco austero da sala de medicina. O cabelo de Harlow estava preso em um lindo coque baixo, com algumas mechas caindo ao redor de seu rosto imaculado. Ela usava um vestido branco sem alças que se ajustava à sua figura magra e terminava logo acima das coxas bem torneadas. Lindos saltos brancos em seus pés, envolvendo seus tornozelos em delicadas borboletas de seda que quase pareciam bater as asas enquanto ela se mexia.

A mancha vermelha em seu ombro havia sumido. Provavelmente eles fizeram a transferência no momento em que Alexia retornou com a renascida a reboque. O clone foi bom o suficiente para coletar as células-tronco necessárias para curar a alergia de Harlow, e pronto. Outra morte. Outro corpo para jogar no abismo e fingir que não era horrível o que estavam fazendo.

O Doutor Barker perfurou a lateral do corpo dela com a agulha, mas Alexia não reagiu. Pelo menos aquela dor a ajudou a se acalmar,

para que ela não parecesse cansada ao falar com Harlow.

— Sua renascida foi levada momentos depois de encontrarmos a sequência genética correta que você precisava. Fiz o que qualquer bom guarda faria: ir atrás da criatura que roubou o corpo para te deixar mais confortável.

Harlow zombou.

— Ah, por favor, não me venha com essa bobagem. Você queria caçar um ondino e, por isso, fez isso. Eu entendo o porquê. Mas o que eu não entendo é como a fera entrou em Tau, para começo de conversa.

— Ele foi trazido por uma equipe de pesquisa. Acharam que ele estava incapacitado. — Alexia olhou para a costura e observou as pequenas fileiras pretas e bem-feitas de Barker. — Ele claramente não estava.

Foi então que Harlow percebeu o que estava acontecendo na sala. Um pequeno soluço dramático escapou de seus lábios, e ela se lançou para a frente como se os pontos fossem certamente um sinal de morte em sua guarda.

— O que aconteceu com você, querida?

Ah, elas estavam fingindo que Harlow se importava. Interessante. Ela não tinha certeza se era tudo fachada porque Barker estava na sala, ou se Harlow estava tendo um momento em que percebeu o quão frágil sua guarda poderia ser.

— Eu lutei contra o ondino — disse ela com os dentes cerrados. — Eu perdi.

— Você precisa ter mais cuidado, querida. Você é minha guarda favorita.

— Eu entendo, Harlow. Mas não viverei tanto quanto você.

— A menos que eu tenha algo a dizer sobre isso. Como eu disse, você é a única guarda competente que me deram em mais de duzentos anos. Acho que você não entende quantos de vocês eu já passei. — Ela

balançou a cabeça antes de suspirar. — Você morre quando eu digo que você morre, Alexia. Fui clara?

Alexia assentiu, sentindo um aperto no estômago. O que Harlow queria dizer com isso? Ela não queria ficar ali para sempre. A imortalidade parecia mais um castigo do que uma dádiva. E, no entanto... Era isso que ela estava dizendo?

— Você vai cuidar dessa questão dos ondinos — disse Harlow. — Os outros Originais não sabem como lidar com essa situação, mas eu sei. Você já lutou contra ele uma vez. Nós lhe daremos uma nave melhor, armas melhores, e você o caçará para mim. Traga-me a cabeça dele, Alexia, e você nunca mais terá que temer ser desativada.

A Original saiu da sala, e o silêncio a envolveu. Alexia sabia que aquilo deveria ser um presente. Uma bênção. Uma promessa sublinhada que lhe daria esperança, mas tudo o que fez foi solidificar sua sensação de afogamento e exaustão.

— Nunca ouvi um Original desejar manter sua guarda para sempre — disse o Doutor Barker finalmente. Ele terminou com a primeira fileira de pontos e amarrou a ponta com um nó antes de cortá-la com uma tesoura bem afiada. — É uma grande honra. Você deixou uma impressão duradoura nela.

— Que maravilha para mim.

Mais uma vez, Barker a encarou com um olhar que via demais.

— Como era estar na água com um ondino?

Ela vasculhou a memória, tentando entender o que ele queria que ela dissesse. Provavelmente, ele esperaria que ela dissesse que não era nada diferente do que já havia vivenciado. Era apenas mais uma caçada. Ela havia lutado a vida toda, e este era um oponente diferente que a havia derrotado. Mas a frustração não a levou a lugar nenhum, e auto-aversão também não era o que ele queria ouvir.

Agora que suas emoções estavam brilhando no fundo de sua mente

e o efeito dos remédios estava passando novamente, era difícil pensar no que alguém sem esses sentimentos diria.

O Doutor Barker, porém, nunca ameaçou seu bem-estar. Talvez ela não pudesse confiar nele, mas pelo menos podia ser um pouco mais honesta do que com os outros.

— Magnífico — ela finalmente admitiu. — Diferente de tudo que já vi.

— Fora da água, ele era bem grande.

— Eles parecem ainda maiores quando você está na água com eles. É estranho, porque ele parece um humano enorme da cintura para cima... mas aquela cauda. — Ela balançou a cabeça. — Ele consegue até brilhar debaixo d'água. Nunca vi uma criatura assim antes. Tanto poder e tanto controle sobre o próprio corpo. Não tinha como eu lutar contra ele e vencer.

— Em que situação incomum você se encontra. — O Dr. Barker empurrou a cadeira para longe dela e pegou uma agulha cheia de mais medicamentos que ela sabia que a afastariam daquele momento. — Tenho mais algumas perguntas antes de administrar este medicamento, se não se importar.

Ela estreitou os olhos, desconfiada.

— Por que você quer me fazer perguntas se eu claramente não estou no meu estado normal?

— Acredito que receberei respostas mais honestas e factuais. Mas peço que sejam completamente honesta comigo. Sem esconder a verdade.

Ele tinha razão. Com menos drogas circulando pelo corpo, ela certamente tinha mais chances de responder a tudo o que ele perguntasse. E parecia que ele não iria desligá-la por tê-las, pelo menos não naquele momento.

Ela se recostou na cadeira, pressionou a mão no lado dolorido e assentiu.

— Como você se sentiu quando estava na água com ele?

Alexia se lembrou daqueles momentos, flutuando ali e percebendo que ele continuaria a atacá-la da escuridão. Não havia nada que ela pudesse fazer. Mesmo que ele decidisse que… queria que ela morresse, não havia absolutamente nada que ela pudesse fazer para impedi-lo.

— Pequena — ela respondeu. — Eu me senti muito pequena e assustada. Não sabia se ele ia me matar ou não.

— E quando você se deparou com ele? Imagino que tenha chegado um momento em que ele parou de te atacar?

Ele tinha falado com ela. Ela não ia contar isso ao Doutor, mas ainda estava chocada por o ondino ter falado diretamente com ela. Todos ali sabiam que *podiam* conversar, mas ela não imaginara que ele seria tão ousado.

Ainda assim, havia algo naquela experiência que... a marcou. Ele era um guerreiro, diferente de qualquer criatura que ela já conhecera. Um homem que não recuava, mesmo quando ela apontava uma arma para ele.

— Ele era destemido — respondeu ela calmamente. — E suponho que posso respeitar isso. É o que todos vocês me projetaram para ser, e o que me esforcei para ser durante toda a minha vida. Ver uma criatura sem medo e sem a ajuda de tantos remédios... Não tenho certeza. Não é uma emoção para a qual eu tenha um nome.

— Ciúme?

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Algo mais como... uau, eu acho.

Ela queria aprender com ele. Buscar o que o tornara tão destemido. Queria uma gota disso em si mesma, porque estava apavorada.

Ela não admitiria que também havia uma boa dose de intriga em olhá-lo. Nunca estivera tão perto de um ondino e queria saber como era a sensação deles. Seriam as escamas dele ásperas? O que aconteceria se ela

puxasse um daqueles tentáculos brilhantes? Ele reagira quando ela enfiara os dedos em suas guelras. Por melhor ator que fosse em fingir que aquilo não o afetara, certamente o afetara. Ela sentira seu tremor e vira os arrepios em sua pele mais humana.

Mas não era natural estar tão interessado em um ondino além da curiosidade científica usual.

O Doutor Barker assentiu.

— Certo. Acho que faz sentido. Agora, por que você foi atrás da renascida?

— É meu trabalho trazê-la de volta.

— Não foi isso que fez você ir atrás dela.

Ela pigarreou.

— Fiquei com raiva porque uma criatura me venceu. Queria trazê-la de volta para provar um ponto.

Suas sobrancelhas ainda estavam franzidas, no entanto. E ela tinha que admitir que também não lhe parecia convincente. Naquele momento, era exatamente isso que ela queria. Estava furiosa por o ondino tê-la vencido. Queria provar a si mesma e à criatura que Alexia não era alguém com quem se pudesse mexer.

E, no entanto... Quanto mais tempo ela ficava fora d'água, mais distante da situação, mais ela pensava que talvez estivesse errada. Não fora a raiva que a alimentara.

O Doutor Barker moveu a agulha entre os dedos.

— Você continua, ao longo desta conversa, a usar pronomes como "ele" e "ela" tanto para o ondino quanto para a renascida. Acho essa terminologia interessante para usar com criaturas que não consideramos... pessoas.

Ela suspirou e olhou para a porta. Quanto mais falava, mais desconfortável ficava. E quanto mais olhava para aquela agulha, mais queria que ele a injetasse.

— Eles parecem pessoas. Os dois também falam, sabe? Eu estava na sala onde alguém não deu à renascida a quantidade certa de remédio para mantê-la quieta. Ela acordou e tentou falar. Eu não achei que eles fossem inteligentes o suficiente para fazer isso, mas ela fez. Ela olhou diretamente para mim e pediu ajuda. Tive que recuar e deixá-los continuar com o procedimento, mesmo sabendo que ela estava com dor.

— Foi esse o primeiro momento em que você começou a sentir emoções que estavam fora do seu alcance normal?

Alexia deu de ombros.

— Não faço ideia. Não foi como se tivesse havido um instante em que eu de repente soubesse que tudo não era mais o mesmo. Foi uma mudança gradual, e agora... estou aqui. Olhando para os renascidos com tristeza e para os ondinos com intriga.

O Doutor Barker se aproximou dela e estendeu a mão para segurar seu braço. Ele passou o polegar sobre o bíceps dela, que estava machucado onde ela havia sido agarrada e jogada no tatame.

— São emoções bastante incomuns para alguém como você. Quero entender, antes de... bem.

A agulha se aproximou de sua pele, e ela entendeu exatamente o que ele queria dizer. Antes que ele tirasse todas aquelas emoções de novo. Antes que ela retornasse àquele estado de entorpecimento que começava a odiar cada vez mais a cada vez que saía dele.

Mas era mais seguro para ela ficar anestesiada. Ela permaneceria viva por muito mais tempo se não fosse tão emotiva e conseguisse fazer seu trabalho sem questionar o que lhe ordenavam.

Barker hesitou. A agulha estava bem sobre a pele dela, e então ele a encarou com uma expressão preocupada.

— Fique em segurança, Alexia. Preocupo-me que quanto mais você enterrar essas emoções, mais você as sentirá.

Ela colocou a mão sobre a dele e enfiou a agulha um pouco fundo

demais no braço. Sua mão era muito maior que a dele, então foi fácil colocar o polegar sobre o depressor e injetar a agulha. As emoções a abandonaram rapidamente enquanto se levantava. Em poucos segundos, ela voltou a si.

— Está tudo bem, doutor. É a coisa certa a fazer.

OITO
Fortis

E assim a caçada começou.

A profecia de sua esposa estava correta. Ela foi a primeira a vê-la e, em seguida, espalhou a notícia entre muitos que confirmaram suas suspeitas. Fortis se lembrava de suas palavras como se ela estivesse flutuando ao seu lado.

— *Você será perseguido por uma fera prateada. Você a conduzirá até as profundezas e, de lá, vencerá uma batalha de carne e osso.*

Ele nunca entendeu a última parte até que o deus sob o mar esclareceu. Ele precisava das memórias dela. E agora, enquanto observava aquela achromo se preparar para caçá-lo, tudo o que conseguia pensar era que ela devia estar louca. Todos deviam estar sofrendo de insanidade, porque não havia razão para uma achromo acreditar que eles poderiam caçar alguém do seu povo. Não nestas águas.

Talvez os achromos se saíssem melhor em águas rasas. O Povo da Água não estava acostumado ao sol e usava as sombras em seu benefício. O próprio Fortis havia nascido e crescido nas profundezas. Ele conhecia todas as partes do abismo que poderiam escondê-lo, e todas as áreas que o ajudariam. Ele conduziria o submarino dela até a parte mais profunda do oceano e o afundaria até que nunca mais visse a luz.

O pensamento tinha mérito. Talvez ensinasse àquela pequena guerreira que ela jamais deveria ter lutado contra ele.

Ele só conseguia enxergar até certo ponto de sua posição, preso a um dos braços mais longos da cidade. Era frustrante se locomover pelo ninho emaranhado, mas ele se virava bem. Outros achromos a conduziam para uma nave, ao que parecia. Muitas armas e caixas foram

transportadas para lá por androides que se arrastavam ao lado de cada pessoa naquela sala.

Em breve, a porta para o mar se abriria e ela seria libertada em seu mundo. Ele a conduziria em uma alegre perseguição, exatamente como o mar desejava. Ele destruiria cada grama de sua bravura, mas primeiro, precisava cumprir sua própria profecia.

Uma perseguição. Exatamente como lhe haviam prometido.

Uma fera prateada que testaria sua própria coragem e todas as habilidades que ele havia passado anos desenvolvendo. Sua cauda já vibrava com a necessidade de mostrar a ela o tipo de monstro que ela caçava.

Será que ela vinha treinando para lutar melhor contra ele? Nenhum treinamento em terra a prepararia para enfrentar um andarilho das profundezas como ele, por maior que fosse em comparação com todos os outros achromos.

Sua mente divagava enquanto observava o submarino se encher com ainda mais suprimentos. Se ele lhe desse tempo, provavelmente ela se tornaria uma lutadora impressionante. O esqueleto de metal que ela usava ajudou nisso. Com o treinamento certo, ela provavelmente poderia usá-lo ainda melhor a seu favor. O problema era como ela estava lutando contra as correntes. Ele sabia que ela podia senti-las. Mira e Anya tinham se tornado muito boas em senti-las. Então, esta guerreira também poderia aprender a encontrar as correntes e usá-las enquanto lutava.

Era imprudente sequer pensar que ela pudesse aprender. A espécie deles era incapaz de tais coisas. Apenas alguns poucos mereciam seu tempo e, honestamente, mesmo assim, ele não tinha tanta certeza de que a espécie dela tinha a capacidade de aprender.

Então os achromos estavam prontos para deixar a segurança de seu lar. O submarino ganhou vida, todas as luzes se acendendo intensamente e enchendo a piscina lunar com um raio ofuscante. Ele cobriu os olhos,

sibilando enquanto todas as suas guelras se alargavam. Mas ele precisava abaixar o braço. Precisava ver qual era o plano deles.

Eles não seriam tão tolos a ponto de enviar sua melhor guerreira atrás apenas de um de sua espécie, seriam?

Lá estava ela. Impressionante em sua postura alta e poderosa. Ela havia prendido o cabelo em uma trança, que balançava quase até os quadris enquanto caminhava pela multidão em direção ao submarino. Uma armadura cobria seu corpo, mas ele já esperava por isso. Afinal, ela precisaria de tudo o que pudessem lhe dar para se manter viva lutando contra ele.

Ela entrou no submarino, e então... sim. Eles eram tão tolos. Iam mandá-la para a morte caçando-o.

Uma série de painéis complexos se abriu no chão. O primeiro a enviaria para a área de carga e descarga, onde o haviam mantido por um tempo e injetado suas drogas inúteis. Então ela desceria para uma segunda área, com painéis quase todos de vidro, uma sala de espera, ele supôs. Ele sabia que havia dispositivos para monitorar o que acontecia naquela sala também, porque eles só abriram a última defesa quando ele parou de se debater. Talvez presumindo que ele tivesse se esgotado na rede.

Então, finalmente, ela foi libertada.

Ele tirou a cauda de onde estava enrolada em uma das antenas e disparou em direção ao oceano aberto. Não precisava se esconder. Não dela. Afinal, ela o estava caçando, e ele queria facilitar as coisas para ela.

A besta metálica de sua criatura emergiu da escuridão e agitou o lodo, transformando-o em uma névoa cinzenta que só era quebrada pelos dois feixes de luz à sua frente. Ela estava em um submarino muito menor. Era claramente feita para apenas uma pessoa, e isso ele apreciava muito. Seria mais fácil para ela movê-la e correr atrás dele quando ele se mostrasse muito mais rápido.

Fortis se posicionou em frente às vigas, esperando que ela o notasse.

Claro que ela o fez rapidamente. Ele podia ver a determinação em sua expressão através do vidro. Aquele olhar penetrante em seu rosto deveria ter arrancado suas escamas da cauda. Ah, ele gostava tanto do ódio que queimava em suas feições.

— Venha, guerreira — rosnou ele. — Vamos ver a velocidade do seu submarino.

E lá se foi ele. Ele podia ouvir os motores do submarino dela rugindo, e então ela o perseguia em alta velocidade. Impressionante. Ele não sabia que os submarinos deles podiam ir tão rápido, mas quanto mais ela o perseguia, mais rápido ele ficava. Mas ela sabia disso desde o início. Ele sabia, no fundo, que ela não tinha encarado aquela missão levianamente, porque já tinha visto o que ele era capaz de fazer. Ela só queria fazer aquilo para se vingar.

Ele não lhe daria esse gosto.

Flexionando todos os músculos da cauda, ele se curvou em direção ao abismo e sabia que o escudo se abriria para ele. Talvez ela pensasse que ele a estava levando para o mesmo local onde haviam lutado originalmente. Mas então ele se contorceu em torno de um afloramento rochoso, esperando ouvir o som de metal batendo na pedra.

Em vez disso, ele jurou que a ouviu xingar antes que ela conseguisse escapar das pedras. Interessante. Ela pilotava melhor do que ele imaginava, mas, por outro lado, era boa em surpreendê-lo.

— Tudo bem — ele murmurou, — então vamos tentar isso.

Ele foi para a direita. Desta vez, curvou-a em direção às fontes vulcânicas que se abriram e jorraram água quente. Ele não tinha certeza de que a nave dela aguentaria aquilo, mas ficou surpreso ao ver que sim. O calor era escaldante para ele, mas o submarino dela não diminuiu a velocidade nem um pouco.

Curioso. Então ele a levou para o mar aberto. A escuridão ali era

mais fácil para ele escapar. Os raios de luz dela só conseguiam segurá-lo por um tempo antes que ele simplesmente... desaparecesse.

Tudo o que ele precisava fazer era balançar o rabo e rolar para baixo do submarino dela, que se aproximava rapidamente. Ele deixou, é claro. Queria que ela pensasse que talvez pudesse pegá-lo. Certamente ela tinha armas apontadas para ele. Tudo o que ela precisava fazer era apertar um botão naquela escuridão, mas ele percebeu que ela não queria fazer isso.

Se ela atirasse nele ali, o corpo dele desapareceria com a mesma facilidade com que ele fugira dela agora. Se ela não tomasse cuidado, perderia seu prêmio.

A maldita mulher queria seu troféu. Ele só sabia disso porque, se fosse ela, desejaria a mesma coisa.

As guelras se abriram e ele injetou o máximo de ar que conseguiu encher os pulmões. Ele pairou sobre o submarino enquanto ela a desacelerava. O submarino inteiro girou, movendo-se em círculo com um único motor ainda funcionando, como se ela estivesse *ouvindo*.

— Achromo — ele gritou, a palavra longa e grave. Ele sabia que ela conseguia ouvir seu canto de baleia.

O submarino virou, mas ele precisava que ela saísse do submarino. Daquela proteção que só lhe daria uma barreira entre ele e todas as memórias que ele sabia que precisava reunir dela.

Nadando um pouco mais perto, ele cantou suas provocações mais alto, sabendo que ela não seria capaz de negá-lo.

— A pequena achromo chegou em um submarino. Aterrorizada com o que o ondino gigante poderia fazer com ela. Você está com medo.

O submarino se virou novamente, mas ele não a ouviu falar dentro daquele dispositivo de metal. Ainda não.

Então ele nadou ainda mais perto do topo, sabendo que ela não olharia para cima até o último segundo.

— Se você não tomar cuidado, vou acreditar que seu povo é ainda menos capaz do que o esperado. Você não quer entrar na água porque sabe que eu te mato se entrar.

Então ele ouviu a pequena zombaria dela.

— Não tenho medo de você, ondino.

— Você está com muito medo. Mas não quer que eu sinta o cheiro em você de novo. — Então ele estava perto o suficiente do submarino dela para passar as unhas no vidro em cima dela. Tudo o que ela precisava fazer era olhar para cima.

E então ela fez.

Aqueles olhos negros como azeviche, tão profundos e infinitos quanto os seus, fitavam-no. Ele sabia que as luzes vindas de baixo iluminavam seu rosto. Devia parecer assustador para ela, com guelras dilatadas e cabelos esvoaçantes. Lentamente, ele sorriu. Abrindo os lábios para que ela só conseguisse ver as pontas afiadas dos dentes e uma boca um pouco larga demais.

As narinas dela se dilataram. Ele se perguntou se era medo ou raiva, mas essa era a melhor parte de tudo. Talvez, se tivesse sorte, a levasse para a água para poder perceber.

Eram tão repugnantes para ele. Fortis nunca tinha olhado muito para achromos, porque eram de revirar o estômago. Só que ele queria olhar para esta. Queria conhecer cada detalhe do rosto dela que se movia e mudava quando ele a provocava, porque seu ódio era tão profundo que ele precisava saber esses detalhes sobre ela.

A mão dela se estendeu lentamente para a frente, dedos firmes como uma rocha, ele notou, e então ela apertou um botão.

Lá estava ele de novo. Aquele exoesqueleto. Estendendo-se de algum lugar acima dela no submarino e envolvendo seu corpo como uma segunda pele. Ela sustentou o olhar dele o tempo todo, seu corpo se contraindo com os movimentos para se acomodar nos lugares certos que

deveriam protegê-la dele.

Mas o traje não funcionou da última vez e não funcionará desta vez.

— Pensei muito sobre a nossa última luta — ela rosnou. — Sei onde errei e sei como lutar melhor com você.

— É mesmo?

— Desta vez, não hesitarei em atirar. — Seu punho bateu em um botão ao lado dela, ao mesmo tempo em que ela colocava uma máscara facial sobre a boca.

Ele poderia facilmente arrancar o ar dela e matá-la. Ela certamente sabia disso. Essas ameaças não o assustavam nem um pouco.

Talvez ela sempre tivesse desejado lutar com ele novamente no mar. Talvez uma parte orgulhosa dela acreditasse que poderia consertar a própria honra vencendo desta vez. Ela não faria isso, mas ele respeitava o desejo de fazê-lo.

Ela pousou na água e ele aspirou o cheiro dela para os pulmões. Era fresco e leve, mas acre desta vez.

Então ela estava com medo. Ótimo. Ela não era idiota.

Fortis a soprou em suas guelras, cobrindo-as com o sabor requintado do medo dela o máximo que pôde antes de avançar. Ela sacou uma arma com a mesma rapidez, e ele não se surpreendeu ao sentir a pulsação da pressão quando a arma dela disparou direto em seu flanco. Sangue negro brotou na água como tinta, mas ele já estava em cima dela. Não havia nada que ela pudesse fazer para impedi-lo.

Talvez ela pensasse que poderia levá-lo consigo. Se fosse morrer, pelo menos poderia matar um andarilho das profundezas ao sair daquele reino.

Mas ele não tinha planos de matá-la. O mar a havia entregado a ele. Ele iria rasgar suas memórias e usá-las a seu favor. Ele a despedaçaria, memória por memória, até que ela não passasse de um corpo se afogando.

Ao envolvê-la com o braço pela cintura, ele não pôde deixar de notar a tensão dos músculos. Sim, o esqueleto de metal que a envolvia era extremamente quente e perturbador, mas ele conseguia senti-la por baixo de tudo. Músculos fortes e definidos, um corpo feito de anos de luta. O abdômen dela se flexionou contra a palma da mão dele enquanto ele a puxava contra o peito, prendendo-a ali.

Inclinando-se, ele pressionou os lábios contra a garganta dela só para senti-la engolir em seco.

— Se eu quisesse te matar, *virago*, eu teria feito isso na primeira vez que te prendi nestas águas.

O submarino dela flutuava logo abaixo dos seus pés. Ela os chutou, claramente tentando se firmar para poder se empurrar contra ele. Mas, na verdade, ele a tinha enredado nele. Ela não conseguia chutar. Não conseguia revidar. Ela teve que permanecer em seus braços, lutando em câmera lenta enquanto ele enrolava o rabo em volta dela.

— Seu desgraçado — sibilou ela, apertando um botão que deixou seu traje ainda mais quente. Queimou as escamas dele, mas ele já havia sofrido uma dor pior.

Fortis a virou nos braços, sentindo seu olhar mudar do preto habitual para cores vibrantes que lhe permitiriam perscrutar através da resistência dela e penetrar diretamente em sua alma. Ela se debateu, aqueles braços fortes descendo em sua cauda e tentando empurrá-lo para longe dela. Queria fugir, correr, se livrar do próprio passado, que logo ele atravessaria sem sua permissão.

Uma parte dele se sentia um deus ao fazer isso. Fortis era um dos poucos andarilhos das profundezas que conseguia. A maioria deles só via o futuro, mas ele também conseguia ver o passado. Tudo o que precisava fazer era alcançá-lo.

— O que você está fazendo? — ela perguntou, sua voz já soando drogada.

— Buscando a verdade. — E então ele mergulhou em suas memórias.

NOVE

ALEXIA

Que porra ele estava fazendo? Ele deveria estar matando ela. Tudo o que ele precisava fazer era apertar a cauda e logo, ela estaria morta. Ela podia sentir a força nos músculos dele enquanto ele apertava a cauda em volta dela. As barbatanas nas laterais dos quadris dele os impediam de cair, então eles simplesmente pairavam onde estavam.

E o que estava acontecendo com os olhos dele? Ela já os havia examinado o suficiente. Estavam pretos como breu, sem um pingo de branco. Mas agora eram uma mancha de óleo. Água negra coberta por uma fina película de belas cores que brilhavam quanto mais ela os observava.

Seu estômago se revirou ao saber que não deveria estar olhando nos olhos dele. Uma parte interior dela gritava para que desviasse o olhar, e que ela estava perdendo a chance de fazê-lo. Mas ela não conseguia desviar o olhar dele. Aquelas cores a haviam prendido.

— O que você está fazendo comigo? — ela tentou dizer, mas as palavras saíram arrastadas.

Ela despencou. Não tinha certeza se estavam caindo no oceano ou o que estava acontecendo, mas de repente não estava mais flutuando no centro do mar com um monstro a segurando em sua cauda. Estava no quarto de Harlow.

Alexia balançou a cabeça, confusa. Será que ela estava perdendo a razão?

Olhando ao redor do quarto, ela tentou se recompor. Tudo estava como sempre vira. Opulento, lindo, talvez um pouco diferente do normal, com as cortinas num tom errado de rosa e a cama mais

amarrotada do que o normal. Ela também não conseguia sentir os pés no chão. Ou sequer reagir quando olhava diretamente para as lâmpadas. Seus olhos não lacrimejavam, e ela não sentia as órbitas queimadas nas retinas.

O que estava acontecendo?

As portas se abriram e entraram Harlow e... ela. Alexia encarou sua versão mais jovem, de quando Harlow fora presenteada pela primeira vez. Não havia um pingo de nervosismo em seu rosto, e ela se lembrou de como estava entorpecida naquele momento.

Ela tinha acabado de sair do treinamento quando recebeu sua Original. Tudo parecia tão novo e maravilhoso, e ela absorveu toda a atenção sem um pingo de vergonha. Ela foi uma das primeiras da turma a ganhar sua própria Original.

Como parecia mágico. Como era honroso.

— Você vai morar no quarto ao lado do meu. Espero que fique satisfeita com o tamanho. — Harlow riu baixinho. — O último não gostou do tamanho. Mas vocês, gigantes, nunca parecem se sentir confortáveis.

— Eu vou ficar bem — disse seu eu mais jovem, sem nenhuma emoção na voz. — Obrigada pela honra, Original.

— Por favor, me chame de Harlow. Não gosto dessa bobagem de Original. Me faz sentir velha.

E então uma voz sussurrou em seu ouvido. Uma voz profunda e ecoante que soava como o rugido do mar:

— Então você serve a um dos Originais.

Alexia girou em direção à voz, mas não havia ninguém atrás dela. Ela estava sozinha naquela lembrança. Mas não parecia estar sozinha.

Franzindo as sobrancelhas, ela procurou de onde vinha a voz. Enquanto as outras duas mulheres no quarto continuavam a falar sobre expectativas e como Alexia seria essencialmente uma escrava da

Original, ela procurou por aquela voz.

Por fim, ela parou diante de um espelho que não tinha o seu próprio reflexo. Em vez disso, ela estava encarando olhos escuros e retorcidos, e uma boca escancarada que se abriu no momento em que seus olhares se encontraram.

— Bom trabalho me encontrar — rosnou o ondino — Agora me mostre mais.

Ela foi arrancada dessa memória e lançada mais fundo nos recessos de sua mente. Tentou empurrá-lo para memórias que não se importava que ele visse. Memórias que eram fáceis o suficiente para ela reviver. O treinamento onde ela lutou contra outros soldados geneticamente modificados. As partes mundanas de seus dias em que ela não precisava pensar em Harlow ou em qualquer outra pessoa. No comissário, ou nos outros guardas. Em qualquer coisa que ele pudesse ver além da realidade de sua vida.

Ela não gostava de pensar nos tempos de criança, mas foi para lá que ele a levou imediatamente.

Alexia ficou ali parada, observando enquanto era retirada do tubo de ensaio onde as crianças eram criadas. Tubos cheios de um líquido viscoso que era respirável, mas não exatamente. Era o suficiente para manter os espécimes vivos, mas ela se lembrava de acordar dali. A versão pequena de si mesma, ainda com quase um metro e meio de altura e apenas seis anos de idade, aterrissando de quatro.

Ela vomitou toda aquela gosma amarela, observando-a respingar em suas mãos, agachada no chão. Nenhum cientista a ajudou. Eles simplesmente a deixaram de quatro enquanto passavam para a próxima criança geneticamente modificada, e para a próxima. Todas eram descartáveis. Ninguém se importava com a presença de uma garotinha na frente deles. Pois, para eles, ela não era uma garotinha. Ela era um produto que eles haviam criado.

— Eu me perguntava o que havia de diferente em você — murmurou o ondino em seu ouvido. — Eles te fizeram, não foi?

— Eu não vou ter essa conversa com você — rosnou Alexia, desviando o olhar da imagem de si mesma que ainda ardia. — Saia da minha cabeça.

E então... Ela sentiu. Um poder dentro dela que ele não controlava. Era a mente dela. As memórias dela. Se ela não queria que ele visse o que estava vendo, então ela poderia fazê-lo sair.

Ela se lançou contra a presença em sua mente, empurrando-o com toda a força até senti-lo se mover. A maior parte dele não estava tão presa em sua mente agora, e ela podia pelo menos mudar a lembrança. Ainda estava distorcida, ainda parecia andar na areia, mas funcionava.

De repente, eles estavam de volta ao quarto de Harlow. A Original estava tagarelando sobre algo relacionado ao seu cabelo, e isso era melhor do que se ver quando criança.

— Não — rosnou o ondino, e a tensão em sua mente aumentou novamente.

Então ela estava de pé na enfermaria. Ela também era uma garotinha nessa época, embora tivesse quatorze anos e mais de 1,80 m de altura. Eles a sentaram em uma cadeira e prenderam seus braços nela.

— Só por proteção — dissera o médico. Ela não se lembrava de quem lhe aplicara as primeiras injeções e, portanto, só se lembrava de um homem sem rosto, vestido de branco.

Ela desviou o olhar. Era a primeira vez que não se sentia como uma pessoa. Mesmo quando a treinavam, faziam lavagem cerebral, diziam quem ela deveria ser e como se proteger, ela ainda se sentia ela mesma. Alexia. Uma pessoa com pensamentos, desejos, esperanças e sonhos.

Essa lembrança a fez lembrar que costumava desenhar nos braços. Tecendo padrões que pareciam ondas. Ela roubava canetas dos médicos e as refazia toda vez que eles esfregavam sua pele para remover as marcas

pretas. Ela sempre quis tatuar os padrões na pele. Não sabia de onde vinham os pensamentos, apenas que gostava de observá-los.

— O que estão te dando? — perguntou ele, com a voz grave e persuasiva. — O que o seu pessoal dá a alguém como você para mantê-la sob controle?

— Saia da minha cabeça! — ela gritou, agachando-se e tapando os ouvidos com as mãos.

Seu coração disparava. Ela sentia a respiração entrando e saindo dos pulmões, e uma parte racional de sua mente se lembrou de que ainda estava debaixo d'água. Não podia continuar respirando daquele jeito. Seu ar era finito e, em breve, ela ficaria sem oxigênio. Precisava controlar suas emoções.

Ela precisava do remédio.

Lutando para superar a lembrança, ela se afastou do som de suas próprias lutas. Naquela época, ela havia lutado contra isso. A lembrança se distorceu para a próxima vez em que lhe deram a droga, e ela podia se ouvir implorando para que não colocassem o que quer que fosse em seu corpo.

— Por favor — ela gritou. — Por favor, não. Não faça isso!

Os médicos nunca lhe deram ouvidos. Ela recebeu injeções, e então todas as suas dificuldades desapareceram. Memória após memória, ela discutia com eles cada vez menos, até que finalmente lhe entregaram uma caixa de agulhas e lhe disseram para levá-las de volta para o quarto.

E ela fazia isso desde então. Nunca mudara. Todas as manhãs, ela se injetava com o remédio que a mantinha quieta e serena, sem sentimentos para interromper o trabalho que deveria ser feito.

— Que estranho — murmurou ele em seu ouvido. — Você nunca buscou a liberdade por conta própria.

Mas isso não era verdade. Ela vinha procurando por isso ultimamente, e ninguém sabia ainda.

No momento em que teve esse pensamento, ela se viu de repente sentada diante do Doutor Barker novamente. Não mais observando as memórias como fazia com as antigas. O tempo lhe dera a capacidade de ver todas aquelas memórias antigas através de outras lentes. Ou talvez ela simplesmente tivesse se tornado uma pessoa diferente desde então.

Essa lembrança era nova.

Fresca.

Dolorida.

Ela se sentou à sua frente e se lembrou de como ele lhe perguntara por que ela estava sentindo. As palavras dele ainda ecoavam em sua mente, mas, pior ainda, eram seus próprios pensamentos que pareciam ser pessoas reais falando ao seu redor.

— Você está quebrada. Você está sentindo. Você está pensando.

O pior era o mais silencioso, mas ela conseguia ouvir o pequeno murmúrio:

— Talvez seja hora de ir.

A raiva a invadiu. Ela não era uma mulher de temperamento fraco que daria ouvidos a esses pensamentos tolos e à insensatez que os acompanhava. Era uma guerreira que lutaria até o último suspiro e *não desistiria tão facilmente.* .

Com um grito de raiva, ela o empurrou para fora de sua mente e cambaleou de volta à realidade. O frio a atingiu primeiro. Em algum momento, ele deve ter desligado o aquecedor de seu exoesqueleto. Seu corpo inteiro estava congelando, gelado de um jeito que ela não sentia há muito tempo. Com os dentes batendo, ela encarou o ondino que não estava escondido no fundo de sua mente agora. Ele ainda estava enrolado em volta dela, enrolando sua cauda como uma cobra ao redor de todo o seu corpo até que ela não conseguia nem mexer os braços.

— Vai se foder — ela cuspiu. — E fica longe da minha cabeça.

Os olhos dele já estavam brilhando novamente. Aquele

caleidoscópio rodopiante de cores que a chamara originalmente, mas agora ela sabia o que era.

Alexia virou o rosto para o outro lado, sibilando quando uma mão com garras segurou seu queixo. Ele tentava forçá-la a encará-lo. Queria que ela o encarasse, pois queria roubar ainda mais memórias dela. Mas elas não eram para ele. Eram para ela sofrer sozinha.

Uma voz sussurrou em seu ouvido:

— Oxigênio a quinze por cento.

Se ela não voltasse para o submarino, ele a afogaria. E ele sabia disso. Ele entendia a linguagem dela. Sua audição parecia boa demais para não ter ouvido o aviso junto com ela.

Ela mexeu os dedos. Seus braços estavam presos pela cauda dele, mas ela pensou que se conseguisse girar a mão, poderia pegar a faca. Estava aquecida, assim como o resto do exoesqueleto. Ela só precisava distraí-lo o suficiente para pegá-la.

— Você gosta de vasculhar minhas memórias? — disse ela. — Parece algo que um ondino teria que fazer. Você sabe muito bem que eu não vou te contar nada, nem se você me torturar.

Aquela mão com garras subiu do queixo até a máscara presa ao seu rosto. Alexia se esforçou um pouco mais quando ele a apertou e o vidro rangeu.

A mão dele poderia romper o único oxigênio que ela tinha e ele a afogaria ali mesmo, agora mesmo.

O ondino se aproximou cada vez mais, aquela boca aberta de seus dentes afiados se aproximando cada vez mais.

— Você quer ver quanto tempo você aguentaria comigo te torturando, *virago*? Acho que nós dois poderíamos gostar.

Pronto! Ela agarrou o cabo da faca, apertou o botão para aquecê-la e a enroscou na cauda dele. Ele soltou um pequeno som agudo, mas então sua cauda só se apertou ainda mais. Felizmente, isso funcionou a seu

favor. A lâmina aquecida afundou mais, bolhas subindo de onde fervia através de sua carne.

Finalmente, ele cedeu. As espirais se soltaram ao redor dela, dando-lhe tempo suficiente para apertar o outro botão do traje que acionava os sapatos. Afastar-se dele foi fácil. Mas ela estava tão congelada que era difícil voltar para o submarino. Ela ultrapassou a entrada e quase caiu do lado errado antes de se agarrar à abertura com a mão terrivelmente fria.

Um rugido ecoante de raiva pareceu sacudir o próprio oceano enquanto ela se arrastava para dentro do submarino.

A água pingava de seu corpo como um rio enquanto ela fechava a porta. Tossindo, ela arrancou a máscara do rosto e respirou o ar viciado de dentro do submarino. A situação melhoraria à medida que a filtragem fosse mais utilizada. Fazia muito tempo que não usavam um submarino como aquele. Respirando pesadamente, ela evitou apertar qualquer um dos botões importantes enquanto lutava para se levantar.

Era um pequeno submarino de guerra. Espaço suficiente para ela dar cinco passos até a cama, mais cinco passos até o depósito e mais cinco passos até a cadeira do piloto. Um espaço apertado, sem dúvida, mas serviria bem.

— Computador — ela gritou. — Desligue o exoesqueleto.

— Afirmativo.

O traje se abriu e ela cambaleou para fora. Encharcada em seu traje preto colante e tremendo, ela correu para a cadeira do piloto e sentou-se.

— Agora, onde você está? — ela sibilou. — Vou te iluminar com todos os lasers que isso puder disparar.

Mas ela não conseguiu encontrá-lo. De novo. Ele era tão bom em se esconder naquelas águas turvas que suas luzes só conseguiam atravessar até certo ponto. De alguma forma, parecia quase mais empoeirado do que quando ela saiu do submarino. Ela estreitou os olhos, ignorando o pingo de água salgada que caía do cabelo em seus olhos.

— Vamos lá. Apareça, seu grandalhão.

Um pequeno movimento de cauda. Foi todo o aviso que ela recebeu. Então, abriu fogo. Repetidamente, atirou na escuridão, na esperança de que pelo menos um deles o pegasse. Ela já havia atirado nele uma vez, esfaqueado, mas realmente não sabia se isso seria o suficiente para derrubá-lo. Ele não parecia fácil de matar, disso tinha certeza.

Quando ela parou de atirar, inalou o ar no silêncio repentino. Não tinha como matá-lo. Ele era forte demais.

Um baque ecoou por todo o submarino. Ela olhou para cima bem a tempo de ver o sorriso dele mais uma vez, preso ao teto. Ele lhe deu um sorrisinho irônico e então pareceu puxar alguma coisa.

As luzes do submarino dela piscaram. Ele estava...

Ela gritou quando ele puxou novamente e todas as luzes se apagaram. Ele havia retirado as malditas baterias do submarino. Como ele conseguira arrancá-las, ela não fazia ideia. A quantidade de energia necessária para remover metal soldado à força era uma demonstração chocante de força.

Mas ela não teve tempo para pensar nisso quando seu submarino começou a afundar lentamente no mar.

— Computador! — gritou ela, girando para apertar os botões que exibiriam o suporte de vida, a fonte de alimentação e a capacidade de movimentação da nave. — Por que estamos afundando?

— O submarino não consegue manter o suporte de vida e continuar em marcha lenta.

— Então mande o submarino para casa.

— Estamos muito longe, com bateria com duração mínima. Atracando o submarino.

— Atracando o submarino? — ela repetiu, gritando agora de raiva. — Onde diabos você está atracando o submarino?

— O fundo do mar.

Ela estava afundando no fundo do mar. Enquanto observava o ondino desaparecer na escuridão acima dela, ela o ignorou enquanto ele acenava de leve. Ele a havia enviado para uma tumba na escuridão.

Desgraçado.

DEZ
Fortis

Ele seguia o submarino em direção à escuridão do mar. Fortis teve que admitir que a maior parte do que fizera fora momentos de fúria e erros. As memórias dela lhe deram apenas uma leve pista de quem ela era e quais informações ele poderia usar a seu favor. O maior problema surgiu ao perceber que ela poderia expulsá-lo da mente. Ninguém jamais fora capaz de fazer isso antes, certamente não um achromo.

Ele olhava para as memórias das pessoas e para o futuro delas. Uma vez que o olhavam, não havia como mudar isso. Ele olhava o quanto quisesse e, mesmo assim, olhava mais se quisesse. Ninguém podia detê-lo.

Até ela.

Até que ela percebeu que ele estava lá. Talvez a culpa fosse dele, pensou ele enquanto seguia o submarino que afundava lentamente, com luzes que piscavam. Talvez ele não devesse tê-la provocado enquanto estava em sua mente.

Deve ser isso. Ele testaria com Maketes, que odiava que Fortis estivesse em sua mente. Talvez se ele estivesse falando com qualquer outro da sua espécie, então eles seriam capazes de dizer que Fortis estava lá. Embora, talvez ele devesse esperar e tentar com o filho primeiro. Os andarilhos das profundezas não precisavam que outros Povos da Água percebessem que eles poderiam expulsá-los da cabeça. Tal risco era desnecessário, e rumores circulavam por todos os lados quando se tratava do seu povo.

Com as barbatanas se abrindo, ele diminuiu a velocidade ao avistar a saliência sob o submarino. Não era tão fundo quanto ele queria que ela

afundasse. A pressão das profundezas provavelmente a faria ceder mais rápido, mas se era isso que o mar queria, então ele se viraria. Pelo menos ali, ele poderia tirá-la do submarino em segurança, sem que ela explodisse em mil pedacinhos de sangue empoeirado.

Não que ela fosse conseguir sair do submarino depois de toda aquela situação. Talvez ele precisasse apressar a situação. Pelo menos, se conseguisse fazê-la acreditar que tinha uma chance, poderia convencê-la a sair.

Porque aquelas memórias não eram suficientes. Os Originais eram quem ele procurava, e o mar o havia enviado para a pessoa perfeita, afinal. Ela não só sabia sobre essas abominações, como também trabalhava diretamente para uma delas. Se havia alguém que pudesse lhe dar informações suficientes sobre sua espécie para um ataque direto, era ela.

Ele havia recebido uma mulher que era um tesouro e precisava começar a tratá-la como tal. Não tinha certeza se teria outra chance de questionar alguém como ela.

O submarino atingiu a borda com um estrondo ecoante. Ele podia sentir. As nuvens de poeira o cercaram enquanto o casco soltava um gemido enorme. Ele agitou a cauda, lançando-se para a frente, caso tudo se partisse.

Ele já tinha visto isso acontecer antes. Um submarino afundou em Beta e, no momento em que atingiu o fundo do mar, partiu-se ao meio. Os achromos flutuaram para fora dele por dias, e seus corpos deixaram o mar com mau cheiro por semanas.

Mas seu submarino aguentou. Em vez disso, tudo o que ele ouviu foram mais xingamentos e ruídos metálicos vindos de dentro. Uma voz secundária, que soava suspeitosamente como a de um androide, falava com sua guerreira.

Virago. Ele flutuou para mais perto, certificando-se de que todas as

luzes estavam apagadas para que fosse impossível vê-lo, a menos que estivesse pressionado contra o vidro. Ele era um tolo por lhe dar um nome. Alguém como ela não merecia um.

As luzes presas às suas barbatanas piscaram, como se seu próprio corpo o estivesse chamando pela mentira. Ela merecia um nome. Ela havia saído de seu submarino seguro e o encarara com apenas um leve medo de que ele podia sentir o gosto da água. Então, quando conseguiu escapar sozinha, voltou para o submarino e atirou nele.

Uma mulher assim merecia um nome maior do que apenas aquele que os achromos lhe deram.

Droga, ele não deveria respeitar aquela mulher. Precisava destruí-la, e essa era a única opção que tinha.

Ele jurou que o fantasma da esposa morta apareceria a qualquer momento para lhe dar um tapa na nuca. Ele a desonrou ao se entregar a essa achromo que deveria ter sido jogada de volta ao seu mundo superior.

Balançando a cabeça, ele se distraiu dos pensamentos complexos observando o que acontecia dentro do submarino. Ela segurava uma chave inglesa e mexia em alguma coisa. Logo, conseguiu abrir um dos painéis e arrancar algo prateado.

Espera aí, ele já tinha visto um desses antes. Era um cobertor de emergência. Estava frio lá dentro?

Ele olhou para as luzes que piscavam rapidamente dentro e fora do submarino. Sim, devia estar frio. Ela ia congelar até a morte se não fizesse nada. O mar profundo não era quente o suficiente para a sua espécie.

Interessante.

Ele flutuou para mais perto, deixando suas luzes piscarem uma a uma. Ele podia ouvi-la falando, provavelmente com o androide que controlava o submarino. Ela havia enrolado o cobertor prateado em volta do corpo e murmurava algo que ele não conseguia ouvir direito.

— Frio? — ele perguntou.

Parte disso se encaixava no plano dele. Ela merecia ver os ferimentos que lhe infligiu. Talvez isso a fizesse acreditar que, se saísse do submarino novamente, poderia continuar a machucá-lo. Repetidamente, eventualmente ela o feriria o suficiente para que ele morresse.

Ou pelo menos era o que ele esperava que ela presumisse. O mar já estava fechando o ferimento da facada, embora o ferimento do laser demorasse mais para cicatrizar.

Ela se virou bruscamente, o cabelo molhado se emaranhando diante dos olhos com o movimento.

— Vai se foder, ondino.

— Acho que não vou.

— Você me prendeu aqui embaixo. Veio se gabar?

— Prefiro fazer um acordo. — Ele passou nadando pela janela da frente, certificando-se de que sua cauda machucada deslizasse contra o vidro para que ela pudesse ver o que seu trabalho havia feito. Não era grande coisa no panorama geral do seu corpo, mas ainda assim era uma lesão.

Ele a ouviu respirar fundo ao vê-la. Ótimo. Que ela pensasse que o havia vencido e que ele estava sofrendo. Ele mal sentia a pequena fenda na lateral do corpo.

Circulando de volta, ele se deitou no topo do submarino, de modo que ela teve que encará-lo. Apenas seu torso e uma pequena parte de sua cauda seriam visíveis para ela. Esperava que ela o achasse menos monstro por causa disso. Ela não conseguia ver toda a extensão enorme de sua cauda ou as luzes que piscavam, uma a uma.

— Não quero fazer um acordo com você. De alguma forma, tenho a sensação de que eu estaria perdendo nesse acordo. — Ela se enrolou o cobertor prateado a envolvia um pouco mais. — Computador, qual o

status da bateria?

— Desliguei todas as partes desnecessárias do submarino. Vocês têm duas horas e dezesseis minutos para retirar qualquer alimento do estoque antes que congele.

— Obrigada — ela resmungou antes de ir em direção à parte de trás do submarino, que não tinha janelas.

Mas ele queria ver o que ela estava fazendo. Aquela mulher era claramente muito capaz e tinha um plano para sobreviver naquelas profundezas do oceano. O que ela faria? A curiosidade em seu peito queimava, e isso não acontecia há muito tempo. Ele também não podia simplesmente olhar para o futuro dela. Ela não o encarava mais.

Franzindo a testa, ele rastejou até o topo do submarino, arrastando-se por ela. Com as garras tilintando enquanto se movia, esperou até ouvir o mais leve estrondo abaixo de si e então começou a bater de volta.

— O que você está fazendo, *virago*?

— Vá embora! — ela gritou, mas havia um leve esforço em sua voz.

Não, isso não serviria. Ele precisava dela viva e bem, sem a possibilidade de se machucar. Ele ainda não tinha previsto o futuro dela porque fora o tolo que se interessara tanto pelo passado dela. Rangendo os dentes, ele cuspiu:

— Venha para onde eu possa te ver.

— Você afundou meu submarino no fundo do oceano. Você não pode me dizer o que fazer. — Outro grunhido, e desta vez ele pôde ouvi-la se mexer novamente.

Rastejando na direção oposta, ele voltou para o vidro e a viu colocar uma caixa tão grande que ele ficou chocado por ela ter conseguido pegá-la. E então ela desapareceu na outra direção.

Não era um submarino tão grande assim. Ele poderia ficar onde estava se ela continuasse voltando. E ela voltou. Caixa após caixa, ela colocou na parte principal do submarino e então bateu na lateral dele.

— Computador, feche os alojamentos.

— Afirmativo.

Os alojamentos? O submarino mal era grande o suficiente para isso. Mas então ela saiu do caminho e uma parede enorme desceu do teto. Ela isolou o resto do submarino, deixando-a com espaço suficiente para talvez dar cinco ou seis passos. E considerando que ela havia preenchido o espaço com caixotes, ela mal conseguia se mover.

— O que você fez? — ele perguntou.

— Fiz isso para poder sobreviver mais alguns dias — murmurou ela. Ele a observou respirar fundo antes de vasculhar a caixa no topo da pilha. — Vá embora.

— Não tenho planos de fazer isso.

— Por que você está por aqui?

— Estou curioso para ver o que você vai fazer agora. Quero saber se você vai se deixar morrer de fome. — Afinal, ela teria que fazer isso. Não era como se ela pudesse caçar peixes de onde estava, naquele pequeno dispositivo.

— Estou me trocando. A menos que você queira sentir nojo do meu corpo humano, é melhor ir embora.

Ele tinha certeza de que seria nojento. Já vira corpos como o dela antes. Aquelas duas estruturas ósseas que chamavam de pernas eram as coisas mais perturbadoras que já vira. Mas, claro, também havia a oportunidade de enfurecê-la. Se ao menos ele conseguisse irritá-la o suficiente, ela poderia olhar para ele e permitir que ele visse seu futuro desta vez.

Arreganhando os dentes, ele aproveitou a oportunidade que se apresentou.

— Tenho certeza de que você é ridiculamente feia. Olhe só para você agora. Nunca vi uma achromo parecida com você antes, e certamente isso foi intencional. Eles não se importaram em te deixar

bonita e funcional.

— Foi totalmente intencional. — Ela dobrou cuidadosamente e colocou o cobertor prateado no assento do piloto, na proa do submarino. E então ela tirou a roupa de mergulho dos braços. Embora estivesse de costas para ele, ele já podia ver que havia muito o que conversar.

Nenhuma escama em seu corpo a protegia dos elementos, e ela era musculosa demais. Os ombros que revelava eram arredondados, largos demais para serem atraentes para sua espécie. Afinal, eles eram tão imprudentes que gostavam que suas mulheres fossem menores do que eles. Ridículo.

— Meu povo procura mulheres maiores do que eles — ele a informou. — Desejamos uma mulher com mordida. Uma mulher que possa se proteger, com garras e dentes afiados, que faria até o maior dos tubarões fugir deles.

Mas então a roupa de mergulho escorregou pelos músculos impressionantes das costas dela e ele se esqueceu do que estava dizendo. Por todos os deuses do mar, aquela mulher era forte. Ele podia ver todo aquele poder na maneira como as costas dela se moviam enquanto ela afastava o material da pele. A curva da coluna dela descia até uma cintura fina, mesmo com ombros largos e fortes.

Havia cicatrizes espalhadas por todas as suas costas. Ele podia dizer que eram antigas, já que muitas delas eram pálidas. Muitas delas. Algumas em linhas longas, outras mais profundas e com textura fibrosa, sugerindo que eram feridas mortais. Algumas eram pequenas, no entanto. Pequenas picadas que pareciam quase linhas de pontos, as mesmas que seu povo faria. Centenas delas, espalhadas por toda a sua pele e circulando até as costelas.

Ela não pareceu se importar com o que ele estava olhando. Em vez disso, apenas tirou a roupa de mergulho. Agora estava nua. Parada ali no meio do quarto, de costas para ele, enquanto tirava roupas secas daquele

caixote de cima, completamente alheia a que o havia deixado mudo.

Ele odiava as pernas delas. Sempre odiou. Achromos tinham duas caudas, ambas inúteis para nadar, quando deveria ter pelo menos uma cauda funcional. Mas as pernas daquela mulher eram poderosas. Coxas grossas com músculos definidos que se flexionavam a cada movimento. Seus glúteos eram...

Por que ele estava olhando tão fixamente para a bunda dela? Não havia motivo para isso. Ele nunca fora alguém que se importasse com a aparência da bunda de uma achromo. Seu povo mal tinha bundas. Suas caudas musculosas eram claramente poderosas, mas os glúteos eram algo que simplesmente se desenvolvia. E eles certamente não eram *assim*.

Ele estava chamando-o de "bunda" até mesmo em sua cabeça? Ele já estava com a espécie dela há tempo demais. Não precisava saber os apelidos para a anatomia deles. Eles eram... bem, o máximo que a espécie dela teria de glúteos, eram...

Os globos se moviam junto com ela, e então os olhos dele se arregalaram quando ela se abaixou para deslizar as calças pelas pernas. Deusa, como era ainda melhor quando ela se abaixava daquele jeito? A vista era deslumbrante, extraordinária, e ele estava olhando para uma achromo como se nunca tivesse visto uma antes.

Rosnando, ele se forçou a recuar sobre o submarino para não olhar mais para ela. Pelo menos a falta de visão o impediria de pensar em todas aquelas coisas terríveis.

Andarilho das profundezas estúpido. Ele sabia que não devia se interessar por uma pessoa. Já sentia um desejo cada vez maior de investigar o futuro dela, e não era porque quisesse descobrir algo sobre os Originais. Ele queria descobrir mais sobre *ela*.

O que a fazia ser como era? Ela era enorme em comparação com os outros de sua espécie, e ele vira que ela fora feita, não nascida. Mas como? Por que fizeram isso? Os achromos eram um grupo confuso

mesmo nos melhores momentos, então por que ela servira àqueles que a criaram?

Talvez ele não precisasse investigar o futuro dela. Talvez pudesse fazê-la falar com ele. Tudo o que precisava fazer era roubar aquele remédio, que claramente a controlava.

Olhando por cima da borda do vidro, ele franziu a testa enquanto ela se sentava na cadeira do piloto e abria uma pequena caixa. Dentro dela estavam uma miríade de agulhas. Ela pegou uma delas e a enfiou em uma garrafa cheia de algum tipo de fluido.

Ela ia se dar os remédios? Parecia que sim, pois rapidamente encheu a agulha na mão e a enfiou no braço. Nenhuma reação. Nenhuma. Ela apenas encarou a escuridão do abismo enquanto fazia isso e, ao terminar, guardou a agulha de volta na caixa.

Era disso que ele precisava, então. Seja qual for o remédio que ela estivesse dando a si mesma, essa era a barreira que ele precisava derrubar.

ONZE

Alexia

O tempo passava estranhamente no abismo. Ela jamais saberia quanto tempo esteve ali sem que o computador a informasse que tinham se passado oito dias. Oito dias racionando comida, remédios e o tempo gasto olhando para a escuridão que parecia encará-la.

Alexia estava presa ali. Ela sabia disso. A IA do submarino não a deixaria anular a operação e conduzir o submarino manualmente para casa. Ela argumentou que conseguiria levá-los para mais perto de Tau antes que o submarino inteiro parasse. Mas a IA apenas disse que ela não tinha autorização suficiente para forçá-la a fazer o que ela queria.

Afundada em algumas caixas onde ainda havia escassas quantidades de comida, Alexia disse a si mesma para não olhar para o mar. As luzes acima de sua cabeça ainda piscavam. Elas a estavam deixando louca. Às vezes, ela pedia ao computador para apagá-las completamente e simplesmente ficava sentada na escuridão total. Ela entendia o motivo das luzes de alerta. Muitos sistemas não tinham bateria suficiente para continuar funcionando por muito mais tempo. O submarino apenas a lembrava de que eles estavam em circunstâncias terríveis.

Os aparelhos de suporte à vida seriam os que durariam mais. Mas algumas das filtrações já estavam explodindo. Ela só teria mais alguns dias ali embaixo sem aquelas baterias, e isso significava que precisava se recompor.

Sem mencionar que seu suprimento de comida estava diminuindo. Ela olhou para o tablet em sua mão, onde vinha contando tudo. A comida que lhe enviaram era suficiente para uma semana. Ela havia espaçado a quantidade o suficiente para saber que duraria o dobro. Mas

mesmo assim, duas semanas com aquela pouca comida iriam enfraquecê-la.

E então o que faria?

Seus olhos encontraram a caixa de remédios que ela havia deixado na cadeira do piloto. Os medicamentos eram mais fortes do que sua dose habitual, graças ao Dr. Barker ter percebido que ela precisava de muito mais do que o normal. Mas, como ela também estava racionando tudo isso, ela estava usando a mesma quantidade de remédio de sempre.

Ela tinha tempo demais para pensar. Sua mente queria voltar às memórias que ela sabia serem perigosas de se remoer. Memórias de como Harlow nunca a apreciara de verdade ou de como Harlow passara por mais guardas do que qualquer outro Original, e era por isso que Alexia tinha mais gerações do que os outros.

Sua mente sempre se voltava para o que Harlow dissera quando viu Alexia machucada. Ela não deixaria Alexia morrer até que ela dissesse que podia. O que isso significava?

Será que ela seria forçada a viver uma vida anormalmente longa só porque Harlow a queria por perto? Ela não queria fazer isso. Queria morrer cedo, se tivesse escolha. Esta não era a vida que ela queria suportar para sempre.

O movimento sibilante de uma cauda além das janelas da frente de seu submarino chamou sua atenção, e ela teve vergonha de admitir que isso fez seu coração disparar. Uma semana de silêncio com nada além do mar para lhe fazer companhia estava fazendo sua mente agir de forma estranha.

Com a dose certa de remédio, ela não teria tido esses pensamentos. Durante o treinamento, eles a isolaram por meses a fio. Eles garantiram que ninguém jamais conseguiria arrancar informações dela à força, e mesmo ficar sozinha não a faria pensar diferente.

Mas agora, ela queria alguém com quem conversar. Mesmo que

fosse o ondina que não se importava em atormentá-la por horas a fio. Pelo menos ainda era uma conversa, por mais foda que fosse.

Ele apareceu do outro lado do vidro, iluminando-se aos poucos. Sempre fazia da mesma forma, e ela se perguntou se era de propósito. Primeiro, as luzes em sua cauda enorme, depois, percorrendo todo o seu corpo. Toda vez, era chocante o quão grande ele era, não importava a distância que estivesse do vidro. Seus braços brilhavam. Então, finalmente, as nadadeiras ao redor de seu rosto brilhavam com um roxo estranho que preenchia a escuridão da água.

Ele era como um deus, iluminando do nada. Mas esses eram pensamentos idiotas que ela jamais teria tido se ele não a tivesse colocado nessa situação.

Ele flutuou um pouco mais perto, aquele sorriso no rosto já a irritando.

— Você já está pronta para desistir?

Claro, foi isso que ele perguntou. Sabia que ela estivera na escuridão, suportando o abismo sozinha por uma semana. Isso fazia parte do seu plano.

— Ainda não, ondino. Avisarei quando me derrotar.

Ele pareceu frustrado com a resposta dela. Sua testa se enrugou e os músculos de cada lado do maxilar se contraíram.

— Vou te propor um acordo, *virago*.

Ela odiava que ele tivesse um apelido carinhoso para ela, e algo dentro dela se rompeu.

— Alexia — sibilou. — Meu nome é Alexia.

Todas as suas barbatanas se abriram em volta do rosto. Em choque? Ela pensou que era isso. Ela o observava tanto quanto ele a observava. Era mais fácil interpretá-lo agora.

Ele não esperava que ela lhe dissesse o nome. E agora ele estava se perguntando o que fazer.

Ela se levantou, deu os três passos até a cadeira do piloto e sentou-se.

— Eu te disse meu nome, soldado. Normalmente é nessa hora que você me diz o seu.

— Não vou te dizer meu nome.

— Então não estamos negociando se você não está disposto nem a se fazer passar por uma pessoa de verdade. Eu poderia continuar te chamando de homem-peixe, mas acho que você não gosta quando eu te chamo assim.

De novo, aquelas barbatanas alargadas. Ela não tinha certeza se ele gostava quando ela o respondia, ou pelo menos era assim que ela estava reagindo. Alexia queria gritar com ele o tempo todo, e pelo menos farpas atiradas daquele jeito não a matariam.

A qualquer momento, ambos sabiam que ele poderia virar o submarino para o outro lado do penhasco em que ela estava encurralada. Alexia tinha plena consciência de que sua situação era precária.

Ele flutuou um pouco mais perto, balançando o rabo com o que ela tinha certeza ser irritação.

— Meu nome é Fortis.

— Você não é como os outros ondinos que eu já vi. Quer dizer, já vi alguns parecidos com você, mas não muitos. Por quê?

Se ele tivesse sobrancelhas, aquela expressão as teria arqueado.

— Esta não é uma chance para você me perguntar sobre o meu povo. Eu te prendi. Você é quem vai responder às minhas perguntas.

— Acho que é justo. E se eu responder a uma pergunta e você responder a uma das minhas?

— Não.

Ela soltou um suspiro de frustração e se recostou na cadeira.

— Você é a pior pessoa para se negociar. Tem certeza de que não quer me dar um ultimato e acabar logo com isso?

— Não entendo suas palavras.

— Você poderia simplesmente me dizer que vai me matar, a menos que eu faça o que você quer. Acabe logo com isso, considerando que nós dois sabemos que vou morrer lentamente aqui, de qualquer jeito. — Ela acenou com as mãos para o ar ao seu redor. A câmara oca não duraria muito mais.

— Eu não vou fazer isso. — Todas as suas luzes brilharam um pouco mais quando ela sugeriu que ele a matasse.

Interessante. Claramente, ele não a queria morta, o que ia contra tudo o que ela presumia. Ali estava ela, acreditando que tudo aquilo era uma retribuição por ter resgatado a renascida. Mas, enquanto observava o desconforto que o percorria, percebeu que a situação era completamente diferente.

Ela se aproximou do vidro novamente.

— Você quer alguma coisa de mim?

Ele suspirou como se ela fosse cansativa.

— Você só percebeu isso agora? Eu poderia ter te matado muito antes. Por que mais eu te manteria viva?

— O que você quer?

— Quero saber tudo sobre a sua cidade. Sobre Tau. Quero saber o que os Originais planejam fazer e como controlam as outras cidades. Quero que você traia seu povo em retribuição por todo o dano que eles causaram neste mar.

O discurso foi nobre. Mas foi imprudente.

— Ninguém pode se rebelar contra os Originais. Se eu os traísse, estaria assinando minha própria sentença de morte.

Ele nadou perto o suficiente para tocar o vidro. Aqueles dedos palmados se abriram, as garras arranhando o rosto dela com tanta força que deixaram pequenas marcas.

— Você já está morta, não é? Você está no fundo do mar, onde

ninguém encontrará seu corpo.

— Meu farol ainda está ligado — ela respondeu. — Eles vão me encontrar, ondino.

Mas era mentira.

O sinalizador foi uma das primeiras coisas que a IA desligou. Aparentemente, era o protocolo, mas ela sabia que parte disso era simplesmente porque os Originais não queriam saber se ela... não voltaria. Gostavam de acreditar que seus soldados já tinham feito o que precisava ser feito. E, na realidade, um único ondino não era uma ameaça que considerassem digna de ser perseguida.

Eles a enviaram para cá em uma missão suicida, tudo por orgulho próprio. E não se importavam se ela voltasse.

Ele apenas sorriu para ela, e aquele sorriso nunca saiu do seu rosto.

— O quê? — ela sibilou. — Por que você está me olhando desse jeito?

— Porque removi seu farol há quatro dias. Ele não estava mais acendendo, e pensei que talvez você não precisasse dele.

Porra.

Porra, claro que sim. Ela nunca conseguiria vencer aquela criatura. Por que ela achou que conseguiria hoje? Arreganhando os dentes numa careta, ela se inclinou para a frente e perguntou:

— Como você sabe tanto sobre submarinos humanos?

Estavam quase nariz com nariz agora. A respiração dela embaçava o vidro à sua frente, mas ela ainda conseguia vê-lo com clareza. Cada sarda que pontilhava seu rosto e as linhas estranhas que marcavam suas bochechas como rastros de lágrimas.

— Você não é a primeira achromo com quem falo — respondeu ele. — Mas você não é tão corajosa quanto eles se não está disposta a trair aqueles que fazem mal a tantos.

Pensamentos cintilavam em sua mente. Todas as pessoas que ela

havia matado. Todos os corpos renascidos que flutuavam no vazio do mar porque um Original tinha uma erupção cutânea que precisava ser tratada. Tanta morte e destruição.

Mas esses não eram pensamentos normais. Porque se fossem verdade... Não. Ela nem sequer os consideraria.

— Se eles são maus — murmurou ela, — então eu sou tão má quanto eles. Por que você espera que eu seja melhor do que eles?

— Ordenaram que você fizesse tudo o que fez. Drogaram você para mantê-la quieta. Você é um produto do que eles queriam que você fosse. Nada mais, nada menos. Uma arma não é culpada por uma morte, é a pessoa que a empunha. — Seus olhos brilharam com todas aquelas cores bonitas. — Deixe-me empunhar você, Alexia.

Um arrepio percorreu sua espinha. Um calor subiu de sua barriga para o peito, para as bochechas, queimando com um desejo repentino. Ela pensou: se havia um homem por aí que pudesse dominá-la, era aquela criatura que viera das profundezas.

Eram pensamentos sobrenaturais. Desejos sobrenaturais, e ainda assim, ela queria encorajá-los. Queria se aproximar um pouco mais daquele monstro. Queria saber como seria tocar uma pele tão macia. Ou talvez ver se suas luzes eram quentes.

Afastando-se da janela, ela virou a cadeira do piloto para as sombras na parte de trás da nave.

— Qual é o seu acordo, então?

Houve mais silêncio do outro lado do vidro. Ela pensou que talvez ele tivesse ido embora.

Mas então ele falou com aquela voz profunda e retumbante que era tentadora demais:

— Deixe-me entrar no seu submarino, *virago*. É só isso que eu quero. Deixe-me entrar no seu submarino e eu responderei às suas perguntas sobre a minha espécie.

— Isso não é suficiente.

— Então eu vou te entregar comida.

Ela soltou um longo suspiro.

— Por que você faria isso? Você não tem motivo para se importar comigo. Você deveria me deixar morrer.

— Eu não quero te ver morrer. Não assim. Você é igual a mim, não é? Uma guerreira que lutou a vida toda, treinou por décadas. Você merece morrer lutando. Não numa jaula onde outra pessoa te colocou.

Por que aquilo doeu tanto? Por que um monstro a entendia melhor do que todas as pessoas com quem ela conviveu por anos?

Droga. Ela poderia escolher ficar sentada ali e morrer. Não era tão difícil assim. Tudo o que precisava fazer era recusar o acordo e comer o resto de seus escassos suprimentos de comida, não sobrou muita coisa, mas ainda faltavam alguns dias sem ceder a ele.

Ou.

Ela poderia escolher continuar lutando outro dia.

Abrir a escotilha seria tão fácil. Ela não sabia por que ele queria que ela abrisse, mas ela poderia.

Então ela se levantou, contra a sua vontade, e apertou o botão. A pequena porta no chão se abriu. Talvez fosse grande o suficiente para ele se enfiar, mas era improvável que coubesse no espaço. Mesmo assim, se quisesse, poderia matá-la agora.

Talvez fosse melhor se ele fizesse isso. Ele poderia acabar com tudo aquilo, e os sentimentos complicados que ela estava sentindo acabariam. Então, quando ele apareceu na água, bem na ponta dos seus pés, ela não reagiu. Nem mesmo quando notou como suas feições eram largas, com o cabelo alisado para trás, ou as gotas d'água que escorriam pelo pescoço até a clavícula.

Seus braços se estenderam através do buraco e então ele se ergueu. Ele estava quase na altura dos olhos dela, fitando sua alma enquanto

simplesmente... permanecia ali. Congelado. Olhando em seus olhos sem todas aquelas cores perigosas e turbilhonantes.

Ela engoliu em seco.

— E então?

— Você é a guerreira que eu pensava que fosse — murmurou ele. Uma única garra deslizou pela lateral do rosto dela até a borda afiada do maxilar. — Como é interessante ver você fora da água. Não consigo sentir se você está assustada.

Será que ela deveria ser honesta? Não. Ela não demonstraria fraqueza diante daquela criatura.

— Não tenho medo.

— É você falando? Ou é o remédio que você fica injetando no braço?

Ela não sabia. Talvez isso devesse ter sido um sinal de alerta em sua mente de que algo estava prestes a dar terrivelmente errado. Por que ele estava perguntando?

Mas ela estava tão hipnotizada pela criatura à sua frente. Toda a sua pele lilás pálida, o roxo escuro nas bordas do rosto e as marcas de lágrimas nas bochechas. Ela queria traçar aquelas marcas com os dedos. Queria desaparecer por alguns instantes e, por alguma estranha razão, parecia que ele sabia como fazer isso.

Ela foi honesta quando respondeu:

— Não sei.

— Acho que talvez seja hora de descobrirmos.

Ele se lançou para frente antes que ela pudesse entender o que aquilo significava. Seus peitos se chocaram, e ela tropeçou em uma das caixas idiotas atrás dela. Quando ela caiu para trás, ele agarrou a caixa que continha todos os seus medicamentos e desapareceu na água.

Tudo aconteceu tão rápido. Ela ficou onde estava, estupefata, sentada em cima de três caixas, enquanto outra caía atrás dela e

espalhava todas as roupas e armas no chão.

— Aquele desgraçado — ela murmurou. — Ele acabou de roubar todos os meus remédios.

O que ela iria fazer agora?

DOZE

Fortis

Fortis disparou para longe de seu submarino. Ele sabia que não havia uma arma que ela pudesse enviar atrás dele e, se houvesse, não estava funcionando. Mas ele ainda queria espaço para olhar o que havia roubado. Esta caixa de agulhas continha algumas das respostas que ele procurava. Ele tinha certeza disso.

O mar o guiava. Ele mal conseguia se concentrar em nadar quando uma correnteza o pegou e o empurrou para longe do submarino. Em vez disso, olhou para a caixa em suas mãos. Ela nem estava trancada. Ele conseguia abri-la e fechá-la facilmente, embora a mantivesse fechada o suficiente para que as agulhas não flutuassem. Queria saber que remédio era aquele e qual a dosagem que ela estava administrando.

Se havia alguém que sabia como suportar substâncias, era um andarilho das profundezas. Ele crescera nos campos de enxofre, nas profundezas do mar. Passara anos inalando aqueles vapores que lhe dariam a capacidade de prever o futuro. Era em parte por isso que os medicamentos achromáticos não funcionavam com ele.

Embora seu filho tivesse sucumbido a eles. Os achromos em Alfa não perceberam que haviam capturado um filhote tão jovem de seu grupo. Eles deram a Aulax uma dose excessiva para alguém da sua idade, e isso foi o suficiente para manter seu filho parado e quieto.

Isso ainda o enfurecia. Fortis havia retornado para Alfa com os outros e havia destruído todos os achromos que não conseguiram chegar aos submarinos. Os outros sabiam que sua missão era salvar o povo de Alfa. Não queriam encher o oceano de sangue vermelho só para provar algo. Mas Fortis queria.

Levaram seu filho. Fizeram experimentos com ele, com a intenção de matá-lo só para desmembrá-lo e descobrir o que havia dentro. Ele precisava que alguns deles morressem por isso. Os cientistas tinham sido fáceis demais de encontrar, e ele cumpriu a ameaça.

O oceano o depositou em um afloramento rochoso a pouca distância do submarino. Ele ainda conseguia ver as luzes tênues, mas elas não passavam de um brilho a alguma distância. Nada poderia encontrá-lo ali. Nem suas armas, e certamente nem sua equipe de resgate, que não estava vindo buscá-la.

Ele enrolou o rabo na borda da rocha, mantendo-se no lugar enquanto virava a caixa e a abria. Agulhas flutuavam para fora, algumas vazias, outras pela metade, mas outras estavam cheias. Ele deixou todas, exceto uma, flutuarem para o mar. Elas seriam enterradas nas profundezas com todo o resto do lixo no oceano.

O que ele pegou era tão pequeno em suas mãos, quase inútil. Ele não conseguia imaginar que aquela quantidade faria muito efeito nela. Mesmo assim, apertou a tampa e deixou flutuar no mar o que quer que estivesse dentro do pequeno recipiente de plástico. Respirando fundo, inalou um pouco para as guelras e soube instantaneamente que era uma dose potente de qualquer droga que fosse.

Num instante, ele sentiu o efeito. Fluiu por seu corpo e o deixou quase entorpecido. A medicação drenou a emoção de seu ser até que ele só conseguia pensar sem emoção e sem um pingo do coração que o guiava por toda a vida. Sua conexão com o mar foi imediatamente cortada. Não é de se admirar que os soldados de Tau fossem tão bons no que faziam, além dos tolos que o trouxeram para a cidade.

Geralmente, eles eram diplomáticos. Demoravam para encontrar seus oponentes e lutavam com precisão. Como ela, de certa forma. Mas ele conseguia sentir a raiva dela, que às vezes a dominava, e também a necessidade de ser a melhor no que fazia.

A droga era mais forte do que deveria ser, ele percebeu. Se ele estava sentindo ao menos um grama dela com o seu tamanho, cinco vezes o peso dela, talvez até mais, então isso deveria tê-la deixado completamente inconsciente. Mas não aconteceu.

Ela vinha tomando aquilo há muito tempo, ele se lembrou. Desde que era pouco mais que uma criança. Essas pessoas criavam crianças, drogavam-nas até a inconsciência e depois as treinavam para serem soldados que faziam o que lhes era ordenado, sem perguntar por quê.

O horror fez com que todas as suas nadadeiras se abrissem. Ele odiava sentir pena daquela mulher, mas... Então se lembrou da próxima parte da profecia de sua esposa.

— *Da besta prateada, você encontrará sua salvação.*

Ele não tinha certeza se já tinha feito isso. Mas havia mais memórias de Alexia para vasculhar, mais experiências vividas por ela para decifrar. Mas primeiro, ele precisava conquistar a confiança dela. O que significava que precisava pelo menos fingir gostar dela.

Suspirando, ele jogou a última agulha no abismo. Fortis não queria fingir que gostava dela. Ele já a respeitava, e isso era emoção demais para alguém da sua espécie. Ele deveria simplesmente matá-la e acabar logo com aquilo.

Mas uma parte dele não queria que ela morresse. A menos que ela lutasse contra ele até o fim.

O mar o envolvia, e ele sentia a pressão de uma visão enviada pela deusa. Era a mesma que sua esposa tivera. A mesma com a qual ele aprendera a conviver. Uma mesa fria de metal sob suas costas. Olhos e cabelos escuros inclinados sobre ele, e a sensação entorpecente da morte envolvendo seu corpo.

Era ela? Era ela quem ia matá-lo?

As visões raramente eram tão claras, mas quando o mar lhe proporcionou a mesma visão que tivera ao longo de muitos anos de sua

vida, ele percebeu... que era ela. Era ela quem iria matá-lo, e ele finalmente havia chegado ao fim de sua história.

Expirando, ele permitiu que esse conhecimento penetrasse em suas escamas. Em breve, ele morreria. Ela seria a única a empunhar o que quer que o destruísse, e com isso veio uma sensação de paz. Ele lutou muito para chegar ali. E agora? Agora ele sabia que o fim estava próximo.

Balançando o rabo, ele disparou pela água de volta ao submarino dela. Ela não o mataria hoje, era o que ele acreditava. Ainda havia tempo para reunir todas as informações necessárias. Mesmo assim, esperava que um dos seus os encontrasse logo para que pudesse compartilhar o que havia descoberto até então. Só por precaução.

As luzes do submarino estavam mais fracas do que antes. Ele havia colocado as baterias não muito longe dos destroços, mas em algum lugar que ela nunca perceberia que estavam escondidas. Pelo menos ele sabia que ela não chegaria até elas sem a sua interferência. Seus níveis de poder não lhe permitiam fazer muito além de permanecer onde ele a colocara.

Mas, ao se aproximar desta vez, pôde ver que a entrada do submarino dela ainda estava... aberta. Ela deveria tê-la fechado quando ele saiu. Mas não o fez. Que jogo ela estava jogando? Será que ela queria que ele voltasse para dentro depois de ter roubado todos os remédios aos quais ela se agarrava tão desesperadamente?

Franzindo a testa, ele circulou o fundo do submarino. Pequenos postes de metal presos ao submarino lhe davam espaço suficiente para passar por baixo, mas tudo aquilo parecia uma armadilha.

Ela era uma guerreira boa demais para deixar uma oportunidade sem um plano.

Estreitando o olhar, ele tentou ouvir qualquer movimento dentro do submarino. Nada. Nem mesmo o mais leve raspar de um pé no metal. Teria ela sido tola o suficiente para ir embora? Ele não duvidaria disso.

Ela estava determinada a se salvar, mas não o fizera nos muitos dias que estivera ali até então. Por que agora?

Ou ela estava esperando lá dentro, esperando que ele viesse procurá-la. E ela o espancaria até a morte naquele pequeno espaço.

Pegando uma pedra, ele a jogou para dentro do submarino e esperou para ver se algo se movia. Uma parte dele esperava que ele a tivesse atingido, mas, ainda assim, nenhum som. Nada que indicasse se ela estava lá dentro ou não.

— Ela não seria tão burra — murmurou ele, mas também não tinha certeza se isso era verdade. Ela podia ser tão burra sim.

Ela era imprudente com a própria segurança. Disso ele sabia. Já a vira se jogar na água atrás dele.

Cuidadosamente, ele enfiou a cabeça pelo buraco e entrou no submarino. Inspecionou a sala, mas não havia muito para ver. As caixas estavam todas empilhadas ordenadamente, de onde ela as derrubara. A cadeira ainda estava virada do jeito que ele a deixara depois de pegar o remédio dela. Mas estava mais escuro, como se ela tivesse apagado mais luzes para economizar ainda mais energia.

Nenhuma mulher, no entanto.

— Alexia? — ele gritou, saindo mais para fora da água. Apoiando os cotovelos no chão, ele olhou ao redor das caixas como se ela pudesse estar escondida ali. Nenhuma mulher. Talvez ela tivesse ido embora.

Então, cometeu o erro de entrar um pouco mais no quarto. Com os quadris apoiados no chão, Fortis percebeu que não olhara para trás. Não tinha motivo para isso, pois a porta estava fechada para preservar o calor e permanecera fechada durante a semana anterior.

Ou assim ele pensou.

O peso dela atingiu suas costas com tanta força que ele bateu o queixo no chão. Então, uma fisgada irrompeu em sua nadadeira direita. Quando tentou se virar, percebeu que não era tão fácil quanto deveria

ser. Olhando para baixo, percebeu que ela havia disparado um rebite através de sua nadadeira e do piso de metal. Isso abriria um vazamento em sua nave. Ela não percebeu isso?

Ele foi virado à força, o rebite rasgando sua barbatana o suficiente para que ele mostrasse os dentes para ela, furioso.

— Isso dói — rosnou ele.

— Ótimo. — Ela encostou a ponta da pistola de rebites na outra nadadeira do quadril dele e disparou novamente.

— Era para ser assim.

Ela estava montada nele, e foi fácil demais para ele agarrar seus quadris e mantê-la no lugar. Não era nem de longe a sensação que um andarilho das profundezas teria. Ele estava acostumado com escamas frias tocando suas palmas e com o deslizar escorregadio de seus dedos, dificultando o contato com uma fêmea.

Mas aquela mulher era quente. Mesmo no quarto gelado e com o frio que sentia há dias, ela era mais quente que ele. Seus quadris eram tão macios que dava para agarrar, os músculos flexionando com força enquanto ela o segurava imóvel apenas com as coxas. As calças dela tinham uma textura estranha, e ele conseguia se agarrar com facilidade para se apoiar. Suas garras se cravaram um pouco mais fundo, provavelmente cravando-se na pele macia sob as roupas dela.

Mas isso a fez ficar parada. E era ali que ele a queria. Queria encarar aquele olhar raivoso enquanto ela pensava tê-lo imobilizado. Fortis queria se deleitar com a raiva dela, pois essa era uma criatura que nunca a havia sentido com tanta intensidade antes.

Ela ergueu a pistola de rebites e a pressionou contra a testa dele.

— Você disse que me traria comida. Não trouxe.

— Você ainda não me deu a chance de caçar para você, *virago*.

— Não quero que você cace para mim. Quero a comida aqui, agora. Quando se faz um acordo, geralmente é com algo que você já tem. — Ela

pressionou a ponta de metal com mais força na testa dele. — Estou tão farta de me decepcionar com você, ondino.

— Fortis — ele a lembrou.

— Estou cagando para o seu nome agora. Decidi que não vou morrer aqui embaixo. Você vai me levar de volta para Tau, para que eu possa tomar mais remédios, e aí tudo vai ficar bem.

Fortis sorriu para ela. Não era ali que ele morreria. Ele já sabia disso. O metal sob suas costas não estava na temperatura certa, e não havia nenhuma luz branca oscilante que dificultasse a visão do rosto dela. Então ele tinha certeza de que ela não o mataria.

Ele pressionou com mais força a ponta da pistola de rebites.

— Se você quer me matar, então me mate.

Ela soltou um grito de raiva que ecoou pelo quarto, mas ainda assim pressionou a pele dele com mais força. Tão forte que ele sentiu uma pequena gota de sangue escuro escorrer pela testa.

— Não posso te matar sem me matar!

As mãos dele apertaram as coxas dela com mais força, seus dedos grandes de alguma forma tocaram a maciez da mesma bunda que ele estivera observando há poucos dias. Aquilo... mexeu com ele. Algo que ele não sentia há muito tempo.

Ela o encarou com as feições tremendo de raiva. Mas então deixou a pistola de rebites cair no chão. Ela fez um barulho metálico perto da cabeça dele, quase atingindo as barbatanas atrás do maxilar.

A raiva a percorreu. Ela ergueu as mãos trêmulas e as envolveu lentamente em volta do pescoço dele. Deu-lhe todas as oportunidades do mundo para revidar, mas ele não o fez. Apenas deixou aqueles dedos longos deslizarem pelas guelras, exatamente como ela fizera enquanto ele estava na mesa em Tau.

— Eu te odeio — disse ela. — Eu odeio o que você fez com a minha vida. O que você me forçou a me tornar.

— Ótimo. Segure esse ódio. Ele vai te manter viva aqui embaixo.

Mas então ambos... congelaram. Encarando-se com o calor crescendo entre eles. Não era um calor que ele reconhecesse. Queimou suas escamas, levantando-as ligeiramente como os calombos que se formavam nos braços dela.

Seus olhares se encontraram. E ele percebeu que não queria usar o poder dentro de si para ver o futuro ou o passado dela. Não naquele momento. Ele estava muito interessado nas estrias de escuridão que atravessavam as íris dela. Não eram inteiramente pretas, não como os olhos dele. Em vez disso, ela tinha fissuras de um marrom profundo e terroso e um dourado deslumbrante que se filtravam por toda a sua visão.

Ele podia ficar olhando nos olhos dela o dia todo. Que coisa estranha de se pensar, mas ele poderia. Havia segredos ali que ele queria descobrir sem usar seu poder.

Ele queria ouvi-la contar todos os seus segredos. E que jogo perigoso era esse.

Tirar tudo o que pudesse dela era a única opção que tinha. No entanto, tudo o que ele queria era ficar ali, com as pernas dela abertas sobre suas escamas e as mãos em sua bunda. Ele se imaginou rolando o rabo contra ela só para ver o que aconteceria. Talvez ela ofegasse. Talvez ela colocasse aquela arma de rebites na cabeça dele de novo. Ambas as reações seriam igualmente boas.

Mas então ele percebeu o que estava pensando, e o calor daqueles pensamentos estava errado. Tão errado. Aquela mulher o odiava, e ele a odiava. Seus semelhantes lutaram até o último suspiro.

E ela ia matá-lo.

O que ele estava fazendo? Fortis palmou as coxas dela e a jogou para longe. Ela foi lançada no ar, voando pela porta que antes estava fechada, e caiu de costas. Ele pode ouvir o “oof” da respiração dela

escapando dos pulmões. Talvez ele tivesse sido muito rude.

Ele não tinha tempo nem paciência para ver como ela estava. Arrancou as nadadeiras dos rebites, deixando o metal no chão para que não vazasse, e então sibilou com raiva.

— Voltarei com o seu banquete, *virago*. — Deslizando para dentro da água, ele esperou até o último segundo para acrescentar: — Mas se você tentar isso de novo, eu vou te jogar para os tubarões.

TREZE

ALEXIA

Ela estava perdendo a cabeça ali embaixo. A escuridão a afetava sem a medicação, e a ansiedade piorava a cada momento. Alexia nunca sentira medo antes. Ela poderia congelar como um bloco no chão e, com a medicação, não se importaria. Sua mente teria continuado a encontrar uma saída para a situação, é claro, mas isso não significava que ela teria medo da morte.

Mas agora ela tinha. Ela estava apavorada com isso.

Cada pedacinho dela, cada fibra do seu ser, estava apavorada com o que iria acontecer. Ela tinha ficado sem comida antes que a energia de reserva acabasse. Mas não havia como saber disso. Os sistemas de suporte de vida continuavam falhando. A filtragem da água estava prestes a ser cortada, e depois disso, ela estava perdida.

Alexia nunca teve tempo ou capacidade para pensar na morte. Quando tomava seus remédios, entendeu que era apenas uma situação de apagar as luzes. Uma parte dela que os remédios não conseguiam alcançar ficava um pouco aliviada com isso. Ela não queria pensar em uma vida sem fim com Harlow.

Mas agora? Agora ela queria viver. Aquela parte estranha do seu cérebro havia despertado, e tudo o que ela queria era viver cada momento que pudesse. Ela não queria ficar presa ali, no fundo do oceano, imaginando quando um ondino poderia voltar com um pedaço de comida.

— Computador? — perguntou ela, andando de um lado para o outro no espaço exíguo. — Me atualize sobre o suporte de vida, por favor.

— O suporte de vida foi atualizado há trinta minutos.

— De novo.

— O suporte de vida está em 3%. Todas as instalações que não funcionam mais no submarino foram desligadas. O armazenamento de água será esgotado em breve. Os níveis de oxigênio permanecerão como a última função a bordo.

— Qual é a próxima função depois da água que vou perder?

— Aquecimento.

Claro que desligaria o aquecedor em seguida. Esse seria o único passo lógico. Mas ela provavelmente morreria congelada antes de perceber que não havia mais ar. Uma morte silenciosa a aguardava então, mas por que isso fazia seu coração disparar?

Olhar fixamente para a escuridão não ajudava. Não havia nada que ela pudesse olhar naquele submarino que ajudasse. Pelo menos as luzes piscantes mantinham sua adrenalina alta. Era difícil pensar com aquelas luzes piscando constantemente. Mas todas tinham sumido agora. Cada uma delas. Tudo o que restava eram as poucas luzes do console que ainda estavam em frente à cadeira do piloto. A luz azul tornava tudo sombrio e, francamente, assustador naquele espaço exíguo.

Ela poderia se deitar e simplesmente deixar acontecer. Poderia se sentar no chão e dizer ao computador para desligar todo o aquecimento e oxigênio. A bateria restante provavelmente seria usada para enviar uma mensagem para Tau, que eventualmente desejaria recuperar este submarino e entender o que havia acontecido com um de seus guardas. Mas uma voz dentro dela gritava que ela ainda não tinha terminado de lutar. Pelo menos não ainda.

Rangendo os dentes, ela pegou a pistola de rebites, que era destinada apenas a emergências, e começou a bater com ela na parte externa do submarino. Ela aprendera um dia antes que, se gritasse por horas a fio, ele provavelmente não a ouviria. Mas se ela batesse nas

paredes, ele ouviria. O som metálico aparentemente se propagava muito mais rápido do que sua própria voz.

Não demorou muito para que visse o brilho de alguém seguindo-a do lado de fora da janela da frente. Ele nunca demorava tanto para aparecer. Era quase como se estivesse tão faminto por atenção quanto ela.

Ou talvez ele só estivesse curioso sobre ela. Ele a observava, ela percebeu. Quando dormia, às vezes abria os olhos no meio da noite e jurava que ele estava do lado de fora da janela. Ela se tornara um bichinho de estimação para ele admirar. Não importava a hora do dia, ele provavelmente estava em algum lugar além daquele vidro. Observando cada movimento dela.

Seu corpo já começava a atrofiar. Alexia sentia os músculos doerem por serem usados e agora, duas semanas depois, eles pareciam nem existir. Ela tentara fazer barras e flexões por horas a fio, mas sem comida, não conseguia. Em vez disso, foi forçada a ficar ali. Encarando a escuridão e torcendo para que um ondino demonstrasse misericórdia.

Ele demonstrou. Mas é claro que os da sua espécie raramente o faziam.

As barbatanas brilhando diante da janela dela eram um aviso de que ele havia escolhido se deitar no topo do submarino. Ele gostava de fazer isso. Ela se perguntou se às vezes era só porque ele queria que ela olhasse para ele em algum jogo de poder que supostamente a faria se sentir pequena. Funcionava, se esse fosse o plano dele.

Olhando para a criatura enorme que parecia flutuar acima dela, ela percebeu que era mais difícil notar as diferenças. Sim, ele era estranho. A longa cauda envolvia quase todo o seu submarino, e ele ainda tinha garras longas que adorava agarrar, trilha ao longo do vidro. Mas havia outras partes dele que agora lhe eram familiares.

O sorriso estranho e cheio de dentes geralmente significava que ele estava tramando algo. O jeito como suas barbatanas se abriam quando

ele era surpreendido. Às vezes, ela até notava que suas partes brilhantes se acendiam em um padrão específico quando ele estava com raiva ou com fome. Ela o observava tanto quanto ele a observava.

— A que distância você estava desta vez? — ela perguntou.

— Não muito longe.

— Você não me trouxe comida. — Ela gesticulou para o submarino com as mãos flácidas. — Hilariamente, minhas baterias estão acabando a cada momento que esperamos. Então é melhor você tentar conseguir o que quer de mim o mais rápido possível, ou eu vou morrer aqui.

Ele franziu a testa.

— Você não vai morrer.

— Ainda tenho três por cento. — Para reforçar seu ponto de vista, ela disse: — Computador? Por quantos dias mais o submarino estará operacional?

Houve uma longa pausa antes que a voz metálica respondesse:

— Dois dias e dezesseis horas. Primeiro, a função de água será desligada.

— Obrigada, computador. — Ela interrompeu antes que o computador repassasse todas as situações e a fizesse sentir um aperto no peito como da última vez. Em vez disso, tentou ser corajosa. Exatamente como havia treinado a vida inteira para ser.

Alexia cruzou os braços sobre o peito, alargou a postura e olhou para ele.

— O quê? — perguntou ele, fazendo-se de bobo. — Você está me olhando feio.

— Você tem menos de dois dias para se decidir.

— Sobre o quê?

— Se você vai me matar ou não.

Ele bateu com a unha comprida no vidro. Ela percebeu que ele fingia pensar. Normalmente, quando ele realmente considerava as

palavras dela, as luzes em seus antebraços se acendiam. Era quase como se ele não percebesse. E ela tinha usado isso como... vantagem até então. Mas, desta vez, as luzes permaneciam adormecidas, então ele já havia pensado nisso.

Seus cabelos se retorciam em uma corrente desordenada que brincava com os fios. Enquanto ele pensava que a estava atormentando, ela observava a delicadeza com que suas guelras se abriam quando ele respirava. Seu corpo era impressionante tão de perto. Ela nunca tinha visto nada parecido com ele antes, e agora que vira, Alexia não tinha certeza de como voltaria a uma vida normal.

Quem mais em Tau já tinha passado por isso? Claro, havia muitos cientistas que já tinham feito experimentos com um ondino. Muitos deles tinham visto um ondina de perto e de forma muito mais pessoal. Mas nenhum deles tinha conversado com um. Nenhum deles tinha passado dias a fio observando seus movimentos graciosos e a forma como o mar parecia aceitá-las de uma forma que jamais aceitaria os humanos.

Por fim, ele bateu a unha no vidro com mais força, desviando a atenção dela das guelras em suas costelas e, em vez disso, para o rosto.

— O que você tem a me oferecer?

— Foi você quem quis fazer um acordo por comida em primeiro lugar!

— Quanto você me ofereceria por uma bateria?

Ela congelou. O que ele queria dizer com bateria? Ele as havia arrancado do submarino dela e provavelmente as jogado nas profundezas do mar. Ele não era inteligente o suficiente para... ficar com elas.

Ele era.

Ele era esperto o suficiente para ficar com as malditas coisas, e tinha feito exatamente isso. Só estava esperando até o último segundo para negociar com ela.

— Você tem as baterias? — ela sibilou.

— Tenho *uma* bateria para trocar com você por informações sobre a sua cidade. — Ele deu de ombros. — E se você me der mais informações depois, talvez eu tenha a segunda bateria também.

Rato. Bastardo.

Ele a manteria à beira da morte pelo tempo que quisesse. Continuaria com essa tortura até que ela se descontrolasse.

Ela fechou os olhos com força e tentou encontrar aquele lugar dormente para onde o remédio a trouxera. O lugar onde seus pensamentos não estivessem a mil e ela pudesse se concentrar no que estava sendo dito à sua frente, em vez de querer pegar aquela pistola de rebites e esvaziá-la no teto acima dela, que se dane a inundação.

— Que informação você consideraria boa o suficiente para recuperar as baterias? — ela perguntou.

Havia muita coisa que ela poderia lhe contar sobre Tau que não seria perigoso para ele saber. O traçado de Tau era obviamente proibido. Ela não ia lhe contar.

— Preciso de uma maneira de entrar na cidade que outros do meu povo possam usar.

— De jeito nenhum. — Era a última coisa que ela ia dizer. — Você me prendeu aqui, ondino. Isso não significa que eu esteja disposta a vender a minha cidade inteira.

— Você prefere morrer?

— Eu prefiro.

Ele se inclinou para mais perto até que seu rosto estivesse quase pressionado contra o vidro. Ela podia ver a raiva em seu olhar fervendo sob a superfície daqueles olhos negros.

— Seu povo roubou meu filho. Eu pensei que ele estava morto. Mas ele estava em Alfa com todos os seus cientistas, que estavam se preparando para desmembrá-lo para poderem catalogar suas entranhas.

Você sabia disso? Pouco antes de Alfa ser destruída pelo meu povo, o seu quase matou o único filho que eu tenho.

Ela queria argumentar que Alfa não teria feito aquilo sem motivo, mas ela mesma tinha visto. Ninguém nas cidades tratava os ondinos como se fossem pessoas. E isso a matou, porque ela conseguia ver facilmente que ele era uma pessoa.

Ele tinha uma família. Um motivo para lutar.

Droga, ele tinha um filho. Ela se encostou na parede do submarino e cruzou os braços.

— Sinto muito por isso. Não deveria ter acontecido. Ninguém merece perder um ente querido assim, é...

Não havia palavras. Não para algo assim.

Ela poderia se desculpar mil vezes, mas não fora ela quem o fizera. Ela não havia tomado a decisão de sequestrar o filho dele, nem fora uma das cientistas que realizaram experimentos com o menino. Mas ela sabia profundamente o que era ser uma criança nas mãos de um cientista.

Seu coração doeu pelo filho de Fortis. Ela olhou para o chão e sussurrou:

— Ninguém merece isso. E espero que ele tenha encontrado um pouco de paz desde então.

Como se aquelas palavras fossem suficientes. Como se ela pudesse limpar as feridas que seu filho havia sofrido.

— Ele está melhor do que quando o encontrei — respondeu Fortis. — Fazendo amizade com os achromos neste exato momento. Como ele está fazendo isso, eu nunca saberei. Depois do que o seu povo fez com ele, ele deveria odiar você.

Ela ergueu a cabeça ao ouvir as palavras, e o choque permitiu que o olhasse nos olhos novamente.

— Fazendo amigos?

Ele balançou a cabeça.

— Essa não é uma informação que se obtém sem trair o próprio povo, *virago*.

— Meu nome é Alexia. — E, por algum motivo, era importante para ela ouvi-lo dizer isso. Parecia que o apelido que ele lhe dera a arrancara daquela humanidade à qual ela ainda se apegava. A humanidade que não estava ali, num pequeno submarino, com nada além do vasto e infinito mar para observá-la.

— Não gosto do nome.

— Você não pode me dar um nome.

— Parece que sim. — Ele fez uma pausa para efeito dramático, depois a encarou. — *Virago*.

Suas narinas se dilataram de raiva. Mais uma vez, ela quis abrir um buraco no submarino só para estrangulá-lo. Mas não o fez. Ela era boa. Controlou a raiva que queimava tão intensamente em seu estômago que era quase impossível se concentrar em qualquer outra coisa. Uma medalha era necessária pela força de vontade que ela precisou para gritar:

— Alexia.

— *Virago* — repetiu ele. — Você não tem ideia da honra que é para mim lhe dar um nome diferente daquele que os achromos lhe deram. Seu nome não significa nada para mim ou para o meu povo. Mas *virago* tem um propósito, um significado.

— E, no entanto, ainda não é o meu nome. Você está propositalmente tentando me distrair do fato de que se recusa a fazer qualquer coisa a respeito da minha situação. Não vou lhe contar nada sobre a minha cidade se você não estiver disposto a pelo menos me dar algo para comer. Ou baterias, para que eu não congele aqui embaixo e *morra*.

Ele zombou.

— Não vou ter essa conversa com uma mulher que se recusa até a

entrar na água comigo. Você está com tanto medo de que eu te mate que não conseguimos nem ter essa conversa sem que você fique tão brava que não consiga enxergar direito.

— Você me quer na água?

— Acho que você está com medo de entrar na água.

Parecia que seu temperamento a dominaria. Porque no momento em que ele disse isso, ela perdeu todo o controle da situação. Seu rosto ardia de raiva, algo que nunca havia acontecido antes. Suas mãos se fecharam em punhos, e ela explodiu.

— Tudo bem! — ela gritava, sem nem saber por quê. — Você me quer tanto na água?

— Você não consegue entrar na água. Você se agarra à segurança do seu submarino, porque sem os remédios que lhe deram, você fica fraca.

Aquele sorriso bobo e sarcástico no rosto dele não se movia. E ela não podia deixá-lo vencer.

CATORZE

FORTIS

Fortis não conseguia acreditar que tinha funcionado. Provocá-la daquele jeito não tinha dado em nada até então. Ele sabia que ela controlava as emoções e era capaz de usar suas habilidades como guerreira. Ela perceberia que ele estava sendo um cabeça de vento para irritá-la.

Mas desta vez funcionou. Desta vez, ela caminhou até o exoesqueleto, resmungando baixinho o tempo todo. Cada movimento era apressado e raivoso, uma escolha tola naquela situação. Certamente ela entendia que agir com raiva sempre a levaria na direção errada?

Aparentemente, ele disse algo que a deixou tão irritada que ela não se importou mais.

Ou o efeito dos remédios já tinha passado completamente, e ela não sabia como se concentrar quando sua mente era nova. Ele poderia lidar com isso. Poderia usar a fraqueza dela a seu favor naquele momento de necessidade. Mas algo mais floresceu em seu peito e fez suas guelras se achatarem contra o crânio.

Ele estava se aproveitando dela naquele estado. Espiar suas memórias sem permissão era diferente quando lutavam de igual para igual. Ele não se importava tanto quando ela lutava e perdia para ele. Mas aquilo? Aquela não era a mulher que ele conhecia. Seus movimentos frenéticos e raivosos não eram adequados para a guerreira de coração frio que ele vira em Tau.

Ele a havia quebrado?

O exoesqueleto a envolveu e ela apertou o botão para abrir a porta na água. Ela caiu, mergulhando no mar como se as pedras estivessem

longe dela. Não estavam. Ele ouviu o som dos pés dela batendo no chão e percebeu que devia ter sido uma aterrissagem desastrosa para ela, especialmente com o peso extra do exoesqueleto. Durante todo o tempo, ele a ouviu xingando.

Parecia que ela não tinha controle sobre nada naquele momento. De alguma forma, a culpa fez com que as barbatanas dele se achatassem ainda mais em suas escamas. Ele queria ganhar a confiança dela para que ela lhe contasse tudo. Ele não queria fazer... aquilo.

O mar agitou seus cabelos como se estivesse satisfeito com ele.

— É esse o caminho que você queria? — murmurou enquanto Alexia descobria como sair de debaixo do próprio submarino. — Você é uma fera volúvel. É ela quem vai me matar, e ainda assim você quer que eu sinta pena dela.

De certa forma, pelo menos. Ele não sentia pena daquela mulher, mas agora queria ajudá-la. Ela merecia a ajuda dele.

Ele roubara tudo o que a tornava quem ela era. Os cientistas em Tau a transformaram em uma guerreira perfeita e insensível, que fizera tudo o que queriam que ela fizesse. Mas, ao fazer isso, suprimiram tudo o que ela era. Ela merecia saber como era lutar com a raiva queimando no coração, saber como era escolher lutar por algo em que acreditava.

Ele fora um guerreiro a vida toda, mas também ensinara muitas pessoas a lutar. Isso não seria diferente.

Flutuando ao redor da borda do submarino, ele olhou para baixo e a viu se libertando. A bolha ao redor de sua boca embaçou com todo o esforço, mas ela não parecia preocupada.

Não, suas bochechas ainda estavam vermelhas de raiva. Mais um sinal claro de que ela não estava no controle, e provavelmente não estaria tão cedo.

— Você dependia de medicamentos para se tornar uma boa guarda — disse ele. — Como é estranho ver você se perder.

— Eu não me perdi, ondino. — Ela flutuou na frente dele, aquelas botas lhe dando o impulso necessário para olhá-lo nos olhos. — Eu posso lutar como antes. Não sou diferente do que era antes.

— Não é? Consigo sentir sua raiva, Alexia.

Um pequeno grito de raiva escapou de seus lábios, e então ela disparou em sua direção. Aquelas botas a faziam nadar muito mais rápido na água, mas mesmo isso não lhe daria a vantagem que imaginava sobre ele. Ele se virou de costas e a deixou deslizar por ele. Ela conseguia parar com as botas rapidamente, ao que parecia. Mas mesmo isso era um pouco desajeitado.

— Quem te treinou? — perguntou ele, curioso sobre o povo dela naquele momento. O que ele não esperava era que ela desabafasse e revelasse muito mais do que provavelmente sabia.

— Passei metade da minha vida treinando para manter os Originais seguros — sibilou ela. — Treinei em terra e na água. Não há nada nem ninguém que eu não saiba como combater. Já desfiz pessoas membro por membro. Matei centenas de pessoas. Conheço bem a morte, ondio.

— Centenas? — Ele balançou o rabo para sair do caminho dela novamente, deslizando lentamente para trás, de modo que ela teve que segui-lo para o abismo. — Onde Tau encontrou centenas de pessoas para você matar?

— Você ficaria surpreso com a quantidade de humanos que há aqui embaixo, e com quantos Tau considera indignos da causa. — Ela parou na água, arregalando os olhos ao mesmo tempo em que dizia essas palavras. — Eu não devia ter te contado isso.

— Não, não deveria. Mas é interessante para mim que Tau tenha uma causa. O que significa que eles estão treinando você para algo além de apenas manter seus Originais vivos. — Quando ela reagiu um pouco, ele estreitou os olhos. — Ou eles estão treinando você para manter apenas seus Originais vivos, mas há outros que dificultarão isso. É isso

que está sendo planejado?

— Você vê demais, ondino.

— O que faria isso acontecer? Não haverá guerra entre os achromos. Tau já garante que eles controlem todas as cidades. Descobrimos seus postos avançados em cada uma delas, e foi fácil demais encontrá-los nas ruínas de Alfa. Então não é o seu próprio povo que você espera que enfrente.

Ela correu até ele, mas ele já sabia por que ela estava fazendo aquilo. Uma distração. Ele estava chegando perto demais.

Irritado, ele agarrou o braço ossudo do exoesqueleto dela e o arrancou do traje quando ela passou. Foi tão fácil de fazer. O metal era fino e quebradiço, então se estilhaçou com um estalo audível antes que ele jogasse o osso metálico no abismo.

Ela congelou onde estava, olhando para o braço agora exposto ao mar gelado. Com apenas uma mão útil agora, o exoesqueleto era significativamente menos útil.

Ele sorriu.

— Então é o meu povo. Tau está planejando atacar os ondinos.

Ela sibilou com raiva.

— Sempre se soube que este mar é seu. Mesmo antes de chegarmos aqui, os Originais sabiam que havia outra espécie na água. Eles não tinham certeza de como vocês reagiriam a tantos rostos novos no que historicamente sempre foi seu.

— Nós não gostamos.

— Não, vocês não gostaram. — Ela sacudiu o braço ainda em movimento e então curvou os dedos. — E por causa disso, e de duzentos anos de luta entre nossas espécies, os Originais já se cansaram.

Ele não estava tão surpreso assim. Os ataques ao seu povo estavam piorando ultimamente. Ele vira submarinos seguindo o Povo da Água em águas rasas. Até Beta, uma cidade que eles deveriam ter sob seu

controle naquele momento, reagia de forma um pouco diferente quando seu povo passava nadando. É claro que só restavam três cidades de pé, e uma delas era uma prisão.

Não haveria aliados entre os achromos, além daqueles que já os ajudavam. Se houvesse uma batalha de verdade, seria muito fácil exterminá-los.

— Droga — sibilou ele. Então, avançou em direção a ela.

Agarrando o outro braço dela, ele arrancou o esqueleto de metal, deixando-a apenas com aquelas botas úteis e a peça da espinha. Ela xingou e então o atacou. Pelo menos desta vez, ela realmente acertou. Seu punho a atingiu com força suficiente para deixar um hematoma, algo que o surpreendeu bastante. Mesmo sem o esqueleto, ela o atingiu com força.

Mas ele não estava interessado em continuar a briga com ela agora. Ela lhe dera tanta informação. Muito mais do que ele jamais imaginara que receberia em breve.

Em seu próximo ataque furioso, ele a agarrou pelas costas do traje do esqueleto. Havia muitos fios e peças metálicas em suas mãos agora, então foi muito fácil simplesmente quebrá-lo. O corpo inteiro dela estremeceu com o movimento, mas então ele arrancou o capacete e a maior parte da espinha junto. Com uma mão, ele segurava a blusa dela e, com a outra, balançava o resto da arma na água ao lado dela. Isso a deixou nua, e as partes do traje, cobertas pelas botas, completamente sem energia.

O silêncio que se seguiu ao puxão violento deveria tê-lo alertado. Mas ele também jogou o resto dos pedaços no mar, ainda segurando-a pela frente da blusa.

Fortis esperou até que ela o encarasse. Aquele olhar mexeu com algo dentro dele, e ele odiou como reagiu a esse olhar. Porque ele a odiava. Cada pedacinho dela, e não importava o que ela fizesse para

revelar verdade após verdade, ele sempre a odiaria.

Agarrando-a pelo pescoço, ele a deixou balançar na escuridão que os cercava. Com um movimento de cauda, ele os levou para mais longe, mar adentro. Logo, a única luz que os cercava vinha do seu corpo.

Ela agarrou os pulsos dele, mas não estava mais se debatendo. Quase como se soubesse que tinha sido derrotada, e com facilidade.

— Você nos ajudará — disse ele a ela. — Você trairá tudo o que tem medo de trair, e se sairá melhor por isso. Se concordar em trabalhar conosco, eu mesmo a treinarei. Nenhum Povo da Água ou achromo poderia lutar com você sem perder. Mas para fazer tudo isso, você precisa confiar em mim, virago.

As mãos dela apertaram os pulsos dele com ainda mais força.

— Nunca confiarei em você nem na sua raça.

Ele a soltou. Foi fácil assim. Ele apenas soltou a mão do pescoço dela e deixou que o peso das botas e do corpo dela a arrastassem para as profundezas. Não foi um declínio lento, mesmo enquanto ela tentava nadar contra a correnteza, mas não era forte o suficiente para isso. Ela lutou muito, com os braços se movimentando e as pernas se esforçando, mas logo, até ela se cansou.

Ela não tinha comido. Não tinha bebido água suficiente. Ninguém era infinitamente poderoso. Nem mesmo ele.

No último momento, antes que as correntes a levassem, ele estendeu a mão e agarrou a dela. Eles permaneceram congelados no momento, ela caindo nas águas abaixo e ele, um farol brilhante estendendo-se para ser sua salvação.

Ela o encarou com aqueles olhos escuros, da mesma cor do abismo abaixo dela. Quantas vezes ele havia encarado aquela escuridão? Quantas vezes ele havia jurado que havia respostas para ele naquelas águas escuras?

Engolindo em seco, ele se lembrou de que ela não era alguém que

viera do mar. Ela não era a pessoa que ele acreditava que ela era. Mesmo que ele quase quisesse que ela fosse um presente do abismo.

— Confie em mim — disse ele, com a voz rouca de emoção. — Você não tem outra escolha, Alexia. Terá que confiar em mim ou eu a deixarei ir.

Ele podia ver a luta nela. Uma parte dela queria que tudo aquilo acabasse logo. Talvez fosse mais fácil deixá-lo afundar no abismo. Em algum momento, a pressão a mataria. Não seria lenta. Seria uma morte instantânea que ela não sentiria, e então o mar se aproveitaria de todas as suas partes.

Ele não a menosprezaria, mas ficaria decepcionado. Até o mar pareceu parar ao redor deles, as correntes parando enquanto esperavam para saber o que ela decidiria fazer.

Ela olhou para ele e não se mexeu por um instante. Apenas o deixou segurá-la ali, balançando sobre o que era a morte certa, até que finalmente assentiu.

— Não sei como confiar em você — disse ela. — Mas posso prometer que tentarei aprender a fazer isso.

— Para mim, já é o suficiente. Afinal, você me contou um segredo sobre sua cidade que será muito útil em breve.

Ele a puxou pelo braço até conseguir agarrá-la pela cintura. Ela era uma achromo tão grande e, ainda assim, sua cintura parecia minúscula enquanto ele a segurava e nadava de volta para seu submarino. Era... estranho notar uma coisa dessas. Ele normalmente não se importava nem um pouco com os corpos dos outros.

Ela estava imóvel em seus braços. Tão imóvel que ele temeu que ela tivesse desistido. Talvez ela se arrependesse de não ter escolhido a morte.

Ele nadou com ela até o fundo do submarino e então a jogou na abertura. Mas quando percebeu que ela tinha dificuldade até para entrar no submarino, percebeu o problema.

— Você está com frio, *virago*? — ele perguntou.

O bater dos dentes dela deveria ter sido o primeiro sinal de alerta. Ele era um tolo. Seu povo não se preocupava com águas geladas, mas, claro, ela estava congelando. E lá estava ele, praticamente a levando pela parte mais fria do oceano.

Colocando a mão na bunda dela, ele a empurrou para dentro do submarino. Ela rolou no chão, mas ele a ouviu tentando se levantar de quatro. Era um começo. Pelo menos ela ainda estava tentando se manter viva.

Mas ele também sabia que não havia aquecimento naquela sala. O submarino não tinha mais energia para manter o aquecimento ligado e, portanto, morreria congelada.

Suspirando, ele se virou para onde havia colocado as baterias. Uma delas não faria mal. Claro, era uma de suas poucas moedas de troca para convencê-la de que talvez, apenas talvez, ela devesse ajudá-lo. Mas se ele conseguisse mantê-la viva por mais tempo, talvez isso também lhe conquistasse a confiança.

Esta mulher guardava todos os segredos de Tau em sua mente. E ele já havia decidido que ela seria muito mais útil se ele pudesse conversar com ela sobre o que sabia, em vez de simplesmente roubar tudo e fingir entender o que tinha visto.

Ele pegou uma das baterias e a fixou no topo do submarino. Os achromos tornariam o uso delas mais difícil se não quisessem que seu pessoal descobrisse como usá-las. Ela estava literalmente presa ao topo com apenas alguns selos, e então ele pôde ver a luz de conexão acender.

Por algum motivo, parecia errado provocá-la ainda mais agora. Ela já havia lutado demais na presença dele. Em breve, o computador ligaria o aquecedor novamente e então, talvez, ele voltasse.

Por enquanto, ele a deixaria lamentar a perda de tudo o que sabia sobre si mesma em paz.

QUINZE

ALEXIA

O aquecedor ligou logo depois que ele saiu. Alexia sabia que devia a ele por isso, mas era difícil dar-lhe algum crédito depois do que acontecera. Ela ficou deitada no chão, olhando para o teto enquanto as luzes piscavam uma a uma. Algumas eram botões e interruptores de emergência aos quais ela provavelmente deveria prestar atenção. Outras eram apenas as luzes que iluminavam o submarino.

Ele tinha dado a bateria a ela. Depois de tudo isso, depois da discussão, da frustração e do constrangimento absoluto pelo que ela tinha feito. Ele tinha dado a bateria a ela.

De alguma forma, isso tornou tudo um pouco mais difícil de engolir.

Nunca em sua vida ela havia perdido a paciência daquele jeito. Nem mesmo quando era criança e se sentia frustrada com os médicos que a espetavam com agulhas sem fim. Ela chorava quando era pequena. Muito. E com frequência. Eram muitas lágrimas de frustração, tristeza e raiva. Mas ela nunca havia perdido o controle e atacado alguém sem nem pensar no porquê ou na maneira correta de fazer aquilo.

Tudo isso e muito mais era motivo pelo qual ele deveria tê-la deixado morrer. Não havia razão, a mínima, para ela ter feito o que fez. Discutir com ele por motivos tão tolos? Era estúpido. Era imprudente. Não era do feitio dela.

Mas deitada no chão, olhando para as luzes e tremendo até o maxilar doer... Ela se sentia melhor. Não havia lógica nisso. Fortis não tinha sido gentil. Ele não fazia ideia de que, enquanto discutiam, ela estivera chorando. Cada gota de suas lágrimas fora engolida pelo sal do

mar. Mas ela quase soluçava de tanto esforço enquanto tentava bater nele, fazer qualquer coisa que provasse que ela ainda era a mesma mulher.

O tempo havia passado o suficiente para fazê-la perceber, sem sombra de dúvida, que havia cometido um erro ao escolher esse caminho. Ela deveria ter se mantido confortável em Tau. Nada precisaria mudar se tivesse feito isso. Absolutamente nada. Toda a sua vida teria sido entorpecida e vazia, sem a presença de todos os erros potenciais que estava cometendo naquele momento.

— Computador? — perguntou ela, sabendo que isso seria gravado, mas também sabendo que Tau provavelmente não viria atrás dela. — O que aconteceria se eu traísse Tau?

— Por favor, informe sua designação e nível de acesso.

— Alexia, guarda pessoal da Original Harlow. Nível de acesso nove.

Houve uma longa pausa enquanto o computador descobria como responder.

— Demissão imediata se informações sobre Tau vazassem para qualquer fonte. DNA coletado para entender qual falha causou o problema.

— Certo — ela murmurou, soltando um longo suspiro. — Faz sentido.

Claro que eles a eliminariam, como sempre faziam. Esse era o propósito de Tau.

Rolando, ela rastejou em direção às caixas e tirou as últimas peças de roupa seca que tinha. A raiva que a havia deixado sair correndo daquele maldito submarino como uma idiota, sem nem mesmo uma roupa de mergulho, foi a maior loucura da sua vida. Agora seu exoesqueleto estava quebrado, e tudo o que lhe restava eram os restos metálicos de botas que não funcionavam sem uma fonte de energia.

Um soluço rompeu o silêncio. Ela tentou contê-lo, mas tudo o que conseguiu foi reprimir a emoção no peito, que doía tanto que nem uma boa massagem rápida resolveu.

Alexia se esforçou para tirar as botas. Seus dedos estavam roxos e não funcionavam tão bem quanto deveriam. Mas o calor explodia no quarto, tentando aquecer o metal gelado. Mordendo os lábios, ela finalmente tirou as botas, depois os sapatos e, por fim, o resto das roupas encharcadas.

O processo todo levou muito mais tempo do que deveria. E até isso foi frustrante. Ela queria gritar, mas tudo o que conseguiu foram pequenos soluços que a envergonhavam. Que situação ridícula! Ela era guarda pessoal de um dos Originais. Precisava se recompor porque não era para ficar encolhida no chão, nua, agarrada a roupas que não conseguia vestir de frio. Alexia não era fraca.

Mas ela estava. Estava tão fraca, cansada e exausta. Tudo o que ela queria era alguém em quem confiar, assim como ele vivia dizendo que ela tinha que confiar nele.

Mas seria confiar em alguém se ela recebesse ordens para fazer isso? Não tinha sido assim a vida toda até então?

Por fim, ela vestiu suas roupas novas e se enrolou em um dos cobertores de emergência. Isso a manteria um pouco mais aquecida do que estava agora, pelo menos. E isso era um começo.

Ela foi até a cadeira do piloto e sentou-se. Puxando os joelhos para baixo do cobertor, ela os abraçou com força contra o peito. Olhar para a água ainda era difícil. Como se houvesse algo de errado com ela por gostar de ver o nada que havia lá fora. Ela odiava e amava a visão ao mesmo tempo. Mas talvez isso fizesse parte do que a vida significava para ela agora. Amor e ódio.

Uma barbatana apareceu. Ele sempre a avisava, pelo menos de leve, que estava ali. Ela se esforçou ao máximo para ficar parada, caso a raiva

voltasse. Mas sua mente disparou. Por que ele havia voltado? Já não tinha dito o suficiente?

Fortis flutuou de baixo do submarino, provavelmente ancorado embaixo dele porque ela não conseguia ver muito da cauda dele.

— Você deveria estar descansando.

— Não sei que horas são. Este submarino não tem ciclo diurno e noturno, então não tenho como saber quando devo descansar. — Ela pigarreou e apertou um pouco mais os braços em volta das pernas. — Além disso, tenho pesadelos.

Todas as noites. Ela tinha pesadelos toda vez que fechava os olhos e tentava descansar enquanto estava naquele lugar. Tudo o que conseguia pensar era no que aconteceria se olhasse para o abismo por muito tempo. Sua mente fervilhava de sonhos com uma criatura gigante emergindo das profundezas e engolindo seu submarino inteiro. Às vezes, porém, ela sonhava com Tau e com o que Harlow diria quando ela retornasse.

Seus pesadelos transformaram o que antes era um lar relativamente seguro em um ninho de serpentes. Assim que ela voltasse, eles a desmanchariam. Eles a espetariam com agulhas e despedaçariam seu cérebro enquanto ela ainda estivesse acordada. Todas as coisas chocantes que ela os vira fazer com outra pessoa de repente se tornaram uma possibilidade para ela.

Fortis rolou, parecendo estar deitado do lado de fora da janela. Isso lhe mostrou o perfil, então pelo menos ele não estava olhando para ela.

— Eu também tenho pesadelos.

— Não vou transformar isso numa competição de mijo com você.

— Uma o quê? — Ele olhou para ela com evidente desgosto no rosto. — Eu também não vou fazer isso com você.

— É uma figura de linguagem. Quer dizer, não vou dizer que seus pesadelos são piores ou melhores que os meus.

— Eu não pediria isso. Pesadelos são pesadelos. Eu não estou

tentando ser... — Ele suspirou, e bolhas irromperam de suas guelras em uma onda gigante que obscureceu seu rosto da vista dela. — Estou tentando ser legal.

— Você não é muito bom nisso.

— Acho que você não é muito boa em aceitar que alguém está tentando se redimir quando te magoou. — Fortis balançou a cabeça e revirou os olhos como se não a suportasse. — Estou tentando. Me conte sobre seus pesadelos.

— Não quero falar sobre eles.

Mais uma vez, mais bolhas de frustração.

— Então por que tocar no assunto?

Por quê, afinal? Uma parte dela devia querer buscar conforto, mesmo naquele macho horrível que tanto a frustrara. O relacionamento deles até então tinha sido de ódio e dor, mas... Bem, talvez ela pudesse mudar isso.

Alexia mordeu os lábios, apertando-os por alguns instantes antes de ceder.

— Não sei como você investigou minhas memórias desse jeito, mas acho que era bem óbvio que eu não nasci. Eu fui feita.

— Isso eu entendi.

— Em Tau, não há bebês. Ninguém está dando à luz novos humanos, e ninguém está criando famílias. Existem os Originais e existe... — Ela ergueu as mãos em um gesto de impotência. — Todos os outros.

Ele virou o rosto para poder encará-la. Ela já conseguia ver as cores rodopiando nelas, como se ele quisesse espiar através da mente dela para poder viver o que ela havia vivido.

— Não faça isso — ela sussurrou. — Se eu não quero te contar, então não deveria ser obrigada a fazer isso. Não tire essa escolha de mim.

Seus olhares se encontraram por mais alguns instantes, mas então ele desviou o olhar. Imediatamente, ela sentiu a pressão se dissipar, como se uma mão tivesse sido retirada de sua nuca.

Recostando-se na cadeira, aliviada, ela respirou fundo algumas vezes antes de continuar.

— Fui criada para proteger os Originais. Cada parte de mim, cada fio do meu DNA, me torna boa nisso. É tudo o que eu sempre conheci. Eles me fizeram em um tubo de ensaio sem uma única mão de bondade. Inundaram meu cérebro com tudo o que eu deveria ser desde o primeiro dia. E então, quando eu não era exatamente como eles queriam que eu fosse, me mudaram com medicamentos que me fizeram melhorar.

— Eu posso ver como isso seria difícil.

— Eu não sou a primeira Alexia — ela admitiu. Era difícil até mesmo dizer as palavras, mas era a verdade. — Sou a sétima. As seis primeiras foram consideradas tão indignas do trabalho que foram desativadas. Meu modelo sempre foi... teimoso.

Pelo menos foi o que lhe disseram. As Alexias anteriores eram muito teimosas, e isso sempre as colocava em apuros. Elas foram desativadas rapidamente, mas então algum cientista descobriu o que as tornara tão teimosas e mudou essa linha genética. Esta versão dela era muito mais dócil.

— Minha genética foi retirada da primeira guarda que Harlow teve, há mais de duzentos anos. Aparentemente, ela era muito menor do que eu, mas capaz de aprender a lutar e proteger Harlow. Foi para isso que fui criada e agora...

Não havia motivo para ela estar despejando tudo isso para ele. Talvez ela estivesse apenas se sentindo vulnerável. Cada parte daquela experiência a havia despojado de quem ela era. Sua medicação havia desaparecido. Sua segurança havia sido removida. Até mesmo a certeza de que ela teria comida normal havia desaparecido. Ela estava à deriva,

exatamente como ele queria que ela estivesse.

— E agora? — ele a cutucou, fazendo-a falar mais sobre aquela sensação horrível no peito. — Como você se sente agora que está livre de tudo isso?

— Quebrada — ela sussurrou. — Se eles são tão ruins quanto você diz, e tenho certeza de que são, então eu participei disso. Eu os ajudei a criar monstros como eu e os ajudei a machucar pessoas.

As lembranças inundaram sua mente, pressionando-a tão rapidamente que ela mal teve tempo de pensar em todas elas. Segurando um garoto para que pudessem extrair DNA dele e depois mandá-lo para o abismo. Centenas de renascidos, todos destruídos por coisas estúpidas como uma erupção cutânea ou um resfriado que teria desaparecido sozinho em poucos dias. Treinando crianças para lutar quando elas deveriam ter sido simplesmente *abraçadas.*

Porque era tudo o que ela sempre quis quando tinha a idade deles. Ela só queria alguém que a abraçasse.

Quando ela fechou os olhos? Ao fazê-lo, ela se trancou dentro de sua própria mente com aquelas memórias. No momento em que os abriu novamente, ela olhou para olhos escuros que a enxergavam diretamente.

— Você estava protegendo alguém — disse Fortis finalmente. — Você estava fazendo o que achava certo. O que lhe disseram que era certo.

— Ninguém em Tau faz nada porque é certo — ela sussurrou. — Ninguém naquele lugar. Fazem porque querem. Quanto mais tempo fico longe daquele lugar, mais percebo que a gentileza oferecida até mesmo aos Originais costuma ser velada. Todos querem algo uns dos outros. Não sei como ser a pessoa que você está me pedindo para ser. É quase impossível para mim ser gentil. Tudo o que sei é como proteger os perversos.

— Proteger qualquer pessoa é gentil, mesmo que não seja uma boa

pessoa. Você viu o que os outros não conseguiram. Mesmo que tenha sido o mínimo um vislumbre de luz na escuridão. — Ele deu de ombros. — Tenho certeza de que até Harlow tem bons momentos.

Uma risada assustada escapou de seus lábios.

— Bons momentos? Harlow não tem nada disso. A mulher é uma ameaça.

— É mesmo?

— Ela é uma pirralha mimada. Tudo gira em torno dela, mas sempre gira em torno dos Originais. A mera ideia de que o mundo exista sem ela é simplesmente tolice. Ela odeia todo mundo e sente muita inveja quando alguém ganha algo que ela não tem. Ela prefere matar a permitir que outra pessoa tenha qualquer presente ou item que ela não conseguiu obter.

Agora que tinha aberto a torneira e revelado o que pensava sobre Harlow, não conseguia parar de despejar todas as palavras de ódio.

— Uma vez, ela me fez assassinar um cientista porque ele disse que o cabelo loiro era o favorito dele. Só porque ela não gostava que a cor favorita dele não fosse a mesma do cabelo dela. Ela me mandou quebrar o pescoço dele e esperou enquanto eu fazia isso. É isso que Harlow é. Uma criança mesquinha e ciumenta que nunca precisou crescer e provavelmente nunca crescerá.

Respirando fundo, ela abriu e fechou os punhos.

— Me sinto bem em dizer isso. Eu penso nisso há anos, mas quem sou eu para dizer algo sobre um Original? Eles criaram tudo isso.

— Criaram? — perguntou Fortis, rolando para se endireitar mais uma vez. — Ou outras pessoas criaram isso para eles depois de serem pagas com mais lixo achromo inútil?

Porra. Ele tinha razão. Os Originais não eram deuses. Mal eram pessoas hoje em dia. Eram apenas crianças mimadas com tanto dinheiro e fama que ninguém sabia como dizer não.

Soltando um suspiro, ela balançou a cabeça.

— Pensamentos assim são perigosos.

Ele cantarolou baixinho, começando a flutuar para trás.

— Sim, são. Mas você não está mais em Tau, e se quiser pensar assim, você pode.

Fortis saiu com essas palavras de despedida e foi muito difícil para ela argumentar. Sim, eram pensamentos que ela podia ter agora. Pensamentos que eram seus e que ninguém mais os havia colocado em sua cabeça além dela mesma.

Então por que era tão difícil acreditar neles?

DEZESSEIS

Fortis

Havia honra nela, e Fortis odiava ter percebido isso. Quanto mais falava com ela, mais certeza tinha de que aquela era uma corrente perigosa para nadar. Ela era um espécime incomum de achromo. Ele hesitava até mesmo em chamá-la assim.

Embora compartilhasse a mesma aparência e o mesmo corpo de muitos de sua espécie, ela era tão diferente que não parecia certo colocá-la no mesmo grupo de todas aquelas criaturas monstruosas. As experiências de Alexia a tornavam singularmente diferente. Ela lutava com as escolhas que fazia, assim como ele, e isso era algo que ele apreciava.

Porque ela tinha feito coisas terríveis. Só os poucos vislumbres que ele teve e as poucas coisas que ela lhe contou, sua vida tinha sido repleta de brutalidade. Eram memórias que a assombrariam pelo resto da vida, como deveriam.

Mas ele tinha o mesmo tipo de memórias. Uma cidade que caiu por causa de sua intervenção, tantas mortes que ele havia profetizado e não havia nada que ele pudesse fazer para impedi-las. Inúmeras memórias que o fizeram questionar se ele era uma boa pessoa ou não. Ele entendia a luta que ela estava enfrentando e o irritava poder se identificar com alguém da espécie dela.

Fortis flutuou pelo mar, afundando cada vez mais nas profundezas, onde poderia encontrar um pouco de paz.

Os campos de enxofre eram usados principalmente por seu povo. Não pelo restante do Povo da Água, mas especificamente pelos andarilhos das profundezas, que conseguiam planar pelas águas tóxicas

sem desmaiar. É claro que havia alguns que se demoravam nas profundezas dos campos amarelos na esperança de desaparecer do mundo por um tempo. Ele até encorajou Daios a ficar ali por um tempo, enquanto lutava com suas próprias escolhas.

A raiva não poderia existir enquanto uma pessoa flutuasse naquele cheiro enjoativo. Nada poderia existir. Era um lugar onde o mar falava diretamente à alma, e nenhum outro pensamento poderia sobreviver.

Ele precisava disso.

Desesperadamente.

Porque ele estava amolecendo por uma achromo que não conseguia deixar em paz. Ele odiava a espécie deles. Sempre odiou.

Então por que, quando fechou os olhos, sentiu as curvas dos quadris dela nas palmas das mãos? Por que conseguia ver a imagem perfeita dela quando ela tirava a roupa e ele a encarava? Ele não tinha permissão para fazer isso. E por que... *por que* se importava que ela tivesse prometido tentar confiar nele?

Isso estava errado. Ele precisava voltar a se concentrar na missão. Não precisava pensar em como ela estava encolhida naquela cadeira, estranhamente pequena, quando ele sempre a imaginara como um imponente pilar de força. Mas ela estava tão pouco delineada pela luz azul, mesmo com os braços musculosos envolvendo as pernas. Aquele momento de fraqueza quase o destruiu.

Ele odiava vê-la daquele jeito. Odiava admitir que tinha algo a ver com aquilo.

Então ele procurou sua deusa. Precisava ter certeza de que estava fazendo a coisa certa e de que não estava cometendo o mesmo erro que tantos de seus amigos já haviam cometido.

O primeiro indício de enxofre lhe fez cócegas no nariz, e ele soube que havia encontrado uma abertura escondida. Havia campos mais frequentados no fundo do mar, muitos deles extremamente grandes.

Eram fáceis de encontrar com a lava fluindo por baixo. Este parecia não ter sido perturbado por muitos anos. Eram apenas ele e o mar.

As espirais amarelas se espalharam pela água, enviando partículas brilhantes que flutuavam ao seu redor como lascas de ouro. Ele respirou fundo pelas guelras, permitindo que as partículas deslizassem para sua corrente sanguínea e acalmassem sua mente.

Ele afundou ainda mais, perto o suficiente das fontes de lava para sentir o calor contra o corpo, e então pairou ali. Congelado no mar, com todas as guelras abertas o máximo que podia, as barbatanas o mantendo no lugar e a cauda flácida em relaxamento.

Ali estava ele em casa. Ali, ele estava acolhido no abraço caloroso do mar e podia liberar toda a sua tensão e preocupações.

— Mostre-me — sussurrou ele. — Mostre-me o que você quer que eu veja.

Geralmente não era tão fácil. O mar era uma mãe inconstante e impossível de controlar. Ela não gostava de contar nada a ninguém. Não quando podia ensinar uma lição em vez de falar.

Ele piscou e abriu os olhos, fitando através do ouro cintilante enquanto uma barbatana cintilava na água. A princípio, quase gritou para o novo andarilho das profundezas deixá-lo em paz. Encontrara aquele lugar na esperança de poder se comunicar com a deusa do mar sem ser interrompido por outro de sua espécie, mas também percebeu que nenhum andarilho das profundezas possuía qualquer um dos campos de enxofre.

Era, no entanto, surpreendente que um de sua espécie estivesse tão perto de Tau. Normalmente, seu povo evitava aquela área do oceano. Era um lugar desolado, com pouquíssima comida e ainda menos recursos. Não havia motivo para ninguém vir para cá.

Mas então ele piscou, e o andarilho das profundezas se aproximou. Ela era grande e, portanto, devia ser uma fêmea. Facilmente do mesmo

tamanho que ele. Sua cauda parecia se estender para sempre. Ela a arrastava atrás de si, como se fosse pesada demais para ela. Nada incomum em fêmeas daquele tamanho, mas ele queria gritar e avisá-la que as fontes termais ali eram mais quentes do que a maioria.

Até que ela chegou perto o suficiente para que ele pudesse ver sua coloração.

Branco, ele percebeu. Branco como a barriga de uma baleia ou como as feras pálidas que caçavam nas profundezas. Branco como uma pérola, e ele sabia agora que não era qualquer andarilho das profundezas que o havia encontrado.

— Esposa — sussurrou ele, a palavra entrecortada ao escapar de seus lábios. — Por que você veio?

O fantasma do seu ente querido flutuava cada vez mais perto. E ele olhou com voracidade.

Fortis era um homem faminto enquanto a observava. Aquela mulher que conquistara seu coração desde o primeiro momento em que a vira. Agora, ela estava bem diante dele novamente, e seu espírito nunca o visitara. Nem uma vez. Nem mesmo quando vira tantas pessoas que já haviam falecido. A alma de sua esposa nunca o encontrara no mar.

Ela ainda era tão linda. As barbatanas ao redor do rosto eram pequenas e delicadas, ao mesmo tempo em que acentuavam as maçãs do rosto pronunciadas e os ângulos acentuados do maxilar. Pequenas manchas pontilhavam suas bochechas e se espalhavam até o peito, onde havia linhas em forma de estrela que se espalhavam por todas as costelas.

— Você é tão linda quanto eu me lembrava — ele grasnou, permanecendo imóvel como se um único movimento pudesse bani-la de sua vista.

— Você nunca me achou linda — ela respondeu, sua voz levada até ele pelas correntes. — Você me achava robusta, forte, e poderosa. Essas

são as coisas que você amava em mim, Fortis.

As palavras dela o destruíram. Sua esposa. Sua linda e maravilhosa esposa.

— Astrum. Você sabe que eu pensava mais em você do que isso. — Ele estendeu as mãos, sentindo os dedos passarem direto pela imagem dela. Como ele teria dado qualquer coisa para tocá-la. — Sinto sua falta — sussurrou.

— Não, você não sente.

— Como você pode dizer isso? Todos os dias eu nado em seu rastro, avançando em sua direção na esperança de que, em breve, eu me junte a você na vida após a morte.

— Oh, meu doce amor. Não quero que você se lance em minha direção. Que final terrível para a nossa história seria. — Astrum nadou ao redor dele, sua cauda tão longa que conseguiu enrolá-lo em um círculo gigante duas vezes antes de parar com ele enredado em seu espírito. — Você permanece aqui por um motivo, Fortis.

— Eu me lembro da sua profecia.

— Você se lembra da sua morte. Você tem perseguido o fim por todos esses anos e se esqueceu de viver. — A mão dela se estendeu para ele, mal tocando sua bochecha, e ele jurou que ainda conseguia sentir seu toque frio. — Eu te libertei todos esses anos atrás, meu amor.

— Não há vida sem você. — Mesmo aos seus ouvidos, as palavras soaram entrecortadas. — Criei nosso filho como você desejaria. Aulax é capaz e sábio. Ele é um dos poucos andarilhos das profundezas que enxerga através de uma pessoa e nas profundezas da alma. Ele está mais do que pronto para ficar aqui sozinho sem mim.

Astrum encolheu os ombros.

— Meu querido. Eu nunca quis que nenhum de vocês sofresse por minha falta.

— Como não poderíamos? Você foi a luz em nossa vida. O farol que

nos guiou à segurança e à felicidade. Sem você... — Ele olhou para as palmas das mãos vazias e cerrou os punhos como se pudesse captar ao menos um pouquinho do que eles um dia foram. — Não há nada sem você, meu amor.

— Você passou todos esses anos desde a minha morte procurando por algo no mar que lhe trouxesse paz. — Astrum pousou as mãos frias sobre o peito dele e ele jurou que podia sentir o toque dela. — Mas o que você procura está aqui dentro, Fortis. O mar vem te lembrando disso há anos a fio e você ignorou a mensagem dela deliberadamente.

— Eu não ignoro nada. De todos os andarilhos das profundezas, sou o mais próximo do mar e de todas as suas mensagens. Eu escuto. Eu aprendo. Eu busco as respostas que nenhum outro buscará. — Ele olhou para ela, desamparado. — O que eu perdi?

— Tudo — ela respondeu. E então sua forma começou a desaparecer. — Você perdeu tudo da profecia, do que o mar quer, até mesmo o que eu quero, querido marido.

— O que você quer então?

O desespero em sua voz era doloroso. Ele não queria que ela fosse embora. Ainda não. Não quando ele acabara de preencher sua alma com a visão dela e cada lembrança que lhe trouxera tanta paz.

Mas ela já estava partindo. Até ele sabia que os espíritos do mar não tinham permissão para ficar por muito tempo. Não quando havia tanto para cuidar. Eles eram os guardiões do oceano, aqueles que guiavam todos os vivos através das correntes e para longe do perigo. Ela era mais importante agora do que quando estava viva.

Um pequeno sorriso cruzou o rosto dela, e ele se lembrou de que fora nessa época que a achara mais adorável.

— Eu queria que você vivesse, Fortis. Receio que você esteja meio morto desde que eu parti, só esperando o momento em que poderia ir embora.

— Sim — sussurrou ele, reverente. — É exatamente isso que eu tenho feito. Queria honrar sua memória.

— Então viva, marido. Viva até o fim da minha profecia e você entenderá por que ela é tão importante.

Ele estendeu a mão para ela, suas garras desaparecendo através da imagem restante de sua cauda, mas queria um último momento. Um último segundo para segurá-la em seus braços e contar-lhe tudo de bom que acontecera desde que ela partira. Cada momento de orgulho que tivera como pai. Quando Aulax matara seu primeiro peixe e parecia tão orgulhoso de si mesmo segurando a criatura morta havia tanto tempo. Queria contar a ela sobre a primeira vez que seu filho nadou sozinho, e como ele fora gracioso para alguém tão jovem. Como seu filho fora um dos poucos a sobreviver aos achromos e à tortura.

Havia muito do que se orgulhar, e sua esposa merecia saber que ser incrível seu filho havia se tornado.

Mas ela se foi, e agora só restava ele. Permanecendo nas fontes de enxofre, onde havia poucas respostas e apenas mais perguntas.

Ele suspirou, preparando-se para partir. Sacudindo a cauda, tentou entender por que o mar havia enviado sua esposa. Seria porque o mar queria que ele se lembrasse por que estava fazendo o que estava fazendo? Ele se lembrava. Sua família e seus... amigos precisavam dele.

Uma risada baixa ecoou pelas aberturas. Literalmente pelas aberturas. Era como se as profundezas do mar ressoassem com o som, ecoando com aquela voz ancestral que o chamara para as profundezas do abismo não muito tempo atrás.

— Você não é muito bom em ouvir — retumbou aquela voz divina. As fontes de água borbulhavam com a força daquela voz. Bolhas gigantes de lava irromperam de dentro delas, perturbando o enxofre e enviando mais dele em cascata em sua direção até que ele expeliu tudo pelas guelras, pois era demais, mesmo para um andarilho das

profundezas.

Estaria ele alucinando? O fundo do mar não conseguia *falar*.

— Eu escuto bem — disse ele. — Eu ouço *você*.

— Como deve ser. Mas você fala com os mortos e não escuta. Que interessante andarilho das profundezas você é, Fortis. Estou adorando acompanhar sua jornada.

Os espinhos ao longo de suas costas e braços se arrepiaram.

— Quem é você?

— Eu não te contei naquela época e não te contarei agora.

— Por que você está se escondendo? Você estava naquele túmulo, não é?

— Estou em todo lugar e em lugar nenhum. Sou parte do mar e parte da terra. Estou além da sua compreensão.

Quem era aquela voz? Fortis já havia falado com os antigos antes, mas aquela era diferente. A criatura não soava como aqueles gigantes que permaneciam nas profundezas.

Suas entranhas se contorceram de medo. Ele não se sentia assim há muitos anos. Medo não era algo que um andarilho das profundezas sentia com frequência no mar, e mesmo quando descobriu que seu filho havia sido capturado por aqueles em Alfa, tudo o que sentiu foi raiva. Era raro Fortis perder o controle assim.

Mas a criatura que agora falava com ele era diferente de tudo que ele já havia conhecido.

— Ah, Fortis — riu a voz. Algumas bolhas de lava estouraram com a risada, lançando pedaços derretidos e fumegantes no mar. — Você pensa demais. Consigo sentir esses pensamentos ecoando na sua cabeça. Não vou pedir muita coisa.

— O que você vai me pedir para fazer?

— Essa sua cabeça dura está atrapalhando meu plano. Preciso que você tire a mulher do submarino. Examine a mente dela novamente. Tem

que haver alguma informação que leve você e seu povo para dentro de Tau.

— Não quero forçá-la. — Ele odiava que fosse verdade. Até mesmo dizer essas palavras parecia uma traição à esposa, que acabara de estar bem na sua frente. — Se ela tiver informações para compartilhar comigo, então eu gostaria que ela me contasse por sua própria vontade.

Era o mínimo que ele podia fazer. Depois de tudo o que Alexia havia compartilhado, e depois de tudo o que ele próprio presenciara, ele não queria forçá-la. Não quando ainda havia uma chance de ela fazer a escolha certa.

Um zumbido baixo ecoou pela água, e a lava parou.

— Você acredita que pode conquistá-la?

— Eu acredito.

— Você acredita que ela escolherá nos ajudar.

Ele hesitou apenas um breve momento antes de suspirar:

— Sim.

Outro zumbido baixo.

— Se for assim, então você precisa fazer isso mais rápido do que está fazendo agora. Ela disse que nunca viu gentileza, Fortis. Mostre gentileza a ela.

Que ideia terrível. Ela era uma guerreira, uma criatura que só reagia à violência e à luta. Ela não se importaria se ele fosse gentil. Mas quanto mais pensava nisso, mais pensava que talvez aquela voz estranha e desconhecida estivesse certa. Talvez Alexia precisasse mesmo ver um lado diferente dele.

DEZESSETE

Fortis

Que tolo Fortis era por acreditar em uma voz submarina que não tinha absolutamente nenhum motivo para ajudá-lo. Ele nem sabia quem era a voz suspeita, mas isso era um medo para outro dia. Agora, ele tinha um plano.

Um plano que a ajudaria a se abrir para ele. Porque a voz estava certa. Ela nunca vira gentileza, nem de ninguém em sua vida. Se ele pudesse lhe mostrar isso, ou talvez convencê-la de que a gentileza valia a pena, então ele poderia empurrá-la na direção certa. Um empurrãozinho. Era tudo o que ela precisava.

Fortis sentia que ela estava perto de ajudá-los. Ela queria fazer algo de bom em sua vida e, se ele a convencesse do que "bom" significava, melhor ainda. Talvez ainda fosse manipulação, mas pelo menos era manipulação para melhor.

Nadando até o submarino, ele ficou satisfeito ao ver que ela ainda estava economizando energia. Ela não ia desperdiçar o que ele lhe dera. As luzes ainda não estavam acesas, e embora ela tivesse... com o calor ligado, parecia que ela nem sequer havia tentado consertar a função que lhe permitiria enviar mensagens de volta para Tau.

Todos esses eram bons sinais.

Ela estava sentada na cadeira do piloto novamente, olhando para o mar. Fazia isso com frequência. A princípio, ele pensou que fosse para desafiar o próprio medo dela. Ele sentira o cheiro nas poucas vezes em que ela estivera na água. Sua pequena *virago* não era tão boa em esconder isso quanto ela pensava.

Ele congelou fora do alcance da visão dela. Ela não era *dele*,

corrigiu-se. Ela havia conquistado o título, mas isso não significava que ele tivesse qualquer direito sobre ela.

Os malditos campos de enxofre não haviam ajudado em sua linha de raciocínio irracional. E ele também não tinha tanta certeza de que levá-la para onde queria a ajudaria.

— Idiota — murmurou ele, balançando a cabeça. — Isso pode ser uma má ideia.

Mas ele se sentia compelido a fazê-la se abrir com ele. Sabia que havia uma chance de que o que ele faria os aproximasse, mas também queria que ela se aproximasse dele. Precisava que ela visse que havia um motivo para ajudar seu povo.

Fortis estava tão cansado de forçar os outros a fazerem o que era certo. Pela primeira vez, ele só queria que alguém fizesse a escolha certa porque era o que queria fazer. Sem profecias. Sem olhar para o futuro. Apenas pessoas fazendo o que devem para o bem do mar.

Ele iluminou todas as partes bioluminescentes do seu corpo. Cada uma delas cintilava da ponta da cauda até a barriga, onde pontos se espalhavam por suas costelas em um amarelo brilhante e vibrante. Os olhos dela se moveram em sua direção, mas essa foi a única parte dela que se moveu.

Isso era um bom sinal? Ou não?

Ele sabia que mentes achromáticas eram muito frágeis. Temia que mantê-la sozinha por tanto tempo pudesse destruí-la.

— Alexia — disse ele enquanto nadava perto da janela. — Vista sua roupa de mergulho.

— Por que?

— Simplesmente faça isso sem discutir.

— Você não vai me levar para casa — ela respondeu com um bufo. — Então por que não fica aqui mais um tempinho e apodrece?

Então ela estava olhando para o abismo há tempo demais. Ele já

tinha visto isso acontecer com outras pessoas antes. Havia algo no abismo que permanecia na mente das pessoas, como os espinhos de um peixe malicioso. Era difícil rastejar para fora dali.

— Roupa de mergulho. Agora, *virago*.

Ela o encarou, mas pelo menos se levantou e foi para a parte de trás do submarino. Felizmente, ela havia aberto tudo. Então ele não a veria se despir, embora uma parte dele sussurrasse que ele deveria olhar. Bastaria que ele rastejasse até o topo e estaria no ângulo certo para ver aquelas pernas longas novamente, e aqueles glúteos que...

Não. Ele tinha mais controle do que isso.

Fortis alisou as mãos pelas laterais do corpo, ajeitando as nadadeiras na altura dos quadris. Elas não estavam se agitando. Elas o mantinham imóvel, e se fosse qualquer outra coisa, ele mesmo as cortaria.

Pelo menos ela resolveu rápido. Alexia apareceu mais uma vez com a roupa de mergulho e a máscara facial nas mãos.

— Presumo que vou precisar disso?

— Sim.

— Por que sinto como se você estivesse me levando a algum lugar para me matar? — ela murmurou.

Ele não tinha certeza se ela queria que ele ouvisse aquela parte, mas isso inflou seu orgulho. Era a primeira vez que a guerreira diante dele admitia que ele era mais forte do que ela.

Droga, isso não deveria ser tão bom.

Ele sabia que era perigoso ter esses pensamentos. Mas o espírito de sua esposa lhe dissera para viver. A única razão pela qual ele conseguia pensar nisso era que ela sabia que o fim estava próximo. Ele estava com a pessoa que iria matá-lo e, por alguma estranha razão, isso o fazia querer viver.

Alexia o encarou através do vidro, sem saber o que se passava em

sua cabeça ou os pensamentos alarmantes que fervilhavam em sua mente. Embora o olhasse de forma estranha quando ele não falava.

— E então? — ela perguntou. — Presumo que você queira que eu entre na água?

Ele limpou as guelras com uma rápida expulsão de ar.

— Sim. Sim, eu quero. Vou te levar para algum lugar para você se afastar do submarino por um tempo.

— Graças a Deus — murmurou ela, antes de se virar e apertar o botão para abrir a área do andar por onde poderia escapar. — Não que eu esteja feliz com isso, veja bem. Mas vai ser bom sair deste espaço apertado.

Ele esperou até que ela saísse de debaixo do submarino e entrasse em mar aberto. Aquilo era diferente. De alguma forma, vê-la sem armadura ou armas dava a impressão de que estavam embarcando em uma aventura juntos, em vez de lutar como sempre. Isso fez algo se contorcer dentro dele.

Não, pensou consigo mesmo. *Você não vai reagir assim. Ela não é sua. Você acabou de ver o espírito da sua esposa, com quem você anseia há anos. Seu corpo está apenas reagindo aos impulsos de acasalamento que estão... estão...*

Primitivo. Cru. Dolorido.

Ela nadou em sua direção com nadadeiras estranhas presas aos pés, e ele se maravilhou com a suavidade com que ela se movia na água. Sua roupa de mergulho era negra como a noite, completamente diferente da de sua esposa, que já era tão pálida em vida. O cabelo de Alexia era preto também, desaparecendo do rosto dela a cada movimento e então ondulando diante de seus olhos quando ela parava diante dele.

— E então? — ela perguntou, com a voz abafada pelo dispositivo sobre seu rosto que lhe permitia respirar.

Ele não conseguia falar. Não com pensamentos como esses dançando em sua mente traiçoeira. Ele estendeu os braços para ela, mas

ele os estendeu um pouco rápido demais enquanto a puxava para perto de si.

As mãos dela bateram no peito dele com tanta força que ele sentiu o ar escapar pelas guelras. Ela não o deixaria movê-la dessa forma, mas então fez algo que ele não esperava.

Ela envolveu aquelas pernas longas em volta da cintura dele. A sensação delas era tão intrigante quanto estranha. Duas delas se enroscavam rigidamente em seu corpo, mas o seguravam com uma força surpreendente. A mesma posição em que estavam quando ela enfiou rebites em suas nadadeiras.

Por um momento, ambos se encararam. Os olhos dela se estreitaram em desconfiança, e ele provavelmente a encarava com os olhos arregalados porque nunca imaginara que se sentiria assim. Nenhum outro achromo o havia tocado. Não assim, pelo menos. E senti-la contra ele, tão quente mesmo através da roupa de mergulho, era... era...

As mãos dela se ergueram e ele a deixou tocá-lo. Os dedos dela acariciaram as guelras ao longo do rosto dele, leves como penas, mas ainda calejados por anos de luta. Ele precisou de todas as suas forças para não revirar os olhos de satisfação.

— São tão lindas — murmurou ela, o toque muito mais íntimo do que ela imaginava. — É estranho que você tenha guelras tão delicadas sendo tão brutal.

Ele não tinha palavras. Apenas o prazer que lhe doía até os ossos enquanto ela continuava a tocar as bordas sensíveis de suas guelras. Ele queria morder os dedos dela e depois puxá-la para mais perto para poder se enterrar em seu calor.

Por que ela estava tão quente? Por que ele a deixava tocá-lo quando sabia o quão arriscado isso era? Ela não deveria ter permissão para tocá-lo. Não assim. Ele deveria jogá-la para longe dele, mas, pelos deuses, era tão bom ter alguém o tocando.

De repente, ele se lembrou de que fazia muito tempo que não era tocado. Claro, ele havia abraçado o filho e feito questão de que Aulax soubesse o quanto ele significava para ele, mas era só isso. Há quanto tempo ele não deixava outra pessoa tocá-lo com gentileza e ternura?

Anos. Quase vinte anos, se ele parasse para pensar. E era tão bom.

Ele era um tolo por cogitar isso. E, no entanto, seu braço a envolveu com um pouco mais de força enquanto ele balançava o rabo e eles partiram. Ela se apoiou no peito dele, segurando-se enquanto nadavam pela água.

Alexia achava que era rápida com aquelas botas? Ela era tudo menos isso. Esta achromo iria descobrir o quão rápido seu povo era, mesmo que fosse só para entretê-la. Ele sabia que ela gostava de viajar rápido. A maneira como pilotara aquele submarino revelava isso. A mulher gostava de correr riscos.

Como ele esperava, ela inclinou a cabeça para trás e deixou a água escorrer por suas feições. Não havia mais cheiro de medo. Apenas puro prazer com a água correndo por ela.

Eles dispararam através das correntes, e ela não tinha como saber que ele a estava levando em direção à superfície. Não até o fim, é claro. Tau estava no coração de onde muitas das tempestades se formavam. Havia tantos furacões naquela parte do mar que era mortal estar na superfície. Mas ele queria ir para algum lugar onde pudesse potencialmente convocar seu filho.

Aulax saberia que seu pai estava por perto. Havia muita coisa que ele queria contar ao filho, para que os outros soubessem que precisavam se preparar. Estavam tão perto de colocar Tau sob seu controle, e ele não perderia tempo cortejando essa mulher. Mas tentaria trazê-la para o lado deles.

Era complicado. Seus sentimentos eram difíceis de analisar, mas Aulax não lhe perguntava nada que ele não quisesse responder.

Logo, eles atingiram a temperatura ideal da água para as criaturas que ele procurava. Nesta época do ano, o oceano dava um espetáculo, e ele queria que ela visse.

O primeiro sinal foi o brilho da água. Logo, ele pôde ver o rosto dela sem a luz do próprio corpo iluminando suas feições. Suas pupilas ainda estavam dilatadas, ainda não acostumadas à luz mais forte. Agora ele podia ver seus olhos. Nas poucas vezes em que os vira antes, tivera tanta certeza de que havia ouro neles. E ele estava certo. Lindos fios de ouro que eram tão adoráveis.

Porra, ele estava tendo os pensamentos errados de novo. Não poderia. Não com ela. Não com nenhuma achromo.

Em vez de encarar aqueles olhos adoráveis, ele a virou de modo que suas costas ficassem pressionadas contra seu peito. Ele ergueu a mão, apontando para que ela observasse todas as partículas brilhantes ao redor deles.

— Vê isso?

Sua boca se abriu dentro da máscara. Como ela ficaria na água sem ela? Ele já conseguia ver as linhas vermelhas em sua pele ao redor do plástico. Doía seu rosto usar tal coisa, e ainda assim, ela tinha que usá-la quando estava na água.

Ele conseguia alcançar a longa extensão do próprio cabelo e prender um tentáculo no pescoço dela. Podia *respirar* por ela, embora não tivesse ideia do que ela faria se ele furasse a lateral de sua garganta e depois arrancasse a máscara de seu rosto. Ela perderia a razão. Tentaria lutar contra ele novamente, e ele odiava o quanto queria que ela fizesse isso.

Ele gostava quando ela se debatia em seus braços, mas estava descobrindo que isso também não era tão ruim. Flácida e confiante, ela encostou-se no peito e olhou para as partículas prateadas flutuando ao redor deles.

— Uma vez, Harlow me levou para uma sala proibida para todos, exceto os Originais — disse Alexia baixinho enquanto estendia a mão para tocar uma das luzes prateadas. — Ela disse que costumava ser chamado de observatório, antes de todos eles virem para o fundo do mar. Entramos em uma sala e o teto inteiro estava cheio de luzes brilhantes como estas. Ela as chamou de estrelas. Eu nem sabia que algo assim poderia existir.

— Eu já vi as de verdade. — Partia-lhe o coração que ela não soubesse disso. Que tipo de vida ela levava sem saber que existiam estrelas? — Ainda há noites em que o céu não está tão bravo. Você também poderia vê-las, se ficasse comigo.

Ela se acalmou ao ouvir aquelas palavras.

— Ficar com você?

Merda. Essa não era a maneira certa de dizer. Ela não ficaria com *ele*, só ia deixar Tau.

— Se você quiser ficar com os outros achromos trabalhando conosco, claro. Você não precisa. Beta é um lugar perfeitamente adequado para se viver. Embora um pouco apertado agora.

— Desde que Alfa foi destruída.

— Correto.

Ele engoliu em seco, tentando desfazer o nó na garganta causado pelo erro.

— Certo, vamos em frente.

— Para onde estamos indo?

— Em algum lugar lindo, *virago*. Você disse que não tinha bondade nem beleza na vida.

E todo mundo merecia isso. Até uma achromo como ela.

DEZOITO

ALEXIA

Pequenas faíscas preencheram sua visão em números impressionantes. Ela nunca imaginara ver o oceano daquele jeito antes. Tudo o que sabia era o que cercava Tau, e havia muito pouco lá. Apenas as poucas plantas que cresciam nos limites da cidade e, claro, a pequena parte do falso oceano de Harlow.

Enquanto Fortis a conduzia através das luzes brilhantes, ela pegou uma delas nas mãos e olhou para o pequeno brilho.

— Harlow tinha um espaço ao lado do quarto. Ela gostava de preenchê-lo com todos os tipos de criaturas.

Ele se retesou nas costas dela, todos os músculos do peito endurecendo.

— Eu as vi. As criaturas que ela tem naquela jaula não sobreviverão por muito tempo. Elas não foram feitas para ficar presas tão fundo.

Ela sabia disso. Ela tinha visto os golfinhos definharem e morrerem, mesmo tendo acesso a ar e comida. Algo neles simplesmente desistiu. Ela supôs, de certa forma, que ela mesma havia feito o mesmo. Afinal, havia um limite para o que ela conseguiria sobreviver antes que simplesmente não valesse mais a pena. Uma parte dela queria lutar, contudo, e assim ela não passara de uma ferramenta para Harlow usar. Pelo menos, até Alexia experimentar um pouco da liberdade.

Mordendo os lábios, ela assentiu. Nenhuma resposta era adequada. Aquelas criaturas não mereciam o destino que lhes foi imposto, e não mereciam sofrer só porque Harlow gostava de coisas bonitas.

Então Fortis rolou com ela até que as costas dela estivessem pressionadas contra o peito dele e parecesse que ela estava deitada em

cima dele. Por um momento, ela se debateu. Aquilo parecia íntimo demais, e ela gostou um pouco demais. Mas ele agarrou a testa dela e a forçou a olhar para cima.

Ela ficou de boca aberta.

Centenas de águas-vivas flutuavam acima deles. Tantas que ela nem conseguia adivinhar o número exato. Todas brilhavam em um azul intenso sob a luz, flutuando na água em uma corrente que mal as agitava. Nenhum tentáculo flutuava abaixo delas, ou pelo menos, não muitos que ela pudesse ver. Eram pequenas bolas macias que pareciam quicar umas nas outras, batendo e balançando nas ondas enquanto tentavam se acomodar.

— São lindas — disse ela. Esforçou-se para ficar parada enquanto uma delas se aproximava. Agora, ela conseguia ver que não era apenas uma bola de luz brilhante. Havia padrões dentro dela. As bordas externas refletiam a luz, dando-lhe uma estranha aparência de bolha. O interior também tinha um pequeno brilho em forma de flor. Cinco círculos concêntricos, todos sobrepostos, parecendo pétalas.

A parte externa da água-viva ondulou na água e então bateu em seu peito. Ela congelou, temendo que a criatura pudesse picá-la, mesmo usando uma roupa de mergulho.

— Fortis? — perguntou ela, sentindo os nervos formigarem. — Isso vai me machucar?

Ele riu baixinho e se inclinou para a frente. As guelras na lateral do pescoço dele roçaram no topo da cabeça dela, e ela jurou que conseguia senti-lo inalando em seus cabelos.

— Nervosa, *virago*?

— Não quero ser picada.

— Elas não vão te picar. Não são o tipo de água-viva que faz mal, embora eu ache interessante você acreditar que eu te levaria para algum lugar onde você se machucaria.

Ela pigarreou. Talvez ele estivesse certo. Não havia motivo para desconfiar dele naquele momento, e eles estavam trabalhando nisso, não é? Ele queria que ela confiasse mais nele, e ela...

Durante toda a sua vida, Alexia ouvira que não devia confiar em ninguém. Ela era um pilar de confiança, às vezes beirando a arrogância, porque era para isso que fora treinada. Não se apoiava em ninguém. Não confiava em ninguém. Não falava com ninguém sobre seus sentimentos ou medos.

Alexia era uma mulher faminta, e ele lhe ofereceu uma recompensa difícil de negar.

Tirando a luva da roupa de mergulho, ela passou os dedos sobre a bolha da água-viva. Era macia, exatamente como ela imaginara. Mas também elástica. Havia uma tensão nela que não fazia muito sentido. Como se a própria água-viva estivesse coberta por uma fina camada, bastante espessa e resistente.

— Estranho — ela sussurrou, antes de empurrar o pequeno animal de volta para todos os outros que flutuavam na água. — Não imaginei que seria assim.

— Você quer sentir o resto?

Sim.

Não.

Ela não deveria. Isso só a encorajaria a descobrir coisas novas para vivenciar. Alexia tinha tanto medo que ele eventualmente a mandasse de volta para Tau. Preenchendo sua mente com momentos como este só faria parecer que ela poderia ficar ali. Como se houvesse uma chance de ela não precisar voltar a sentir tanto frio.

— Você está com medo? — ele murmurou, aquela voz profunda ecoando pela espinha dela e sacudindo todo o seu corpo.

— Não, não tenho medo.

Mas ela estava. Ela estava apavorada. Não da água-viva, mas do

que aquele momento eventualmente faria com ela.

Fortis a segurou frouxamente enquanto os fazia nadar através das águas-vivas. O braço em volta da cintura dela não era mais uma prisão, mas sim um guia enquanto ele nadava com ela para o meio de todas aquelas águas-vivas. Seu coração batia forte no peito, embora ela não entendesse por quê. As águas-vivas não a machucariam. Não era medo, era...

— Posso sentir seu coração contra minha mão. — Os dedos dele deslizaram logo abaixo do seio dela e, por um momento, algo mais passou pela mente dela.

Ela queria que ele a envolvesse. Queria se arquear contra aqueles dedos palmados, sentir o poder da mão dele enquanto ele a tocava, massageava seu seio, movia aquelas garras perigosas sobre as pontas endurecidas. Mesmo na água fria, fazia todo o seu corpo arder de calor.

— É excitação que você está sentindo. — A voz grave dele fez sua mente girar. Ela adorava a vibração do som que fazia seu corpo inteiro formigar com uma emoção que ela não conseguia nomear. — Eu consigo sentir o cheiro de cada uma das suas emoções quando você está na água. Achromos sempre projetam como eles se sentem. Seu medo é acre e cortante, mas isso é caloroso e acolhedor. Você quer procurá-las. Você quer tocá-las.

Ela queria que ele a tocasse. Não era algo de que se orgulhasse, mas era a verdade. As mãos dele estavam tão perto de onde ela o queria. A outra mão estava em seu quadril, um calor branco e ardente que ela queria deslizar para baixo, entre as coxas.

Alexia só vira sexo envolvendo outras pessoas. Harlow e seus muitos parceiros ainda precisavam ser protegidos, especialmente em momentos de paixão, quando estavam completamente fracos. Alexia fora treinada para ser passiva em todos os momentos. Mantinha os olhos nas paredes, ignorando os sons que faziam e os estalos molhados da carne.

Mas ela nunca tivera permissão para se entregar a tais coisas. Francamente, ela nunca quisera.

A medicação que lhe deram tornou tudo tão monótono. Sexo nunca fora intrigante. Até agora. Até que todo o seu corpo pareceu ganhar vida de uma só vez e uma pressão entre as coxas se tornou difícil de ignorar.

E então, mortificantemente, ele respirou fundo.

A mão dele afrouxou o aperto em seu quadril e depois apertou com tanta força que ela jurou ter sentido o osso estalar.

— Mas isso — murmurou ele, com as palavras lentas e arrastadas. — Isso eu não reconheço.

Porra. Ele conseguia sentir o cheiro da excitação dela?

Aquela era a coisa mais constrangedora que já lhe acontecera. Não só porque ele sabia que ela estava excitada, mas porque um ondino a fazia se sentir assim. De todas as vezes em que ela poderia ter se interessado por um parceiro sexual, agora seria a escolha que seu corpo faria? Com um monstro enorme e com barbatanas que a levou para ver águas-vivas?

Ela se livrou dos braços dele e, desta vez, ele a soltou. Ela não olhou para trás para ver a expressão dele, porque não queria saber se ele havia percebido. E se ele percebesse que ela o queria? Que o cheiro que ele estava sentindo era...

Não, era constrangedor demais até para pensar. Com as bochechas queimando, ela nadou para longe dele, em meio às centenas de águas-vivas que batiam contra suas laterais. De alguma forma, isso ajudou. A água fria que gelava seu corpo a acalmava. A textura elástica das pequenas criaturas ao seu redor era uma diferença gritante em relação aos pensamentos acalorados em sua mente.

Ela respirou fundo algumas vezes, tentando fazer com que seu coração parasse de bater forte no peito. Ele dissera que aquilo era excitação, e ela definitivamente entendia isso agora.

Aquelas sensações em seu corpo eram tão estranhas. Quase avassaladoras. Ela nunca tinha pensado em alguém assim antes.

Soltando mais algumas respirações, ela se aninhou na água e então se virou para ele. Mas Fortis havia sumido. O espaço onde ela o havia deixado era óbvio. Havia menos águas-vivas naquela área, embora muitas já estivessem se fechando no espaço que ele havia deixado para trás.

Mas onde...

Uma mão com garras percorreu sua espinha. As pontas não chegaram a atravessar a roupa de mergulho, mas ela conseguia senti-las. Pontas geladas que faziam todos os pelos do seu corpo se arrepiarem, e não de um jeito ruim.

— Que cheiro é esse, *virago*? Nunca senti um cheiro desse em um da sua espécie antes. — Sua voz era um rosnado baixo e dolorido.

— Não sei do que você está falando.

— Acho que sabe sim. — Ele a circulou, a cauda se enrolando em volta dela até que ela estivesse cercada por ele. A visão de todas aquelas águas-vivas desapareceu quando ele a envolveu.

Ela observou enquanto as guelras dele se alargavam e ele sugava mais água através delas. Brânquias finas se agitavam como se ele estivesse literalmente esfregando o cheiro dela nelas, e então se destacavam em todos os ângulos. Até as barbatanas ao longo do rosto e dos quadris dele se abriram, agitando na água com tanta força que quase parecia que bolhas de ar estavam sendo criadas ao redor delas.

Ela não tinha ideia do que estava acontecendo com ele, mas estava perdida naquele olhar escuro.

— Virago — ele rosnou.

Não havia como discutir com um homem assim, não quando ela podia ver que ele havia perdido o controle. Ele era um animal na melhor das hipóteses, uma fera na pior. Algo no cheiro de sua excitação o

enfureceu. Ou talvez tivesse apenas afrouxado algo bem no fundo do seu peito, de modo que agora ele era uma fera desequilibrada.

Ela engoliu em seco.

— Não vou te contar, Fortis.

Um som retumbou nas profundezas do seu peito. E, porra, ele era tão grande. Maior do que ela se lembrava agora que a cauda dele estava se apertando, enrolando-se em volta dela e pressionando todos os cantos do seu corpo.

Mas até isso era bom. A pressão da cauda dele, a textura das escamas deslizando contra a roupa de mergulho dela, até a estranha sensação dele se movendo contra as costas da mão nua dela. Tudo isso a fazia querer agarrá-lo. A fazia querer puxá-lo para mais perto, para ver como seria se ela simplesmente pressionasse os lábios contra o peito dele, ou se ele pressionasse os lábios em muitas outras partes do corpo dela, como ela vira tantos fazerem com Harlow.

Ele a puxou para mais perto, e aquelas guelras se agitaram ainda mais. Por um momento, olhando fixamente para os olhos negros dele, ela nem o viu mais. Estava acostumada com um ondino calmo, sereno, talvez até mesmo insensível às vezes, que a havia pressionado. Este não era aquele homem. Seus olhos negros estavam completa e totalmente vazios de reconhecimento.

À medida que a cauda dele se apertava ainda mais, ela logo se viu pressionada contra o peito dele. Então, as mãos dele se ergueram, curvando-se atrás dos ombros dela e segurando-a firmemente contra si. As luzes da água-viva brilhavam atrás dele, transformando seu rosto em uma sombra que a encarava com uma fome que a consumia.

Outro rosnado baixo, desta vez um aviso. Ela permaneceu congelada em seu abraço enquanto o rosto dele se aproximava cada vez mais do dela, as barbatanas nas laterais do rosto vibrando tão rápido que eram um borrão.

— Que cheiro é esse, *virago*? — ele perguntou novamente, embora sua voz fosse pouco mais que um monstro de pesadelo.

Isso não deveria excitá-la tanto quanto excitou. Ela sabia que não estava ajudando a situação, mas estava intensamente excitada naquele momento. Ela sempre foi a pessoa mais importante na sala. Mesmo entre os outros guardas, e também entre os homens que haviam sido geneticamente modificados, ela tinha a mesma altura. Nunca em sua vida se sentira pequena ou delicada, ou mesmo que alguém pudesse dominá-la.

Mas ela sentia todas essas coisas e muito mais agora.

Ela não conseguia soltar as mãos, mas conseguia se inclinar para a frente até que seus lábios quase roçassem nos dele através da fina membrana do seu aparelho respiratório. Ela conseguia sentir o calor do corpo dele e tinha certeza de que ele sentia o dela.

— Não vou te contar, Fortis. Agora se recomponha.

Outro rosnado.

— Pare. Logo, você vai voltar a si e vai ficar tão envergonhado, Fortis. Não quero saber como você se sente envergonhado. Por favor. — A última palavra quase uniu seus lábios.

Ela não conseguia parar de encará-lo até que ele inclinou a cabeça. E então sentiu um deslizar lento de algo quente, áspero e escorregadio por seu pescoço. Será que ele tinha acabado de...

Ao mesmo tempo em que ele gemia, ela se afastou o máximo que pôde. Ele a perseguiu com a boca, como se não quisesse deixá-la ir. Ainda não. Como se estivesse à caça do sabor que ainda não havia experimentado o suficiente.

Ela também queria isso. Alexia lambeu os lábios como se já sentisse o gosto dele, e aqueles olhos negros seguiram o movimento de sua língua com atenção absorta.

— Rosa — ele murmurou, como se a palavra fosse reverente de

alguma forma.

E então ela viu tudo se esvair. A loucura se infiltrou no mar e ele se acalmou. Com isso, veio o horror do que havia feito.

O rabo dele se afastou dela tão rápido que ela girou na água três vezes antes de se acomodar. Ela estava de costas para ele de novo, mas talvez fosse mais fácil para os dois. Depois do que quer que tenha sido... talvez os dois precisassem de um tempinho.

Um jato de água bateu em suas costas, como se ele tivesse limpado as guelras e estivesse se livrando do cheiro dela à força. Se é que era assim que ele sentia o cheiro de alguma coisa.

A ação a fez gelar. Seja lá o que tivesse acontecido, não fora por vontade dele. Talvez fosse alguma coisa estranha que os deixava um pouco selvagens quando sabiam que uma fêmea estava... interessada. Porra, isso era constrangedor.

Ela gesticulou para a frente, mesmo que ele não conseguisse ver seus braços.

— Vou só explorar.

— Eu não queria... Quer dizer... Não foi... — Outra explosão de água contra suas costas e, em seguida, um movimento rápido do rabo dele sob suas pernas. — Eu voltarei.

Ela tinha certeza de que sim. Caso contrário, ela se deixaria afundar no fundo do mar na esperança de esquecer que tudo aquilo tinha acontecido.

DEZENOVE

ALEXIA

Alexia ficou aliviada por ele ter voltado. Mas ela teve uma hora ou mais sozinha com as águas-vivas. No começo, tinha sido um pouco difícil se manter em pé e nadar com todas elas ao seu redor. Ela tinha tanto medo de chutar uma. Eram criaturas delicadas, e não importava o que ela fizesse, suas nadadeiras sempre acabavam batendo em uma delas.

Mas ela pegou o jeito. Elas eram tão pacientes com ela. Ou talvez fosse só a mente dela atribuindo emoções a elas. Afinal, eram águas-vivas. Ela nem tinha certeza se tinham cérebro. Pelo menos não um que ela pudesse ver.

Transparentes e sem rumo, elas flutuavam pelo oceano, confiando que as correntes as levariam aonde precisassem. Era uma vida pacífica, e ela as invejava por isso.

Alexia não conseguia nem imaginar como seria flutuar pela vida sem se preocupar com o que estava fazendo ou para onde estava indo.

Ela sentiu Fortis muito antes de vê-lo. Mesmo com a roupa de mergulho, os pelos dos braços se arrepiaram, como sempre acontecia quando alguém a observava. Ninguém mais a observaria no oceano. Era um lugar vasto e infinito, mais vazio do que cheio. Até que sua mente a lembrou de que havia, na verdade, muitas coisas com que se preocupar no mar.

Virando-se para a fonte do olhar, ela o viu logo além de todas as águas-vivas. Ele a encarava. Apenas observando enquanto ela flutuava entre as águas-vivas, permitindo que elas esbarrassem em seu corpo enquanto eram sacudidas pela água do mar.

Alexia se perguntou como seria sua aparência. Esperava que fosse

um momento etéreo para ele. Ver uma humana, significativamente maior do que qualquer outra de sua espécie, flutuando ali com as nadadeiras nos pés, fazendo-a parecer ainda mais alta. Seus cabelos poderiam estar espalhados acima dela, longos e graciosos, com as pontas levemente onduladas. Era a imagem que ela esperava que ele visse.

Na verdade, ela tinha certeza de que parecia um horror desgrenhado, com cabelos emaranhados que se agitavam diante do rosto, uma roupa de mergulho que mostrava cada uma de suas falhas e águas-vivas que batiam em seu rosto.

Com um suspiro, ela chutou as nadadeiras e foi até ele.

— Presumo que meu tempo no oceano acabou? — perguntou ela.

— Você só voltaria aqui se precisássemos voltar.

— Você já esteve fora tempo demais — ele concordou. — Precisamos voltar.

De volta à sua prisão. De volta aos aposentos apertados, à escuridão, ao tédio sem fim que lentamente lhe corroía a mente. Quase a fez implorar. Queria implorar para que ele não a levasse de volta para lá. Não agora que experimentara o gostinho da liberdade, e isso a assustava.

Suas guelras se agitaram.

— Medo?

Ela tentou fazer a emoção desaparecer, mas não conseguiu.

— Eu não quero voltar.

— É onde você está segura.

— Eu não consigo... — Ela respirou fundo. — É tão pequeno, Fortis. Tudo dentro daquele submarino é pequeno. Só há escuridão e silêncio sem fim. Fico sentada por horas a fio todos os dias, apenas observando o abismo. Minha mente está se fragmentando.

E ela estava apavorada. Com um medo danado de voltar para aquele quartinho com todas aquelas limitações, sem saber o que aconteceria com ela. E se ela não conseguisse parar de olhar para o

abismo? E se um dia ela simplesmente decidisse que já chega e pulasse no mar sem a máscara?

Ela já tinha pensado nisso. Mas estando ali, com todo aquele espaço vasto e infinito se desdobrando diante dela, ela conseguiu respirar novamente.

Alexia estava com medo até de se aproximar dele. Será que ele perderia a razão de novo? Ela não tinha certeza se queria lidar com aquilo de novo, pelo menos não sem entender o que havia causado a loucura de ambos.

Mas pelo menos ela sabia que ele a considerava uma pessoa agora, e não apenas um incômodo. Então, ela flutuou diante dele, chutando os pés, mesmo com as coxas cansadas.

— Tenho medo de voltar para lá. Não gosto de espaços apertados.

Algo em sua expressão se distorceu. Suas sobrancelhas se franziram um pouco mais, seus olhos se estreitaram e seus lábios se inclinaram um pouco para o lado. E ela pensou por um momento que ele lhe negaria isso. Ele claramente não queria lhe dar o que ela queria. Ele a colocaria de volta em sua gaiola, não importa o que isso pudesse fazer com sua mente.

— Não quero que você se assuste — ele resmungou. — É uma emoção incomum em você, e acho que não gosto do sabor dela.

— Então, por favor, não me leve de volta para o submarino.

— Não há nenhum outro lugar para onde eu possa levá-la.

Ela tentou pensar em algo, qualquer coisa, que pudesse estar naquela área. Tau tinha muitos esconderijos espalhados por todo o mar. Mas Alexia não sabia onde ficavam e, mesmo assim, ir a um esconderijo de Tau alertaria muitas pessoas sobre seu paradeiro.

Agora, ela não queria que soubessem onde ela estava. Ela havia decidido que faria a escolha certa para si mesma, e essa escolha era... esta. Ela queria descobrir onde isso ia dar, o que ela queria fazer e se ela

queria mesmo continuar a ter sentimentos, emoções e todas as outras coisas complicadas que estavam acontecendo com ela.

Alexia decidiu que queria saber como seria a vida se ela tomasse as decisões. E não outra pessoa.

Talvez fosse tolice. Talvez houvesse um plano melhor, e ainda assim... Naquele momento, era tudo o que ela queria.

Ela agitou os pés para nadar ainda mais perto de Fortis.

— Não importa para onde você me leve, mas não posso voltar para aquele lugar.

Ele estava claramente em guerra consigo mesmo. Ela podia ver os pensamentos passando pela mente dele: se ele não a levasse de volta para o submarino, ela não estaria mais contida.

Ela podia correr um risco. Um risco que poderia mudar todo o curso da sua vida. E talvez, só talvez, fosse isso que precisava acontecer.

— Se eu fosse te ajudar — ela começou, mas congelou quando todo o corpo dele reagiu às palavras.

Espinhos subiam e desciam por seus braços. Afiados e em posição de sentido, Alexia sabia que se ao menos roçasse o dedo na ponta de um deles, eles a fariam sangrar. Conforme ele se movia, ela conseguia ver o resto deles descendo por suas costas. Incontáveis espinhos que já haviam partido sua carne.

Engolindo em seco, ela continuou:

— Se eu fosse te ajudar, precisaria de mais provas do que as que você me deu.

— Você precisa de mais provas de que é um esforço digno ir contra todos que a drogaram e usaram para seus próprios desejos nefastos? — A expressão em seu rosto dizia que ele a achava louca.

Talvez ela estivesse.

— O que você enfrenta é o que definiu toda a minha vida. Tau não é a melhor das cidades, mas está no controle. Você me pede para ir contra

aqueles que detêm o poder simplesmente porque é a coisa certa a fazer. Mas não estou convencida de que a humanidade possa ser melhor. Não estou convencida de que haja outro caminho a seguir. — Ela levantou a mão quando ele ia interromper. — E não estou convencida de que me livrar de Tau vá resolver alguma coisa.

Na verdade, ela temia que isso arruinasse ainda mais suas cidades. Tudo era governado por Tau. A quantidade de comida distribuída, os medicamentos, a política. Todas as cidades até recorriam a Tau para tomar decisões. Sem isso, os humanos eram capazes de um grande caos. Precisavam de mão firme. Era isso que os Originais haviam encontrado séculos atrás, e nada na natureza humana havia mudado.

— Temos que tentar — disse Fortis. — O mar inteiro está em jogo. E eu sei que isso significa muito pouco para os ouvidos achromáticos, mas é o único lar que nos resta.

A verdade naquelas palavras soava verdadeira. Este era o único lugar para eles. Não poderiam viver acima da água e sem o mar... Todos morreriam. Isso acabaria em egoísmo humano. Milhares de pessoas escolhendo morrer em vez de admitir que poderiam estar erradas.

Sua garganta se apertou.

— Sinto muito medo ao tomar essa decisão, Fortis. Se eu te ajudar, se eu trair tudo o que já conheci, não há como voltar atrás. E essa escolha terá que ser feita com base nas informações que um único ondino me deu após semanas de tortura na escuridão e no frio do oceano, com a ameaça de morte rondando minha garganta.

Seus espinhos voltaram ao lugar.

— Você acredita que estou te coagindo a tomar essa decisão?

Ela não queria dizer isso dessa forma, mas...

— Acho que você fez o que acreditava ser certo. Você pegou alguém que tinha informações, que poderia te dar o que você queria, para que você pudesse salvar seu povo. Não posso dizer que, se eu

estivesse no seu lugar, não teria feito a mesma coisa.

— Mas você não pode fazer essa escolha e acreditar que ela é sua?

Tudo o que ela precisava fazer era olhar para trás, para a escuridão abaixo deles. As águas profundas, o abismo que escondia tanto da sua vista.

— Comecei a ver coisas na escuridão — sussurrou ela. — Coisas terríveis, horríveis, que tenho certeza de que eram apenas a minha mente evocando os meus maiores medos. Mas, se eu continuasse naquele submarino, acho que poderia ter começado a acreditar no que a minha mente me mostrava.

A verdade era bastante dolorosa de admitir. Ela estava apavorada com o que aconteceria se voltasse para aqueles aposentos apertados, constantemente preocupada com o calor, a comida e o estado do seu corpo. Ela nem deveria estar cansada naquele momento, mas estava. Semanas seguidas de seu corpo definhando fizeram com que até mesmo ficar chutando sozinha por tanto tempo a deixasse com a respiração ofegante.

Ela não queria que ele soubesse disso. Fraqueza era a única coisa que uma guarda como ela jamais deveria demonstrar. Ela foi geneticamente modificada para nunca ser fraca.

Mas ele percebeu, porque era tão bom em perceber tudo nela. Fortis estendeu a mão para a cintura dela, segurando-a com uma das mãos sob a axila como se ela não pesasse quase nada.

— Você precisa de mais provas — rosnou ele. — Então eu te darei mais provas, virago.

As mãos de Alexia estavam esmagadas entre eles, e suas palmas pressionavam rente aos músculos do peito dele. Respirando fundo, ela olhou para ele e viu que ele a encarava com uma expressão igualmente confusa.

Talvez nenhum dos dois soubesse o que fazer com as faíscas que se

formavam entre eles. Ela nem tinha percebido. Ou talvez fosse tudo coisa da sua cabeça, porque ela nunca havia se sentido assim antes.

Alexia justificou os sentimentos com esse pensamento. Ela nunca se sentira atraída por ninguém. A medicação que ela estava tomando... garantiu que ela não saberia como era o desejo sexual. Nem mesmo diante de horas e horas de uma orgia que parecia interminável. Tudo o que ela conseguia processar era que era bastante chato ficar parada ouvindo todos gemendo ao seu redor.

Fazia sentido que seu corpo tentasse recuperar o tempo perdido. Era uma pena que ele fosse a única pessoa ali por quem ela pudesse cobiçar. Talvez, se fosse outro dos guardas, faria mais sentido ela reagir daquela forma.

Mas ela tentou pensar nos outros guardas, que eram muito mais parecidos com ela em constituição física, enquanto se afastavam das águas-vivas, e ela simplesmente... não estava interessada. Ela se lembrava de seus músculos largos e volumosos e do suor que escorria entre seus abdomens. Mas seu corpo não reagiu aos pensamentos. Nem mesmo quando se lembrou de ter sido imobilizada por eles, com o peso das pernas de um homem de cada lado das suas e o rosto dele tão perto depois da luta livre.

Todos em Tau comentavam como os guardas homens eram incrivelmente atraentes. Os Originais haviam construído os homens dessa forma. Exemplos poderosos e perfeitos de proeza masculina.

Talvez ela estivesse pensando errado neles. Talvez precisasse pensar nos Originais, porque eram eles que serviam de modelo para todos. Eram seres centenários, e isso tinha que contar para alguma coisa.

Mas todos os Originais em que ela conseguia pensar não faziam seu corpo reagir como o de Fortis. Nenhum deles. Todos eram pequenos e fracos. Eram flácidos na barriga, ou simplesmente flácidos no geral. Ela não gostava do cabelo deles, do porte deles, nem das vozes. Tudo era

errado, não importava quantas vezes ela tentasse se encaixar em um pensamento romântico.

Fortis mudou a pegada no quadril dela, virando-a ligeiramente para que ela pudesse ver melhor a jornada deles, e tudo o que ela conseguia pensar era que as mãos dele eram tão grandes. As membranas entre os dedos dele eram... estranhas no começo, mas agora ela ignorava aqueles sinais e pensava apenas nas garras que arranhavam sua pele. E... Porra. Foi só isso que precisou, e todo o seu corpo se iluminou como uma fogueira.

Seu aperto tornou-se violento, mas se ele estava lutando contra o cheiro dela novamente, não disse. Em vez disso, apenas manteve a atenção à frente deles no oceano e avançou a uma velocidade impressionante.

Talvez se ela se concentrasse apenas no destino, todos esses sentimentos confusos desaparecessem. Afinal, ela não poderia se sentir *tão* atraída por um ondino.

Certo?

Pigarreando, ela perguntou: — Para onde estamos indo?

— Onde poucos da sua espécie já estiveram. Você queria uma prova de que isso vale a pena, virago, e eu estou te dando isso.

Prova. Certo. Ela poderia lidar com isso. Prova de que havia algo insidioso florescendo no fundo do coração de Tau. Talvez com essa prova, ela pudesse fazer sua escolha sem medo do que poderia acontecer.

VINTE
Fortis

Levá-la em qualquer lugar que comprovasse a profundidade da maldade de Tau era uma escolha tola. Fortis sabia disso. Talvez ainda houvesse pouca esperança para ela, mas ele vira o quanto ela lutara nas profundezas.

E, de certa forma, ele entendia a hesitação dela em fazer uma escolha depois de tudo o que ele a fizera passar. Ele simplesmente presumira que ela também gostaria de lutar contra aqueles que a haviam injustiçado. Agora que ela estava lúcida, era a escolha mais fácil de fazer.

Ele vira muitos de seu próprio povo viciados nos campos de enxofre nas profundezas do mar. Vira-os fazer escolhas questionáveis, na melhor das hipóteses, e completamente erradas, na pior. Tudo para poderem retornar àqueles campos e desaparecer da realidade por mais um tempo. Então, ele entendia a necessidade dela de ser tranquilizada de que queria aquilo, e não de que fora forçada pelas circunstâncias.

Mas ele estava ficando impaciente.

Ele atravessou o mar a toda velocidade, levando-a a um lugar que jurara a si mesmo jamais revelar a outra pessoa viva. Este fora o primeiro lugar que lhe mostrara o que os humanos realmente eram. Era a razão pela qual ele sabia que Tau existia. E agora ele iria compartilhar esse conhecimento com ela.

— Quando eu era jovem, viajei por grande parte do mar — começou ele. — Passei muitos anos explorando cada canto deste oceano que pude. Descobri muitas coisas em minhas viagens, mas a mais importante de todas era o nome da sua cidade, Tau. Eu sabia que ela existia, assim como muitos do meu povo, mas não tínhamos como

encontrá-la. Passei muito tempo procurando sua cidade escondida.

— Há sinais de nós? — Ela se contorceu nos braços dele, tentando olhar para o rosto dele, embora a velocidade dele dificultasse. — Não deveria haver nenhum.

— Talvez eles não estejam onde você acredita que estejam. — Ele balançou a cabeça. — Muitos anos foram perdidos tentando encontrar sua cidade. Mas fui eu quem encontrou o santuário que revelou toda a verdade do nosso mundo. A verdade de Tau.

— Um santuário?

As mãos dele apertaram o corpo dela, segurando-a um pouco mais perto. Ele se lembrou de ter encontrado aquele lugar e do medo que ele causara. Pela primeira vez, ele vira do que os achromos eram realmente capazes.

— Fortis? — perguntou Alexia, com a voz trêmula de emoção. — Para onde você está me levando?

Se ao menos ele pudesse contar a ela. Se ao menos ele conseguisse fazer as palavras saírem dos seus lábios, mas não conseguia. Falar mais daquele lugar era como lançar uma maldição no mundo.

Então ele se obrigou a ficar quieto e apenas mostrar a ela. Porque, eventualmente, ela veria com os próprios olhos.

Não demorou muito. Tau estava muito perto de onde havia encontrado o sítio arqueológico original, quase como se a própria cidade o tivesse provocado durante todos esses anos. Ele havia encontrado o primeiro segredo, o primeiro sinal de que havia mais do que apenas três cidades sob o mar, embora na época houvesse quatro.

Seu maior fracasso foi não ter encontrado Tau sozinho. Talvez nunca tivesse precisado encontrar aquela mulher. Nunca a teria tirado de casa, torturado-a com escuridão e fome.

Mas ele nunca saberia o quão quente ela era em seus braços, ou redescobriria o quanto sentia falta de ser tocado.

Fortis engoliu em seco antes de se ver de volta àquele lugar nebuloso, onde estava perto demais dela, extasiado demais pelo seu cheiro. Ele nem sequer havia pensado naquele momento. Em vez disso, havia reprimido a lembrança constrangedora bem fundo.

Infelizmente, ele conseguia sentir o cheiro. O dela. Fosse lá o que fosse aquele cheiro. Ele ainda não tinha ideia do que era, mas tinha certeza de que o havia enfeitiçado. Uma inalação daquele cheiro e ele enlouquecera.

Ele precisava de mais daquilo. Mais... dela.

Talvez ela não fosse a única a perder a razão. Porque, embora ela o achasse apenas um animal perigoso de se conviver, ele tinha certeza de que seria ela quem o mataria. E, no entanto, lá estava ele, ainda entretendo a ideia de que só lhe restava pouco tempo de vida, então por que não se dar ao luxo de uma última vez?

Finalmente eles conseguiram e ele pôde parar de pensar nesses pensamentos complicados.

— Ali — ele murmurou em seu ouvido, apontando para que ela pudesse seguir a linha do seu dedo.

Ao longe, uma estranha ilha metálica flutuava. Era totalmente diferente de tudo o que ele já tinha visto. Sua raiz se estendia fundo no oceano, equilibrando terra no topo. Era mecânica, no entanto. Pedaços dela continuavam a se abrir e fechar, constantemente se deslocando e se movendo sob a superfície enquanto filtrava a água que provavelmente era necessária para a superfície, juntamente deixando um longo rastro de líquido lamacento sob si. Resíduos de qualquer coisa que vivesse na ilha.

— Que porra é essa? — ela murmurou, franzindo as sobrancelhas.

— O legado de Tau — respondeu ele. — Venha. Vamos para a superfície.

— A superfície? — Ela pareceu entrar em pânico nos braços dele, debatendo-se novamente, mesmo sabendo muito bem que ele não a

deixaria ir. — Como assim, vamos para a superfície? Não podemos fazer isso! Você mesmo disse que está coberta de tempestades.

Ele já estava indo naquela direção, então ela certamente podia ver que não havia uma tempestade acima deles. A luz atravessava as ondas, e longos raios de sol os envolviam. Tudo o que ela precisava fazer era olhar.

Mas, por outro lado, ele havia tirado toda a sua estabilidade. Fortis estava descobrindo que essa nova versão dela era muito mais emotiva do que a guerreira que ele conhecera antes.

— Alexia — ele disparou, segurando-a ainda mais forte e forçando-a a parar de se mover. — Olhe.

Para completar, ele também agarrou o queixo dela e a fez olhar para cima. Então, teve o distinto prazer de senti-la amolecer em seus braços. Ela olhou para a superfície com admiração estampada no rosto e olhos arregalados.

— É o... — Ela nem conseguiu terminar a frase.

— O sol — respondeu ele. — O seu sol, pelo qual todos vocês, achromos, são tão obcecados.

Ele nunca entendera o amor que sentiam por aquilo. O sol estava lá, ofuscante e excessivamente quente. Mas quando ele a trouxe à superfície e permitiu que sua cabeça saísse da água, talvez ele a entendesse um pouco melhor. Alexia fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás. Seus cabelos se espalhavam no mar atrás dela, mas a expressão de pura felicidade era... tentadora.

Franzindo a testa, Fortis fechou os olhos e fez o mesmo. Talvez fosse a posição. O sol ainda queimava, mesmo com os olhos fechados, mas talvez estivesse um pouco melhor com a escuridão por trás das suas pálpebras. E o calor era satisfatório depois de tanto tempo no mar.

— Nunca pensei que veria isso — sussurrou Alexia. Suas palavras eram calmas, quase reverentes. — Nunca pensei...

Ele abriu os olhos e olhou para ela. Fazia muito tempo que não apreciava algo como ela apreciava aquele momento ao sol. Ele podia admitir para si mesmo que não tinha certeza se ainda sabia apreciar coisas assim. Ela estava tão completamente envolvida naquele momento. Como se nenhum outro pensamento existisse em sua cabeça.

Quando fora a última vez que isso lhe acontecera? Ela vira a monstruosidade de metal atrás de si, e ainda assim toda a sua atenção estava voltada para a luz do sol e para a sensação dela em sua pele pela primeira vez.

Ele havia sido abençoado dessa forma antes?

Os olhos de Alexia finalmente se abriram novamente, encontrando-se com os dele. E todo aquele poder que existia dentro dele emergiu tão rápido que ele não teve tempo de se agarrar a ele. Num momento, ele estava ali, e no outro, estava no futuro dela.

Ela deu um passo à frente, em direção à luz do sol. Não estava em terra firme, mas dentro da casa que Fortis vira todos os outros construírem para suas companheiras. Sua casa ficava mais perto da superfície do que muitas outras, e isso era bom, pois ela não tinha medo das tempestades. Ele não sabia por que tinha tanta certeza disso, mas tinha. Fortis podia sentir como ela estava em paz com aquela vida, e era...

Bom.

Ele ficou feliz em saber que, após sua morte, ela ainda estaria em um lugar onde havia paz.

— O caminho que você trilha leva à felicidade — disse ele, as palavras borbulhando descontroladamente. — Embora possa ser difícil chegar lá, esta é a escolha certa para você.

— Fortis, não preciso que você me diga o que fazer.

— É o seu futuro. — Com um suspiro áspero, ele desviou o olhar dela e balançou a cabeça. — Desculpe, *virago*. Eu não deveria ter olhado sem a sua permissão.

— Você... — Ele ouviu o estalo da garganta dela enquanto ela engolia em seco. — Você olhou? Como assim, olhou?

— Os Andarilhos das Profundezas são únicos por terem nascido nas profundezas do oceano. Como tal, temos habilidades que vão além das de nossos outros irmãos. — Ele nunca se sentira desconfortável falando sobre isso antes. Por que se sentia assim agora? — Eu não só consigo ver suas memórias, mas também seu futuro.

Houve uma longa pausa de silêncio antes que ela risse de repente.

Ele nunca tinha ouvido aquele som vindo dela antes. Talvez algumas risadas de decepção sarcástica, mas nunca uma gargalhada completa. Ele ficou tão surpreso que sua mão a soltou, e ela foi levada para a água, para longe dele, enquanto ria tanto que ele jurou que lágrimas escorriam por suas bochechas.

— Você consegue ver o futuro? — ela gargalhou.

— Sim, eu consigo ver o futuro. — Suas guelras se abriram de raiva. — Por que você está rindo?

— É hilário você achar que eu acreditaria nisso. — Ela mergulhou na água de tanto rir e voltou à tona com um som de gargalhada. — O ondino acha que pode ver o futuro. Que legal.

— Eu posso ver o futuro.

— Claro. — Ainda rindo, ela se virou para onde ele a havia levado. — Vamos fingir que acreditamos nisso.

— Eu posso! — ele insistiu, mas ela obviamente não estava lhe dando ouvidos agora.

Ela nadou em direção à ilha de metal, balançando a cabeça em descrença. De vez em quando, enquanto lutava para chegar à massa de terra, ele a ouvia murmurar:

— Ele pode ver o futuro — e bufar novamente.

A maldita mulher seria a sua morte. Ela não acreditava em uma palavra do que ele dizia, mas era tudo verdade. Ele tinha visto o futuro

dela e de muitos outros. Como ele poderia provar isso a ela?

Ele não tinha certeza de por que era importante provar. Ela não tinha motivos para acreditar nele, pois nunca vira o poder que sua espécie era capaz de fazer. E, além disso, ela não se importava que ele fosse capaz disso.

O riso dela não deveria incomodá-lo tanto, mas incomodou.

A ilha diante deles era menos metálica na superfície. À primeira vista, parecia com qualquer outra ilha que ele já tivesse visto. Havia uma praia de areia que levava a um gramado verde-esmeralda e uma pequena casa de madeira bem no centro. Parecia que tudo estava montado ali para que alguém a visse. Como se ninguém jamais tivesse vivido entre aquelas quatro paredes.

Mas o mais estranho daquele lugar era que nenhuma tempestade jamais a atingira. Ele surfara nas ondas gigantescas por dias a fio, observando aquela casa que deveria ter sido engolida por furacões ou pelos túneis de vento que varreriam tudo da superfície do mar. Mas não aquele lugar.

Este lugar permaneceu intocado por tudo.

Ele deixou de lado a raiva que sentia por ela não ter acreditado nele e, em vez disso, a seguiu até a praia. Assim como da última vez que estivera ali, o metal mordeu sua cauda. Ele teve que subir na areia. O que já era uma experiência bastante estranha, já que Fortis não gostava de ficar na praia.

Era mais difícil fugir, e havia muitas coisas naquela ilha que o perseguiriam. Ele observou Alexia se arrastar para fora da água e tirar a máscara, parando apenas quando ele gritou um aviso.

— Cuidado. Você não é a única nesta ilha.

Ela franziu as sobrancelhas.

— Alguém mora aqui?

— Não é disso que estou falando.

Um grito horrível ecoou ao redor deles, rompendo o calor da luz do sol e lhe causando arrepios na espinha. Lá estavam. As criaturas que assombravam aquele lugar. Ele nunca conseguiria entrar naquela casa antes que a horda de monstros o atacasse.

Emplumados e pequenos, pareciam fáceis de matar. Mas não importava quantos ele desfizesse em pedaços empoeirados com penas flutuando ao redor, mais sempre apareciam. Com garras e focinhos afiados, eles o atacavam impiedosamente toda vez que ele vinha ali.

Alexia exibia uma estranha expressão de confusão ao observar a pequena criatura atacá-lo. Ela apenas ficou ali, como se estivesse perplexa, quando ele agarrou a criatura e a jogou no oceano.

— Você tem... — ela perguntou, mas parou antes de continuar. Quase pareceu que ela tentou disfarçar a expressão, deixando de ser tão obviamente atordoada. — Você tem medo de galinhas?

— É assim que você chama essas pequenas criaturas? — Meu Deus, mais delas estavam rondando a casa. Não se importavam com o motivo da presença dele, apenas atacavam às cegas.

— Galinhas, sim — murmurou ela, antes de se colocar na frente da horda que logo o atacaria. — Elas não são perigosas.

— Eles beliscam minhas escamas — sibilou ele, arreganhando os dentes em tom ameaçador enquanto se inclinava ao redor dela. — Eu mato qualquer um que se aproximar de mim.

— Deve haver um cercado por aqui em algum lugar. Só... Volte para a água um pouco. Eu aviso quando elas estiverem contidas.

Ele não gostou. Fortis queria ficar com ela para ver sua expressão e saber o momento em que ela perceberia que ele estava certo. A última vez que ele entrara na casa provara tudo o que ele precisava saber sobre sua espécie e quão incrivelmente destrutivos os achromos eram.

Mas se ela quisesse salvá-lo dessas *galinhas*, então ele supôs que permitiria.

VINTE E UM

Alexia

Um ondino enorme, um andarilho das profundezas, com a capacidade de matar qualquer pessoa e qualquer coisa com a mínima quantidade de energia, tinha pavor de galinhas. Isso sim era algo que ela não esperava.

Nem uma ilha flutuante claramente artificial. Ela já tinha visto as engrenagens e todas as estranhas aberturas que a mantinham flutuando por baixo, mas foi o topo da ilha que mais a surpreendeu. Este lugar era assustadoramente semelhante às fotos que ela vira de uma das casas dos Originais.

O Jessup Original era um dos poucos homens que a intimidavam. Ele era o primeiro a matar qualquer um que discordasse dele, mesmo um Original. Ela estava presente no dia em que ele matou um dos seus, numa mensagem de que não haveria brigas internas. Todos os Originais concordavam entre si. Fim da história.

Em sua ala de Tau, havia quadros na parede. Muitos quadros. Todos eram do Acima, da vida que ele vivera há muito tempo. Um deles era assim: uma pequena cabana de madeira à beira-mar. Um canteiro de grama esmeralda ao redor, pontilhado com flores roxas e brancas que se espalhavam em um tapete exuberante até as ondas. Era... deslumbrante, de verdade. Um sonho lindo que tantas pessoas compartilharam naquela época.

Pelo menos, era o que o Jessup Original sempre dizia. Encontrar algo assim, flutuando onde ninguém jamais deveria encontrar? Era estranho, e talvez um pouco conveniente demais.

Com os olhos e ouvidos abertos, ela conduziu as galinhas de volta a

um cercado que já vira dias melhores. Embora a casa não parecesse ter envelhecido, o resto da ilha demonstrava sinais de desgaste. O cercado das galinhas era feito de madeira, e até mesmo esse material se desgastara ao longo dos séculos. O tempo havia cobrado seu preço de tudo o que deveria. Pelo menos, se ela acreditasse que aquele lugar fora construído pelos Originais, e ela... acreditava.

Fechando o portão, ela olhou ao redor e viu que havia ainda mais animais. Feras que não deveriam existir. Três vacas estavam no campo logo além da casa, junto com um burro e o que pareciam ser dois cavalos no horizonte. Eram animais extintos há muito tempo, pelo menos de acordo com os Originais.

Mas lá estavam eles. Vivendo em uma ilha que não deveria existir.

Seu estômago se revirou. Parecia errado estar ali, como se estivesse invadindo a propriedade e apenas esperando que alguém viesse pelo alto-falante e gritasse com ela. Ou pior, um tiro na testa.

Respirando fundo, ela caminhou em direção à cabana de madeira. Queria saber o porquê de toda aquela confusão. Se Fortis acreditava que isso a faria ajudar, então certamente tinha um bom motivo para isso. Seu povo era terrível. Ela concordava com esse fato. Mas precisava saber o que o fazia odiá-los tanto.

A cabana de madeira parecia estar caminhando para a morte. Mesmo assim, ela seguiu em frente. Caminhou até a porta da frente, encolhendo-se diante dela enquanto esperava por vingança. Mas nada aconteceu.

Engolindo em seco, ela colocou a mão na porta da frente e a empurrou.

Não era uma casa, ela percebeu. Ao entrar, surpreendeu-se ao ver que havia apenas bancos alinhados no chão. Nenhuma cadeira, nenhuma cozinha, nenhuma sala de estar. Mas havia quadros por toda a parede. Fotografias com pequenos cartazes abaixo de cada uma explicando o

conteúdo.

— Um museu? — ela murmurou, chocada por haver um prédio como aquele.

Quem construiria um museu flutuando no meio do oceano? Ninguém poderia vir aqui. Havia tempestades demais, e nenhum humano veio à superfície, de qualquer forma. Mas este lugar ainda estava imaculado. Alguém estava cuidando dele.

Inclinando-se mais perto, ela olhou para a primeira foto na parede e ficou surpresa ao ver tantos rostos familiares. Todos os Originais estavam naquela foto, lado a lado como velhos amigos. Alguns deles abraçavam outros, outros sorriam para a câmera ou faziam gestos obscenos. Apenas pessoas comuns, muito antes de se tornarem imortais.

Era estranho vê-los assim. Inclinando-se para a frente, ela leu o bilhete abaixo:

— Os sonhadores que viram uma necessidade e decidiram servir.

A história que ela conhecia era que os Originais tinham visto o mundo acabar, então eles criaram as cidades submarinas. Talvez esta fosse a época antes do fim do mundo. Quando eles ainda não tinham visto suas vidas inteiras começarem a ruir.

As cinco imagens seguintes eram projetos que faziam sentido. Cada uma delas era uma versão diferente de uma das cidades, plantas que haviam sido usadas para criar as cidades reais. Havia também coisas que ela já tinha visto antes, embora a planta de Tau em si fosse diferente do que havia abaixo da superfície.

Alexia passou os dedos pelas palavras abaixo.

— A cidade mais segura do mundo.

Para eles.

Sempre foi a cidade mais segura do mundo para quem morava nela, mas ela não tinha certeza se isso era bom ou não.

Ela se virou, observando todos os retratos emoldurados que

definiram toda a sua vida. Havia fotos dos primeiros animais que foram tirados no fundo do mar. As vacas eram consideradas muito perdulárias e emitiam muito CO2. Eram perigosas e, portanto, não valiam a pena mantê-las. Afinal, o leite que produziam não era tão benéfico para quem tinha intolerância à lactose, e muitos Originais tinham.

Depois, havia fotos das cidades sendo construídas debaixo d'água. Tantas pessoas ajudaram nisso. Engenheiros, arquitetos, artistas que passaram incontáveis anos desenvolvendo tudo o que era necessário para salvar o mundo.

Outro conjunto de fotos chamou sua atenção do outro lado da parede. Ela nunca tinha visto aquelas fotos antes.

Ao se aproximar, ela percebeu que aquele era o início do programa genético, e um rosto ali fez seu corpo inteiro ficar gelado.

— Alexia Barron, a primeira alma corajosa — leu ela em voz alta enquanto olhava para uma mulher que usava seu rosto na foto. Ela era muito menor do que Alexia agora, é claro. Mas ainda era uma mulher de aparência dura que parecia muito mais capaz do que as que a cercavam.

Aquela versão de si mesma se juntou voluntariamente a esse grupo de pessoas. Ela escolheu ser usada como experimento, e todas as outras versões de si mesma foram forçadas a fazer o mesmo. A raiva borbulhou dentro dela. Ela queria voltar no tempo e dar um tapa na cara daquela mulher, porque certamente deveria saber o que ela fez consigo mesma e com tantas outras.

Houve tantas versões de Alexia que foram torturadas e atormentadas para chegar a esta versão. Muitas que mereciam muito mais do que a morte em uma mesa fria porque tinham emoções.

Respirando fundo, ela passou para a próxima imagem, que retratava uma máquina estranha. Ela se projetava da costa, com peças de metal brilhando à luz do sol. Um único pilar alto, com uma bola de eletricidade no topo.

— O primeiro manipulador do clima — ela leu em voz alta, com as palavras presas na garganta. — O primeiro de muitos. Um experimento fracassado que levou a...

Ela parou de falar porque as próximas palavras eram quase impossíveis de dizer. Não em voz alta. Ela se recusou a dar-lhes fôlego.

Um experimento fracassado que levou à verdadeira perfeição no fundo do mar.

Isso seria admitir que os Originais haviam afetado o clima? Não podia ser. Eles eram os que salvariam o mundo, não o destruiriam. Ela passou para a próxima foto, e para a próxima, cada uma consolidando a verdade.

Ela viu os cientistas que trabalhavam na criação do dispositivo meteorológico. Em seguida, uma fotografia do primeiro furacão guiado até um país inimigo. Eles então criaram um dispositivo que acenava para terremotos e alertava sobre um tsunami que mataria milhares de pessoas. A próxima foto era da primeira tempestade que saiu do controle, um furacão que agitou o mar tanto que a maior parte da costa leste se afogou. Mais e mais devastação à medida que o experimento ganhava vida própria.

Em sua busca por criar algo que valesse a pena para seus egos, os Originais destruíram um planeta inteiro. Eles eram a razão pela qual todos viviam no fundo do mar, e foram ainda mais longe. Eles aprimoraram humanos geneticamente, forçando pessoas como Alexia a trabalhar para eles. Mentir por eles. Criar e impor histórias que outras pessoas levassem a sério.

Tudo por causa dos próprios egos. Porque eles eram um grupo de amigos que se achavam melhores que todos os outros.

E então, bem no final de todas aquelas fotos, havia um grande pedaço de papel emoldurado. Parecia quase um manifesto, e fez o sangue dela gelar nas veias.

Nós somos os Originais.

Nós somos os poucos que sobreviverão ao fim do mundo.

Nós nunca morreremos.

Nós governaremos este novo mundo que criamos.

E nós seremos os únicos que saberemos.

Abaixo das palavras, havia assinaturas. Cada uma lhe era familiar.

Com a mão trêmula, ela estendeu a mão e traçou o nome de Harlow. Não que houvesse qualquer amor entre as duas. Alexia odiava a mulher por tudo o que ela a fizera passar, mas também uma parte dela esperava que a outra mulher não fizesse parte daquela loucura. Ela queria acreditar, mesmo que por um instante, que Harlow havia protestado contra aquela maldade.

A pressão crescia em seu peito. Raiva, medo, ansiedade, culpa. Todas as emoções que ela nunca teve permissão de temer por ter sido a marionete deles. Ela foi feita para mantê-los seguros, porque sabiam que, sem pessoas como ela, tinham bons motivos para ter medo.

O fim do mundo não foi causado por desastres naturais ou eventos inexplicáveis.

Foi causado pela arrogância humana.

Lágrimas ardiam em seus olhos. Uma vida inteira de lágrimas se acumulando dentro dela. Ela havia trabalhado para essas pessoas. Os Originais a convenceram de que ela estava pelo menos trabalhando para aqueles que tentavam fazer a coisa certa.

Mas não eram. Eles eram a razão da existência de pesadelo a que todos os humanos estavam submetidos.

Um grito agudo ecoou de sua boca enquanto ela se dobrava sobre si mesma. Não era só culpa deles, e ela sabia disso. Era culpa dela também. Sua culpa por mantê-los seguros todos esses anos e dedicar toda a sua vida a eles. Ela havia passado incontáveis horas confiando que estavam fazendo as escolhas certas e que tudo o que ela tinha que fazer era seguir

suas ordens.

Toda a sua vida até aquele momento tinha sido uma mentira. E pior ainda, tinha afetado o mundo inteiro.

Ela justificava suas ações acreditando que, pelo menos, estava trabalhando para o menor dos males. Beta era cheia de tolos sedentos por poder que não conseguiam fazer a mudança acontecer. Alfa era cheia de beleza e inteligência, mas nada de substância real. E, claro, Gamma era uma cidade-prisão onde não havia poder. Havia tão poucas cidades para ela ir, mas Tau mandava em tudo. Tau era a mais poderosa e, portanto, tinha que ser a melhor.

Agora ela sabia que até isso era mentira.

Ela lamentou a perda de tudo o que conhecia e de tudo o que havia sido. Soluços que sacudiam seus ombros sacudiam todo o seu corpo, purgando seus ossos de todos aqueles pensamentos e memórias sombrios que a consumiam. E, no final, depois de lamentar a morte de seu eu anterior, Alexia sentiu como se pudesse respirar novamente.

Porque agora havia outro caminho. Um caminho que a levaria a muito mais.

De alguma forma, ela se sentiu mais forte por isso. Essas emoções, esses pensamentos, essas preocupações. Eles a pesavam mesmo sob o manto da medicação. Agora ela tinha que se livrar deles de uma vez por todas.

Ao sair do museu, ela saiu para o sol como uma nova mulher.

Ela respirou fundo o ar fresco do mar, não tão viciado e estagnado quanto o que sentia sob o oceano. Ela estava livre agora. Finalmente, e completamente livre.

Fortis a esperava na água. Ele não estava perto da areia, mas ela não esperava que ele subisse ali e a esperasse, de qualquer forma. As galinhas eram uma ameaça real às suas escamas sensíveis.

Seu peito doía ao olhar para ele. Aquele monstro enorme e horrível

lutara contra ela como nenhuma outra criatura jamais o fizera, e agora tudo o que ela carregara por tantos anos se fora. Toda a culpa, o peso, a luta. Ela podia seguir em frente com sua vida.

Como ela o agradeceria? Ele lhe dera o maior presente que alguém poderia dar a outra pessoa. Ele quebrara suas correntes.

Um pé se moveu na frente do outro. Então ela correu pela areia e entrou na água. As ondas geladas batiam em suas coxas, mas ela não parou até mergulhar no mar.

Alexia quase riu do choque estampado no rosto dele, e então do menor sinal de medo. Como se ele achasse que algo na casa a estivesse perseguindo. Ou pior, as galinhas.

Era ridículo que ele tivesse tanto medo delas. E ela o adorava por isso.

Ela simplesmente... gostava dele. Para ser sincera consigo mesma, gostara dele desde o início. Mesmo quando ele a aprisionou naquele submarino, havia uma parte dela que ainda o admirava pelo que ele era.

Ela nadou até o lado dele e o abraçou pelo pescoço. Ele a olhou em choque, ou talvez como se ela tivesse enlouquecido, mas ela não se importou. Ela agarrou os dois lados da cabeça dele, as guelras deslizando por entre os dedos, e o beijou.

Alexia nunca tinha beijado ninguém antes, mas já vira muitos beijos. Este era um beijo de agradecimento, apreciação e todas as coisas boas que borbulhavam dentro dela agora que vira a verdade. Foi um beijo firme, provavelmente forte demais, considerando os dentes afiados dele, mas ela não se importou. Os lábios dele eram frios e todo o seu corpo ardia em brasa ao toque.

Ela recuou para agradecê-lo por tudo, pela verdade que ele havia revelado, mas então ele apalpou a nuca dela e a puxou de volta para si. O beijo foi quente, seus lábios deslizando sobre os dela antes que a língua dele a penetrasse na boca. Ele tinha gosto de salmoura e masculinidade,

uma combinação estranha que a fez girar a cabeça.

De repente, não se tratava apenas de agradecer. Tratava-se de se entregar à sensação dos músculos dele se contraindo contra sua barriga, dos dedos dele em seus cabelos, do deslizar áspero da outra mão por suas costas enquanto a pressionava com mais firmeza contra si.

Relaxando contra ele, ela o beijou de volta. Hesitante. Apenas um toque suave de sua língua contra a dele, mas foi como se ela tivesse acendido uma chama sob ele. Ele gemeu, o som longo e profundo enquanto a puxava ainda mais forte contra seu corpo. Qualquer outra humana poderia ter sido esmagada, mas ela era mais forte, mais robusta, capaz de lidar com violência.

Quando uma onda os atingiu, encharcando seu rosto com água gelada, ela recuou. Gotas d'água grudaram em seus cílios e obscureceram a visão dele, mas ela sabia que ele a encarava com aquele olhar sombrio, quase descontrolado, mais uma vez.

— Pelo o que foi isso? — ele perguntou.

Os dedos dela deslizaram pelas guelras nas laterais do rosto dele. Brânquias que a intrigavam muito mais do que ela queria admitir.

— Obrigada — ela finalmente conseguiu dizer. — Por me libertar.

VINTE E DOIS

Fortis

Ela o beijou. E por algum motivo insano, ele a beijou de volta.

Fortis não tinha certeza do que lhe dera, apenas sabia que se não provasse os lábios dela, o mundo poderia acabar. Ela estava ali em seus braços, segurando-o pelo pescoço, agradecendo-lhe por tê-la libertado, e ele enlouqueceu.

Não foi a decisão certa a tomar. Fora imprudente e estúpida. Ela era uma achromo. E não uma achromo qualquer, mas uma que trabalhara para os piores de sua espécie. Ela lutara contra ele e derramara sangue como nenhum de seu povo havia feito antes.

Havia cem razões para ele não se entregar a ela.

E uma boa razão para isso.

Ele gostava dela. Mesmo sabendo que ela o mataria em breve, achava sua bravura e a maneira como ela encarava o mundo impressionantes. Gostava de brigar com ela, de discutir com ela, e até mesmo dos momentos tranquilos em que ele a encontrava. O que era sentir emoções. Fortis estivera tão entorpecido por tanto tempo. Ele sentiu-se voltando à vida enquanto a observava vivenciar tudo. E talvez sentisse suas próprias emoções começando a vir à tona também.

Ajudando-a a colocar o aparelho de respiração sobre o rosto mais uma vez, ele afundou nas ondas e a levou para longe daquele lugar amaldiçoado que continha todas as respostas, mas não propunha soluções.

— Você descobriu isso há quantos anos? — ela perguntou, com a voz um murmúrio baixo.

— Dez, quinze anos atrás, talvez? Foi nessa época que percebi que

precisava lutar contra o seu povo com todas as minhas forças. Vocês eram os vilões do oceano. Todos vocês.

Mas seus braços a apertaram ainda mais ao dizer isso. De alguma forma, aquela mulher não parecia uma inimiga. Foi o pensamento mais confuso que ele já tivera na vida.

Ela cantarolou baixinho:

— Certo, os vilões.

Ele engoliu em seco, sabendo que a havia ferido. Quando fora a última vez que se importara se havia ferido os sentimentos de alguém? Fazia anos. Era ele quem dizia a verdade às pessoas. Que as guiava em direção ao futuro sem lhes dizer o porquê ou o como, apenas os fatos crus e concretos. Se isso as magoava, então não era problema dele. O futuro dela não cabia a ele decidir.

Mas aquela mulher era diferente. Estar perto dela o fazia sentir como se quisesse protegê-la daqueles pensamentos e daquela mentalidade terrível que às vezes o dominava. Ele queria explicar o futuro em um tom mais suave.

Ele queria ser honesto.

Essa clareza o empurrou para longe de onde o submarino dela estava. Para longe de onde ele a levaria de volta para a escuridão, e, em vez disso, ele se dirigiu para algum lugar onde pudessem conversar. Um lugar onde ela pudesse ficar confortável por um tempo até que ele decidisse o que fazer com ela.

— Para onde estamos indo? — ela perguntou.

— Você não queria retornar ao submarino.

— Isso... — Ela apertou os ombros dele com mais força e soltou um suspiro. — Sim, acho que eu disse isso.

Alexia mexeu na máscara no rosto, e ele se perguntou por quanto tempo aquilo funcionaria. Não era como a de Mira, que ela havia criado para filtrar o oxigênio da água. Talvez ele devesse levá-la de volta ao

submarino para garantir que ela estivesse segura antes de prosseguir.

Com um grunhido audível, Fortis se forçou a não voltar em direção à ele. Ela estava bem. Ela o avisaria se algo precisasse acontecer ou se estivesse em perigo. Ele não precisava cuidar dela.

E ainda assim, caramba, como ele queria.

Frustrado com os pensamentos que lhe passavam pela cabeça, Fortis não disse mais nada até se aproximarem do sistema de cavernas. Era semelhante a muitas outras no oceano. Achromos haviam descido ao mar em missões para encontrar onde construir suas cidades, e, portanto, havia muitas instalações de pesquisa abandonadas. Embora estivessem apodrecendo lentamente com o tempo, ele tinha certeza de que esta era segura.

Ele se aproximou do túnel escavado na pedra e entrou. Era grande o suficiente para um dos submarinos achromáticos, como aquele com a qual ela o seguira. Então, ele não se preocupou em raspá-la nas laterais das pedras, embora tenha se abaixado para garantir que as pernas dela estivessem enroladas em seus quadris.

Alexia não parecia nem um pouco nervosa. Ela esticou um braço e passou os dedos pelas paredes lisas de pedra, desgastadas por anos de ondas e por muitos submarinos que haviam passado da mesma forma que agora.

— Onde estamos? — ela perguntou.

— Um antigo centro de pesquisa. Seu povo usava este local para explorar onde queriam construir sua cidade.

— Estamos perto de um, então?

Ele pensou na pergunta dela, sem saber se queria revelar a localização exata.

— Perto o suficiente de Beta, eu acho. Mas não tão perto que alguém daquela cidade pudesse nos encontrar aqui.

— Interessante. — Alexia não estava dizendo isso à toa. Ela olhava

ao redor com a boca entreaberta, observando o túnel se abrir e eles chegarem a uma doca.

Ele já tinha visto tantas delas naquela época da vida que nada o surpreendia. Mas ela fez um pequeno barulho no fundo da garganta, lutando para se soltar dos braços dele.

Ele a soltou, observando-a, perplexo, enquanto ela se agitava e subia à superfície. Havia nela uma excitação que ele ainda não tinha visto.

— Você tem noção da idade disso? — perguntou ela enquanto chegavam ao topo da superfície. — Deve ter sido uma das primeiras instalações de pesquisa que construíram.

— Talvez. Tudo aqui parece velho.

Alexia se arrastou para fora da água, agarrando os degraus enferrujados de uma escada para se puxar para o chão. Ela se levantou com dificuldade, girando para olhar a sala enorme enquanto ele a acompanhava com os olhos.

Ele não imaginava por que ela estaria tão animada. Era uma sala singular, grande o suficiente para acomodar pelo menos dez pessoas andando por ali. As paredes e o chão costumavam ser brancos, mas agora estavam de um cinza desbotado devido a anos de acúmulo de poeira. Alexia deixou pegadas no chão enquanto caminhava até a parede dos fundos, que era toda de vidro. Com facilmente quatro vezes a altura dela, ela se estendia até o teto de pedra.

A luz que entrava por aquela parede era natural. O azul filtrava-se pelas águas cristalinas. Algas marinhas cresciam logo atrás do vidro, e todas aquelas folhas verdes ondulantes delineavam sua silhueta. Ela era tão linda. Cada parte dele doía de vontade de tocá-la novamente e ver se os lábios dela realmente tinham o mesmo gosto que ele lembrava.

Depois de tudo o que passara, ela ainda permanecia de pé diante daquele vidro. A coluna ereta, os ombros para trás. Ela parecia, em todos

os aspectos, uma guerreira pronta para enfrentar o mundo, e ele não sabia como deixá-la fazer isso sem ele, agora.

Ela se virou para olhar por cima do ombro para ele, e seu cabelo escuro foi penteado para trás, afastando-se do rosto.

— Por que estamos aqui, Fortis?

— Eu queria trazê-la a um lugar onde pudéssemos conversar.

— Nós conversamos muito bem quando eu estava no submario.

E talvez ele quisesse ver aquela expressão no rosto dela. A expressão de admiração, aquela em que ela percebia ter encontrado algo que nunca mais veria. A beleza da alma dela transparecendo através dos olhos era algo que ele apreciava imensamente.

Mas ele não lhe disse isso. Em vez disso, apoiou as mãos no chão frio e se ergueu para fora da água. Exigiu um grande esforço. Fortis era grande demais para se mover com facilidade em terra, mas se saiu bem. Uma onda gerada por seus movimentos o impulsionou pelo chão, facilitando seu caminho até que ele pudesse pressionar as costas contra o vidro e olhar para as ondas agitadas que havia deixado para trás. Sua cauda ainda estava na água gelada, e ele a deixou lá como um lembrete de que poderia escapar se necessário.

Ele encostou a cabeça no vidro.

— Você riu quando eu disse que podia ver o futuro.

Seus lábios se contorceram num sorriso.

— Sim.

— Eu consigo ver, no entanto. — Ele a encarou, já sentindo os poderes dentro de si girando como se também estivessem insultados por ela duvidar deles. — Você sentiu. Você viu como eu consigo espiar suas memórias. Por que é tão difícil para você acreditar que eu posso fazer mais do que isso?

Diante da pergunta direta dele, ela se contorceu. Alexia mudou o peso do corpo de um lado para o outro, e suas mãos se abriram e

fecharam enquanto ela evitava seu olhar multicolorido.

— Olhar para a mente de alguém, forçá-lo a ver memórias. Isso é ciência.

— É mesmo?

— É ciência crível. Não sei, não sou uma das analistas genéticas. Olhe para mim! Eu não deveria ser possível, mas aqui estou. A ciência fez isso. — Ela gesticulou para cima e para baixo do corpo como se fosse uma resposta. — Mas e o futuro? Ninguém sabe o futuro, Fortis.

— Eu sei.

Ela abriu e fechou a boca.

— Eu só... É difícil de acreditar. Isso te daria poderes místicos ou de alguma forma te faria...

Ele esperou que ela continuasse o pensamento, mas ela não o fez.

— Me faria o quê, Alexia?

— Divino! — ela exclamou. — Ninguém sabe o futuro. Ele não está escrito em pedra. É e sempre foi algo fora do nosso alcance. Até mesmo tentar saber o futuro tem sido a ruína de muitos. Mas você quer que eu acredite que tem acesso a todas essas informações?

Ele deu de ombros.

— Os Andarilhos das Profundezas são diferentes. Estamos perto do mar, das ondas, da deusa que governa estas águas. Dedicamos nossas vidas a conhecer o futuro e aprender a encontrar o caminho certo para os outros. Você tem razão, alguns futuros não são imutáveis. Alguns futuros podem ser mudados, manipulados e guiados. Isso faz parte do meu papel entre o meu povo. Eu encontro os futuros que nos levarão a um mundo melhor. Para todos nós.

Ela se encostou no vidro e cruzou os braços.

— Então você é tipo um padre?

— Eu não conheço essa palavra.

— Um... — Alexia torceu o nariz enquanto pensava. — Uma figura

sagrada. Alguém que fala com Deus e depois repete o que Deus diz.

Ele imitou o nariz franzido dela antes de assentir.

— Suponho que sim. Mas não é o mar que diz às pessoas o futuro delas. É apenas um andarilho das profundezas que conquistou essa habilidade da deusa após anos de treinamento.

Ele podia ver que ela ainda não acreditava nele, e isso era extremamente frustrante. Ninguém jamais havia questionado suas habilidades antes. Ele era capaz de ver o futuro, e sempre fora assim. Sim, às vezes era frustrante para ele. Ele via um futuro que não correspondia ao que ele queria. E às vezes, ele via um futuro terrível que não podia mudar. Estava lá. Para sempre. Por mais que quisesse mudar, não havia como salvar a pessoa.

— Fico chateado porque você não acredita em mim — ele murmurou.

— Acho que essa é uma razão boba para ficar chateado.

Bem, agora ele estava ofendido.

— Você está questionando algo que eu fui capaz de fazer a vida toda, e algo em que baseei toda a minha existência.

— Você baseou toda a sua existência em ver o futuro dos outros? Isso soa voyeurístico.

A diversão em seu rosto o alertou de que ela estava brincando, mas ele já estava muito além disso. Ela o antagonizou.

— Baseei minha vida inteira em uma visão que minha esposa teve da minha morte. Eu sei como vou morrer, virago, e nunca questiono essa verdade.

Ela arregalou os olhos.

— Você tem esposa?

Não era bem assim que se dizia. Pigarreando, ele balançou a cabeça.

— Eu tinha uma esposa. Ela morreu há muitos anos.

— Ah. — Por algum motivo, isso pareceu deixar Alexia desconfortável. — Bem. Teria sido bom saber disso.

Por quê? Ela estava pensando no beijo deles? Para ele, sua esposa havia lhe dado permissão. Astrum queria que ele vivesse o máximo que pudesse antes de se juntar a ela na vida após a morte e então... Mesmo que ele se entregasse à mulher que o mataria, ele havia decidido que aproveitaria seus últimos dias. Até o amargo fim.

— Ela profetizou que eu lideraria nosso povo para um novo futuro. Que seria eu quem mudaria o curso do tempo e traria nossos dois povos para um novo mundo. — Ele se certificou de que Alexia o escutava, arrastando as garras no chão com um grito agudo que a fez encará-lo. — E então eu morreria. Eu vi o futuro através da visão dela, Alexia. Eu sei quem me mata. Eu sei quando essa pessoa me mata e como. E por causa disso, eu posso correr riscos que outros não podem.

— O futuro é incerto — ela respondeu. — Você mesmo disse isso.

— Sim. Mas alguns futuros não podem ser mudados.

— Você dedicou sua vida a algo que alguém lhe disse e que você acredita que vai acontecer. O futuro pode ser manipulado, nisso eu acredito. Ela te fez acreditar que você morreria, e você lutou a vida toda para que isso se tornasse realidade. Ninguém pode ver o futuro, Fortis. — Suas bochechas ficaram vermelhas durante o discurso, e seu peito arfava de raiva.

Ele deu um tapinha no chão ao lado.

— Vem cá, virago.

— Por que?

— Porque eu sei que você está chateada e eu gostaria de conversar com você sobre isso.

Ela franziu as sobrancelhas, como se desconfiasse do que ele estava pedindo.

— Desde quando você se importa com o que eu sinto?

Historicamente, você me jogou numa prisão ou me atormentou. Por que está sendo tão gentil?

Porque algo estava crescendo em seu peito e ele não sabia mais o que fazer a respeito. Uma voz em sua cabeça gritava que ele precisava cuidar dela. Ele precisava que ela estivesse segura e feliz e, não importava o que isso custasse, ele iria até o fim.

Ela ia matá-lo de qualquer jeito. O mínimo que ele podia fazer era facilitar a vida dessa achromo, que ele sabia que carregaria essa culpa pelo resto da vida.

— Sente-se — disse ele. — Não preciso me justificar para você.

Resmungando baixinho, ela pelo menos se juntou a ele no chão. Ela estava bem distante e, por algum motivo, isso o incomodava. Depois de todo o tempo que passaram juntos, ele pensou que ela não se importaria de estar pelo menos um pouco mais perto.

Afinal, foi ela quem o beijou.

Teria ele feito algo errado? Achromos eram confusos mesmo nos melhores momentos, mas ele também sabia que não fazia *isso* há muito tempo. Sua esposa fora quem o perseguira, assim como era o costume dos andarilhos das profundezas.

Achromos não eram assim. Eram cortejados de forma estranha. Pelo menos, era o que ele vira com os outros três de seu povo que agora tinham companheiras. Mas talvez ela fosse diferente. Assim como ele era diferente.

Inspirando pelo nariz, ele bateu a cabeça no vidro e olhou para o teto de pedra.

— Gostaria de saber sobre a minha família?

— Eles estão todos mortos?

Seus lábios se contorceram num sorriso irônico.

— Nem todos.

— Então você pode me contar sobre os vivos.

Os vivos. Ele bufou e revirou os olhos.

— Isso eu consigo fazer, virago.

VINTE E TRES

ALEXIA

— O quê? — Alexia exclamou com uma risada, tentando se conter para não rir muito da história.

— Aulax era só um menino e não deixava o baiacu em paz. — Fortis deu de ombros. — Se ele queria descobrir por que eu disse para ele não tocar nas coisas, então eu decidi simplesmente deixá-lo tocar. Ele acabou se agarrando ao baiacu com o maior abraço que conseguiu e se furou em vinte lugares diferentes.

— Fortis! Isso é...

— Cruel? — Ele olhou para ela com um sorriso. — Ele aprendeu a não tocar em baiacu, não é?

Esta não era a única história que ele lhe contara que beirava o ridículo. Eram tantas. Histórias dele e do filho vagando pelo mar, buscando tudo o que pudessem para entretê-los. Como lutavam contra tubarões e cavalgavam nas costas de baleias. Histórias que pintavam o retrato de um pai solteiro que amava o filho mais do que tudo no mundo.

Mordendo o lábio, ela balançou a cabeça, para não rir muito da hilaridade da história.

— Parece que você ama muito seu filho.

— Sim. Estou muito orgulhoso dele.

— Por que você não fala mais sobre ele? — Talvez fossem suas antigas dores voltando à tona. — Eu nem sabia que você tinha família. Muito menos que passava tempo com eles.

— Eu não confiava em você. Por que eu contaria sobre a minha família se você poderia ter escolhido voltar para Tau ou tentado me matar? Que garantia eu tinha de que você não rastrearia minha família se

eu não conseguisse convencê-la a nos ajudar?

Fazia muito sentido. Alexia trabalhava para os caçadores de ondinos havia séculos, e o povo de Tau estava disposto a fazer qualquer coisa para ter o oceano inteiro sob seu controle.

Soltando um suspiro, ela levou a mão aos cabelos, que já estavam quase secos. Há quanto tempo eles estavam conversando? Muito mais do que deveriam, provavelmente. Mas era bom conversar com ele como se ele fosse uma pessoa e não apenas um monstro das profundezas.

Segurando o cabelo emaranhado nas mãos, ela começou a trançá-lo.

— Não posso te culpar por isso. Mas eu não teria caçado sua família. Se isso ajudar.

— Tenho certeza que sim.

— Não há nenhuma razão lógica para fazer isso.

— Exterminar meu povo do mar sempre foi o plano de Tau. É por isso que eles fazem tudo o que fazem. O que você está fazendo? — A última frase foi dita tão repentinamente que ela congelou.

Com os dedos nos cabelos, ela encarou os olhos arregalados dele. Aquela expressão era muito parecida com a que ele tinha na primeira vez em que perdera o controle no oceano. Normalmente, havia algum tipo de emoção em seu olhar negro, mas quando ele a encarava daquele jeito? Era como se ele tivesse se transformado em um tubarão. Não havia emoção, apenas fome.

— Trançando meu cabelo — ela murmurou.

— Por que você parou? — O olhar dele não se desviou dos dedos dela, ele nem piscava, e ela não tinha certeza do que aquilo significava.

Inexplicavelmente, um calor invadiu seu ventre. Alexia não sabia o que fazer com esses sentimentos, mas sabia que queria que ele continuasse olhando para ela daquele jeito. Então, ela continuou entrelaçando os fios, enrolando-os repetidamente.

O cabelo dela era comprido. Levou um tempo para trançá-lo. Na

ponta, onde ela o amarrou num nó que, com sorte, ficaria, o ar estava denso entre eles. Ela respirava um pouco mais forte do que antes, e ele também. Ela conseguia ver o peito dele se movendo para cima e para baixo com alguma emoção que ela não conseguia nomear.

Mas esse sentimento despertou outro ser dentro dela. Uma mulher que podia sentir, querer e desejar, sussurrou para que ela aproveitasse aquele momento. Talvez fosse o único que ela teria.

Lambendo os lábios, ela disse baixinho:

— Você acredita que vai morrer em breve?

— Eu sei disso.

— Se eu fosse morrer, gostaria de preencher cada momento com vida. Gostaria de fazer todas as coisas que sempre quis fazer e não ter nenhum arrependimento ao deixar este mundo.

Ela percebeu que provavelmente o estava cutucando com um pedaço de pau só para ver o que ele faria, mas também, ela nunca se sentira assim. Nunca. Seu corpo nunca havia experimentado aquela sensação quente e líquida até ele, e ela queria explorar isso mais.

— Virago — disse ele, com a voz quase um gemido. — Meu controle está por um fio.

Por que isso fez seu coração bater tão forte no peito?

— Você tomou todos os meus remédios, receio que seja o único que ainda tem algum controle.

Um som baixo retumbou em seu peito. Ela nunca o ouvira fazer aquele barulho antes, mas talvez ele não conseguisse na água. E então, de repente, ele estendeu a mão, agarrou cada um dos tornozelos dela e os abriu bem. O movimento a fez girar em sua direção. Ela teve que apoiar as mãos no chão enquanto ele a observava com aqueles olhos famintos e ardentes.

— Você disse que não sentia nada antes de parar de tomar a medicação — disse ele, com a voz rouca. — Isso significa que você não

sentia absolutamente nada?

— Antes disso? Eu só tinha uma mente fria. Tática. Capaz de enxergar apenas lógica e razão. — Ela respirou fundo. — Mas agora estou sentindo... um monte de coisas.

De alguma forma, aqueles olhos escureceram ainda mais. Como se ele soubesse o que ela queria dizer com aquilo. Ele entendia que ela queria - não, precisava - que ele fizesse algo, mas ela realmente não sabia o que pedir.

— Você sabe o que homens e mulheres fazem juntos, eu suponho? — perguntou ele. — Não me surpreenderia se Tau tivesse tirado todo o prazer da cidade deles.

— Eu vi os Originais fazendo o que queriam uns com os outros. — Embora a ideia a fizesse estremecer. — Não parecia nada agradável. Os costumes deles são... pervertidos.

Ela se lembrava de muitos deles se desafiando além dos limites. Era um jogo para todos. Gostavam de ver que tipo de dor conseguiriam causar, quão pouco o outro gostaria, ou quanto, de repente, gostariam.

— Pessoas tão velhas não buscam mais o prazer da maneira que entendemos — murmurou ele, mas então sua mão apertou um pouco mais o tornozelo dela. — Não estamos na água, Alexia. Não consigo cheirar o que você quer.

Certo. Porque ele conseguia sentir o cheiro dela através das guelras. Ela mordeu o lábio, imaginando o que ele faria se ela admitisse...

— Você se lembra de perder o controle na água com a água-viva? Aquele cheiro era o que me fazia sentir interessada em você, Fortis.

— Você queria me foder? — perguntou ele. Suas sobrancelhas se ergueram por um instante antes que aquele olhar faminto retornasse. — Isso é muito surpreendente.

— Me diz você.

— Mas você não sabe nada sobre... prazer. — Ele rosnou a última

palavra, e isso enviou faíscas de consciência por todo o corpo dela. Como uma onda de desejo, ela a percorreu e se espalhou por todo o seu corpo.

— Não sei nada sobre *o meu* prazer — ela corrigiu.

— Então não seria certo da minha parte tirar este primeiro momento de você. — O som da voz dele a envolveu. Ela queria sentir a pele dele pressionada contra a dela. Um vislumbre dele pairando sobre ela, todos aqueles dentes à mostra em sinal de ameaça, fez com que cada músculo do seu corpo parecesse se transformar em líquido.

Um pequeno gemido escapou de seus lábios, um som que ela nunca havia emitido antes.

— Você gostaria que eu te explicasse, *virago*? — ele perguntou enquanto os olhos dela se fechavam.

Ela não tinha certeza se conseguiria impedi-lo se ele quisesse. E não tinha certeza se algum dia tentaria sozinha. A ideia de satisfazer esse prazer era intimidadora e aterrorizante. O que ela deveria fazer? Como deveria agir? E se não conseguisse depois de tantos anos ouvindo as pessoas lhe dizerem o que fazer e como ser?

— Virago — disse ele. Com os olhos fechados, era como se a voz dele viesse de todos os lugares. — Abra o zíper da sua roupa de mergulho.

Ela estendeu os dedos trêmulos e puxou o zíper da frente para baixo. O barulho era de alguma forma muito mais alto porque ela sabia que ele estava observando e tudo o que conseguia pensar em fazer era seguir a voz dele.

— Olha só essa pele lisinha e linda — murmurou ele. — Posso ver quantas cicatrizes de batalha você guarda, virago. Tão linda. Tantos momentos em que você superou seu oponente.

Ela nunca tinha pensado nelas dessa forma. Mas ele fez parecer que era bom ser marcada. Ela não se importava tanto com as cicatrizes que pontilhavam sua pele de incontáveis escaramuças e brigas. Ferimentos de

faca, buracos de bala, não importava. Tudo o que importava era o gemido profundo de apreciação dele quando as costas dos dedos dela tocaram sua barriga.

Logo acima do osso púbico dela, ele comandou:

— Pare.

Ela congelou. O calor dos dedos quase entre as pernas era tentador. Ela queria deslizar os dedos entre as pernas, só para pressionar contra a pressão ali. Ela precisava de... algo. Alexia simplesmente não sabia o quê.

— Não conheço o corpo de um achromo — murmurou ele. — Estou aprendendo tanto quanto você.

Ela deu uma risadinha.

— Isso não parece nada promissor. Achei que você estava me dizendo como fazer isso.

— O que você gosta?

Como ela poderia saber? Ela nunca havia tocado o próprio corpo antes. Nunca sequer tentara descobrir o que era agradável ou desagradável.

Ele pareceu entender de alguma forma, sem que ela dissesse mais nada.

— O que eu quero fazer é deslizar minhas mãos pelas suas costelas. Quero segurar seus seios com minhas mãos.

Alexia acompanhou as palavras dele. Sua pele estava extremamente sensível e quente. Um formigamento percorreu suas mãos enquanto ela se movia em direção aos seios e abria a roupa de mergulho. A inspiração brusca dele fez faíscas dançarem por sua pele.

Os seios dela já tinham se sentido assim? O ar frio deixava seus mamilos duros, mas isso era ainda mais. Os bicos estavam tão sensíveis.

— Linda — ele gemeu. — Toque seus mamilos para mim, virago. Quero saber que barulhos você faz enquanto brinca com eles.

Seus dedos encontraram aqueles picos doloridos, e ela os rolou

entre os dedos. Isso fez o prazer aumentar e, de alguma forma, uma sensação estranha atravessou suas pernas. Ela estava molhada e dolorida, apertando o nada como se seu corpo quisesse ser preenchido. Ela não conseguia respirar como antes. Tudo o que conseguia fazer era balançar os quadris contra o chão.

Ela precisava de mais contato. Tentando fechar as pernas, descobriu que não conseguia. As duas mãos dele estavam em suas pernas, mantendo-as abertas, forçando-a a sentir essas sensações sem fazer o que queria.

— Isso é bom? — ele murmurou, e ela jurou que sentiu a respiração dele em sua coxa. — Me diz o que você está sentindo.

— É uma sensação... incrível. — Ela apertou o seio com mais força, imaginando que fosse a mão com garras dele. — Queria que fosse a sua.

— O que tem?

— Quero sentir suas garras. — Porra, era mais do que isso. — Quero senti-las cravando na minha pele.

A imagem de pequenas picadas afiadas e o quão quentes seriam as gotas de sangue escorrendo pelo seu peito a fizeram gemer. Era exatamente isso que ela queria. Não algo macio ou delicado. Ela queria algo cru e primitivo, senti-lo penetrando-a como um animal, tomando o que queria sem pedir.

— Cuidado. Vejo que você está se segurando com tanta força que pode ficar com hematomas. — Seria a respiração dele na barriga dela? Ela jurou que era uma sensação de respiração se abanando. — Agora quero que você coloque sua linda mão entre as pernas. Me diga o que encontrar lá.

Ela engoliu em seco. Queria tocar ali, mas também não sabia o que fazer depois. Todos que ela via transando pareciam gostar. E se ela não gostasse?

Mas o estrondo silencioso do rosnado dele tornou mais fácil enfiar

as mãos entre as pernas.

— Diga-me — ele rosnou, como se fosse a coisa mais importante do mundo.

— Quente e úmido — ela sussurrou, embora a voz tremesse. — É... tão bom.

Outro rosnado baixo e ecoante.

— Abra mais as pernas, virago.

Ela obedeceu e então se assustou ao sentir a mão enorme dele tocando o zíper. Ele o puxou para baixo o máximo que pôde. Ela não tinha ideia de como devia estar, com a barriga contraída para mantê-la ereta, as pernas bem abertas e os dedos trabalhando entre as coxas. Tudo o que sabia era que aquilo era melhor do que qualquer coisa que já experimentara na vida. Parecia certo. Era como se estivesse correndo em direção a algo que não sabia como agarrar.

— Porra, olha só você — ele murmurou. — Espalhada diante de mim como um banquete. Eu me banquetearia com você, se você deixasse, virago. Não há nada que eu queira mais do que te provar. Onde seus dedos estão agora, eu os substituiria pela minha língua. — Ela jurou que outro som, mais úmido, seguiu as palavras dele. — Eu te devoraria inteira se você deixasse, até não conseguir sentir mais nada além de você.

Ela não conseguiu se conter. Abriu os olhos e viu que ele não estava tão perto quanto ela pensava. Ele só segurava um dos tornozelos dela agora, e o outro... seu olhar percorreu os músculos definidos do torso dele para ver que ele não tinha um, mas dois pênis. Eram totalmente protuberantes, de um lindo rosa profundo que se fundia no mesmo roxo do resto do corpo. Ele agarrou o de cima com força, os olhos entre as coxas dela enquanto o punhetava.

Algo naquela imagem a fez quebrar. Seus dedos deslizaram para o topo da vagina, onde era mais confortável, e seus dedos circularam

aquela área cada vez mais rápido enquanto seu olhar se fixava nos paus enormes dele.

— Sinto que você está me encarando, *virago* — rosnou ele, com a voz impossivelmente mais baixa. — Um dia, vou fazer você chupar esses dois paus. Você vai aprender como eles se sentem dentro de você.

— Não sei se consigo — ela sussurrou.

— Coloque os dedos dentro de você. Quero te ouvir.

Ela fez o que lhe foi dito, e suas bochechas ficaram vermelhas. O som dos dedos dela deslizando para dentro do corpo dela era obsceno, mas de alguma forma era ainda melhor saber que ele queria aquilo, a base do seu pênis inchou, e o som do seu gemido a fez cair em um esquecimento que ela nem sabia que existia.

Com um som sibilante, ela viu estrelas. Era algo além de tudo que ela jamais imaginara. Num momento ela era ela mesma, e no seguinte, uma fera carente e ávida, agarrada por cada músculo que queimava.

Ela sentiu fios de sêmen dele respingarem em sua roupa de mergulho, e mesmo isso fez seu orgasmo arder mais forte, mais quente. Ela abriu os olhos novamente - quando os havia fechado? - para vê-lo ofegando sobre ela, um pau na mão coberto por um líquido iridescente, enquanto o outro ainda estava muito duro.

Os olhos dela se voltaram para os dele, e ele sorriu.

— Há vantagens em estar com alguém da minha espécie — disse ele, sem fôlego — Uma vez nunca é o suficiente.

VINTE E QUATRO

Fortis

Fortis não a tocou. Não durante todo o tempo em que o canto da sereia o chamou com a forma como seu corpo se movia e como todo o seu ser balançava de paixão. Ele queria. Queria pressionar a boca entre as pernas dela e saborear sua paixão, mas não o fez.

Ela era uma achromo. Ele não tinha interesse em sua espécie e nunca teria. Mas, em algum lugar no fundo do seu peito, ele sabia que era mentira.

Ele ficou encantado desde o primeiro momento em que ela admitiu desejá-lo. Ela puxou o zíper para baixo do peito e ele pensou que o mundo acabaria ali mesmo. O rubor que manchara seu peito, os bicos rosados e vibrantes de seus seios, a forma ondulante como ela movera os quadris, tudo isso o fez salivar. Ele nem tinha percebido que o sexo dela podia se mover daquele jeito, mas de repente ele queria vê-la fazer isso mais vezes. Nele. Ele queria que ela se esfregasse daquele jeito em seu rabo, que deslizasse seus dedos palmados entre suas coxas e soubesse como ela se sentia.

Quente e úmida, ela ofegou quando ele perguntou. Aquelas palavras agora viveriam para sempre em sua mente.

Sempre que alguém as dizia, ele só pensava no jeito como ela se apertava com força contra a própria mão. Como suas coxas se abriram e a roupa de mergulho se abriu para revelar seu corpo deslumbrante. Todas aquelas cicatrizes, expostas apenas para seus olhos verem. Ele queria lamber cada uma delas. Traçá-las com a língua e apagar toda lembrança de dor que as acompanhasse.

Seus pênis não doíam assim há anos. Fortis planejara que a

interação fosse curta e direta. Um experimento, em sua mente, para ver o que os achromos faziam quando estavam perdidos em paixão. Outra mentira que ele contara a si mesmo para poder vê-la se contorcer diante dele.

Ele se enganou pensando que conseguiria ficar separado do prazer dela e então seus pênis perfuraram suas escamas tão rápido que ele nem percebeu até que o de cima estivesse em seu punho.

E, porra, como tinha sido bom. Tão incrivelmente bom vê-la enquanto ele a penetrava com o punho. Ela só abriu os olhos no final, mas ele conseguia sentir o olhar dela sobre ele. Os olhos dela se arregalaram de surpresa ao ver o que ele segurava, e ele queria lhe dizer que em breve ela o possuiria.

Mas ele não podia. Ela não podia. Eles não estavam fazendo isso porque ele a estava usando como um meio para um fim. Nada mais. Nada menos. Ela traria uma nova era com ele, então ele morreria em suas mãos, e tudo terminaria ali.

O plano era simples e ele precisava segui-lo. Fortis sabia o fim daquilo e conhecia seu caminho.

Mas agora a voz de Alexia ecoava em sua mente. Se ela soubesse que ia morrer, desejaria viver o máximo que pudesse antes que tudo acabasse.

Deslizando para dentro d'água sem encontrar o olhar dela, ele sabia muito bem que não estava mais vivo. Não desde que sua esposa morrera. Não desde que todo o seu propósito se transformara em chegar ao fim para poder voltar para ela.

A vida era muito mais complicada que a morte.

A água gelada ajudou a aliviar sua mente. Ao sair da instalação para respirar o ar salgado, sentiu-se um pouco mais como ele mesmo. Até que sentiu o cheiro dela na água e tudo voltou à loucura que o havia tomado antes. Ele podia sentir a fera em seu peito clamando para que ele

voltasse para ela e mergulhasse naquele calor.

— Droga — ele murmurou.

Não estava ajudando. O oceano não acalmava a necessidade ardente que queimava cada centímetro dele. Ele só... queria. Precisava. Desejava.

Agora que estivera tão perto de se conectar com outra criatura viva, não conseguia parar de desejá-la. Precisava passar as mãos pela pele quente dela. Ansiava por buscar todo o prazer que havia se negado por tanto tempo.

Inclinando a cabeça para trás, ele respirou o mar e tentou deixar as águas geladas o refrescarem mais uma vez.

— Mãe do mar — murmurou ele, em voz baixa e tranquila. — Por favor, envie-me um sinal de que não preciso disso. Estou me tentando com o que só posso ter por um curto período. Encontrarei tudo o que procuro na vida após a morte assim que chegar lá. E Alexia está errada. Completamente errada. Cada parte dela é aquilo que eu odeio, e não vou desmoronar simplesmente porque não tenho o toque de uma fêmea há muito tempo.

O mar não ajudou em nada. Uma corrente o empurrou de volta para o prédio onde havia deixado uma criatura ofegante que o tentava mais do que qualquer outra pessoa em anos. Ele não podia voltar para lá. Não quando sua mente ainda estava tão cheia de suas feições vermelhas e brilhantes, como seus olhos haviam se fechado com força e os sons que ela emitia... saiu de sua garganta quando ela finalmente descobriu o que significava paixão.

— Tenho preocupações — disse ele ao mar. — Tantas preocupações. Ela é maior que a maioria dos achromos, mas eu sou maior que qualquer um do meu povo. Não somos compatíveis.

Na esteira desse pensamento, a imagem de Daios e Anya se impôs em sua mente. Era quase como uma visão. O mar queria que ele se

lembrasse de que Daios e Anya provavelmente tinham uma diferença de tamanho ainda maior do que a dele e de Alexia.

— Mas está errado — argumentou ele. — A espécie deles nunca foi feita para estar conosco. É anormal considerá-la qualquer coisa além de uma inimiga.

Mais imagens se acumularam em sua mente. A lembrança de Mira ajudando-o a encontrar Tau e o quanto ela se esforçara para conseguir todas as informações que pudessem encontrar. Anya o curando quando ele foi atingido por um submarino que passava, ou mesmo quando ele se feriu ao procurar por aquela cidade. Até mesmo Ace lhe mostrando como lidar com androides e provocando-o, dizendo que ele merecia um ajudantezinho. Ter um que não estivesse vivo significava que ele poderia, na verdade, mantê-lo por mais tempo.

Houve tantos achromos bons em sua vida. Houve alguns ruins, mas também houve alguns bons.

E então uma última lembrança. De seu filho e da irmã de Ace. Os dois trabalhando lado a lado, com as cabeças quase coladas uma na outra, enquanto se debruçavam sobre um mapa projetado do fundo do mar que um androide havia mapeado.

Na época, ele achou a imagem repugnante. Ele havia ensinado o filho a não se interessar pelos pensamentos e pela mente de um achromo. Se Aulax quisesse saber o que ela sabia, então ele deveria ter simplesmente pegado as memórias dela e seguido em frente. Mas seu filho não o fez, pois vira algo em seu povo que Fortis nunca havia notado.

Até agora.

Até que essa guerreira invadiu sua vida e ele percebeu que talvez quisesse viver um pouco mais. Irônico, considerando que ele morreria nas mãos dela.

Soltando o ar pelas guelras, ele decidiu que Alexia estava certa. E,

de certa forma, o fantasma de sua esposa também estava. Ele viveria por mais um tempinho. Preencheria sua vida com o máximo de coisas boas que pudesse e, então, quando finalmente chegasse a sua hora, não sentiria culpa por deixar aquele lugar.

Virando-se em direção ao prédio, ele ficou surpreso ao ver que Alexia havia escorregado de volta para a água. Sob os raios de sol, ela nadou lentamente pela entrada até onde ele a havia levado.

Franzindo a testa, ele foi em sua direção.

— O que você está fazendo?

— Estou indo embora — ela resmungou, agarrando-se nas laterais das pedras e usando sua força para se impulsionar mais rápido.

Indo embora? Por que ela estaria indo embora? Ele simplesmente a trouxe para cá, e depois do que compartilharam... Respirando fundo, ele sentiu o gosto da fúria dela na água. Foi como levar um soco no nariz, metálico e estranhamente doloroso.

Ela finalmente chegou ao fim do túnel e então usou os pés para se impulsionar para fora da borda. Ele pensou que ela pudesse voltar à superfície, mas não. Ela se lançou cada vez mais fundo na escuridão do abismo. Ela desceu, não subiu.

Franzindo ainda mais a testa, ele a observou descer. Ela era uma nadadora impressionante, isso ele tinha que admitir. Ela sabia a cadência certa para levantar os braços e se impulsionar cada vez mais fundo, sem nem mesmo chutar as pernas agora, mas apenas mantendo o corpo em uma linha reta que afundava quase até sumir de vista antes que ele se lembrasse de que não deveria deixá-la fazer aquilo.

Balançando o rabo, ele a seguiu.

— Aonde você está indo?

— De volta ao submarino.

— Por quê? — Ou melhor ainda, — Como?

De repente, ele ficou furioso. Eles haviam compartilhado um

momento de paixão e ele não ia deixá-la desaparecer no mar depois disso. Ele tinha perguntas. Pensamentos. Coisas sobre as quais queria conversar com ela.

Ele gostava de contar histórias sobre o filho e todas as travessuras em que os dois se meteram. Havia mais histórias que ele poderia contar, mais partes da vida dele que ele queria que ela soubesse. E agora ela estava *voltando para o submarino*?

A raiva fez todas as luzes em seu corpo piscarem, lançando sombras ásperas em seu rosto que só a faziam parecer ainda mais furiosa. Ele não a deixaria continuar fazendo aquilo. Então, se moveu para a frente dela, forçando-a a parar ou ela colidiria com seu corpo enorme.

— Fortis — ela rosnou. — Saia da minha frente.

— Não. Volte para onde eu te coloquei.

Até ele ouviu o quão horrível aquilo soou. Ele lhe dava ordens como se tivesse o direito de fazê-lo, mas estava com muita raiva dela. A segurança dela era tudo o que importava. Aquele submarino não era mais seguro. Ele poderia devolver a bateria final, mas nem isso daria energia. Uma bateria não era suficiente. Ela teria, no máximo, mais uma semana naquela tumba fria e escura. Se a segunda bateria funcionasse depois de tanto tempo no frio.

Esta instalação era mais segura para ela. Era melhor. Pelo menos, até ele saber o que faria com ela.

Ela concordou em ajudá-lo. Isso significava que ele poderia levá-la de volta para os outros, onde havia mais mentes que entendiam como os achromos funcionavam. Ela poderia voltar para uma cidade, segura, com seu próprio povo.

Mas ele não lhe contou nada disso. Estava tão bravo que tudo o que conseguiu dizer foi:

— Ou eu te obrigo.

O brilho em seu rosto quando ela se virou foi o suficiente para

incendiá-lo.

— Você não tem nada a me dizer agora. Depois do que você acabou de fazer? Não tenho interesse em você, Fortis. Nem um pouco.

— O que eu acabei de fazer?

— Foi você quem começou tudo isso — sibilou ela, apontando para ele com o dedo enluvado. — Foi você quem me fez querer... qualquer coisa. Suas palavras. Seu plano. Sua orientação. E então, de repente, assim que acabou, você se levanta e vai embora? Sem dizer uma palavra. Você simplesmente desliza para dentro d'água e finge que nada aconteceu entre nós dois. Não me importa o que você tem a dizer ou o que quer que eu faça, seu babaca gigante. Que você apodreça no oceano, eu não me importo.

E então ela chutou e se moveu ao redor dele. Mas ela estava sem nadadeiras, então foi muito lenta. Foi fácil demais para ele agarrar seu ombro e puxá-la de volta para seus braços.

— De jeito nenhum. Você nem sabe onde o submarino está.

Ela o socou na garganta. A água diminuiu seus movimentos, mas ainda assim foi um golpe forte o suficiente para ele sibilar. Suas guelras estavam sensíveis, e ela as atingiu com força suficiente para machucá-las. Mas isso só o fez apertar ainda mais o aperto nela.

Ele apertou os braços dela, lutando contra a dor.

— Por que fez isso?

— Eu sei onde está meu submarino! Tenho uma conexão com ele que posso seguir. Agora, me solte.

— Só quando a gente conversar sobre isso. Eu precisava me refrescar na água. Por que você acha que eu fui embora?

— Porque você quis! — ela gritou. Seu rosto estava ficando vermelho sob a máscara de ar. Ele conhecia a expressão dela quando estava com raiva, e ela estava extremamente irritada.

— Você está me ouvindo? Eu só disse que precisava me acalmar. —

Ele deveria dizer que queria se agarrar a ela? Que tinha ido embora porque temia o que faria com ela em seguida, e que ela merecia ser introduzida aos poucos no mundo da paixão e do desejo?

Ele não teve tempo de pensar no que diria, porque ela enfiou a mão em suas costelas. Fortis congelou quando ela agarrou um punhado delas, a dor percorrendo todo o seu corpo.

— Me solta — ela sibilou. — Eu tenho um sinal. Posso voltar para o submarino sem você.

— Eu não tinha a intenção de levar você de volta para o submarino — ele ofegou, tentando com todas as forças permanecer parado para que suas guelras não doessem ainda mais do que já doíam.

— Preciso de coisas de lá. Itens úteis. Se você quer que eu te ajude, então eu preciso delas. — No momento em que os braços dele se afrouxaram, o aperto dela também se afrouxou. Ela se afastou dele com um chute para se afastar, criando um espaço entre eles que ele de repente percebeu que não gostava. De jeito nenhum.

O espaço o lembrava de que estava sozinho. Não, isso nem estava certo. Não que ele se importasse com a solidão, porque não se importava. Ele se importava por não estar com ela. Gostava de passar tempo com ela. Gostava de desafiar os limites de Alexia e conversar com ela.

Fortis odiava isso. Ele estava muito chateado por não poder conversar mais com ela e contar mais histórias. O som da risada dela era tão agradável.

E agora ela estava nadando para longe dele. Rumando para o mar, onde ele não poderia protegê-la, nem mesmo garantir que ela realmente sobrevivesse. Então, ele nadou atrás dela, esperando que ela não percebesse.

Até que ela se virou com toda aquela raiva flutuando para fora dela e cobrindo suas guelras com uma mordida metálica.

— Fortis! — ela gritou. — Preciso de espaço, pelo amor de Deus! Sai

da minha frente e vai fazer o que quer que os peixes façam. Te encontro no submarino.

— É perigoso ir sozinha.

— É o oceano! Não tem nada aqui. — Ela gesticulou ao redor. — Nada além dos meus próprios pensamentos. Então, por favor, pelo amor de Deus, caia fora.

Ele supôs que não tinha outra escolha a não ser honrar o que ela desejava. Mesmo sem ter ideia do que havia dado errado.

VINTE E CINCO

Alexia

Uma parte dela sabia que estava exagerando. Fortis queria se explicar, e ela deveria deixá-lo. Afinal, talvez aquele fosse um encontro normal para a sua espécie. Talvez os machos devessem ir embora depois de tudo... aquilo.

Mas, pela primeira vez na vida, ela se sentiu conectada a outro ser vivo. Tanto que fora difícil vê-lo partir. Ela vira homens fazerem isso com Harlow. Ela estivera presente todas as vezes que a Original se emocionara ao ver mais um homem indo embora depois do sexo, dizendo a si mesma que não era porque ela não era tão bonita quanto as outras Originais ou porque elas sentiam mais prazer em um dos renascidos do que nela.

Parecia ser um medo universal entre as mulheres, mesmo que Alexia ainda não tivesse transado. Se ela tinha aprendido alguma coisa observando Harlow, era que os homens iam embora depois de conseguirem o que queriam. Uma parte de sua mente gritava que Fortis tinha ido embora porque, de fato, não a queria.

Ninguém poderia querê-la. Era tolice sequer cogitar que alguém pudesse. Alexia era uma mulher marcada por cicatrizes. Seu corpo exibia as marcas de anos de maus-tratos e ela era grande demais, tudo demais. Ela mal era uma mulher, como muitos dos Originais gostavam de lembrá-la.

Fortis não a *queria*. Ele estava apenas frustrado, solitário, e qualquer coisa vagamente feminina servia.

Ela era uma idiota por se envolver nisso tudo. Nenhum homem jamais deveria ser capaz de afetá-la, não enquanto ela lutava tanto para

entender as emoções. Muito menos para saber como era se apoiar em outra pessoa. Ele era... frustrante. Irritante. Mais do que enfurecedor.

Mas ela também gostava dele. À medida que afundava cada vez mais na água, sabia que era verdade. Gostava muito dele, e essa era a parte mais difícil de tudo. Fortis havia se enfiado debaixo da pele dela, e ela queria mais daquilo. Mais dele. Queria conversar com ele sobre a vida dele, sentir a pele dele contra a dela e todas as outras coisas ridículas que a faziam querer vomitar.

O farol em seu pulso acendeu, avisando que estava na profundidade correta. Agora só faltava encontrar a direção certa. Virando-se lentamente, ela manteve o olhar fixo no relógio enquanto ele piscava, cada vez mais rápido, até que o sinal se tornou uma luz constante a ser seguida. Lá estava. Ela estava toda virada, mas se continuasse nadando naquela direção, acabaria atingindo o submarino.

Agora era a parte difícil. Afundar nas profundezas do oceano era relativamente fácil. Ela aprendera a mergulhar há muito tempo. Mas todo aquele treinamento foi antes de ela recuperar suas emoções. Agora que finalmente não se movia mais, seus pensamentos a alcançaram.

— Calma — murmurou ela para si mesma. — As chances de esbarrar em qualquer coisa no oceano são mínimas.

Ela conhecia as estatísticas. O oceano era mais um espaço vazio do que qualquer outra coisa. Tudo o que ela precisava fazer era nadar. Mesmo sem as nadadeiras, seus pés estavam cobertos. Sua roupa de mergulho não tinha um único furo e sua integridade era estável. Tudo o que ela precisava fazer era chutar e não parar de se mover. Talvez por muito, muito tempo. Mas ela estava provando um ponto aqui.

Ela não precisava dele. Ela não precisava de ninguém.

Mergulhando fundo em seu próprio orgulho teimoso, Alexia começou a nadar. Usando os braços, seguiu seu treinamento para manter um movimento constante sem esgotar muito de sua energia. Ela

aprendera a fazer isso desde muito jovem. Sabia nadar por dias a fio. Ela havia treinado para isso.

Sim, ela também estava definhando em um submarino. Semanas seguidas sem se mover a deixavam com a respiração mais difícil. Mas ela conseguia continuar.

Olhando para o medidor de oxigênio no outro pulso, ela percebeu que estava com apenas metade do oxigênio. Isso tornaria as coisas... difíceis. Ela precisava controlar melhor a respiração, considerando que não tinha ideia de quanto tempo levaria para encontrar o submarino.

Talvez isso não tivesse sido inteligente. Sua mente repassou todas as coisas que poderiam dar errado. Ela tinha seu próprio ondino pessoal, que poderia levá-la a nado até o submarino, se quisesse. Tudo o que precisava fazer era manter a boca fechada. Agora, ela poderia se afogar e ele nunca saberia. Um tubarão poderia encontrá-la, quem sabe, ou uma orca.

Havia muitas criaturas no mar que adorariam encontrar um petisco que não pudesse revidar. Pelo menos não como um ondino poderia.

Rangendo os dentes, ela continuou. O medo não a afetava. Ela era mais forte do que isso. Era forte o suficiente para continuar nadando e alcançaria seu submarino. Mesmo que a ansiedade fizesse seu coração disparar e sua respiração falhar no peito. Ela tinha acabado de olhar para o oxigênio. Restavam cinquenta por cento. Não precisava verificar novamente. Ela estava bem. Só precisava continuar.

Algo deslizou por sua perna. Foi um toque longo e lento. Difícil para ela dizer o que era ou de onde vinha. Não parecia Fortis, nem nada que ela já tivesse sentido antes.

Franzindo a testa, ela parou para se orientar. Ainda estava indo na direção certa, e talvez sua mente estivesse lhe pregando peças. Mesmo assim, sua mão tremia quando ela a levantou até a cabeça e acendeu a luz presa à sua máscara facial.

Ela quase esperava ver uma fera enorme pairando na escuridão à sua frente. Mas não havia nada. Apenas o facho de sua luz e algumas partículas brancas dispersas.

— Nada — ela sussurrou, com a voz trêmula ao pronunciar as palavras. — Está tudo na sua cabeça, Alexia. Continue nadando.

Mas ela manteve a luz acesa desta vez. Precisava de mais luz para se certificar de que, de fato, ainda estava sozinha. Mesmo que não conseguisse enxergar muito à sua frente.

Foram só mais alguns chutes antes que ela jurasse que havia uma corrente elétrica tocando suas costas. Como se uma criatura tivesse nadado muito perto de sua espinha.

— Tudo na sua cabeça — ela repetiu, mas nadou com mais força. A luz em seu pulso era um farol a seguir, firme e verdadeiro.

Até que sentiu o toque novamente. Desta vez, ele se enroscou em sua cintura, como se um braço a tivesse envolvido. Ela reagiu, estendendo os braços em direção ao que quer que fosse e socando a criatura. Ela a soltou, mas ela jurou que sentiu uma sensação pegajosa ao sair.

Freneticamente, ela olhou ao redor, virando a cabeça e a luz em todas as direções, mas não havia nada ali. Ela estava sozinha. Ela estava...

Tentáculos e um bico estalando avançaram em sua direção. Havia mais braços do que ela conseguia contar, todos se abrindo enquanto a lula se enrolava em sua cabeça. Tudo o que ela conseguia ver era a estranha barriga, tão perto agora que ela conseguia ver que era vermelha brilhante. Sua luz atravessou a pele fina e iluminou as mandíbulas que rangiam perto de seu rosto.

Ela agarrou-se a ela, tentando desesperadamente tirá-la da cabeça. Já tinha visto lulas antes, mas nunca daquele tamanho. Tinha quase um metro e meio de comprimento, ela supôs, e o corpo era tão grosso que era difícil abraçá-lo.

Olhos. A Lula tinha olhos. Ela só precisava encontrar os malditos olhos e então poderia empurrá-los com toda a força. Suas mãos deslizaram sobre a pele lisa e escorregadia antes que ela sentisse os nódulos bulbosos. Empurrando com força, ela gritou quando o objeto se afastou de sua cabeça e a fez girar para longe.

Respirando com dificuldade, ela abriu os braços para se conter. Precisava estar preparada para quando aquela coisa voltasse. E voltaria. Lulas gostavam de caçar, não é? Ela não conseguia se lembrar do treinamento quando o pânico se instalou. Estava tão escuro. Virando a cabeça, tentou prever de onde viria, mas não conseguia enxergar direito.

Tentáculos se agarraram ao seu braço estendido. Ela puxou o membro, mas outro agarrou seu outro braço. O bico do primeiro atingiu sua roupa de mergulho, perfurando o neoprene e afundando em sua carne.

Ela gritou, bolhas irrompendo das bordas do selo da máscara. Sua luz girou descontroladamente enquanto ela arqueava o pescoço de dor, e então ela as viu.

Tantos, tantos deles.

Ela estava cercada por cem lulas. Todos os seus corpos fantasmagóricos brilhavam no mar. Não havia luz naquelas profundezas, o que significava que tudo o que ela podia fazer era olhar para as imagens assombrosas delas se entrelaçando acima dela.

Outra agarrou-se à sua coxa direita, mordendo fundo. Ela gritou novamente, contorcendo-se para se soltar, mas elas eram incrivelmente fortes. Uma mordendo seu braço, outra sua perna, todas se agarravam a ela com uma força impossível.

Gotas de seu sangue escureciam a água. Parecia preta sob a luz, brilhando em vermelho à medida que se aproximava da luz dela. Estranhamente, ela podia ouvi-las. Esbarrando umas nas outras enquanto corriam para a frente, lutando entre si antes de se moverem

como uma só, movendo-se como uma matilha. Estavam caçando juntas, ela percebeu.

Lulas de Humboldt. Ela já tinha ouvido falar delas antes. Sua mente se fragmentou, tentando se livrar da dor que parecia interminável. Elas a picavam repetidamente, as mordidas perfurando sua pele e cortando tendões e músculos.

Ela deveria ter ficado com ele, pensou. Alexia havia deixado a raiva tomar conta dela novamente, e agora pagaria o preço final. Nunca imaginara que morreria sendo devorada por lulas, mas supôs que talvez fosse apropriado depois de tudo o que fizera com Tau. Talvez fosse apenas o oceano finalmente se vingando dela.

Um lampejo de corpos grossos e elásticos. Elas se moveram como uma só, revelando um vislumbre amarelo ao longe. Ela já estava fraca, e parecia que os tentáculos em volta do seu braço iriam quebrá-lo. Ela nem sabia qual braço.

Água fria invadiu seu traje. Seus batimentos cardíacos diminuíram consideravelmente, até que ela os ouvia como tambores em seus ouvidos.

Aquele clarão amarelo voltou, tão brilhante que atravessou as lulas fantasmagóricas, revelando suas cores avermelhadas em um laranja vibrante à medida que a luz se aproximava. Muitas lulas desistiram. Todas se viraram ao mesmo tempo, seus longos tentáculos se abrindo enquanto pairavam perto o suficiente para observar o que estava acontecendo.

Com um único movimento de cauda, Fortis surgiu entre elas, aproximando-se dela com uma expressão de pura raiva no rosto. Claro, ele estava bravo com ela. Ele sempre estava bravo com ela. Não importava o que ela fizesse, nunca era a coisa certa a fazer.

Expirando, ela observou mais bolhas irromperem em seu rosto. A lula que havia grudado em seu rosto teria quebrado o aparelho de respiração? Não deve ter causado nada de tão grave. Ainda havia ar.

A lula que a envolvia fugiu de repente. Talvez tivessem percebido que havia um predador muito maior na água, avançando em sua direção. Fortis a atingiu com força suficiente para lhe roubar o fôlego, e a dor a inflamou intensamente. Ela não conseguia ver nada, não conseguia se concentrar além da miséria que a devastava agora que ele a tinha.

Com a adrenalina esgotada, tudo o que ela pôde fazer foi permanecer mole em seus braços enquanto a água salgada queimava seu traje e todos os ferimentos que decoravam sua pele.

Ele não disse nada, apenas os impulsionou a uma velocidade chocante. Ela pensou já tê-lo visto nadar rápido antes, mas ele nunca se movera daquele jeito.

Seu coração batia estranhamente no peito. Tudo errado. Estava desacelerando, pensou ela, ou talvez nunca tivesse acelerado. Ela teve a sensação de que não estava certo desde o primeiro momento em que aquelas lulas a atacaram.

Olhando para o braço, ela se esforçou para levantá-lo e ver seus níveis de oxigênio. Isso era o mais importante. Ela estava debaixo d'água. Precisava respirar.

Mas as lulas devem ter mordido algo importante, ou talvez elas tenham mexido em algo na parte de trás da unidade de respiração dela quando a primeira a atacou.

— Três por cento — ela ofegou enquanto mais bolhas surgiam em seu rosto.

Pelo menos Fortis teve a coragem de olhar para baixo, para as palavras dela.

— O quê?

— Três por cento de oxigênio — disse ela. Já sentia que o ar que ela tentava respirar não estava fluindo direito. A mistura química estava errada. Ela estava ficando um pouco tonta, e isso não era nada bom.

Ele a encarou até que sua expressão se suavizou. A confusão que

franzia suas sobrancelhas desapareceu, substituída por uma preocupação que ela não gostava.

Fortis fez uma pausa, parando tão repentinamente que o cabelo dela flutuou na frente do rosto. Ele o alisou para trás com a mão enorme e palmada.

— Virago, isso é algo que eu queria não ter que fazer. Não tenho tempo para explicar o que é. Precisamos agir rápido porque você está sangrando muito. Essas mordidas não foram gentis com você.

Ela não tinha certeza do que ele estava dizendo. Estava apenas observando o movimento dos lábios dele enquanto ele falava.

— Certo.

— Ok?

Ela tentou dar de ombros, mas seu braço doía tanto que ela não conseguiu. Será que tinham quebrado o osso? Agora que ela havia se afastado um pouco da lula, parecia que sim.

A dor voltou a inundar sua cabeça, ameaçando afogá-la. Ela não conseguia se concentrar em nada, nem mesmo na leve pontada na lateral do pescoço, tão pequena comparada a todas as outras dores em seu corpo.

Mas ela se debateu um pouco quando uma mão com garras agarrou a máscara de oxigênio em seu rosto e a tirou.

— Fortis! — ela grasnou, estendendo a mão para pegá-la enquanto ele a jogava no abismo.

Ele finalmente iria matá-la? Teria desistido dela?

— Shh — murmurou ele, acariciando os cabelos dela. — Deixe-me respirar por você, *virago*.

E então ele estava nadando novamente. Correndo pela água enquanto tudo se transformava em um borrão. Ou teria se transformado, se ela conseguisse enxergar na escuridão. As partículas à sua frente eram como estrelas se movendo tão rápido que ela só conseguia ver uma leve

mancha delas enquanto passavam em disparada.

Ela prendeu a respiração o máximo que pôde, antes que sentisse uma sensação repentina de ar *entrando* em seu corpo e então... De alguma forma, ela respirava. Não sabia como não estava se afogando.

Mesmo enquanto a dor a arrastava para a inconsciência, ela se maravilhava por, de alguma forma, ainda não estar morta. Talvez estivesse em breve, no entanto.

VINTE E SEIS

Fortis

Fortis sabia que deixá-la ir sozinha era tolice. Ela era uma achromo, frágil e fácil de caçar. Muitas criaturas submarinas reconheciam uma oportunidade quando a viam, e ela certamente era uma delas. O cardume de lulas tinha visto sua fraqueza. Estavam famintas. Ele não podia culpá-las.

O sabor dela era delicioso na salmoura, e ele não era o único que pensava assim. Elas a haviam caçado, a superado, por todos os direitos que mereciam, para arrancar uma mordida do seu corpo. Mas ele não podia deixá-la morrer. Suas próprias escolhas tolas foram o que a levaram àquele momento, mas...

Ele a vira flutuando ali, ainda lutando contra o ataque e com cada gota de energia que lhe restava. Alexia nunca sabia quando parar, e ele achara isso extraordinário nela desde o primeiro dia. Permitir que ela o deixasse nunca fora uma opção.

Olhando para o corpo inerte dela em seus braços, ele teve que admitir que sentia algo por Alexia. Ele não queria que ela morresse. Isso era muito mais do que ele poderia dizer da maioria das pessoas em sua vida.

Enquanto disparava pela água, segurando-a com força contra o peito, tentou ignorar o cheiro de sangue que lhe cobria as guelras. Ela ficaria bem, disse a si mesmo. Sim, aqueles ferimentos eram irregulares. Ele conseguia ver o brilho vibrante dos músculos e a gordura estranhamente amarela que cobriam o corpo dela em cada ferimento. Era uma visão horrível, mas ela era mais forte do que a maioria dos achromos. Ela sobreviveria.

Mas quando ela disse que não tinha oxigênio, ele quase perdeu a coragem. Depois de tudo o que fizera para evitar os achromos, para provar que não os queria em sua vida, mesmo quando os outros as tomavam como companheiras... ele agora estava conectado a uma delas. Ele respirava por ela, inspirava e expirava mesmo enquanto ela lutava para se manter viva. Ele injetava ar em seus pulmões repetidamente, como se seu corpo pudesse dizer ao dela que ele não a deixaria ir. Não importava o quanto ela tentasse escapar dele.

A luz irrompeu no oceano quando o sol surgiu. Ele estava perto da superfície agora, e perto da pequena vila que haviam construído para os outros achromos que trabalhavam com seu povo. Mas agora ele podia ver a extensão dos ferimentos dela, o que o fez nadar ainda mais rápido.

A pele dela estava mais pálida do que ele jamais vira, quase branca como osso. Seus membros estavam flácidos enquanto ele nadava, balançando sobre os braços e nadadeiras como se carregasse um cadáver. Ela não olhou para ele, não reagiu a uma palavra que ele disse, mesmo quando repetiu seu nome.

Isso não era bom, e a constatação o perturbou. Fortis não queria imaginar o que aquela imobilidade poderia significar. Não, ele precisava que ela fosse curada. E imediatamente.

Um movimento à distância à sua direita o avisou que outro se aproximava. Mas ele nem precisou adivinhar quem poderia caçá-lo.

Ele e o filho não passavam semanas sem se ver desde que Aulax fora levado para Alfa. O filho era sempre o primeiro a rastrear Fortis, e sempre fora. Mas raramente ficava ausente por tanto tempo.

Ele não diminuiu o ritmo, sabendo que se alguém pudesse acompanhá-lo, esse caçador seria seu filho.

Juntos, eles atravessaram a água em disparada enquanto seu filho se juntava a ele.

— Vejo que sua caçada foi bem-sucedida — gritou Aulax.

— De certa forma.

— Quem é ela?

— Um grande poder em Tau. Ela lutou comigo muitas vezes e provou ser uma guerreira em quem podemos confiar. — Ele não queria falar muito. Ela não tinha o cheiro dele, pelo menos. Isso foi um pouco de sorte, então ele não precisou explicar ao filho por que aquela guerreira estivera perto o suficiente para cheirar como Fortis.

Mas era difícil esconder. Seus dedos a apertaram com um pouco mais de força, puxando-a para mais perto do peito como se o filho fosse uma ameaça. Ele não reconheceu a resposta. Nunca se importou se algum dos outros companheiros achromáticos estivesse perto do seu povo. Por que esta lhe provocava tal sentimento?

Ele estava com dificuldades e não sabia como lidar com a situação. Respirando fundo, olhou para o filho, que ainda não tirava os olhos de Alexia.

— Ela vai morrer, pai — murmurou o filho. Um raio de amarelo brilhante percorreu a espinha de Aulax, como se ele estivesse triste por dizer isso. — Essas feridas...

— Ela foi atacada por um cardume. — Ele precisava que o filho soubesse que ele não tinha feito aquilo. Precisava que alguém entendesse que ele não estava tão imerso em seu ódio a ponto de machucar uma fêmea daquela forma.

Droga, ela não era uma fêmea. Era uma achromo. Por que os pensamentos dele estavam tão confusos?

Ele deveria entregá-la ao filho. Aulax a levaria até os outros e garantiria que ela recebesse a ajuda necessária. Mas só de pensar nisso ele a apertou ainda mais contra o peito e agitou o rabo mais rápido, como se pudesse nadar mais rápido que o filho. Ele não queria que ninguém a tocasse, a não ser ele mesmo.

E, no entanto, ele sabia que não poderia salvá-la sozinho. Não com

ferimentos como aqueles.

Fortis teria que entregá-la, e isso seria difícil para ele. Não sabia bem por quê. Confiava muito mais nessas pessoas do que nela, e ainda assim não queria deixá-la ir. E se tentassem matá-la por causa de sua origem? E se tentassem algum tipo de vingança por tudo o que Tau havia feito?

Sua mente acelerou enquanto os domos surgiam. Eles haviam trabalhado ainda mais desde que ele partira, e agora havia vários engenheiros e androides. O que antes fora um único domo abandonado, com séculos de existência, havia se transformado em uma extensa vila de achromos, misturados ao seu povo. Os domos agora eram bolhas, todas conectadas por tubos de vidro e metal. Um dos achromos havia afirmado que se parecia um pouco com uma gaiola de hamster. Ele não fazia ideia do que era um hamster e não prestou atenção quando o jovem tentou explicar.

A luz do sol refletia no vidro, revelando os corpos em movimento lá dentro. Achromos se movimentavam lá dentro, alguns trabalhando em androides, outros programando novos esquemas para a expansão de sua vila, alguns cuidando do jardim. Havia tantas coisas para fazer dentro daquelas bolhas que ele mal conseguia imaginar como eles conseguiam manter tudo em ordem.

Do lado de fora das muralhas estavam os androides. Pelo menos uma dúzia deles, todos soldando e consertando o que precisava ser consertado, ao lado de duas achromos que estavam quase sempre na água.

Mira foi rápida em ser a primeira a pular com sua soldadora e começar a construir. Arges flutuava ao lado dela, com um enorme painel de metal nas mãos, que ele segurava como se não pesasse nada. Para o povo deles, o metal era surpreendentemente leve. Ele o segurou no lugar enquanto ela acendeu a soldadora em suas mãos e começou a trabalhar

no painel. Em breve, aquilo seria outra construção anexa, ou jardim, ou o que quer que Mira tivesse em mente. Ela estava à frente da expansão de toda a vila e nunca parecia parar.

A outra achromo na água, Ace, virou-se assim que chegou. Aquela mulher tinha olhos na nuca e sempre parecia saber quando alguém novo estava por perto. Ele não viu Maketes, mas tinha quase certeza de que seu irmão de nadadeiras amarelas apareceria em breve. Todos tinham que ficar olhando quando um recém-chegado chegava, e ele tinha certeza de que ele dava um belo espetáculo.

Fortis não parou. Se quisessem falar com ele, poderiam fazê-lo mais tarde. Precisava levá-la à enfermaria e implorar a Anya que cuidasse dela. Eles nem sequer tinham uma cápsula de cura como muitas das grandes cidades.

— Pai — disse Aulax enquanto atravessavam a aldeia em alta velocidade, até o fundo. — Acho que você deveria se preparar, pois ela pode não...

Ele encarou o filho com um olhar.

— Não lançamos pensamentos como esse ao mar, a menos que desejemos que ela os torne realidade.

— Não é um pensamento, mas um fato. Ela perdeu muito sangue, pai. Não há nada que você ou eu possamos fazer para mudar isso.

Ao chegarem à enfermaria, Fortis teve que parar e esperar que Aulax abrisse a porta da piscina lunar. E enquanto flutuava ali, segurando-a nos braços, tudo o que conseguia pensar era que não poderia ser tarde demais. Não quando acabara de convencê-la a ajudá-los. Não quando finalmente percebera que ela era mais do que apenas alguém que odiava seu povo.

Rangendo os dentes, ele permaneceu imóvel enquanto as portas se abriam acima de sua cabeça. Aulax estendeu a mão e tocou uma mecha do cabelo de Alexia, enrolando-a no dedo antes de deixá-la flutuar para

longe.

— Ela deve ter sido uma guerreira impressionante para você lutar tanto por ela — murmurou Aulax. — Você não é assim com tantos achromos.

Tantas palavras estavam escondidas no que seu filho dizia. Ele encarou o homem em que seu filho havia se transformado, esperando que Aulax se rendesse e dissesse o que queria dizer. As portas rangentes acima deles só lhes dariam uma pequena privacidade por um tempo.

Por fim, Aulax limpou as guelras com um golpe forte.

— Nunca o vi preocupado com a espécie deles, e você exala medo, pai. Só quero saber o que o levou a esse ponto.

— Eu... — Ele respirou fundo. — Estou impressionado com esta.

— Isso não significa que você reaja assim.

Ele afrouxou o aperto nas pernas dela e estendeu a mão para tocar o ombro de Aulax. Agarrando-o com força, olhou fundo nos olhos do filho e rezou para que, se alguém o entendesse, fosse a criança que havia saído do seu próprio corpo.

— Não tenho uma resposta para você. Esta não é como as outras. Ela é importante e eu devo... Devemos mantê-la segura.

As portas acabaram de se abrir, e ele lançou ao filho um olhar que prometia que ele voltaria em breve. Eles precisariam conversar sobre isso, eventualmente.

Ele arrombou o resto da porta da piscina lunar, raspando algumas escamas no processo enquanto se lançava para fora da água rápido o suficiente para conseguir sentar na borda sem sequer colocá-la no chão. Anya o esperava, com uma expressão confusa no rosto, até ver a mulher em seus braços.

Ela soltou um suspiro e levou os dedos à boca.

— Fortis, o que está acontecendo?

Anya sempre pronunciava o nome dele de forma estranha. Era um

nome estranho, provavelmente um que ela nunca tinha ouvido antes de perder a audição. Por isso, a palavra sempre saía um pouco arrastada quando ela a pronunciava.

Ele inclinou Alexia nos braços. A cabeça dela pendeu para o lado, o cabelo se movendo para que Anya pudesse ver o rosto de Alexia.

— Ela precisa de ajuda.

— Ela perdeu muito sangue. Posso deixá-la confortável, mas...

Anya congelou ao ver a expressão no rosto dele. Ele a encarou com toda a raiva que o fazia tremer. O olhar dizia que ele precisaria de vingança se Alexia morresse, e que ele tiraria essa vingança da própria Anya se ela falhasse nisso.

A água se agitava ao lado dele, e ele ouvia o estrondo de vozes. Claramente, Aulax estava tendo que discutir com Daios. O macho não gostava muito de Fortis para começo de conversa, e ter Anya sozinha com ele? Isso provavelmente estava devorando Daios vivo.

Ótimo, deixe o diabo vermelho se sentir um pouco desconfortável.

Anya estremeceu antes de se aproximar.

— Posso experimentar uma coisa primeiro?

Ele assentiu, embora seu olhar estivesse semicerrado, e manteve o olhar fixo nela. Ela estendeu a mão para o tubo de respiração preso na garganta de Alexia e o removeu delicadamente. Ouviu-se um leve som de sucção e então... silêncio.

O peito dela não subia. Ela não respirava. Sem o tubo no pescoço, ela não conseguia fazer nada sozinha.

Ele também não conseguia respirar. Será que tudo aquilo tinha sido culpa dele? Será que ele tinha feito aquilo com ela? Ela não merecia morrer daquele jeito, não quando ele tinha acabado de descobrir como ela era, sendo tão linda e carente. Ela era forte demais para aquilo. Ele se recusava a acreditar que ela fosse morrer.

Com a mão trêmula, ele tirou o tubo da mão de Anya e o colocou de

volta no pescoço de Alexia.

— Faça o que puder.

— Não posso fazer nada, Fortis. Ela está morta há muito tempo, o cérebro dela não recebeu oxigênio suficiente. Não funciona como um interruptor.

Outro achromo entrou na sala, olhando para uma prancheta na mão.

— E aí, Anya? Se a Bitsy estiver online, você se importaria de me explicar esse pedido?

Mas então ele olhou para cima e congelou. Seu queixo caiu, e Fortis pôde ver o reconhecimento florescer em seus olhos. Era quase como se o homem soubesse de algo que os ajudaria.

Com um movimento do rabo, ele jogou o homem contra a parede oposta e o prendeu contra o metal.

— O que você sabe?

O homem soltou um longo suspiro, batendo nas escamas que o prendiam.

— Fortis! — Anya gritou.

A comoção certamente atrairia mais achromos. Todos eram tão intrometidos. Então, ele estendeu a mão rapidamente para o homem, puxando-o para perto o suficiente para que pudesse sentir o cheiro de medo em seu hálito.

— O que você sabe? — Fortis rosnou.

— Nada demais! Só boatos. As pessoas em Alfa costumavam... conversar. — Ele agarrou as mãos de Fortis, tentando desesperadamente se livrar dele. — Me solta.

— Conte-me mais.

— Experimentos genéticos. Pessoas maiores, mais fortes, mais capazes de proteger pessoas importantes. Eu trabalhava para alguns médicos lá e todos eles afirmavam que era possível, e que tinham ouvido

falar de outras cidades fazendo isso. — Outro longo gemido seguiu as palavras. — Por favor, me solte.

A mão de Anya tocou seu antebraço, mas ele sabia que havia importância nas palavras daquele filhote. Doutor. Cientista. Seja lá qual fosse o nome da criatura. Enrolando a cauda em volta do homem, ele envolveu a carne macia em escamas frias e úmidas e o forçou para mais perto de Alexia.

— Você pode salvá-la?

O homem engoliu em seco. Seus olhos estavam arregalados e seu coração batia forte contra a cauda de Fortis, mas ele hesitou um pouco antes de assentir.

— Se ela for uma delas, então deve conseguir sobreviver a muito mais do que isso. Eu posso... eu posso tentar.

Era bom o suficiente.

VINTE E SETE

Alexia

O bipe era quase familiar demais. Quantas vezes ela já havia acordado daquele jeito? Cem bipes, era o que ela sempre dizia a si mesma. Conte cem bipes antes de abrir os olhos. Assim, pelo menos, ela teria alguns momentos para si mesma.

Ela sempre começava pelos pés. Consegue mexer os dedos? Sim. Eles se moviam. Lentamente, dolorosamente, mas se moviam. Ótimo, ela não estava paralisada naquele momento. Subindo pelas panturrilhas, também não sentia dor. Sua coxa doía. Ambas, agora que pensava nisso. Doíam como se ela tivesse sido cortada, então deve ter sido isso que aconteceu. Talvez uma briga de facas. Não seria a primeira vez.

Vinte e cinco... vinte e seis...

Subindo pelos quadris, não havia ferimentos no tronco, pelo menos. Não parecia tão ruim, embora houvesse uma estranha sensação de sucção ao respirar, que poderia ser ruim. Seus pulmões não estavam respirando normalmente, e isso não era um bom sinal, mas ela aguentaria. Pulmões podiam se curar. Corações, não.

Cinquenta e três... cinquenta e quatro...

Suas mãos e braços doíam muito mais do que o resto do corpo. Principalmente os bíceps, quase como se houvesse algo realmente errado com um deles. Ela duvidava que fosse esse o caso, no entanto. Ela se curava muito mais rápido do que outros humanos, então devia estar um pouco cansada de todos os remédios que injetaram em seu corpo. Nada que um alongamento não resolvesse.

Oitenta e sete... oitenta e oito...

Alexia estava com uma dor de cabeça horrível e havia uma

substância estranha, parecida com algodão, cobrindo sua língua. Ela precisava de um copo d'água e de mais alguns remédios para acabar com o resto da dor. Aí ela ficaria bem. Poderia voltar a se proteger ou a fazer o que quer que estivesse fazendo.

Cem.

Piscando, ela os abriu contra a luz branca e ofuscante da enfermaria. Mas não era a de Tau. A maioria de suas memórias veio à tona naquele momento. Ela havia sido atacada por uma quantidade enorme de lulas grandes demais para o próprio bem, e então Fortis a salvou. Pelo menos ele não a deixou para morrer. Ela realmente achava que ele era mais propenso a fazer isso, considerando que a situação era inteiramente culpa dela.

Mas ela não estava morta. Então, ele a levou a algum lugar com curandeiros que sabiam como acelerar o processo de cura do seu corpo. Ela não tinha total certeza da ciência por trás disso. Tudo o que sabia era que aqueles com modificações genéticas podiam se curar muito melhor do que o ser humano médio. Alexia morrera algumas vezes na vida, apenas para ser trazida de volta com um forte pulso elétrico no peito e uma injeção de adrenalina que pareceu melhorá-la.

Ela piscou algumas vezes para tirar a areia dos olhos, tentando se orientar. Havia vidro acima de sua cabeça. Agora que seus olhos estavam se adaptando, ela podia ver que não era tudo branco. A luz era apenas o sol atravessando a água, embora ela não tivesse certeza se veria a luz do sol por muito mais tempo.

Havia uma nuvem de tempestade no céu. Uma nuvem negra, escura como tinta, ameaçadora enquanto se erguia sobre suas cabeças. Ela permaneceu em silêncio enquanto a observava, apenas encarando as espirais de escuridão.

Pequenas gotas de chuva batiam na superfície da água, que provavelmente estava a uns três ou quatro metros acima de sua cabeça.

Então, o vento começou a soprar forte. Logo, ela não conseguia mais ver o céu. Ondas ondulantes tomaram conta de tudo e então o sol realmente desapareceu. Estava quase escuro como breu no quarto até que as luzes do teto se acenderam, uma a uma.

Onde ela estava? Fortis claramente a levara para um lugar seguro onde ela pudesse se curar, mas aquela não era uma cidade familiar. Ela vira todas com os próprios olhos, tendo viajado com Harlow para todas elas em algum momento da vida. Aquele não era um lugar familiar. Nenhuma das cidades estava perto o suficiente da superfície para que pudessem ouvir o estrondo dos trovões e os estalos repentinos dos relâmpagos.

Uma porta se abriu e fechou. O som foi um alívio bem-vindo à tempestade que se abateu sobre nós.

Virando a cabeça para o lado, ela percebeu que aquela sala era um domo. Ela só tinha estado em alguns deles antes. Vigas gigantes de metal estabilizavam tudo, com vidro descendo do teto até o chão de metal. Muitos equipamentos médicos estavam armazenados em armários com revestimento de vidro, e havia outras duas mesas na sala. Não camas. Mesas. Então talvez aquela fosse mais uma sala cirúrgica, embora ela não conseguisse imaginar por que eles teriam uma daquelas. Devia ser um pequeno assentamento, algo fora do controle de Tau.

A porta nem sequer estava conectada a nenhum computador. Não havia funções automáticas ali. Apenas uma porta de escola bem antiga que o jovem que entrou no quarto dela fechou atrás de si.

Ele olhou para ela com olhos enormes, ampliados por óculos, antes de pigarrear.

— Ah. Você acordou.

— Estou acordada.

— Fantástico. Vou buscar Mira.

Sua voz era pouco mais que um grasnido, mas ainda assim soava

intimidadora.

— Espere.

A palavra áspera fez o homem congelar onde estava. Ela podia ver que seus ombros tremiam de medo enquanto ele olhava por cima do ombro.

— Sim?

— Água, por favor.

— Ah. Certo. Claro. Desculpe, esqueci que morfina pode causar boca seca em alguns pacientes. Permita-me. — Ele caminhou até o canto, onde havia uma jarra d'água. Quase deixou a jarra de plástico cair no chão enquanto, trêmulo, a despejava em um copo para ela e o levava para a mesa. Ele hesitou antes de colocá-la ao lado dela.

— Deixe-me pegar um canudo para você.

— Estou bem. — Alexia colocou o cotovelo embaixo do corpo e sentou-se lentamente.

— Você não devia fazer isso. — Ele se lançou para frente, quase colocando a mão no peito dela para segurá-la no lugar antes de congelar novamente. Sua mão tremia.

— Eu só acho... que você quase morreu, senhorita.

Embora ela tossisse ao se sentar ereta, para o terror dele, não se sentiu muito pior. Pelo menos conseguia se sentar ereta e beber de um copo.

— Estou bem — repetiu ela. — Chame quem você disse que precisava.

— Mira. Ela queria ser a primeira a saber quando você acordasse. Os outros, claro, também estavam interessados. Todos apareceram várias vezes para garantir que você ainda estava viva. Ninguém viu Fortis, então... — Ele parou de falar, os olhos de alguma forma ficando ainda maiores. — Certo. Vou buscar Mira.

Ela não fazia ideia do que a amaldiçoara a ponto de vir parar

naquele lugar, mas jamais perdoaria Fortis por tê-la trazido até ali. Virando a água, pousou o copo e tentou se manter em pé. Se ia encontrar alguém importante naquele lugar, com certeza não o faria deitada.

Onde estava Fortis? Ela tentou olhar através da água que cercava a cúpula de vidro, mas a tempestade lá em cima rugia com tanta força que agitava a superfície. Espuma preenchia sua linha de visão, tornando impossível dizer se havia uma ondina lá fora observando-a, ou se era apenas o nada do mar.

Bufando, ela se lembrou da última vez que pensou que não havia nada no mar.

Falando nisso... Alexia olhou para as bandagens em suas coxas e braços. A lula parecia tê-la mordido em vários lugares diferentes. Ela teve sorte de não terem tentado atingir sua garganta. Provavelmente teria sido muito mais difícil sobreviver.

Ela tirou as bandagens enquanto sibilava entre os dentes. A do braço esquerdo era a pior, embora o músculo já estivesse se regenerando. Claramente, tinham lhe dado uma boa dose de analgésico para que ela não sentisse mais aquela dor horrível. O outro braço não estava tão ruim, mas estava com um leve sangramento, o que ela só podia imaginar que significava que havia infeccionado de alguma forma. Talvez a boca daquelas lulas não estivesse tão limpa.

Mas a perna dela... a perna dela não estava nada bem. Ela precisava de uma boa dose de nanites para curá-la. Os pequenos robôs eram geralmente o que Tau injetava em seus humanos, direto na corrente sanguínea, onde podiam se curar. Aquelas lulas quase roeram até o osso com aqueles bicos afiados. Suspirando, ela balançou a cabeça diante da confusão toda. Se tivesse deixado Fortis carregá-la de volta para o submarino, nada teria acontecido. Seu próprio orgulho estúpido atrapalhou. Ela realmente precisava aprender a lidar melhor com aquela emoção.

A porta abriu e fechou novamente, dessa vez com um estalo mais forte, o que sugeria que a pessoa que entrou tinha muito mais força do que a última.

Olhando para cima, ela encarou a mulher de cabelos cor de fogo à sua frente. Essa Mira era forte. Ela estava certa sobre isso. Músculos. Ela ergueu e abaixou os braços nus que cruzava sobre o peito. A regata branca que usava estava manchada de graxa, e a parte de baixo era uma roupa de mergulho dobrada ao meio em volta da cintura. Ainda havia gotas d'água nela.

— Você estava aqui? — perguntou Alexia, apontando para a tempestade. — Parece perigoso.

— Essa merda tem que ser feita. Então eu faço. — Mira se encostou em uma das outras mesas, seus olhos enxergando mais do que Alexia queria que ela visse. — Você tirou as bandagens, pelo que vejo. Não confia na nossa cura?

— Poucas pessoas sabem como curar alguém como eu.

— É, pensei nisso assim que te vi. Você não é humana.

As palavras ardiam. Alexia as ouvira a vida toda, mas ainda assim não eram agradáveis de ouvir.

— Eu sou humana, assim como você.

— Atualizada?

— Mais do que aprimorada. Criada em laboratório, a perfeição em pessoa. — Ela deu de ombros. — Ou, pelo menos, perfeita para o trabalho para o qual me designaram.

A boca de Mira se torceu para o lado, como se ela estivesse mordendo o lábio inferior.

— O que te fizeram fazer?

— Proteger.

— Você é boa nisso?

— Melhor do que qualquer um aqui. — Alexia olhou ao redor,

tentando decidir se precisava encontrar uma arma. Embora achasse que conseguiria matar aquela mulher com as próprias mãos. Nenhum deles imaginaria que ela conseguiria fazer isso. — Eu não sugeriria que me testassem.

Mira ergueu as mãos.

— Eu não estava planejando isso. Eu já vi você deitada. Nem quero saber qual seria seu tamanho em pé.

— Preciso de nanites.

— Não temos nada disso aqui.

Alexia franziu a testa. Sulcos surgiram entre seus olhos enquanto ela respirava fundo e suspirava. O som foi um chiado longo e profundo, semelhante a um rosnado, quando ela percebeu que estava presa na pior das circunstâncias.

— Então vou precisar de esteroides. Muitos.

— Não temos muitos desses, e, em geral, os guardamos para quem precisa deles após uma infecção. Você vai ter que se curar como todos nós.

É, ela não ia fazer isso. Respirando fundo para se acalmar, Alexia jogou as pernas para o lado da mesa. O metal cravou-se na parte de trás das coxas, fazendo o ferimento em uma delas doer mais do que antes. Nada demais, na verdade. Ela conseguiria aguentar. Aquela dor não era tão forte quanto a que sentira durante o treinamento. Ou da última vez que morrera.

Ela foi eletrocutada até a morte quando Harlow caiu em uma poça d'água com um fio desencapado. Alexia jogou sua Original para fora da água e ficou presa nela.

Estremecendo, ela colocou os pés no chão e balançou a cabeça.

— Isso vai ser uma merda.

— O que você está fazendo?

Alexia se levantou com um impulso. Sua perna esquerda suportou

todo o seu peso com facilidade, embora não fosse uma sensação agradável. Ela ficou imóvel enquanto Mira se lançava sobre ela.

— Não vamos fazer isso — disse Mira, com as mãos estendidas enquanto olhava para a altura enorme de Alexia. — Droga, você é uma mulher grande.

— Você pode tentar me impedir. — Ela deu mais um passo à frente, tentando apoiar o peso na perna direita, o que não foi tão ruim quanto ela imaginara. — Mas eu não sugeriria isso.

— Onde você está indo?

— Estou tomando esteroides. Imagino que seja junto com todos os outros medicamentos.

— Eu já disse, não vou te dar mais nenhum remédio. Não sei o que isso vai fazer com todo o resto que os médicos aqui deram você. Não é como se tivéssemos um hospital aqui e você estivesse literalmente morta. — Mira tentou agarrar o braço dela, mas o soltou quando Alexia a soltou. — Meu Deus, você é forte.

— Mais forte que a maioria — respondeu Alexia. Ela passou a língua pelos dentes enquanto alcançava o armário e o vasculhava. — O que me deram?

— Não sei.

Poderia ser pior. Ela tinha tomado muitas drogas diferentes ao longo da vida. Uma dose letal para um ser humano normal não era letal para ela.

Outra pessoa entrou, desta vez uma loira com um androide enrolado na cabeça.

— O que ela está fazendo acordada?

— Dando a si mesma uma injeção de esteroides.

— Ela não pode fazer isso! Tivemos que dar anticonvulsivantes porque ela começou a ter convulsões quando reiniciamos o coração! Esteroides podem matá-la. — A loira deu um passo à frente, parando

apenas quando Mira a agarrou pelo braço. — Mira, me solta. Ela vai se matar de novo.

— Acho que deixamos a mulher grande fazer o que ela quer — Mira sibilou.

Provavelmente porque, se ela morresse, todos os problemas de Mira seriam resolvidos. Alexia sabia que era um problema complicado. Ninguém confiava nela, e ela não os culpava por isso.

— Fortis contou quem eu sou? — perguntou ela ao encontrar a caixa de esteroides. Só havia seis frascos. Ela tomou três.

— Só que você era de Tau e que podíamos confiar em você — respondeu Mira.

— Um homem de muitas palavras. — Alexia enfiou a primeira agulha na coxa, suspirando quando os esteroides começaram a fazer efeito imediatamente. Ela conseguia sentir o corpo usando a agulha para tratar o ferimento na coxa, e conseguia até sentir as bordas irregulares do ferimento cicatrizando.

Ela se virou para as outras duas mulheres, notando que elas se arregalaram ao olharem para sua perna. Ela estava visivelmente se unindo naquele momento. As vantagens de ser mais que humana.

— Eu sou de Tau. Podem confiar em mim, por mais impossível que isso pareça. Não tenho interesse em machucar as pessoas daqui e só quero me vingar de Tau por tudo o que me fizeram. O que você está assistindo agora é apenas parte dos experimentos deles.

Ela aplicou o próximo tiro no braço esquerdo, aquele com o líquido saindo. Aquele ardia, mas ela apenas observou o líquido amarelo escorrer do ferimento antes de desacelerar e começar a cicatrizar. Um último ferimento.

Se ela estivesse de volta a Tau, teriam lhe dado sangue. Mas este lugar não tinha isso. Ou talvez tivessem, e simplesmente não estivessem interessados em doá-lo a ela. Tudo bem também. Ela não esperava que a

recebessem de braços abertos.

As bocas das duas mulheres se abriram enquanto a encaravam, e então uma terceira colocou a cabeça para dentro. Com cabelos escuros cortados rente à cabeça e óculos no rosto, ela estava tão distante de qualquer pessoa que vivesse em Tau que Alexia começou a gostar dela um pouco mais do que das outras duas.

— O que está acontecendo aqui? — Seus olhos se voltaram para Alexia e então se moveram para cima... para cima... para cima... — Ah. Merda.

Alexia suspirou e olhou para o teto.

— Ah merda, mesmo. Agora, cadê meu ondino?

VINTE E OITO

Fortis

Duas semanas. Foi esse o tempo que os outros achromos levaram para trazê-la de volta dos mortos, e durante todo esse tempo Fortis argumentou consigo mesmo que não era necessário vê-la. Ele não precisava olhar para o seu corpo imóvel, contar as respirações que subiam em seu peito ou se demorar na água para ter certeza de que ela ainda estava viva.

Seu povo fizera tudo o que podia para salvá-la. Não tinham certeza se conseguiriam, mas era melhor do que nada. Não a trataram de forma diferente de um dos seus, embora tivessem bons motivos para odiá-la.

Ele odiava se sentir tão impotente. Mas confiava que seu povo teria sucesso. E teve.

Ela superou a dor e o tormento infinito da morte ao seu lado, e então ele pôde respirar novamente. Claro, ele não poderia mais vê-la depois disso. Ela ainda estava se recuperando. Ele não queria atrapalhar. Então, ele permaneceu na água, vendo-a apenas quando tinha certeza de que ela estava descansando. Isso lhe permitiu verificar e... certificar-se de que ela estava viva, mas também saber que ele não a incomodava.

Em uma dessas ocasiões, Arges o encontrou. Ele sentiu o cheiro do irmão muito antes de o atum-azul aparecer, mas não o alertou para ir embora. Uma parte dele queria conversar.

Não importava o quão difícil tal conversa fosse. Seus sentimentos estavam todos confusos, e era tão errado sequer ter os pensamentos que ele estava tendo. Mas também...

— Irmão — disse ele enquanto Arges nadava para mais perto. Juntos, eles se afastaram da cúpula da enfermaria. Fortis percebeu que

não gostava que ninguém mais olhasse para ela.

Pelo que lhe disseram, Alexia havia se curado. Ela havia roubado todos os esteroides que eles tinham e depois os injetado em si mesma. Os medicamentos fizeram sua carne se curar rapidamente, mas a deixaram exausta. Ela disse a todos que precisava de um tempo para dormir e, depois disso, estaria pronta para responder a todas as perguntas. Ele não tinha certeza se era um bom plano ou não.

Tau era difícil. Ele sabia que os outros não entenderiam muitas das coisas que ela iria lhes dizer. Ele não queria que menosprezassem Alexia pela vida que ela havia vivido. Ela havia lutado demais para que seu povo a julgasse.

Arges cruzou os braços sobre o peito enquanto flutuavam juntos sobre o abismo, longe o suficiente da vila para uma conversa particular.

— Você tem sentimentos por ela.

— Sentimentos são irrelevantes. E eu não tenho. — Mas era mentira, e ele sabia disso.

Arges também sabia. Seu irmão franziu a testa, obviamente decepcionado por Fortis negar seus sentimentos.

— Fortis. Se alguém consegue entender como você está se sentindo, sou eu. Sei que meus outros irmãos são difíceis de conversar sobre... bem, qualquer coisa. Mas eu senti a mesma coisa que você está passando.

— E o que você acredita que eu estou sentindo?

Curiosidade. A experiência difícil e repugnante de se sentir atraído por um deles quando você o odiou a vida inteira. A certeza de que nada mais será o mesmo porque você encontrou um deles, mas essa verdade também te dá vontade de arrancar os próprios olhos.

Isso resumia tudo, mas não era algo que Fortis quisesse admitir. Ele odiava achá-la interessante, e essa era a parte mais difícil de tudo.

— Eu não gosto de achromos — sibilou ele. — Eles são uma praga neste mar, e eu desejo ver as águas ficarem vermelhas com o sangue

deles. O mundo nunca mais será o mesmo se eles continuarem como estão.

— Concordo.

— Você está acasalado com uma, Arges. Isso tem que mudar as coisas.

— Mas não importa. — Arges deu de ombros. — Eu posso odiar o povo de Mira sem odiá-la. É difícil? Sim, claro. As conversas sobre como me sinto em relação ao povo dela nunca serão fáceis. Ela não gosta que eu queira caçá-los e matá-los. Eu não gosto que ela queira salvá-los. Vai ser difícil, especialmente considerando de onde os seus são. Mas isso não significa que você deva se esquivar dessas dificuldades.

Resmungando, Fortis balançou a cabeça.

— Não tenho interesse nela. O que mais preciso dizer para convencê-lo?

— Dê-me uma razão pela qual você não gosta dela.

Ele deu de ombros.

— Tudo nela é motivo para não gostar dela. Ela é a inimiga. Cada interação com ela até agora tem sido uma briga, tanto física quanto verbal. Não é o tipo de relacionamento que pode ser duradouro.

— Relacionamento?

Fortis olhou para cima e viu que Arges havia erguido a sobrancelha. Claramente, seu irmão viu algo que ele não viu, e Fortis odiou isso. Ele não admitiria que havia algo acontecendo entre ele e Alexia. Ele não queria que houvesse... qualquer coisa acontecendo entre eles também. Esses sentimentos complicados acabariam se acalmando.

Ele esperava que agora fosse mais fácil negá-la. Ela estava com outros de sua própria espécie, não presa nas profundezas com ele. Em breve, ambos se esqueceriam, pois havia outros com quem conversar.

Mas ainda assim, as palavras borbulhavam de seus lábios.

— O fantasma da minha esposa me visitou. Ela me disse para viver,

mas não tenho interesse em fazê-lo.

Arges pareceu pensar nas palavras por um longo tempo. A calmaria na conversa deu tempo ao mar para girar ao redor deles. Redemoinhos flutuavam ao redor de seu corpo e brincavam com seus pelos, filtrando-se por suas guelras. Era agradável sentir o mar o sustentando, como se ela sussurrasse que qualquer que fosse a corrente que ele escolhesse, seria a certa a seguir.

Por fim, Arges perguntou:

— Há quanto tempo você não demonstra interesse por alguma fêmea?

— Desde minha esposa.

— E há quanto tempo ela está com os ancestrais?

Ele engoliu em seco.

— Muitos, muitos anos. Mas fui fiel a ela durante todo esse tempo.

Arges cantarolou baixinho.

— Você foi fiel e leal a uma memória. Foi um ato honroso o que você fez, mas uma memória não se importa com a sua lealdade, Fortis. Essa lealdade era por você. Não por ela.

As palavras feriram. Ele tinha sido tudo o que deveria ser para a esposa, mesmo depois de perdê-la. Ouvir que talvez não tivesse sido a coisa certa a fazer? Ele se recusava a acreditar. Admitir tudo isso significaria admitir que estava errado. E que havia desperdiçado tanto tempo da vida quando poderia ter passado todos aqueles anos sendo feliz.

Balançando a cabeça, ele tentou pensar em um argumento que justificasse suas ações, mas então foi salvo. Aulax apareceu, suas luzes brilhando de felicidade enquanto ele se aproximava dos dois. Essa era exatamente a desculpa que ele estava procurando.

Pigarreando, ele acenou com a cabeça em direção ao filho.

— Preciso ver meu filho.

— Ele é um homem agora, Fortis.

— Ele sempre será um menino para mim.

Não importava a idade do filho, ele sempre seria o filho do Fortis. Era assim que acontecia. Aulax era a criança mais importante da sua vida, e ele se recusava a vê-lo como qualquer outra coisa. Infelizmente, Aulax achava isso extremamente irritante.

Fortis estava usando o filho como desculpa? Sim, com certeza. Ele sabia disso. Mas, ao deixar Arges ali, com perguntas mais complexas que Fortis não queria responder, ele pelo menos foi abençoado com alguns momentos de paz com o filho.

Aulax sorriu ao se aproximar, abrindo bem os braços e agarrando Fortis assim que se aproximou.

— Ela está bem o suficiente para receber visita, pai!

— Quem?

Imediatamente, o sorriso desapareceu do rosto do filho.

— Sua... sua mulher. A mulher que você trouxe de volta à beira da morte? Disseram que poderíamos falar com ela hoje.

— Por que eu falaria com ela?

Foi a coisa errada a dizer. A expressão do filho se fechou em decepção antes que ele se recompusesse e tentasse sorrir novamente. Desta vez, a expressão era mais difícil de acreditar.

— Porque foi você quem a trouxe aqui. Eles acharam que você gostaria de falar com ela. Enquanto estava sendo gravado, é claro.

— Não sei o que esperam que eu tire dela.

— Eles esperam que você consiga informações sobre Tau. Foi por isso que você a trouxe aqui. Você disse que ela nos ajudaria. — Aulax pigarreou. — E eu presumi, já que você nunca demonstrou qualquer preocupação com nenhum achromo, que você a tinha em alta estima.

— Você pensou errado. — Ele estava tão cansado de mentir para todo mundo.

E parecia que seu filho entendia isso. O sorriso de Aulax tornou-se muito, muito real enquanto ele olhava para o pai e dizia:

— Então você se importa se eu conversar com ela? Talvez ela esteja mais interessada em alguém do nosso povo que se interesse por sua espécie. Eu adoraria ter uma longa conversa com ela sobre o que quer que ela queira falar.

A raiva queimava intensa e feroz em seu peito. Ele não queria que o filho falasse com ela. Era errado sequer pensar em Aulax flertando com a mulher que ele tinha... tinha...

Não fez nada com ela. Ele não tinha feito nada com ela, e era aí que estava o problema. Ele queria fazer muito mais, e não tinha conseguido.

Bolhas de frustração saíram de suas guelras antes que ele se virasse da enfermaria em direção à área onde costumavam se encontrar com os achromos dentro de sua aldeia segura.

— Venha, filho. Falaremos com ela juntos.

— Como eu pensava.

Ele havia caído direto naquela armadilha. Fortis tentou se convencer de que conseguiria fazer aquilo sem revelar seus sentimentos. Ele a encontraria novamente, a veria depois que ela quase morresse. Ele conseguiria se manter firme diante dos outros que não acreditavam que ele conseguiria.

Os rumores acabariam, então. Todos o deixariam em paz, e ele poderia lamber as feridas em silêncio após romper a ligação com Alexia.

Mas então ele apareceu na sala de reuniões e esperou pelo que pareceu uma eternidade. Ela deveria ter vindo aqui, não é? Ela já deveria estar aqui.

E se Aulax estivesse errado? E se ela ainda estivesse muito ferida e ninguém quisesse contar a ele? E se ela tivesse piorado e todos estivessem correndo de volta para a enfermaria?

Ele não conseguia respirar até ver a sombra dela se movendo pelo

chão. Ninguém poderia confundir aquela sombra com outra pessoa.

E então lá estava ela. Forte, confiante, muito mais do que qualquer achromo que ele já conhecera. Ela estava tão mole quando ele a trouxera ali. Seu rosto pálido, suas feições contraídas. Mas agora ela caminhava com a coluna ereta e ombros largos, como antes.

Isso fez com que o orgulho inflasse seu peito. Ele queria agarrá-la, segurá-la contra o coração e sentir o coração único e estranho dela batendo contra o seu. Fortis não queria tocar em outra pessoa há tanto tempo. Mas ela?

Ele queria abraçá-la. Queria apenas alguns momentos em que não se sentisse culpado por tocá-la.

Expirando, Fortis tentou não demonstrar o quanto estava impressionado com a beleza dela. Mas a maneira ofegante como perguntou:

— Você está bem? — deve tê-lo denunciado.

— Fortis — disse ela, com a voz suave e calma. — Que bom ver você.

Eles se encararam como se ninguém mais existisse. E naquele momento, ninguém existia. Eram só ele e ela, se encarando, se esforçando para garantir que o outro estava bem.

Os olhos dele dançaram sobre a pulsação em sua garganta, a respiração que lhe preenchia as costelas e lhe erguia os ombros, a forma como suas mãos se fechavam em punhos. E então ele olhou em seus olhos e sentiu cada parte de si congelar de admiração. A vida ardia naquele olhar, tão belamente que fazia todo o seu corpo parecer estranho.

As guelras ao lado do corpo dele se ergueram, agitando levemente sob o olhar dela. Ele queria que ela o olhasse o tempo todo daquele jeito. Queria que ela o elogiasse, que sussurrasse seu nome como fazia antes. Mas nada disso era possível. Não para eles. Não ali.

Pigarreando, ele tentou tirar os dois daquele momento.

— Este é Aulax — disse ele. — Meu filho.

O olhar dela se voltou para a versão mais jovem dele, e ele observou a suavidade se espalhar ainda mais por suas feições.

— Aulax. Ouvi falar de você e de toda a diversão que você e seu pai tiveram quando eram jovens.

— Diversão? — repetiu Aulax. — Não me lembro assim. Meu pai certamente embelezou essa história.

— Não creio que seu pai saiba embelezar nada.

— Você estaria certa nisso. — Seu filho se encostou na borda da piscina lunar, parecendo muito à vontade e flertador. — Eu não imaginava que você seria tão impressionante em estatura. Os outros mencionaram que você era maior do que a média, mas você parece um par para o nosso povo. E linda, por sinal.

— Você é muito jovem para mim.

Ele ficou satisfeito em ouvi-la pelo menos discutir com Aulax. Porque ele era jovem demais para ela. Esse era um argumento melhor do que as palavras que fervilhavam em sua língua, como: ”Tire os olhos dela ou eu os tiro para você”.

Aulax riu das palavras dela.

— Ah, acho que a idade não tem muita importância. Você veio aqui com meu pai, e ele é um velho.

— Não penso nele como um velho. — Ela olhou para ele novamente e seu mundo explodiu em chamas.

Um calor escaldante percorreu todo o seu corpo. Ela o fez querer agarrá-la e ver que outra paixão ele conseguiria extrair dela.

Toda vez que pensava nisso, sabia que era errado. Desonesto. Ele deveria ser melhor do que os outros do seu povo que haviam caído sob o feitiço de uma achromo. Ele sabia que não devia fazer o que estava fazendo.

O filho dele ainda flertava com ela.

— Você devia ver como é com os outros. O Povo da Água tem muitos tipos, mas os andarilhos das profundezas são os mais assustadores de todos. Você descobrirá que há muitas pessoas diferentes no fundo do mar. Todos nós somos… Um pouco diferentes. Tem os surfistas, essas pessoas que geralmente vivem em águas rasas. Para ser sincero, eles não parecem tão diferentes de você. Embora as guelras geralmente nos denunciem. E a cauda, é claro.

Sobre o que Aulax estava tagarelando? Alexia não se importava com as diferenças entre os seus povos. Ela precisava dar informações sobre Tau e seguir em frente. Era só isso que a conversa se resumia, e certamente não era uma oportunidade para ela flertar com o filho dele.

Só que talvez ela devesse conhecer mais pessoas do povo deles. Alexia queria provas. Era por isso que ela havia discutido com ele por semanas a fio enquanto ele a mantinha presa. Ela queria um motivo para ir contra Tau. E mesmo tendo concordado em ajudá-lo, isso não significava que continuaria a fazê-lo sem precisar de mais provas.

Uma voz em sua cabeça gritou que ele só estava tentando ficar sozinho com ela novamente, mas ele a ignorou.

— Essa é uma boa ideia, filho. Ela deveria conhecer o resto dos andarilhos das profundezas. Talvez fosse mais útil para ela explicar nossa situação a eles do que ao nosso próprio povo.

Os olhos de Alexia quase saltaram das órbitas.

— Você quer que eu faça o quê?

— Conhecer os andarilhos das profundezas — respondeu ele. — Nas profundezas do mar, como nenhum outro achromo já experimentou.

VINTE E NOVE

Alexia

Era uma ideia maluca, mas ela não ia deixar passar. Quantas pessoas já receberam a oportunidade de ver onde os andarilhos das profundezas viviam? Provavelmente ninguém, como Fortis havia sugerido.

Ela precisava ter certeza de que não faria nada estúpido. Os andarilhos das profundezas eram notoriamente violentos e odiavam os humanos muito mais do que qualquer outro de sua espécie. Sem mencionar que precisavam de alguns aprimoramentos, pois nem mesmo ela era capaz de sobreviver naquelas profundezas.

Alexia podia ser uma humana aprimorada, mas ainda assim poderia morrer sob pressões como aquela. Devia haver algum tipo de traje ou cápsula que suportasse as braças, mas essa não era uma pergunta que ela pudesse responder. Ela não era engenheira.

Enquanto o encarava, ela se perguntava o que lhe passara pela cabeça. Depois de duas semanas sem vê-lo, tinha certeza de que ele só dizia aquilo porque queria provar algo. Fortis não se importava com o bem-estar dela. Ele a trouxera ali, e isso lhe bastava. Ele fizera o melhor que podia para mantê-la segura.

Mas quando o viu novamente, foi como se um fio desencapado tivesse sido aceso dentro de seu corpo. Ela não tinha percebido o quanto sentia falta de falar com ele. Cada célula do seu corpo ardia em brasa, e de repente ela quis saboreá-lo novamente. Quis pular na água e beijá-lo mil vezes até que ele admitisse que talvez também sentisse um pouco de falta dela.

Uma voz surgiu atrás dela.

— Você acha que é uma boa ideia? Ela pode morrer. De novo.

Fortis bufou com raiva, um som que ela reconheceu.

— Ela vai ficar bem. Você vai garantir que ela sobreviva.

Mira se aproximou e ficou ao lado dela, com o topo da cabeça logo abaixo do ombro de Alexia.

— Eu não faço milagres, Fortis. Uma pressão desse nível exigiria um submarino inteiro para mantê-la segura. Posso construir algo parecido com uma cápsula que você possa carregar, mas isso levaria meses de desenvolvimento e testes.

Ela já sabia o que Fortis ia dizer, e Alexia não conseguiu evitar um sorriso no rosto quando ele disse o que ela esperava.

— Você vai ter que se esforçar muito mais do que isso. Ela vai embora logo. Amanhã, se pudermos.

O rosto de Mira ficou quase tão vermelho quanto seu cabelo.

Alexia deu um tapinha no ombro de Mira.

— Agora é uma boa hora para eu contar a todos sobre Tau. Acho que isso vai ajudar a resolver essa situação.

— É melhor você colocar uma focinheira nesse aí — murmurou Mira enquanto se virava para a porta. — Eu pego os outros, mas você precisa controlá-lo. Ninguém me dá ordens assim. Não na cidade que eu construí com minhas próprias mãos.

Ela se virou e viu Fortis conversando com o filho, e o jovem galante também desapareceu sob a superfície da água. Então ficaram só os dois. Sozinhos. Ela observou as emoções cintilantes se infiltrarem em seu rosto e se perguntou o que ele estaria pensando.

Quantas pessoas sabiam o que aquelas microexpressões significavam? Alexia passara a vida inteira observando as pessoas para saber o que sentiam e o que fariam em seguida. Ela precisava conhecer o funcionamento interno da mente, e aparentemente isso se estendia aos ondinos.

Mas ela não tinha ideia do que ele estava pensando agora.

Ele engoliu em seco, desviando o olhar dela por um momento antes de suspirar e dizer:

— Venha aqui.

— E fazer o quê?

— Droga, mulher, vem cá. Deixa eu ver se você está bem.

Alexia agachou-se perto da água e ele estendeu os braços para ela. Ela não fazia ideia do que ele planejava fazer, mas não esperava que ele segurasse seu rosto com as mãos e a virasse para o lado. Ele estava olhando para o pescoço dela, ela percebeu. As mãos dele deslizaram pelos braços dela, procurando as feridas que ainda deveriam estar lá, das picadas de lula. Depois, desceram para as pernas.

O calor cresceu quando aqueles dedos fortes agarraram suas coxas com uma força impressionante e deslizaram pelos músculos. Realisticamente, ela sabia que ele só estava fazendo aquilo porque queria sentir as feridas, mas sua mente estava em outro lugar.

Ela queria que ele agarrasse suas coxas como antes fizera com seus tornozelos. Queria que ele abrisse bem suas pernas e... e...

Ela não sabia o quê. Mas queria. E, de alguma forma, parecia que Fortis era o único que poderia lhe mostrar.

Ainda agachada à beira d'água, ela prendeu a respiração enquanto as mãos dele deslizavam por suas coxas. Os dedos dele permaneceram ali, parando como se compartilhasse seus sentimentos, antes de olhar para ela.

— Você está bem?

— Estou melhor do que antes. Quem diria que lula poderia machucar tanto?

— Eu poderia.

A piada passou despercebida para ele. Mesmo assim, ela sorriu e assentiu.

— Claro que sim. Você sabe de tudo.

— Sim. — A palavra soara tão solene que ela sabia que ele não estava brincando. Ele a encarou como se o peso do mundo estivesse sobre seus ombros. — Eu nunca deveria ter deixado você ir.

Havia muito significado naquela declaração. Alexia teve que se convencer de que ele se referia apenas à lula. Não era o contrário. Fortis não estava demonstrando sentimentos por ela, nem que deveria tê-la mantido por perto por mais tempo. Aquele não era o seu estilo. Ele não era assim. Não se importava que ela estivesse ali ou que ela... que ela quase tivesse morrido.

Porque se ele se sentisse assim, então ela estava ferrada. Ela estava lutando para manter as próprias emoções separadas, e nunca se sentira assim antes. Mas, pensando bem, ela raramente sentia alguma coisa.

Imitando a pose dele, ela emoldurou o rosto dele entre as mãos.

— Não, você não devia ter feito isso. Mas eu também não teria deixado você ficar. — Ela passou os polegares pelas maçãs do rosto dele. — Tenho muita sorte de você ter me salvado. Por isso, serei sempre grata, Fortis. Você fez mais do que imagina.

Os olhos dele se arregalaram ao ouvir isso. E então as guelras ao longo do seu maxilar começaram a tremer um pouco. Ela ainda não fazia ideia do que aquilo significava, mas esperava que fosse algo bom.

Ele fizera mais por ela do que a maioria das pessoas faria em toda a sua vida. Ela estava acostumada a ser a dispensável, mas ele salvara sua vida. Ele sabia que ela provavelmente morreria e fizera tudo o que podia para garantir que isso não acontecesse. Não fazia ideia do que isso fazia com ela. Mas talvez, se ela lhe dissesse isso várias vezes, ele entenderia por que era tão importante.

Uma comoção começou na porta, e ela o soltou enquanto ele se encolhia. Ele não queria que ninguém soubesse que eles eram amigos, muito menos o que quer que fossem. Ela respeitava isso.

Então, ela se levantou e se virou muito antes de qualquer outra pessoa entrar na sala, dando-lhe as costas enquanto enfrentava o ataque de pessoas que se aproximavam. Eles teriam centenas de perguntas, e ela responderia a todas da melhor maneira possível, mas também sabia muito bem que eles não iriam gostar das respostas.

Várias pessoas entraram pela porta. A loira magra, a mulher mais baixa de óculos, Mira, o rapaz da enfermaria, outra loira alta que se parecia com a mulher de óculos e mais algumas pessoas no fundo que ela não conseguia ver. Muitas pessoas para um espaço tão pequeno.

O som ondulante da água a fez se virar e ver que outros ondinos haviam se juntado a Fortis no espaço apertado. O grande ondino azul se puxou para fora da água para abrir mais espaço, mas um vermelha, um amarela e Aulax permaneceram na água com Fortis.

Tanta gente para uma conversa tão curta. Seus lábios se curvaram para o lado.

— Presumo que sejam todos?

— A maioria — disse o ondino azul. — Meu nome é Arges.

Em seguida, ele apresentou todos os presentes. Ela já estava se sentindo um pouco sobrecarregada. Havia tantas pessoas ali que esperavam que ela tivesse respostas. Ela faria o possível, mas Alexia certamente decepcionaria a maioria delas.

Respirando fundo, ela acalmou qualquer nervosismo que ainda persistisse e abriu a boca.

— Meu nome é Alexia. Sou a sétima versão de mim mesma que protegeu a Original Harlow por anos. Fui geneticamente modificada a cada geração para corrigir certas falhas na minha constituição genética, mudanças de personalidade e para aprimorar habilidades humanas. Há muitos aspectos do meu corpo que foram aprimorados além das estruturas humanas normais, mas vou poupar vocês de todos os detalhes dessa lista.

Mira tossiu na mão.

— Acho que todos nós gostaríamos de saber a extensão disso, se você não se importar. Saber com o que estamos lidando, mesmo que seja só com você, seria muito apreciado.

— Força aprimorada, capacidade pulmonar, cura mais rápida, menos oxigênio no sangue para que eu possa suportar águas mais profundas, treinamento significativo sobre como matar um homem com as próprias mãos e... — Ela acenou para cima e para baixo. — Obviamente, sou maior. Provavelmente há mais melhorias, mas essas são as menos científicas. O resto teria que ser explicado por um geneticista.

Houve um grande silêncio diante de sua explicação. Claramente, ninguém sabia como lidar com o que estava acontecendo. Mas isso era de se esperar.

Ela seguiu em frente.

— Fortis me convenceu de que trair Tau é a coisa certa a fazer. Para ser sincera, venho considerando isso há muito tempo. A medicação que eles usam para manter pessoas como eu sob controle garante que façamos o que eles querem, mas até isso está passando. Sem deixar Tau, eu provavelmente já teria sido desativada há muito tempo.

— Desativada? — repetiu o grande vermelho.

— Minha espécie só serve para o que fomos criados para fazer — respondeu ela. — A única razão pela qual eu seria desativada seria se não pudesse mais cumprir meu dever da maneira que deveria. Fui criada para proteger a Original Harlow, assim como muitos outros da minha espécie foram criados para outros. Anos e anos ajustando a genética para que eu fosse a máquina de matar perfeita, capaz de fazer tudo o que quisessem. Se eu não conseguisse desempenhar essas funções, eles usariam minha genética para encontrar o problema e consertá-lo na próxima geração.

As palavras eram regurgitadas do que lhe fora dito a vida toda. Mas

soavam tão erradas agora que ela tinha um espaço longe daquele lugar.

E talvez ela devesse contar a eles. Talvez ela devesse revelar que não era totalmente desprovida de emoções. Era aceitável fazê-lo ali, entre pessoas que sentiam profundamente.

Mas ela não esperava o quão difícil seria abrir a boca e dizer isso.

— Eu não me importava com o meu próprio futuro. Existem... Nós os chamamos de renascidos. Eles são clones dos Originais, usados apenas para curá-los sempre que precisam do mais básico dos curativos. Essas eram as pessoas que eu não suportava ver maltratadas como eram. Eu já os vi acordar antes. Eles falam. Eles têm memórias que não deveriam ter. E os Originais os matam enquanto ainda estão vivos, porque esses clones não são pessoas reais para ninguém naquela cidade. Eu quero ver isso acabar.

Aparentemente, já era o suficiente. O ondino amarelo ergueu o punho no ar, agitando-o num movimento estranhamente humano.

— Então isso significa que você vai nos ajudar?

— Significa que quero ajudar. Não sei o quanto vou ajudar, mas farei o meu melhor.

A loira que usava o androide, Anya, lembrou-se, sorriu.

— Ah, acho que você será muito útil. Tudo o que precisa fazer é nos acompanhar.

— E isso significa?

De repente, havia cinco pessoas falando umas com as outras. Seu treinamento entrou em ação imediatamente, e ela registrou todas as palavras da melhor maneira possível.

Ace já estava falando com alguns dos androides que haviam entrado na sala.

— Byte? Preciso que você leve informações aos surfistas e os informe que temos detalhes sobre Tau e um informante que trabalhará conosco.

Anya caminhou até o ondino vermelho - talvez seu nome fosse Daios - e disse:

— Certifique-se de verificar todas as armas que pegamos de Alfa. Modificamos todas elas para atirar debaixo d'água, certo?

O ondino amarelo já estava falando com Arges.

— Se ela puder nos dar plantas ou mesmo um login para a cidade, podemos usar os droides para mapear o interior. Se for preciso, atacá-los será mais fácil do que pensávamos.

Em meio a todo o caos, Fortis a encarou. Seus olhares se encontraram, e ela soube, sem dizer nada, que ele temia por seu povo.

— Lutar contra Tau não será fácil — interrompeu ela. — Sei que vocês vêm planejando isso há muito tempo, mas isso não significa que terão sucesso. Esta é uma cidade que governa o oceano inteiro há séculos. Essas pessoas são as mesmas que cometeram todos os erros há muito tempo. Elas não estão aprendendo com os outros. Elas conhecem cada rebelião que já aconteceu, cada luta que já ocorreu, e têm recursos ilimitados à disposição. São extremamente perigosas. Acho que vocês não entendem no que estão se metendo.

O clima na sala se acalmou. Ela odiava ter que ser a pessoa a tirar a cabeça deles das nuvens, mas era a verdade. Eles iam acabar morrendo se invadissem Tau com aquelas poucas pessoas.

— Ela tem razão — disse Fortis. — Eu vi a cidade deles e senti o poder de suas armas. É impossível atacá-los e esperar que vençamos.

— Então por que trazê-la aqui? — perguntou Arges, estreitando os olhos.

Ela queria fazer a mesma pergunta. Ele tinha sido tão inflexível que precisavam das informações dela, mas por que ele iria querer isso se sabia que ela não poderia ajudar?

— Porque acredito que a informação dela é vital. Porque sei, sem sombra de dúvida, que ela será um trunfo que não podemos perder. Mas

só há uma maneira de vencer. — Seus olhos se encontraram novamente. — Precisamos dos cavaleiros da onda. Dos andarilhos das profundezas. Precisamos de todos. Assim como meu povo foi usado na luta em Alfa, acredito que os andarilhos das profundezas são os únicos que podem destruir Tau.

Arges resmungou.

— Os andarilhos das profundezas não se convencem facilmente. Eles só lutaram conosco em Alfa porque seu povo sabia que os seus estavam sendo mortos naquela cidade e havia uma oportunidade de salvar alguns deles.

— É por isso que preciso levá-la até as braças, como já disse a Mira. Eles precisam conhecê-la.

Alexia olhou para Mira para ver sua reação. Ela não estava nada satisfeita, mas havia um brilho diferente em seus olhos quando olhou para Alexia.

— Você disse que seu sangue tem menos oxigênio?

— Para pressão, sim.

Mira suspirou e olhou para o teto.

— Tudo bem. Bom... Puta merda, isso pode dar certo.

TRINTA
Fortis

Ele sabia o quão perigoso era esse pedido. E sabia, sem sombra de dúvida, que ela sobreviveria. Sabia que precisavam de toda a ajuda possível de cada Povo da Água.

Seu povo era o mais difícil de convencer. Ele sabia que os andarilhos das profundezas dificilmente o ajudariam, especialmente quando se tratava de Tau. Havia muitos rumores sobre a cidade. Muitos de seu povo haviam sofrido perdas dolorosas. Tau sabia como encontrar e atormentar sua espécie e, se não tomassem cuidado, poderiam perder tudo.

Alexia, no entanto, tinha o poder de fazê-los mudar de ideia. Ela sabia mais sobre a cidade do que qualquer outra pessoa, e isso significava que era capaz de dar detalhes que eles não tinham agora. Se ele conseguisse convencê-los a confiar nela... já era um começo.

Enquanto Mira começava a trabalhar em tudo o que podia para manter Alexia viva naquelas profundezas do oceano, ele se preparava para o que estava por vir. Fortis flutuava em solidão, permanecendo nas correntes, enquanto ele orava a todos os deuses e deusas do mar para que o ajudassem a convencer seu grupo a lutar.

E ele sentia como se o mar estivesse ouvindo. Podia sentir as marés acariciando seus flancos, como se o próprio mar estivesse tentando lhe dar um abraço demorado e lhe dizer para não se preocupar tanto. Seu povo sabia o que estava fazendo. Os andarilhos das profundezas sempre foram gentis o suficiente para confiar nele. Eles o apoiaram por anos e anos. Estavam lá quando ele precisou resgatar seu filho.

Mas um pequeno buraco em seu estômago não lhe dava certeza se

isso daria certo. Ele sabia que eles não iriam querer uma humana entre eles. Eram os povos menos confiantes do mar, especialmente depois de Arges ter desprezado um dos seus.

Ele sentiu o cheiro do filho se aproximando e disse a si mesmo que não estava chateado com a interrupção. Mas parecia que tinha pouco tempo para rezar e precisava que o mar o ouvisse. Precisava que as deusas tivessem piedade de um adorador que passara a vida inteira dedicado a elas e à memória de sua esposa.

Uma lembrança que não se importava se ele havia se dedicado a ela. E isso doía.

— Pai — disse Aulax, sua voz ecoando pela água como se soubesse que Fortis ficaria bravo. — Preciso falar com você antes de ir embora.

— Fale rápido. A deusa não gosta de esperar por ninguém.

Ele se arrependeu das palavras assim que as disse. Seu filho sempre fora melhor do que ele, e Fortis sabia que precisava ouvir. Mas já temia a conversa que estava prestes a acontecer.

Aulax havia perdoado os achromos, mesmo depois de tudo o que lhe fizeram. Fortis, não. E sua conversa com Arges não ajudou.

Aparentemente, era possível ter um relacionamento com um deles e ainda odiá-los. Ele simplesmente não acreditava. Alexia e ele lutavam, era o que faziam. Mira e Arges não lutavam, não como dois guerreiros que podiam se destruir. Se Mira quisesse lutar com Arges, não seria uma batalha justa, de qualquer forma. Arges a mataria. Mas quando ele pensava em lutar com Alexia, acreditava que, com o treinamento certo, Alexia poderia ser capaz de matar um de sua espécie sozinha.

Expirando, ele abriu os olhos da oração e encontrou o olhar preocupado do filho.

— O que foi, Aulax?

— Você está levando-a para as profundezas para conhecer Mitera, não é? — Não era uma pergunta. Era mais uma declaração decepcionada

que dizia que seu filho não apreciava muito o que o pai planejava fazer.

— Eu estou.

— Mitera odeia humanos.

— Odeia.

— Ela também odeia esta cápsula. — Aulax gesticulou para trás como se Fortis precisasse saber qual cápsula ela odiava.

Para ser justo, Mitera odiava quase todo mundo, exceto os andarilhos das profundezas.

— Mitera foi enviada para guiar o cardume original de Arges. Ela não foi bem recebida lá por muitos anos, até que finalmente conseguiu que a respeitassem. Todos se alinharam como deveriam até Arges se rebelar contra ela. O cardume que ela havia sido incumbida de guiar estava irremediavelmente fragmentado naquele momento. — Fortis soltou um longo suspiro. — Ela guarda rancor por isso. Eu sei.

— É um rancor compreensível, mas não acredito que ela vá perdoar facilmente. E, no entanto, você acha que nadar até a casa dela com uma humana vai corrigir tudo isso?

Ele corrigiu o filho:

— Achromo. Esse é o nome deles.

— Eles se chamam de humanos, pai. Depois de tudo o que fizeram para nos ajudar, o mínimo que podemos fazer é chamá-los como eles querem ser chamados.

Ele nunca tinha pensado nisso dessa forma. Já os ouvira dizer a palavra inúmeras vezes. Mas, de alguma forma, não conseguiu se obrigar a dizê-la até aquele momento.

— Humanos — Fortis se corrigiu. — Não há amor entre Mitera e os humanos. Sei que será difícil para ela acreditar que suas espécies se rebelariam uma contra a outra.

— É difícil para ela acreditar na maioria das coisas. Ela não é uma criatura gentil.

— Mitera sabe o que está fazendo. Seu dom de ver o futuro é melhor do que o de qualquer outra criatura submarina. Ela é uma mulher impressionante por si só e merece nosso respeito. — Ele hesitou antes de acrescentar: — Mesmo que em doses moderadas. Ela odeia os humanos, e o faz cegamente.

— Pai, acredito que esta é a primeira vez que você diz algo ruim sobre outro andarilho das profundezas.

— Não estou isento de defeitos.

Ele sorriu para o filho, sabendo que, no mínimo, sempre teria Aulax ao seu lado.

— É difícil chamá-los de humanos — murmurou ele. — O nome incolor sempre serviu para eles. São tão... sem graça.

— Eles não vêm em um arco-íris de cores, mas descobri que ainda há cor neles. O cabelo da Mira. Os olhos da Anya. A risada alegre de Ace que enche o quarto com explosões de luz intensa. Há muitas cores nos humanos, pai. Nós simplesmente não as vemos.

Talvez ele devesse ouvir a sabedoria do filho. O menino havia amadurecido muito mais do que se sentia confortável. Onde estava seu garotinho, que havia puxado o rabo dos visitantes e pregado peças nos que viviam ao lado? Agora ele estava diante de um jovem, um guerreiro formidável e uma pessoa que ele respeitava.

Ele suspirou, enojado consigo mesmo.

— Acho mais fácil se as coisas não mudarem. Posso olhar para o meu povo e para mim mesmo com muito menos... Desconforto.

— Mudança é boa. Mudanças trazem novas eras de pessoas e explorações que talvez nunca teríamos experimentado sozinhos. Eu, por exemplo, estou muito animado com o nosso futuro com os humanos ao nosso lado. — Aulax sorriu para ele. — Mesmo que você não esteja tão animado assim.

— Raramente fico animado.

— Talvez seja hora de começar a se animar. Talvez seja hora de começar a sentir todas aquelas coisas que você se recusou a sentir por tanto tempo.

Mas sentir significava que ele se colocava em risco. Sentir o bem significava que ele tinha que sentir o mal também.

Aulax viu demais, e então seu filho disse gentilmente:

— Alexia não estava drogada? Isso a deixava incapaz de sentir coisas?

— Ela te contou isso?

— Alexia é muito honesta se você perguntar literalmente qualquer coisa. Mas você se lembra dessa parte, não é?

— Claro que sim. — Isso ainda o fazia querer destruir todos em Tau. Ela merecia sentir, e sentir tão gloriosamente quanto sentira naquela instalação abandonada com ele. O que ele não daria para voltar àquele momento antes que alguém os visse juntos. Antes que todas essas perguntas surgissem em sua mente.

— Então talvez você precise considerar que, embora ela tenha tomado remédios para esconder as emoções, isso não significa que outras pessoas não tenham feito exatamente a mesma coisa consigo mesmas, sem os remédios. — Aulax agitou as nadadeiras, — Você passou a vida inteira seguindo regras complicadas que ninguém pediu para você seguir. Foi você quem se fez viver assim, e foi você quem se recusou a sentir qualquer coisa porque tinha muito medo de perder outra pessoa, como perdeu a mãe.

Ele encarou o filho em choque. Sempre pensara que Aulax estava livre da maior parte do que ele sentia. Seu filho era intuitivo, claro. Ele era mais parecido com a mãe do que com o contrário. Mas não imaginava que Aulax o enxergasse tão facilmente.

— Não sei o que dizer — Fortis disse com a voz rouca. — Achei que tinha escondido tudo isso de você. Sofri muito quando sua mãe morreu,

mas nunca pensei...

— Pai, eu soube de tudo, a cada momento. Eu estive com você em tudo. Eu simplesmente escolhi não me esconder, como você fez. Se eu tivesse que sofrer de novo, como sofri com a mamãe, ainda assim valeria a pena. Porque eu não trocaria conhecê-la por nada no mundo.

Ele sentiu as barbatanas em seus quadris estremecerem de tristeza antes de assentir.

— Eu entendo. Mas substituir sua mãe...

— Não está substituindo — interrompeu Aulax. — Ninguém está tomando o lugar da mamãe. Ninguém está fingindo que ela não existiu. Ela ainda está em nossos corações e em nossas memórias, mas se aprendi alguma coisa com toda a dor e tormento que passei, é que esses sentimentos valem a pena. Não importa o que custe senti-los.

Ele odiava que o filho fosse tão honrado. E amava isso, é claro. Mas odiava ao mesmo tempo. Aquele não era um menino diante dele. Era... Aulax. Um macho que via o mundo com mais clareza do que o pai.

Com o coração na boca, ele acenou para o filho.

— Você é sábio demais para a sua idade. Receio que eu devesse ouvi-lo com mais frequência.

— Isso seria algo tão ruim?

— Sim. Não gosto de ouvir conselhos do meu filho com tanta frequência, quando deveria ser eu quem lhe daria conselhos.

Aulax sorriu.

— Acho que isso só significa que eu cresci, pai.

Ele odiava isso. Parecia que o tempo tinha passado tão rápido quando seu filho era criança, momentos antes. Ele temia não ter feito o suficiente no tempo que lhe fora dado. Ele não era um pai bom o suficiente. Ele não havia ensinado Aulax o suficiente, mas claramente esse medo era infundado.

Fortis gostou bastante do macho à sua frente. Muito mesmo.

Agora, ele leveria Alexia para o seu povo, os faria lutar e então destruiria a cidade que causara tanto mal. Ao seu povo e a tantos outros.

Mesmo que isso significasse mudar a maneira como ele via o mundo ao seu redor.

Assentindo, ele perguntou:

— Como está Mira? Ela precisa trabalhar mais rápido se quisermos fazer isso. Os andarilhos das profundezas serão difíceis de convencer, e eu quero partir o mais rápido possível.

— Mira sabe que você está com pressa. Ela está fazendo o melhor que pode com o tempo que lhe foi dado. Ela só não quer que Alexia, sabe, morra.

O sarcasmo. Ele ia dar um tapa na cabeça do filho se continuasse falando daquele jeito.

— Tenho certeza de que ela não quer que Alexia morra. Eu também não. Mas acho que todos precisam entender que há muito mais em jogo do que apenas a vida da Alexia.

— Você está disposto a arriscar?

— Não — ele rosnou. — Só quero que seja feito mais rápido.

— Então você precisa aprender a ter paciência, pai. Não existe nada mais rápido. — Aulax abanou o rabo. — Reze aos seus deuses. Voltarei quando eles estiverem prontos para recebê-lo.

Ele só esperava que não demorasse uma eternidade. Sabia o quanto Mira era perfeccionista. Mas perfeição não tinha lugar ali.

Fortis não tinha certeza de quanto tempo flutuou, rezando para o mar e existindo logo além da borda da realidade. Sua mente vagava pelo futuro de tudo que passava por ele. Alguns Povos da Água se aproximavam demais, e ele observava suas vidas se distorcerem e se transformarem. Alguns deles teriam filhos em breve. Outros morreriam em paz, alguns de forma trágica. Mas a maioria desses desfechos eram coisas que ele jamais lhes contaria. Até os peixes que passavam por ali

lhe mostravam fragmentos de um futuro no mar.

Lampejos brilhantes de cores, de luz do sol queimando as ondas. Alguns peixes viam armas disparando por toda parte, e eles não sobreviveriam. Suas vidas seriam interrompidas muito rapidamente pela fúria dos humanos. Um deles, em particular, viu uma batalha entre os humanos e o Povo da Água, e sabia muito bem o que aquele peixe viu. Infelizmente, ele morreu cedo demais para que ele pudesse adivinhar quem poderia vencer.

O mar não queria que ele visse aquele final. Talvez porque ele fosse morrer muito antes disso. Porque ele sentia que sua morte se aproximava.

Era por isso que ele estava correndo. O fim se aproximava, e ele temia o que isso significava. Precisava fazer tudo o que pudesse antes que perdesse todas as chances de ajudar.

— Pai? — A voz de Aulax interrompeu seu devaneio muitas horas depois de ter visto seu filho.

Piscando os olhos, ele se perguntou se era dia porque era o mesmo dia, ou se ele havia meditado por horas a fio.

— Eles estão prontos para mim? — ele perguntou.

— Tão prontos quanto possível. Mira não está feliz, mas Alexia não a deixa fazer mais testes. Ela disse que estava bom o suficiente e que você não gosta de ficar esperando. — Os lábios de Aulax se curvaram para o lado. — Ela é muito parecida com você.

— Uma das razões pelas quais aprecio a presença dela — respondeu Fortis.

Ele abanou a cauda e nadou passando pelo filho, rumo à pequena vila humana. Pelo menos lá ele conseguiria começar sua jornada.

Ele não fazia ideia do que os esperava. Certamente Mitera os vira chegando. A velha via mais do que a maioria, e saberia sem sombra de dúvida que estavam indo atrás dela. Ela prepararia um espetáculo para

tentar assustar Alexia e afastá-la daquele abismo profundo.

Alexia, no entanto, não era de se assustar facilmente. Ao se aproximar da aldeia e vê-la entrando na água, ele rezou uma última vez aos seus deuses para que ela não se quebrasse ao ver seu povo.

TRINTA E UM

ALEXIA

O traje não era totalmente à prova de balas, mas teria que servir. Deslizando para dentro da água, ela fixou a peça da cabeça um pouco mais firme. As fibras do traje eram feitas de ferro e eram tão finas que quase pareciam fios. A ideia viera de uma pesquisa que roubaram de Tau. Ela tinha que dar crédito a Ace e seu pessoal, os androides que eles construíram eram úteis quando se tratava de hackear.

O pequeno Byte levou apenas alguns instantes para se conectar ao mainframe e baixar uma quantidade significativa de pontos de dados. Nada que estivesse protegido, é claro. Tau não era tão arrogante a ponto de não garantir que seus arquivos mais importantes fossem difíceis de obter. Mas também não se preocupava tanto em garantir que fosse difícil encontrar o protocolo adequado para as excursões em alto mar.

O traje era hermético, reforçado de várias maneiras, e a peça da cabeça não deveria estalar com a pressão. Isso também a ajudaria a respirar oxigênio com tubos inseridos diretamente em suas vias aéreas pelo nariz. Isso tornaria a conversa um pouco difícil, mas ela ainda conseguia.

Ela mesma teve que inserir os tubos. Anya quase vomitou algumas vezes antes de Alexia ficar irritada com a demora e fazer o procedimento sozinha. Alexia tinha treinamento médico para garantir que estivesse preparada caso algo acontecesse com Harlow enquanto estivesse de plantão e não houvesse profissionais médicos disponíveis. Inserir um tubo foi fácil, mesmo sendo um trabalho árduo.

A água estava fria, mas ela não conseguia senti-la através do traje. Isso era bom. Enquanto Mira se preocupava com a integridade estrutural

e sua capacidade de manter as variações de pressão, Alexia temia que estivesse fria. De metal e tudo mais. Ela temia que as unidades de aquecimento não funcionassem como seu exoesqueleto.

Estava funcionando bem por enquanto, pelo menos. Torcia que ela conseguisse passar por isso sem morrer.

Se não o fizesse, bem, seria uma aventura da qual não se arrependeria. Nenhum humano jamais havia entrado no abismo, e certamente não com um andarilho das profundezas. Nem mesmo em um submarino. A oportunidade de fazê-lo queimava em seu peito. Ela queria ver com os próprios olhos, mesmo que fosse apenas escuridão.

Uma corrente de água a empurrou para a frente antes que um ondino a circundasse. O clarão de luzes em tons de roxo profundo, lilás e amarelo brilhante revelou quem era muito antes que ela visse seu rosto.

— Toda vez que estou na água com você, fico chocada com o seu tamanho. — Ela girou com Fortis, observando a enorme extensão da cauda dele até chegar ao peito. Os músculos salientes ali se flexionavam a cada movimento e a faziam salivar.

Ela queria passar as mãos por todos aqueles músculos, e era torturava não ter tido a oportunidade ainda. Queria cravar as unhas no peito dele, morder aqueles peitorais incríveis e depois lamber o caminho entre o vale do abdômen dele. Nenhum desses pensamentos era seguro para o que estavam fazendo naquele momento, mas ela não conseguia se conter.

Ela soube o momento em que ele sentiu sua excitação. Seus olhos escuros pareceram fitá-la com afinco, e um sorriso malicioso se espalhou por seu rosto.

— Não, Alexia. Temos coisas para fazer.

— Eu odeio que você consiga sentir meu cheiro tão facilmente.

— E, no entanto, adoro poder.

O ronco profundo em sua voz provocou arrepios por todo o corpo

dela. Ela odiava reagir a ele daquele jeito quando havia outras coisas em que se concentrar. Precisava se recompor. Mas tudo o que queria era pedir que ele a levasse para outro lugar, para que pudesse experimentar o prazer que só ele parecia lhe proporcionar.

— Você está pronta, Alexia? — ele perguntou, tirando-a mais uma vez de seus pensamentos.

Respirando fundo, ela assentiu.

— Tão pronta quanto eu posso.

Ele olhou ao redor como se estivesse se certificando de que ninguém o veria, e então nadou para mais perto. De repente, suas mãos a agarraram pela cintura e a puxaram para o seu lado. Com um toque delicado, ele passou o dedo pela lateral do pescoço dela, onde o pulso dela batia rapidamente.

— É uma pena que Mira tenha encontrado um jeito de deixar você respirar sozinha. Eu gostei bastante de fazer isso por você. Meu tentáculo inserido no seu pescoço me fez sentir... estranho. — Seu olhar não se desviou do pulso dela. O bater acelerado do coração dela claramente o cativou, e por um instante, ele pareceu como se tivesse sentido o cheiro da primeira vez que sentira a excitação dela na água.

Mas então ele se enrijeceu e se afastou dela, e ela viu que outro ondino se aproximava. Claramente, ela não era alguém com quem ele queria ser visto. Pelo menos ainda não. Por que aquilo doía tanto?

Ela engoliu em seco e se recompôs. Até Fortis parecia fazer a água girar ao redor deles, mais uma forma de esconder o cheiro do desejo dela.

Isso a fez se sentir tola. Para ele, aquilo era apenas curiosidade. Uma maneira de satisfazer uma necessidade... Mas lá estava ela, suspirando por aquele ondino que só fazia decepcioná-la.

Arges se aproximou deles com uma expressão sombria no rosto.

— Tudo bem, não há muito mais que eu possa fazer para preparar

todos. Vocês dois saiam, e eu vou garantir que tudo esteja bem aqui. Há muitas pessoas dispostas a lutar conosco, mas quase todos estão esperando para ver se os andarilhos das profundezas concordam em ajudar. Então eles tomarão sua decisão.

— É por isso que eu queria me apressar — Fortis repreendeu.

Desta vez, ele a alcançou sem hesitar. Um rápido agarrão e um repentino movimento de sua cauda poderosa, e eles partiram. Voando pela água como se a raiva o tornasse ainda mais forte. Eles passaram rapidamente pelo resto da vila que ela vira de dentro, depois pela beira de um precipício que descia fundo na escuridão. A luz se apagou, e durante todo o tempo ela observou as cores dele se desvanecerem enquanto a luz as roubava.

Era mais fácil encará-lo do que olhar para onde estavam indo. Afinal, as profundezas ainda eram assustadoras. Da última vez que estivera lá embaixo, as lulas a atacaram. Ela ainda sentia as mandíbulas poderosas roendo seu corpo e serrando seus músculos. Mas, desta vez, ela o tinha.

Enquanto os músculos dele se moviam entre as pernas dela, lançando-as para a escuridão sem um pingo de medo, ela se sentiu muito confiante de que ele a manteria segura. Que criatura no oceano seria louca o suficiente para atacá-lo?

— Pare de me encarar — ele murmurou.

— Por que?

— Porque é enervante.

Ela balançou a cabeça e riu baixinho.

— Você não consegue ver nada, de qualquer jeito. Não tem luz aqui embaixo.

A escuridão havia apagado o mar. Agora eram apenas ela e seus próprios pensamentos, existindo no nada da escuridão desolada. Se ela ainda estava olhando na direção dele, era completamente sem perceber.

Ela estava apenas olhando para onde estivera momentos antes, quando ainda havia luz.

Ele bufou.

— Eu consigo enxergar muito bem. Você e seus olhos humanos são apenas mais fracos que os do meu povo.

Houve uma longa pausa antes que ela repetisse:

— Olhos humanos, hein?

— Meu filho me lembrou que, mesmo que eu não confie no seu povo, vocês ainda merecem respeito. Se vocês desejam ser chamados de humanos, então eu posso... aprender. — Ele disse as palavras com dificuldade, como se estivesse com raiva.

Claro que seria Aulax. O jovem tinha aparecido para visitá-la várias vezes. E embora tivesse sido gentil e compreensivo em muitas coisas, não parecia perceber exatamente o perigo que todos corriam. Ele queria que todos vissem a utilidade uns dos outros, isso ela conseguia entender.

Mas seria preciso mais do que isso. Os humanos tinham pavor dos ondinos, e por um bom motivo. Com criaturas tão grandes quanto eles, não era tolice imaginar o que aconteceria se um humano irritasse um. Era apenas uma questão básica de sobrevivência.

— Bem, seu filho parece ter um traço de bondade que eu não vejo tão facilmente em você. — Ela bufou. — Na verdade, seu filho é muito mais gentil do que eu já vi você ser. Ele é uma boa pessoa.

— Você não acha que eu sou uma boa pessoa?

— Você é... — Alexia hesitou. — Você é como eu.

— O que significa? — Ele os virou, torcendo-os em uma espiral em direção a uma corrente que os ajudaria a se impulsionar mais para dentro da água.

Ela sentia a velocidade deles aumentar. Ele parecia tê-los empurrado cada vez mais fundo no oceano, e ela já sentia a mudança de pressão a comprimindo. O traje parecia resistir, porém, e ela encararia

isso como uma vitória. Mesmo que isso significasse ter que explicar seus pensamentos a ele.

Alexia lambeu os lábios e torceu para estar explicando bem.

— Não acho que nenhum de nós seja necessariamente bom ou mau. Acho que essa resposta é muito mais complicada para alguém que lutou a vida toda por pessoas que apontaram para um inimigo e atiraram. Quer você acredite que é igual a mim ou não, eu vejo isso em você.

Os braços dele a apertaram. Cuidadosamente, ele pegou seus pés e os colocou contra as guelras mais quentes dos quadris, que a ajudariam a não congelar.

— Não acho que sejamos tão diferentes assim, *virago*.

— Por que você me chama assim, afinal?

— É costume dar nomes a quem você respeita. — Ele obviamente não queria dizer nada a ela sobre isso. Cada palavra saía entre dentes, como se tivesse vergonha de admitir. Mas talvez ambos precisassem daquele momento.

Mesmo que ela não conseguisse evitar brincar com ele:

— Como um bichinho de estimação?

— Não, não como um animal de estimação — respondeu ele, talvez um pouco asperamente. — É um presente. Um nome que significa alguma coisa. Um respeito que é demonstrado como uma forma de dizer que eu vejo dentro da sua alma. Eu vejo quem você é e eu te dei um nome com base no que vi.

— Ah. — Outro longo silêncio, quebrado apenas pelo som das nadadeiras dele cortando a água. Então, bem baixinho, ela disse: — Então você vai me dizer o que significa *virago*?

Ele demorou a responder.

— É uma mulher guerreira. Uma lutadora que é reconhecida por outro lutador, e uma mulher com... qualidades heroicas.

Ela bateu as mãos no peito dele.

— Mas você me chama assim há muito tempo.

— Eu chamo.

— Antes mesmo de você perceber que eu iria te ajudar.

— Sim, virago. Eu sabia, mesmo antes de você concordar em ajudar o nosso povo, que tipo de pessoa você era. Não é algo tão estranho de se admitir. — Suas luzes se acenderam, algumas das luzes amarelas iluminando seu rosto com uma luz fantasmagórica. — Os andarilhos das profundezas que você está prestes a encontrar podem assustá-la. Eles provavelmente vão tocá-la. Não lute contra eles. Eles estão apenas vislumbrando o seu futuro.

— Você está mudando de assunto porque está desconfortável, não é? — ela perguntou.

— Sim.

— Por que?

Os braços dele a apertaram um pouco mais antes que ela o sentisse suspirar entre as costelas.

— Porque eu não sei como ter essa conversa com alguém que admiro, Alexia. Faz muito tempo que não preciso fazer isso, e admito que estou sofrendo por causa disso.

Ele... a admirava?

Isso fez com que partes dela se iluminassem, algo que ela nem imaginava que pudesse brilhar. Ela queria agarrar aquele rosto idiota e beijá-lo. Queria dizer a ele que sentia o mesmo. Nunca conhecera alguém tão admirável, e que ele lhe ensinara o que aquilo significava.

Mas então ela sentiu uma mão em seu tornozelo. Recuando, ela tentou ficar parada como ele disse, mas foi difícil quando uma mão surgiu da escuridão e a agarrou.

— Não — ele rosnou. — É um insulto negá-los.

— Um insulto? — ela resmungou em resposta. — É o meu futuro. Eu não deveria poder contar a eles, independentemente de eles o verem

ou não?

— Você nunca saberá o que eles veem, a menos que peça para eles revelarem. Eles estão no controle aqui, e sempre estarão. Você está na casa deles.

Outra mão com garras desceu por suas costas, acariciando seus ombros antes de se afastar rapidamente. Outra brincou com as bordas de seu capacete, como se a ameaçasse de que a qualquer momento poderiam soltá-lo. Outra mão, desta vez, tocou os pontos em sua coxa onde a lula havia ferido ela. Outra mão, desta vez deslizando entre ela e Fortis e movendo-se ao longo de sua barriga.

Fortis rosnou e a mão recuou imediatamente.

— Você está indo bem — disse ele, embora a voz estivesse embargada. — Deixe-os continuar fazendo isso. Estamos quase no centro da casa deles.

— A casa deles? Não a sua? — Ela estremeceu novamente quando outra mão surgiu do nada e deslizou por sua espinha num toque tão delicado que todos os músculos de seu corpo se contraíram.

— Faz muito tempo que não moro aqui. — Ele segurou a nuca dela e a puxou para mais perto, quase como se temesse que um deles a agarrasse e a arrancasse de seus braços. — A maioria desses andarilhos das profundezas nunca viu um humano na vida. Eles passaram incontáveis anos aqui embaixo, vivendo nas profundezas enquanto buscavam o futuro. É uma vida difícil, e eu escolhi um caminho diferente quando era muito jovem. Escolhi a aventura em vez de buscar o futuro, embora eu também seja muito bom nisso.

— Ah.

Alexia olhou por cima do ombro dele, onde jurava haver luzes piscando ao longe. Pequenos pontos brilhantes de luz branca que imediatamente atraíram seu olhar, tentando convencê-la a segui-los. Só então ela percebeu que não estavam nem um pouco longe. Aquelas luzes

eram as minúsculas que decoravam os peitos de incontáveis andarilhos das profundezas que estavam tão perto deles. Tudo o que ela conseguia ver eram as massas ondulantes de suas luzes piscando enquanto reagiam ao seu futuro.

Suas caudas estavam todas emaranhadas. Uma bola delas se enroscava nela e em Fortis enquanto se moviam pelo mar. Eram todas enormes, tão grandes que ela se perguntava se Fortis era mesmo o maior deles. Seus corpos eram decorados com músculos poderosos, cores escuras quase pretas como tinta e pontos brilhantes de luz criados para atrair as presas mais fracas.

Então suas vozes se elevaram. Todas ao mesmo tempo, num grito profundo e estridente dos andarilhos das profundezas, ecoando por todo o mar e fazendo a água ao redor vibrar com sua fúria. Eles deviam ter percebido que ela era humana. E não gostavam dos fragmentos de seu futuro que tinham visto até então.

No que ela tinha se metido? Aquele lugar era amaldiçoado e, se ela não tomasse cuidado, seria ali que ela morreria.

— Calma — Fortis a lembrou. — Não vou deixar nada acontecer com você.

Mas ele realmente poderia prometer isso?

TRINTA E DOIS

Fortis

Fortis sabia que seria difícil, mas não tinha percebido o quão ruim seria. Seu povo era implacável na busca por saber tudo sobre ela. Agarraram-se aos seus ombros, braços, costas, pernas, tudo o que conseguiam alcançar enquanto tentavam, desesperadamente, prever o futuro dela.

E, de alguma forma, ele também se sentira tentado. Ele caíra no futuro dela com eles, mesmo tendo prometido a si mesmo que não faria isso sem pedir. O futuro dela era intrigante demais, até para ele. Mas o futuro que todos viam juntos era nebuloso. Havia muitas correntes que ela poderia seguir. Muitas oportunidades para o seu futuro se dividir.

Ele odiava prever futuros como aquele, porque era sempre mais difícil adivinhar o que pessoas como ela poderiam fazer. Fortis a conhecia melhor do que os outros andarilhos das profundezas, e nem mesmo ele conseguia seguir as correntes que lhe permitiam adivinhar onde e quando ela estaria. Ele não sabia se ela teria a oportunidade de traí-lo, se o faria ou não.

Por fim, a luz floresceu à distância. Mitera nunca fora fã de escuridão e, em pouco tempo, pôde encontrar a terra natal de todos os andarilhos das profundezas.

Ele tentou enxergar através dos olhos de Alexia. Ela estava acostumada com cidades de metal que irrompiam pelo mar, forçando tudo ao redor a se curvar à sua vontade. Mas esta cidade fora construída a partir do próprio mar. Torres siltosas de lama endurecidas por fontes profundas, onde vários andarilhos das profundezas se inclinavam para fora de casas esculpidas. Suas caudas ainda estavam profundamente

dentro dos túneis, fazendo com que parecessem quase humanos enquanto os observavam passar.

Luzes iluminadas pelas muitas plantas bioluminescentes. Normalmente, essas espécies não sobreviveriam no mar como estavam, mas eram protegidas pelos próprios andarilhos das profundezas. Luzes eram úteis naquelas profundezas, e era exaustivo para seu povo se iluminar constantemente.

E então havia os padrões. Pedras rodopiantes em círculos ondulantes que se espiralavam sobre si mesmas, marcando onde certas famílias viviam. Cada um desses redemoinhos tinha um significado. Alguns padrões eram direções, alguns eram marcadores de família, outros eram áreas da aldeia em que se encontravam. Seu povo fizera tudo o que podia para tornar aquilo um lar, mesmo nas profundezas do mar.

Eles criaram uma inspiração de arquitetura a partir da pedra e da lama, torres que giravam em torno de si mesmas, casas que eram caminhos profundos e sinuosos que mantinham as famílias seguras dentro delas.

— Isso é... uma fazenda? — ela perguntou, com a voz embargada quando outro andarilho das profundezas agarrou um punhado de seu cabelo e puxou delicadamente.

Ele olhou, mas já sabia a que ela se referia. Eles cultivavam peixes há muito tempo. As redes eram feitas de folhas marinhas que haviam sido secas em cavernas antes de serem devolvidas ao fundo do mar e trançadas, formando uma trança que era então usada para criar redes. Todas elas continham enormes quantidades de peixes, vivendo intencionalmente e sem muita preocupação com seu bem-estar. Isso ajudava bastante nas profundezas do oceano. Havia muito poucos campos de caça aqui, e a maioria deles, se não todos, eram ocupados por animais selvagens que viviam nas profundezas dessas águas.

— É uma fazenda. Mas não olhe muito ao redor, Alexia. Os andarilhos das profundezas não vão gostar que um humano saiba tanto — murmurou ele.

O grupo de andarilhos das profundezas ao redor deles se dispersou, embora ele pudesse ouvi-los murmurando. Ela não era natural. Ela não deveria estar ali. O que ele estava pensando ao trazê-la para o coração de seu lar?

Ele pensava que aquela era sua última chance, e nenhum deles parecia entender o quão significativa aquilo era. Em breve, eles perceberiam quão pouca chance lhes restava.

Ele tinha visto. E tinha certeza de que o resto deles também. Eles sabiam que seu oceano estava ameaçado. Sabiam que os humanos estavam muito perto de destruir tudo o que lhes era caro.

O tempo estava se esgotando. Ou talvez o verdadeiro medo dele fosse o de estar se esgotando. A morte se aproximava e a utilidade de Fortis logo chegaria ao fim. Pelo menos ele ainda conseguia fazer isso.

Mitera saiu de casa, flutuando diante deles com aquele cabelo esvoaçante de água-viva que sempre pareceu tão lindo. Toda a sua coloração iridescente, flutuando ao redor da cabeça e ondulando com seus movimentos, costumava cativá-lo. Bastava olhar em seus olhos brancos e pálidos para ver todas as cores que já existiram. Ela era a mais poderosa deles, enxergando o futuro mais longe do que qualquer outro.

Ele esperava nem precisar discutir depois de trazer Alexia para cá. Mitera enxergaria o futuro com clareza, como sempre. Ela saberia, sem sombra de dúvida, que ele queria que lutassem pelos motivos certos.

Mas pela expressão no rosto dela, ele sabia que estava errado.

Fortis murmurou baixinho:

— Essa é Mitera. Ela é a vidente mais velha, a mãe de todos nós.

— Ela é sua mãe?

— Biologicamente, não. Ela é... uma mulher um tanto sábia, pode-se

dizer. Ela é a mais velha e a mais experiente de todos nós. Confiamos nela incondicionalmente. Esta é a mulher que precisamos conquistar.

— Entendido. — Ela engoliu em seco, e ele sabia que suas palavras não tinham ajudado a acalmar seus medos. Na verdade, só tinham piorado a situação.

— Fortis! — gritou a voz de Mitera. O som irrompeu da água como o canto de uma baleia, ou talvez a voz de uma deusa. — Você retornou ao seu povo e violou nossa lei suprema.

— Era necessário fazê-lo.

— Não há nada que lhe dê o direito de trazer um *deles* para cá. — O cabelo de Mitera adquiriu um tom vibrante de vermelho, quase invisível naquela intensidade, mesmo com toda a luz ao redor. — Ela não tem o direito de estar aqui. Nem em nossa casa. Nem mesmo em nosso mar.

— Ela é de Tau.

Sibilos de raiva se ergueram ao redor dele, e todos ao redor ficaram enfurecidos com o que ele disse. Porque, se ela era de Tau, isso significava que fazia parte daqueles que os feriram, mutilaram e mataram. Ela fazia parte do mal contra o qual eles nunca conseguiram se vingar.

Exalando bolhas pelas guelras, ele a abraçou com mais força antes de virá-la para encarar Mitera. Alexia estava olhando por cima do ombro, é claro, mas ela gostaria de encarar seu oponente diretamente. Ele conhecia bem sua virago. Ela lutaria até o último suspiro.

— Ela concordou em nos ajudar — gritou ele, tentando fazer com que seu povo enxergasse a razão. — Ela deixou sua cidade, sabendo que trairia todos aqueles com quem conviveu. A cidade deles é pior do que jamais imaginamos, e isso significa que ela merece se vingar. Ela tem tanta razão quanto nós.

— Razão? — sibilou Mitera. — Ela não tem motivo para estar aqui. Se ela vai lutar conosco, que lute com Arges e todos os outros que

suportam ser cercados pelo fedor deles. Deixe essa vida para aqueles que são imprudentes e não veem problema na vida do povo dela. Este não é o caminho dos andarilhos das profundezas.

— Há mais que podemos aprender com os humanos do que você lhes dá crédito, Mitera. Eu gostaria que ela fosse bem cuidada e que usássemos o conhecimento que só ela pode compartilhar. — Ele respirou fundo, sabendo que suas próximas palavras não seriam bem recebidas. — Estou aqui para pedir aos andarilhos das profundezas que lutem conosco. Ataquem Tau comigo, peguem as informações que nos foram dadas por esta mulher e destruiremos a cidade de uma vez por todas. Então, poderemos reconstruir este mar com os humanos. Juntos, aprenderemos a conviver uns com os outros depois de deceparmos as cidades achromo.

Mitera o encarou como se tivesse perdido o juízo, e todos os outros andarilhos das profundezas pararam de se mover. Nem mesmo o movimento de uma nadadeira agitou a água ao redor, pois todos perceberam que ele não estava brincando. Ele não havia trazido Alexia ali para ser punida.

Ele queria que eles trabalhassem com humanos para destruir humanos. E ele já sabia que eles iriam negar até isso a ele.

Mas ele não desistia. Envolvendo a cintura de Alexia com as mãos, deu-lhe um pequeno aperto.

— Fale, *virago*. Dê a eles um motivo para acreditarem em nós.

Ela respirou fundo e, por um momento, ele pensou que ela o rejeitaria. Afinal, ela não era a pessoa perfeita para aquilo. Fora uma guerreira a vida toda e, embora eles respeitassem isso, não a elogiariam por isso.

— Eu os odeio tanto quanto você os odeia — disse ela finalmente. Ao ouvir os assobios, ela levantou a mão pedindo silêncio. — Eu sei que é difícil acreditar. Talvez haja uma parte de vocês que pense que, se vivi

lá por tanto tempo, certamente concordei com o que eles fizeram. Mas eles me manipularam, me aprimoraram geneticamente, me criaram para tudo o que queriam que eu fizesse. Não tive escolha em nada do que aconteceu.

O cabelo de Mitera se alargou, fazendo-a parecer uma daquelas águas-vivas gigantes que absorviam toda a sua presa.

— A sua história me interessa pouco.

— E, no entanto, é uma história que você terá que ouvir. As pessoas daquela cidade não se importam com quem você é, o que você é, ou por que você quer ir contra elas. A ganância é a única língua que falam. Eles viveram por centenas de anos. Incontáveis deles, os povos originais que destruíram o nosso mundo lá em cima e depois decidiram dominar o seu. Não há como consertar o que eles fizeram. Não há nada que os humanos possam fazer. Mas você não pode realmente acreditar que todos da minha espécie merecem a morte.

Um silêncio repentino e longo foi a resposta dela. Ele sentiu as costelas dela se expandirem em um suspiro chocado que ela soltou muito, muito lentamente.

— Ah — ela sussurrou. — Você acredita mesmo que todos nós deveríamos morrer.

— Não me importa o que façam com vocês mesmos — disse Mitera. — Mas vocês não ficarão aqui no nosso oceano, arruinando tudo para o resto dos que vivem nestas águas.

— Não temos para onde ir.

— Não é minha tarefa manter os humanos seguros. Há outros que tenho certeza de que podem fazer isso muito bem.

Os ombros de Alexia se endireitaram, e ele sentiu o cheiro da fúria dela na água. Os outros logo sentiriam o mesmo e aceitariam o desafio que ela nem imaginava que estava lançando.

— As pessoas que deveriam cuidar de nós são corruptas. São elas

que te prejudicaram também. São as pessoas em quem nenhum de nós pode confiar, e mesmo assim você espera que eu volte para elas?

O cabelo de Mitera alternava entre um amarelo pútrido de irritação e um vermelho vivo de raiva.

— Não é minha responsabilidade convencer seu povo de que a empatia vale a pena.

— Isso é ridículo vindo de uma criatura que nem sequer oferece ajuda a quem precisa.

Oh.

Não era a coisa certa a dizer a Mitera, mas ele podia ouvir os rumores de alguns outros andarilhos das profundezas. Todos pensavam a mesma coisa. Por que não deveriam ajudar os humanos? Claramente, ajuda era necessária, e eles eram os únicos qualificados para oferecê-la.

Mas Mitera nunca foi uma mulher que perdoava.

— Não ajudaremos os achromos. Já tentamos lutar contra Tau antes, mas seu povo é tão escorregadio quanto enguias e tão mortal quanto o maior dos inimigos. Perdemos mais vidas para sua cidade do que você poderia imaginar. Seu povo merece o que vem lutando para conseguir há séculos. Se isso requer a perda de todas as suas vidas, então é apenas a vontade do mar. — Mitera a olhou de cima a baixo mais uma vez antes de estalar os dedos. — Você desperdiça todo o nosso tempo.

Ele sabia, antes mesmo de Alexia falar, que ela ia fazer algo estúpido. Ele podia sentir isso borbulhando dentro dela. Fortis tentou tapar os lábios dela com a mão, mas era tarde demais.

Ela gritou:

— Então olhe para o meu futuro! Você é a melhor deles, não é? O que os outros não conseguiram ver, você deveria ser capaz de encontrar facilmente. Olhe para o meu futuro e veja o que eu farei.

Era uma tentação que nem mesmo o maior deles conseguia resistir. Alguém que pedisse a um andarilho das profundezas para olhar para o

futuro lhe dava muito mais capacidade de enxergar ainda mais longe. Sempre havia uma briga quando a pessoa não estava disposta. O buscador do futuro tinha que passar por todas as coisas que a pessoa temia ver, ou talvez até mesmo por muros que não tinha percebido que havia erguido. Era uma luta ver o futuro de uma pessoa que não queria que eles o vissem.

Mas isso? Era como oferecer um futuro inteiro numa bandeja e implorar para que Mitera o examinasse.

A líder olhou para Alexia novamente, desta vez com uma ameaça clara e direta. Fortis ficou tenso, sem saber o que Mitera perguntaria.

A mãe respondeu:

— Eu olharei para o seu futuro, de boa vontade e com prazer. Mas peço que me permitam mostrar a todos aqui esse futuro. Se vocês estão tão confiantes de que não participarão da destruição do nosso povo e do nosso mar, então eu gostaria que todos confirmassem essa confiança.

Fortis não podia deixar isso acontecer.

— Mitera…

— Fortis, fique de boca fechada. A escolha é dela.

Alexia respondeu rapidamente:

— Que todos vejam.

Mas isso era perigoso. Ela não devia deixar qualquer um espiar o seu futuro quando sabia qual era o seu futuro.

A morte apenas esperava ali. Tanta morte, e Mitera a veria rápido demais.

Mas Alexia já havia se desvencilhado dos braços dele. Ela se aproximou de Mitera e as duas se chocaram num abraço áspero. Ele não teve tempo de impedir, porque as cores de Mitera giraram em um arco-íris de padrões, e então tudo o que ele conseguiu ver foi o futuro de Alexia. Ele se viu devolvendo-a a Tau. Viu o plano que fariam, todos os

detalhes e segredos ocultos que ela revelaria.

Era bom. Embora não conseguisse ver os detalhes, sabia, sem sombra de dúvida, que daria certo. Viu a esperança florescer entre seu povo. A sensação de que conseguiriam. Pela primeira vez, eles iriam destruir as pessoas que os ameaçavam. Eles iriam vencer.

E então ele viu paredes brancas, exatamente como sua esposa vira. Paredes brancas, luzes brilhantes e cabelos escuros deslizando sobre suas feições. Ele não tinha certeza do que os outros viam. Talvez eles vissem o futuro da perspectiva de outra pessoa na sala. Mas, para ele, tudo o que conseguia ver era o que estava prestes a ver.

A calma. O relaxamento tranquilo da morte. E a certeza de que ele finalmente estava voltando para casa.

Embora, desta vez, ele também sentisse alguma hesitação em partir. Não estava pronto para ir. Em todas as outras vezes em que previra esse futuro, sempre estivera pronto para procurar sua esposa na vida após a morte. Mas, desta vez, não estava. Havia motivos para ficar e ele estava triste por partir. Não queria que isso acontecesse tão cedo.

Cada andarilho das profundezas rugia de raiva. Ele podia ouvir a frustração e a fúria deles com o que fora revelado. Mas eles não olharam além daquele momento. Não buscaram o que aconteceu depois da morte dele, e ele queria gritar com eles porque precisavam olhar além disso. Precisavam olhar mais para o futuro, porque talvez ela o tivesse matado por um bom motivo.

Em vez disso, pararam ali. Mitera se afastou de Alexia com uma expressão satisfeita no rosto. Até ela sabia que isso significava que os andarilhos das profundezas permaneceriam em sua escuridão segura enquanto o resto do mar fervia.

— Você vai matá-lo. Um querido amigo do nosso povo, um homem que já provou ser digno inúmeras vezes — disse Mitera. — Por que nós a ajudaríamos a fazer isso?

TRINTA E TRES

ALEXIA

Ela... O quê?

Quem ela iria matar?

Alexia olhou ao redor, confusa, dificultando a compreensão do que a criatura à sua frente havia dito. Ela ia matar alguém? Bem, isso não era novidade. Ela já havia matado muita gente na vida, e pouquíssimas mereciam. Mas sabia que aquilo era importante. Eles não iriam cooperar com ela por causa de quem ela havia matado, e isso... não parecia certo.

Ela olhou ao redor e percebeu que todos estavam olhando para Fortis. Havia pena nos olhos deles, como se soubessem algo sobre o futuro dele, o que a fez parar. E então ela percebeu que estavam falando dele.

Eles pensaram que ela iria matar Fortis.

Ela balançou a cabeça.

— Eu não vou matá-lo.

— Você *vai* matá-lo. O futuro está escrito em pedra. Não há como você mudar o que está por vir.

— Sempre há uma maneira de mudar o que está por vir. Não sou a pessoa que era quando o conheci e não tenho interesse em matar este homem. — Ela riu de verdade, porque era ridículo até pensar nisso. — Eu preferiria cortar meu próprio braço a matá-lo. Ele me mostrou tanto neste mundo, me libertou das correntes do meu próprio povo e me deu a chance de me vingar. Por que eu iria querer machucá-lo?

— É uma pergunta que você precisa se fazer. Porque você vai se fazer, minha querida. Disso eu sei sem sombra de dúvida. E não tenho interesse em ajudá-la se é assim que vai acabar. — Mitera se virou. —

Vocês pediram nossa ajuda, e eu lhes digo agora, nós não a daremos.

Alexia não conseguia acreditar que aquilo ia acabar assim. Eles tinham vindo até ali, e bastou uma única olhada no futuro para essa pessoa ter certeza de que Alexia era a inimiga?

Não podia acabar assim. Não depois de ter se esforçado tanto para chegar àquele ponto e ter desistido de tudo o que era. De tudo o que havia se tornado.

— Não aceito um não como resposta — gritou Alexia. — Seu povo merece escolher por conta própria. Eles deveriam nos ajudar se quisessem. É assim que funciona. Você não toma a decisão final e não pode dizer a eles como viver suas vidas. Se é assim que você governa seu povo, então você não é melhor que Tau.

Fortis envolveu sua cintura com a mão larga, a palma larga envolvendo sua cintura e quase cobrindo toda a sua barriga. Ele a puxou de volta para si, o braço em volta dela como um claro aviso a todos que os cercavam. Alexia nunca estivera tão orgulhosa. Sabia que não era fácil fazer esse show de reivindicação, mas ele conseguira. Mesmo que provavelmente não quisesse que todos pensassem que eram... o que quer que fossem.

— Esta mulher conquistou meu respeito — disse ele, com a voz estrondosa e alta. — E eu confio no que ela diz. Tau pode ser derrotada. Podemos conquistar aquele reino de pessoas que infestaram nossas terras. Mas não aceitarei sua ajuda se vocês não estiverem dispostos a ver o futuro como ele deve ser. Trabalharemos juntos com os humanos para criar um lar melhor para todos nós, não apenas para nós mesmos.

Uma voz veio da multidão, e Alexia olhou para cima e viu uma fêmea pálida andarilha das profundezas abrindo caminho entre os outros. Ela era adorável como muitos deles, graciosa com pequenos filamentos se espalhando por todas as suas nadadeiras com pequenas luzes brilhantes. Mas esta fêmea era delicada, enquanto muitos dos

ondinos não eram nem um pouco.

— Ela vai te matar, Fortis. Por que deveríamos confiar nela?

Fortis apenas pressionou a mão contra a espinha dela, esfregando o polegar em seu quadril.

— Porque eu sei que ela vai me matar. Eu sei há muitos anos. Eu soube quase no primeiro momento em que a conheci quem ela era. Minha esposa viu meu futuro, como muitos de vocês sabem. Eu reconheci essa mulher como a pessoa que ela se tornaria, e ainda confio nela. Eu ainda acredito que ela é a chave para trazer uma nova era onde todos estaremos seguros. Não apenas o Povo da Água, mas também os humanos.

Outro murmúrio se ergueu na multidão. Talvez alguns estivessem surpresos por ele tê-los chamado de humanos, porque não era assim que as coisas funcionavam com o povo deles. Mas ela sabia que Fortis não recuaria. Isso era importante. Ele não mudaria suas palavras nem as moderaria para deixar os outros mais confortáveis.

— Precisamos seguir em frente — disse ele, suavizando o tom de voz para algo que a maioria daquelas pessoas provavelmente nunca tinha ouvido antes. — Precisamos reconhecer que o futuro não pode ser o mesmo que sempre planejamos. Sim, isso será difícil. Não, não acho que sempre escolheremos a corrente certa para nos proteger do mar. Mas acredito, de todo o coração, mente e espírito, que o mar quer que façamos isso. Ele escolheu a nossa segurança para se fundir com a deles.

Eles mereciam tomar essa decisão por conta própria. Alexia queria dizer isso a eles. Ela fora a pessoa a quem todo o seu poder de decisão fora tirado durante toda a vida, e ter alguém tomando decisões por ela nunca fora fácil. Mesmo quando lhe disseram que essa era a única maneira de viver.

As cores de Mitera continuavam a se espalhar por todo o arco-íris, como se ela não soubesse o que fazer ou dizer. Talvez ela não estivesse

acostumada com pessoas desafiando sua visão de mundo. Isso seria difícil para ela aceitar.

Principalmente considerando que os andarilhos das profundezas pareciam concordar, em sua maioria, com Fortis. Havia muitos deles se entreolhando e concordando. Queriam ajudar. Ela percebia. Mas havia muita gente esperando a decisão de Mitera.

E então Alexia percebeu que precisava fazer o que sempre fizera em Tau: deixar a própria segurança de lado e correr o risco de uma vida inteira.

Ela se livrou do aperto de Fortis e se moveu para que todos pudessem vê-la. Chutando os pés para continuar flutuando, levantou os braços e se esforçou para continuar flutuando diante deles.

— Vocês podem me ver como eu sou. Tenho certeza de que alguns de vocês olham para mim e pensam que sou muito fraca. Mas Tau me pegou e me transformou. Eles nem me deixaram nascer de uma mãe de verdade. Eu não sou a mesma que os humanos que vocês já encontraram, e há mais como eu. Eu imploro que ajudem todos aqueles que ainda estão presos naquela cidade. Eu imploro que vejam a razão.

— Implorar não vai te levar a lugar nenhum — disse Mitera, sibilando como se precisasse convencer outros andarilhos das profundezas de que estava certa. — Você não tem lugar aqui e nunca terá.

Mas a criatura pálida e bela que falara antes se aproximou um pouco mais.

— Espere, Mitera. Talvez devêssemos ouvi-la. Fortis confia nela.

Fortis inclinou-se e murmurou baixinho:

— Ela é irmã da minha esposa. Quando ela morreu, ela cuidou de Aulax por muitos meses até que eu pudesse ter meu filho de volta. Fiquei de luto pela minha esposa, e ela cuidou da minha família.

Então ela se mostrou compassiva. Alexia assentiu antes de se dirigir

diretamente à mulher.

— Há muita gente que você pode salvar naquela cidade. Muitas que nunca respiraram por conta própria. Tantas pessoas que foram criadas apenas para servir de curativo para feridas. Eu sei que isso não faz sentido para você, mas eles estão matando inocentes lá dentro para que possam viver de forma anormalmente longa.

Um macho avançou à frente dos outros. A criatura enorme estava coberta de cicatrizes e era muito maior que as outras. Talvez até tão grande quanto o próprio Fortis.

— Vocês nos pedem para salvar esta cidade que não fez nada além de ameaçar nossas vidas e matar nosso povo? Alguns de nós não tem piedade por eles.

— Não estou pedindo que salve a cidade — argumentou ela. — Quero que a destrua. Duas cidades são mais do que suficientes. Podemos reconstruir em lugares onde vocês concordarem que podemos ir, não onde for mais conveniente para o meu povo. Mas Tau está cheia de maldade. Essa escuridão se infiltra no mar e o contamina. Peço que tenha piedade dos fracos, mas que destrua todos aqueles que prejudicaram tantos. Quero ver o oceano ficar vermelho com o sangue deles tanto quanto você.

— Tau sempre foi uma fortaleza. Primeiro, vocês não conseguiram encontrá-la. Aqueles que a encontrassem logo descobririam que havia um escudo ao redor dela. Eu a destruirei para vocês. Depois, será como qualquer outra cidade. Vocês já destruíram duas delas. Quero que entrem pelas portas que eu abrirei e matem todos lá dentro.

As vozes se elevaram, discutindo entre si. Ela só conseguia entender alguns trechos do que diziam. Muitos dos andarilhos das profundezas queriam a morte. Oferecer-lhes a chance de entrar na cidade que os atormentava havia anos e matar todos que cruzassem seu caminho? Era uma batalha que eles vinham pedindo. Outros estavam mais interessados

em salvar aqueles que podiam ser salvos.

Ela ouviu algumas pessoas mencionando que, se salvassem pessoas naquela cidade, muitos achromos ficariam em dívida com eles. E embora ela não quisesse discutir esse ponto, eles não estavam errados. Ela poderia usar isso a seu favor.

— Meu povo lhe deve a vida! — gritou ela, e todos se calaram novamente. Até Fortis pareceu prender a respiração enquanto esperava o que ela diria. — Não posso controlá-los. Mas posso prometer que eles não esquecerão que vocês os salvaram, ou que lhes deram uma chance. Há tanta coisa aqui que vocês não entendem, mas eu quero que vocês vejam. Quero que vocês criem conexões com meu povo, e preciso desesperadamente que ainda existam pessoas boas neste mundo que ainda queiram lutar pelo que é certo. Acredito que todos nós precisamos nos lembrar disso.

Mais rumores, mais discussões, mas ela manteve os olhos em Mitera. A mulher olhava para todo o seu povo e Alexia sabia o que se passava em sua mente. Ela os perderia se não se aliasse aos humanos. Eles se rebelariam contra ela, assim como Arges e seu povo. Ela estava fazendo escolhas que seu povo não gostava, e se não mudasse e seguisse esse novo caminho, seria deixada para trás.

Um lampejo de cinza empoeirado transformou seu cabelo esvoaçante em algo fantasmagórico.

— O que significa essa cor? — ela perguntou a Fortis.

Sua voz era baixa e hesitante quando ele respondeu:

— Ela está com medo.

Alexia conhecia essa sensação.

— Você pode me levar para mais perto dela?

— Claro, *virago*.

Ele abanou o cauda, e eles planaram para mais perto de Mitera. Os olhos da mulher se arregalaram ainda mais conforme se aproximavam, e

aquele medo era tão evidente que até Alexia conseguia perceber agora.

Em voz baixa, para que não fossem ouvidos pelos invasores mais próximos, ela disse:

— Eu sei que você quer manter seu povo seguro. Mas darei todas as informações que sei, e são muitas. Tudo o que já protegeu aquela cidade, cada saída, cada... entrada, todas as armas que Tau possui, eu conheço quase todas. Há muito pouco que me surpreenderia e, portanto, pouco que ameaçaria seu povo sem que eles estivessem preparados com antecedência.

— Como você pode prometer isso?

— Porque ajudei a construir tudo isso. Cada geração minha trabalhou com aqueles em Tau para manter todos seguros. Se havia alguém que soubesse como entrar e sair daquela cidade, seria alguém como eu. Porque eles trabalharam conosco durante anos para garantir que nada pudesse dar errado. Nossas opiniões, nossos pensamentos, tudo era controlado por aquela cidade. Mas eu me libertei. Eu deveria estar morta. Eles teriam me matado se percebessem que meus pensamentos estavam divagando, mas eu escapei antes que eles pudessem.

Mitera pareceu pensar nas palavras antes de finalmente dar um pequeno aceno.

As mãos de Fortis se fecharam sobre ela e ele a afastou de Mitera. Ela podia sentir a excitação percorrendo todo o corpo dele e todas as guelras que se agitavam ao redor dela. Até suas barbatanas tremiam de antecipação.

— Então eu clamo por guerra! — gritou Mitera.

O enorme ondino que havia pedido derramamento de sangue gritou ao ouvir as palavras. Era um chamado assombroso, o som de uma caçada sendo convocada enquanto ele olhava para Fortis.

— Você — disse o grandão, apontando para Fortis. — Quando

precisará dos nossos guerreiros?

— Mandarei meu filho buscá-los. Estejam prontos. Não sabemos quando lutaremos, mas será em breve e será sangrento.

— Estaremos prontos para a morte e ansiosos para matar o máximo de achromos que pudermos. — O macho bateu a mão no peito e então abriu a boca. Uma língua enorme escapou, lambendo o mar como se ele já pudesse sentir o gosto do sangue derramado.

E com isso, Fortis fugiu. Alexia agarrou-se aos seus ombros para permanecer em seus braços, sentindo a água pressionando-a de volta para dentro aquela escuridão. Mas logo, a luz da cidade se dissipou e tudo o que ela conseguia ver eram as luzes brilhantes e bruxuleantes dos andarilhos das profundezas que os seguiam. Tantos de seu povo, apenas espreitando na escuridão. A única coisa que os denunciava eram os pontos brilhantes em seus corpos, que piscavam como um estroboscópio estranho.

Isso fez com que todo o mar parecesse vivo. O oceano fervia e ela não podia fazer nada para impedir isso, nem o medo que queimava em seu peito.

— Por que eles estão nos perseguindo? — ela perguntou, sua voz ecoando enquanto eles se moviam pela água.

— Porque fizemos um acordo. Eles recebem sangue, e nós o forneceremos para eles ou eles tomarão o nosso. — Ele nadou mais rápido, com mais força, todo o seu corpo ondulando com os movimentos e rolando entre as coxas dela. — Eles nos perseguirão até que estejamos longe o suficiente para não sermos mais uma ameaça ao povo deles.

— Eles acham que eu sou uma ameaça? — perguntou ela, e riu só de pensar. — Olha só para eles! Como eu poderia machucar um deles, mesmo que remotamente?

Ele riu com ela.

— Você vai me matar, *virago*, tenho certeza de que eles acreditam

que você também pode matá-los.

Esse era um pensamento que a fazia refletir. Alexia ainda não sabia o que pensar sobre aquele futuro impossível. Ela não queria matá-lo. Não havia futuro que ela pudesse imaginar em que sequer tentasse.

Alexia percebeu que queria valorizá-lo. Que pensamento assustador, considerando que ela nunca havia sequer tentado um relacionamento com outra pessoa.

— Eu não vou te matar — disse ela. — Não vou deixar isso acontecer.

— Você não tem escolha. Você vai me matar, e eu me juntarei aos meus ancestrais no próximo reino. — Ele a abraçou um pouco mais forte. — Eu já te perdoei por isso.

Mas será que ela conseguiria perdoar a si mesma?

TRINTA E QUATRO

Fortis

Ele ficou surpreso por eles terem feito isso. Por um tempo, pareceu que seria por pouco. Mas seu povo tinha razão, em grande parte por causa dos argumentos dela e por causa da crença dele de que o futuro era certo. Ele sabia que eles temiam que Alexia o matasse. Mas ele também não se importava.

Fortis já havia feito as pazes com seu futuro há muito tempo, e agora tinha a sorte de vê-lo se concretizar. Ele sabia o que iria acontecer, ao contrário de tantas pessoas que não sabiam. Sabia onde terminaria e como terminaria. A vida nem sempre fora tão fácil.

Mas agora, ele estava simplesmente eufórico. Depois de tudo o que fizera na vida e de tudo o que deixaria para trás, ele havia realizado o maior feito. Ele havia levado seu povo à glória. Em breve, eles lutariam contra Tau e, com a ajuda dos andarilhos das profundezas, ele tinha certeza de que venceriam. Tau cairia. A mais maligna das cidades humanas cairia no esquecimento, e o resto estaria nas mãos daqueles em quem ele confiava.

Mira e Anya já haviam descoberto maneiras de trabalhar com os humanos nas cidades, para convencê-los de que podiam confiar em seu povo e de que havia muita utilidade em uma parceria. Estavam prontos para trabalhar uns com os outros. Até mesmo os andarilhos das profundezas.

Uma risada escapou de seus lábios enquanto ele planava através das correntes, desaparecendo no mar enquanto os outros andarilhos das profundezas ficavam para trás. Ele não se sentia tão livre há tanto tempo. Não sabia o que era sentir o peso de todas as suas responsabilidades e o

medo do futuro desaparecerem de seus ombros.

Era assim que os outros se sentiam perto do fim? A euforia de abrir mão do peso da vida? Era enlouquecedor e tão perfeito.

— Do que você está rindo? — perguntou Alexia.

— Meu fim está próximo — respondeu ele com outra risada. — É uma sensação boa.

— Nunca conheci alguém tão ansioso pela própria morte. — Ela balançou a cabeça, as mãos se movendo contra os braços dele enquanto acariciavam seus bíceps. — Você realmente acredita que eu vou te matar?

— Sim, claro. Já foi visto por muitas pessoas. Minha história sempre teve um fim, e eu sei disso há muitos anos. Foi estranho ver você depois de tantos anos se perguntando quem seria o responsável por acabar com a minha vida. — Ele a apertou um pouco mais forte, afastando-se da vila e seguindo em direção ao mar profundo. — Estou feliz que seja você. Se tivesse que ser alguém, fico muito feliz em saber que é você quem vai segurar a lâmina.

Ela franziu a testa para ele.

— Sei que você me provou muitas coisas impossíveis. Mas acho tão difícil acreditar que eu algum dia te machucaria. Nunca acreditei na sua capacidade de prever o futuro antes, e não pretendo acreditar agora.

— Talvez você não tenha escolha. Na sua crença ou na sua capacidade de impedir a minha morte. — Ele podia ver isso acontecendo. Seu povo era covarde, e seus planos frequentemente machucavam muitas pessoas. — Se você tiver que escolher entre mim e todos os outros no mar, então você precisa me matar. Se isso vai impedir o plano que passamos tanto tempo construindo, então você tem que fazer o que for preciso. Sim?

Ela respirou fundo.

— Suponho que sim. Mas não quero te matar.

— Você é forte o suficiente para fazer isso. Talvez seja por isso que você foi trazida para a nossa correnteza e por isso que o mar acreditou que você poderia nos ajudar. — Lá, ao longe, ele já conseguia ver a instalação para a qual a havia levado antes. Parecia certo levá-la para aquele lugar onde ele havia percebido o quanto se importava com ela e o quanto a desejava.

— Eu não... — Ela fez uma pausa e assentiu. — Se for preciso.

Ambos sabiam que nunca ficariam juntos por muito tempo. Ele precisava acreditar que isso era verdade. Fortis fizera tudo ao seu alcance para se manter separado dela. Ela merecia não lamentar sua partida, pelo menos não por muito tempo. Se ele era capaz de aprender a lição de viver quando entes queridos se fossem, então ela também era capaz.

Ele entrou na área por onde os submarinos teriam navegado, suas nadadeiras arrastando-se pelo fundo enquanto os impulsionava suavemente para o espaço. Então foi tão fácil tirá-la da água e colocá-la na beirada da instalação, com todo aquele vidro e a fria luz azul atrás dela.

Alexia rapidamente tirou o capacete. A trança de seus cabelos escuros se soltou, balançando contra seu rosto e brincando com as linhas ásperas de suas feições. Ela estava ali, naquele estranho traje metálico, esperando que ele fizesse o que quisesse.

Fortis colocou as palmas das mãos em cada lado dos quadris dela, alavancando-se para fora da água e conseguindo ficar acima dela.

— Você me dissesse que se soubesse que iria morrer, gostaria de viver o máximo que pudesse antes que isso acontecesse. Agora, eu a trago de volta aqui para pedir... — Ele fez uma pausa antes de se corrigir: — Para implorar que você me dê a sua permissão.

— Dar minha permissão? — perguntou ela, com as pupilas dilatadas até os olhos ficarem tão negros quanto os dele. — O que você quer que eu lhe permita, Fortis?

Ele não tinha palavras para dizer. Queria que ela soubesse que ele estava obcecado por ela. Que, depois dos momentos que passaram ali, tudo o que ele pensava eram os pequenos gemidos que ela soltava, o jeito como sua cintura se encaixava tão perfeitamente em sua mão. Ele queria lamber cada cicatriz que cobria seu corpo e deslizar a língua entre suas coxas.

Fortis não sabia bem como pedir, no entanto. Fazia anos que não explorava seus desejos. Sabia que fêmeas eram complicadas, independentemente da espécie. Havia muito que ele poderia pedir a ela, e havia maneiras de pedir sem tocá-la.

Ver o calor no olhar dela ajudou. Ela o olhava como se quisesse comê-lo vivo, e já o observava daquele jeito há algum tempo. Tudo o que ele precisava fazer era confiar que os dois eram mais compatíveis do que ele imaginava.

— Tire o traje de mergulho — disse ele, com a voz quase um rosnado. — Quero te ver de novo, *virago*. Mas desta vez, quero ver você inteira.

— Tem certeza disso? — perguntou ela. — Mesmo que eu seja quem vá te matar?

— Nunca tive tanta certeza de nada na minha vida.

Era a verdade, e ele esperava que ela pudesse ouvir isso em sua voz. Queria que ela soubesse que a desejava além da razão, além de qualquer treinamento ou compreensão de como deveria se sentir. Ele passara tantos anos odiando a espécie dela, especialmente as pessoas de sua cidade, e ainda assim... Um olhar para ela e ele se sentia fraco.

Alexia se afastou da água e se levantou. O traje foi mais fácil de tirar do que ele imaginava. Ela enganchou os dedos em sulcos profundos nas laterais e lentamente tirou primeiro a placa peitoral, depois os braços. Eles caíram com força no chão, com estrondos ásperos que ecoaram pela sala e ricochetearam no vidro. Então, ela se abaixou para tirar a mesma

armadura das pernas, ficando apenas com uma roupa de mergulho justa.

O olhar dele se deleitava com a força das coxas dela e a força dos ombros largos. Cada parte dela exibia o poder que preenchia seu corpo. Não havia razão para ela ser tão forte, especialmente depois de tudo o que ele lhe fizera. A fome talvez a tivesse deixado um pouco mais fraca, mas isso não transparecia na forma como ela permanecia ali, encarando-o com olhos ardentes.

Então ela levantou as mãos e tirou a roupa de mergulho. Fortis teve que se agarrar à beirada do chão para não se lançar pelo lugar e devorá-la. Ela revelou ombros pálidos e fortes, com montes de músculos. Salpicada de cicatrizes, ela era uma visão de poder. Então, aquele tecido revelou seus seios também.

Ele havia se esquecido de como eles eram cativantes. Ela era mais do que deslumbrante, com aqueles seios pequenos realçados por um rosa-claro. Ele só tinha visto coral daquela cor antes, e mesmo assim, nunca foram tão tentadores de lamber.

Mais pele, mais contornos definidos e linhas longas. O abdômen dela era tão definido quanto o dele, embora salpicado de cicatrizes e o que pareciam marcas de queimadura. Ele não as vira quando a estava ensinando a se masturbar, mas também percebeu que sua atenção estava em outro lugar.

Ele já sentia o corpo endurecer atrás das escamas. Seu corpo queria se lançar para a frente, que se danassem as preliminares. Queria mergulhar nela e descobrir como era estar dentro de uma fêmea tão quente e úmida quanto ela mesma havia descrito.

Ele a desejava, pura e simplesmente. E a visão dela se abaixando para tirar a roupa de mergulho das pernas, o perfil dos montes rijos dos seus glúteos, quase o fez perder a razão.

Por que ele se sentia um animal com ela? Nunca tinha sido assim com a esposa. Sempre fora capaz de separar o que faziam e o motivo. Ah,

havia algum prazer, mas nunca assim.

Nunca sentira o desejo corroendo sua mente, invadindo-a como se houvesse outra fera dentro dele. O lado lógico de sua mente lhe dizia para aliviá-la, como fizera antes. Para dizer a ela com os lábios, os dentes e a língua que a desejava mais do que qualquer outra coisa neste planeta. Mas a fera dentro dele queria pular da água, agarrar o pescoço dela entre as mandíbulas e penetrá-la até que ambos gritassem.

Respirando fundo e estremecendo, ele manteve o olhar nela enquanto ela se levantava.

Ele podia ver a hesitação nos olhos dela. Ela não queria que ele pensasse que ela era inferior por causa da sua aparência. E isso partiu seu coração.

— Você é linda — murmurou ele, as palavras doendo enquanto sua garganta parecia se fechar. — Tão incrivelmente linda.

Ela claramente não sabia o que fazer com as mãos. Alexia as alisou na barriga, talvez para acalmar os nervos, mas para ele tudo o que fez foi atrair a atenção para o corpo sem pelos dela. Ela era a perfeição em pessoa. Como ela não sabia disso?

— *Virago*. Posso te tocar?

Ela engoliu em seco.

— O que você vai fazer quando me tocar?

Ele sentiu o calor passar por ele com essas palavras. Então, cada guelra de seu corpo se ergueu, vibrando com toda a energia e necessidade dentro dele.

— Tudo, Alexia. Eu vou fazer tudo.

Suas bochechas ficaram vermelhas, e a cor se espalhou pelo peito.

— Ah, bem, se é só isso que você vai fazer.

Ele não tinha paciência para a insolência dela naquele momento. Saindo da água, deslizou pelo chão e a agarrou. Gentilmente, ele a derrubou no piso frio para poder pairar sobre ela.

Gotas geladas de água caíam de seus ombros, e cada uma delas rolava pela pele dela como pérolas. Fortis se abaixou para pegar uma que se acumulava na clavícula dela, sua língua escura percorrendo a pele macia como se tivesse encontrado seu próprio tesouro naquele movimento.

Um gemido baixo ecoou em seu peito.

— Você tem um gosto tão doce.

E ela realmente tinha. Como doce e fumaça, isso o fez querer prová-la ainda mais. E ele provou.

Ela lhe dera permissão, e ele aceitou o que ela oferecia. E mais. Ele queria tudo o que ela sabia que queria e tudo o que ela não sabia que queria. Ele desceu pelo peito dela, lambendo e sugando sua pele até finalmente alcançar o pico pedregoso do seio. Lambendo ao redor, ele se deleitou com o som do gemido dela que ecoava pela sala.

Ela não se importava se falava alto, e ele adorava isso nela. A canção da sua paixão lhe mostrava o que ela gostava.

— Alguém já tocou em você aqui? — ele perguntou, mesmo sabendo a resposta.

— Não. Só você.

— Ótimo. Vamos descobrir do que você gosta, Alexia. E se bem me lembro... — Ele mordeu o mamilo dela, com força suficiente para que ela soltasse um gritinho e se arqueasse do chão.

Mas quando ele olhou para o olhar chocado dela, ela o encarava com o rosto ainda mais vermelho. Ela gostara disso. Gostara da leve pontada de dor.

Ótimo, ela provavelmente sentiria isso quando ele descobrisse como juntá-los.

Fortis brincou com ela sem pressa, alternando entre os seios enquanto mordia, lambia e chupava. Ele a fez se contorcer debaixo dele em poucos instantes, mas queria mais do que isso.

Deslizando as mãos palmadas por suas laterais, ele procurou cada lugar que a fez sussurrar:

— Não pare. Bem aí. Sim, isso é tão bom.

Finalmente, finalmente, ele se permitiu deslizar os dedos palmados entre as dobras dela e buscar aquele calor quente e úmido que ela descrevera. Porra, ela não estava errada nessa descrição. Ela pingava entre as coxas e, embora fosse muito estranho sentir isso, ele não conseguia evitar o desejo de tocar mais. Inclinando-se, ele lambeu o pescoço dela até a boca.

— Me beija de novo, *virago*. Como você fez no mar.

Ela não hesitou em seu prazer. Alexia se apertou contra a mão palmada dele, e ele precisava se certificar de que suas garras não estivessem perto dela. Ele poderia facilmente cortá-la, e ela não estava cuidando de si mesma. Mas então ela passou um braço em volta do pescoço dele e o puxou para um beijo voraz, e foi difícil para ele pensar em qualquer outra coisa. A língua dela se enroscou na dele, esfregando as saliências e protuberâncias que a cobriam.

Ela gemeu na boca dele, cavalgando a mão dele em direção ao seu próprio esquecimento.

— Isso é tão gostoso.

— Vai ficar muito melhor em breve. Queria ir devagar, mas mal posso esperar para te provar.

— Me provar? — Ela respirava com dificuldade, olhando fixamente para todo o comprimento do próprio corpo quando ele de repente se moveu até que seu rosto estivesse entre suas pernas.

Ah, o cheiro dela ali era divino. Espesso e terroso, feminino, exatamente como ele sabia que ela seria. Todo seu para devorar. Fortis lambeu o lábios, olhando fixamente para o rosa profundo e vermelho de suas dobras antes de mergulhar.

Por que descrever a ela o que ele ia fazer, quando ele poderia

simplesmente mostrar?

O sabor dela explodiu na língua dele, e ele gemeu em sua carne. Os sulcos da língua dele deslizaram por sua fenda, encontrando uma saliência no topo que pareceu fazê-la arquear mais do que o resto.

Mesmo sendo maior do que um ser humano comum, ele sabia que ela seria apertada. Precisava garantir que ela estivesse preparada para recebê-lo. Precisava garantir que ela sobreviveria àquele encontro, mesmo que pudesse doer um pouco.

Humanos eram delicados, lembrou-se ele enquanto uma névoa surgia diante de seus olhos enquanto a lambia. Suas mandíbulas ansiavam por se abrir ainda mais, puxá-la mais fundo em sua boca até que ele fosse coberto pelo gosto dela. Queria espalhá-la sobre o peito, enterrá-la sob suas escamas, para nunca esquecer aquele momento em que as coxas dela prendiam sua cabeça entre elas.

Não era o suficiente. Não era nem de longe o suficiente.

Agarrando-a com tanta força que suas garras tiraram sangue, ele a encarou e esperou até que seu olhar encontrasse o dele.

— Respire — lembrou-a, antes de mergulhar a língua fundo em sua boceta.

TRINTA E CINCO

ALEXIA

Ela não tinha certeza do que estava acontecendo com o corpo dela. Tudo estava em chamas e, de alguma forma, gelado ao mesmo tempo. Ela não conseguia se concentrar em nada além da sensação dele entre as coxas. A língua áspera dele, com todos aqueles calombos, estava afetando sua sanidade. Ela respirava com tanta dificuldade que era como se tivesse saído para correr.

Então as mãos dele subiram pelas laterais do corpo dela, e aquelas garras arranharam sua pele. Ela viu estrelas quando ele subitamente afundou a língua dentro dela. Ela podia sentir cada uma daquelas saliências enquanto ele puxava a língua para fora e depois a afundava novamente.

— Porra — ela gemeu. Não havia outras palavras. Apenas a sensação incandescente do corpo dela se contraindo, se retorcendo, exatamente como ele a ensinara antes. Girava mais forte, ainda mais impossivelmente carente, não importava o que ele fizesse. A língua dele rolava, os dedos dele apertavam aquele botão no topo da fenda dela, que fora tão prazeroso quando ela mesma o tocara.

Então uma daquelas mãos com garras se ergueu e agarrou seu seio, seu polegar brincando com seu mamilo enquanto todas as outras sensações tornavam difícil até mesmo respirar.

E então tudo ficou extremamente quente, como antes. Ela sabia, sem sombra de dúvida, que ele a faria gozar. Já tinha feito isso antes, e agora estava acontecendo de novo. Mas, de alguma forma, era muito *mais intenso* quando outra pessoa a fazia se sentir assim. A sensação de descontrole continuou, aumentando cada vez mais, até que ela pensou

que poderia se libertar.

Ela gozou com um palavrão áspero e um suspiro que lhe doeu o peito. Todos os músculos do seu corpo se tensionaram enquanto ela cavalgava a onda de prazer e se esfregava no rosto dele. Ele gemeu contra ela e ela sabia que era porque ele estava desfrutando do prazer dela tanto quanto ela. E isso fez com que durasse ainda mais. Ela não conseguia respirar. Mal conseguia existir. Tudo isso era culpa dele, da primeira e da segunda vez, e ela estava simplesmente...

Incapaz de falar, Alexia percebeu enquanto se acalmava da nuvem de prazer.

Desta vez, porém, ela não sentiu tão bem o respingo da liberação dele. E quando abriu os olhos, viu que ele não tinha gozado como ela esperava. Em vez disso, tudo o que conseguia ver eram os dois pênis, mais duros do que ela se lembrava da última vez. Pareciam doloridos, de coloração pálida, mas ainda tão sólidos que deviam doer.

— Eu quero te tocar — ela sussurrou. — Não foi justo você só ter me tocado até agora.

Ela conseguia ver a discussão na cabeça dele. Ele não queria que ela o tocasse, porque estava claramente se divertindo. Mas o desejo venceu. Ele deslizou as mãos por baixo dos braços dela e a ergueu enquanto rolava de costas. Tão facilmente. Bastou um movimento, e de repente ela estava de quatro sobre ele. Ele estava ainda entre as pernas dela, mas agora ela estava na altura dos olhos dele e dos músculos flexionados do seu abdômen.

Isso sim era uma visão. Alexia nunca imaginara que se sentiria atraída por paus. Já vira paus humanos muitas vezes na vida, e eles eram sempre decepcionantes, flácidos. A forma como ficavam pendurados entre as pernas de um homem ou o tamanho quando estavam duros não a intrigavam.

Mas e estes? Eram impressionantemente grandes, com uma ponta

afilada que lhe dava certeza de que conseguiria fazê-las caber, mesmo sendo a primeira vez. Tudo o que ela precisava fazer era ir com calma.

Lambendo os lábios, ela tentou algo que já vira Harlow fazer muitas vezes. Girando a língua em volta da cabeça do pênis dele, ela levou apenas a ponta à boca. Na verdade, era tudo o que conseguia fazer. Girando a língua, ela inflou as bochechas e chupou com toda a força que pôde.

Os quadris dele se moveram, e ele agarrou a nuca dela, entrelaçando os dedos em seus cabelos enquanto a puxava para trás.

— Calma, *virago*, ou isso vai acabar rápido demais.

Mas ela gostou do som daquilo. Queria que ele fosse incapaz de pensar, assim como ele a tornara. Queria que ele fosse incompreensível por causa das coisas que ela fazia com ele com as mãos e a língua.

Envolvendo a base dele com as duas mãos, ela as moveu para cima e para baixo em sua extensão impressionante.

— Assim está melhor?

Seus olhares se encontraram, e ela percebeu o quão perto ele estava de perder o controle.

— Cuidado — murmurou ele. — Não sei o que farei se perder o controle.

— Espero que seja algo incrível — ela murmurou, antes de sugá-lo de volta para sua boca.

Que se dane o cuidado. Que se dane a vontade dele de ir devagar e saborear o momento. Alexia não queria fazer nenhuma das duas coisas. Queria que ele a penetrasse. Queria aquelas garras cravando-se em sua pele e tirando sangue enquanto ele afundava entre as coxas dela com aqueles paus. Ele já a tinha feito gozar. Certamente ele sabia que ela queria mais do que isso.

Então, enquanto ela o provocava, atormentava, lambia e chupava até ficar ainda mais molhada do que antes, ela se esforçou para não

pensar no que ele estava fazendo.

Porque ele havia afundado a língua de volta dentro dela. Ele a girou, alongando os músculos dela como se estivesse tentando prepará-la para o que viria. Os dedos dele não eram o suficiente, ela sabia disso. As membranas entre eles dificultariam a inserção de qualquer coisa além de uma garra e a primeira articulação. Não o suficiente para prepará-la para aqueles paus.

Que ela queria que ele usasse. Agora. Nesse momento. Por que eles ainda estavam esperando?

Gemendo com a espessura dele em sua boca, ela finalmente se afastou. Um fio de baba conectou seus lábios à ponta, e ela percebeu que nunca tinha visto nada tão visceralmente sexy.

Ele se afastou para encará-la, e ela tinha certeza de que ele sentia o mesmo. Seu abdômen se flexionou ainda mais, seus lábios se abriram enquanto ele lutava consigo mesmo para recuperar qualquer resquício de controle. Mas ela não queria que ele tivesse controle.

Então ela colocou a língua para fora e lambeu o fio, inclinando-se para pressionar a língua contra o pequeno buraco na ponta do pênis dele.

— Porra — ele gemeu, e de repente ela estava se movendo. Ela não tinha ideia de como ele a fazia se sentir tão pequena, mas ele a ergueu como se ela não pesasse nada. Fortis a girou, de modo que ela ficou sentada em cima da cauda dele, com o pau dele entre as pernas e as mãos apoiadas na barriga poderosa dele. Olhando para ele, ela se esforçou ao máximo para manter a calma.

Mas ela não conseguiu evitar de se inclinar e lamber o sulco entre o abdômen dele, exatamente como ela queria fazer há muito tempo.

Ele gemeu, e aquele abdômen se flexionou contra a língua dela enquanto ele se inclinava para frente para agarrar seus quadris.

— Por favor, não me faça esperar mais, *virago*.

Ah, como ela adorava o som dos seus pedidos. Era música para os

seus ouvidos, e ela queria ouvir mais daquilo.

Suspirando fundo, ela flexionou as coxas e se ergueu acima do pênis dele. Aquilo era assustador. Ela já tinha feito muitas coisas assustadoras na vida, mas nunca algo assim. Ela até já tinha colocado o corpo em risco inúmeras vezes, mas aquilo era diferente. Aquilo tinha um significado e um propósito. Não era dor que ela buscava. Era fácil de encontrar. Prazer era muito mais difícil.

Ela aconchegou a cabeça dele entre as dobras, sentindo a estranha maciez dele. Ela não tinha pensado na textura macia da pele dele quando o teve na boca, mas ele era tão macio. Tão quente.

Esfregando-o para frente e para trás, passando por sua entrada, ela o cobriu com toda a sua umidade, esperando que isso tornasse tudo um pouco mais fácil. E então, respirando fundo, ela afundou na ponta dele. A estranha sensação de plenitude a atingiu imediatamente. Era como se algo a tivesse perfurado, mas ela não se importava. Prendeu a respiração, afundando um pouco mais, sentindo a estranha queimação enquanto ele pressionava os músculos que a haviam mantido tensos a vida toda.

Mas então as mãos em forma de garras dele agarraram seus quadris, parando seus movimentos.

— Calma, *virago*. Você não precisa colocar tudo de uma vez.

Ela respirou fundo, erguendo os olhos e percebendo que a expressão dele havia passado de uma dor vincada para uma suavidade que ela raramente via nele. Ele não queria que isso a machucasse, percebeu. De alguma forma, isso tornava tudo ainda mais fácil.

Assentindo, ela deixou as mãos dele guiá-la. Sentando-se lentamente, ela o deixou se afastar antes de deslizar para dentro novamente. Centímetro por centímetro, tentadoramente, ele esticou seu corpo. Não de uma só vez, como ela pretendia, mas em vários movimentos que a abriram para ele até que ele foi capaz de empurrar para dentro dela sem qualquer resistência.

Demorou.

Paciência.

Uma necessidade dolorosa enquanto ambos lutavam para lembrar de respirar enquanto buscavam um prazer que parecia capaz de abalar a terra.

— Ótimo — ele elogiou durante todo o tempo. — Você está indo bem, *virago*. Só mais um pouquinho. Olha só, você está indo muito bem. Só mais um pouquinho. Você aguenta mais um pouquinho.

Enquanto seus olhos reviravam, ele a ergueu bruscamente daquele pau e então... Onde estava a facilidade? Onde estava o deslizamento? De repente, ela foi pressionada de volta contra um pau que não estava coberto por toda a sua umidade. Com os olhos arregalados, ela olhou para baixo e viu que ele a havia movido para o segundo pau. O primeiro agora pressionava seu clitóris enquanto ele reiniciava o processo.

Seus músculos se contraíram, seu estômago se contraiu com os pequenos movimentos que, de alguma forma, não eram suficientes para levá-la ao limite, mas também eram incrivelmente bons. Ela só queria saber como era explodir em volta do pau dele, e ele estava escondendo isso dela. A cada movimento, a cada centímetro que ele enfiava dentro dela, ela queria mais.

Mais movimento. Mais atrito, mais do que ele estava lhe dando naquele momento.

— Fortis — ela gemeu. — Por favor.

— Você ainda não está pronta, *virago*.

Ela bateu as mãos no peito dele e o encarou.

— Se você não me foder com força, eu saio de cima de você e termino o que você começou.

Ele a encarou, ambos percebendo de repente que aquilo era uma batalha e que nenhum dos dois queria perder. Ela viu o maxilar dele ranger, os músculos se contraindo enquanto ele assentia bruscamente e a

penetrava com um único movimento brusco.

Ela viu estrelas.

A espessura dele pressionava cada centímetro do seu corpo. As paredes internas dela vibravam ao redor dele, o início de um orgasmo que ela sabia que a levaria ao fim. Será que ela poderia morrer disso? Parecia que sim. Então ele se retirou, tão rápido que ela quase engasgou, apenas para empurrar de volta e expulsar todo o ar dos pulmões com o movimento.

As mãos dele apertaram um pouco mais os quadris dela, erguendo-a do seu membro inferior e empalando-a por cima. Embora houvesse mais fricção com este, ainda era fácil de aceitar. Ela podia sentir a textura dele, o tamanho, o formato da ponta que de repente a penetrou quando ele se ergueu e segurou a parte de trás da sua cabeça.

Fortis devorou seus lábios, lambendo e mordendo avidamente enquanto a movia para cima e para baixo com a mão livre. Ele controlava cada momento. Seus bíceps poderosos flexionavam a cada movimento, puxando-a para cima e para baixo em seus pênis até que ele a movia de repente para o outro. Repetidamente, ela era movida ao longo de cada pênis individualmente enquanto buscava aquele êxtase.

— Sim — sibilou ela, colocando a mão entre eles para pressionar os dedos firmemente contra o clitóris. — Sim, por favor.

— Você vai gozar em mim? — perguntou ele, descendo a boca até a junção do ombro com o pescoço dela. Ele mordeu ali, com força, e isso de alguma forma a deixou ainda mais tensa.

— Porra — ela gritou enquanto seus músculos ficavam tensos.

E então ela o sentiu gozar. Sentiu o pau dele se contrair com força dentro dela e então uma explosão de calor que a encheu quase a ponto de explodir. Ela nunca imaginou que seria assim, mesmo com os músculos tensos e o orgasmo.

Jogando a cabeça para trás, ela sibilou longamente enquanto

surfava nas ondas do orgasmo. E, à medida que se acalmava, percebeu que ele ainda brincava com seu clitóris. Brincando com ela com a ponta de uma daquelas garras impossivelmente afiadas.

Ele a encarou, aqueles olhos escuros enxergando demais.

— De novo — rosnou.

— Não posso.

— Pode. Me dê três, virago. Pelo menos três.

Ela o encarou, sentindo a dor vazia enquanto ele retirava o pênis de seu canal, apenas para mergulhar de volta com o outro. Ainda estava duro. Seu segundo pênis ainda estava tão duro.

Enquanto ela se balançava, completamente à mercê dele, percebeu que poderia gozar novamente. Se ele continuasse fazendo isso, se mantivesse aquela pressão e o toque hipnotizante de seus dedos, ela não teria escolha.

E ela o fez. Constrangedoramente rápido. Ela se apertou contra ele e ele jogou a cabeça para trás em um gemido que ela sentiu até o âmago. Juntos, eles desapareceram naquele lugar secreto, cercados pelo oceano enquanto suas vozes ecoavam pela câmara vazia.

Ela nunca se sentiu tão amada ou tão conectada a outra pessoa em toda a sua vida. E ainda assim...

Enquanto ofegava e deitava a cabeça no peito dele, ela não conseguia evitar a sensação de vazio. Mesmo com o pênis dele ainda se contraindo dentro dela, ela temia o futuro que estava por vir. Ele tinha tanta certeza de que ela o mataria.

Alexia temia que ele estivesse certo.

TRINTA E SEIS

Fortis

Fortis teria se deleitado naquela caverna pelo resto da vida. Tê-la aconchegada sobre seu peito, pressionada contra seu coração que agora pulsava por ela, era uma experiência que ele provavelmente não esqueceria. Infelizmente, ambos sabiam que aquela era a única chance que teriam.

O tempo deles era limitado, não apenas por causa da morte dele, mas também pelo que tinham que fazer. Em breve, eles se encontrariam no meio de uma guerra, da qual ambos eram partes essenciais.

Então, ele a acordou quando ela adormeceu com palavras suaves e toques ainda mais suaves. Ele depositou beijos demorados em seus ombros, inalando o cheiro de sua pele antes de ajudá-la a vestir o traje. Não que ela precisasse, mas Mira o quereria de volta agora que todos sabiam que funcionava.

Enquanto nadava de volta para a aldeia, sentiu um aperto no estômago. Não queria que aquilo acabasse. Essa era a parte mais difícil de tudo. Fortis queria ficar com ela e viver um pouco mais.

Ele sabia da sua morte há tanto tempo, mas nada o havia preparado para o momento em que não queria partir. Ele estava tão pronto há tanto tempo, e agora? Agora ele não estava nem remotamente pronto. Tudo o que ele queria era ficar só mais alguns dias.

E se os andarilhos das profundezas mudassem de ideia? Eles estavam apenas lutando por vingança. Depois que ele morresse, mudariam de ideia? Não estava totalmente fora de questão. Eles eram um bando inconstante e preferiam ajudar os seus a qualquer outro. Podiam decidir que não lutariam, e não sobraria ninguém para discutir

com eles.

A outra parte de si mesmo, o lado menos ansioso que flutuava pelo mar com ela nos braços, queria ver o que aconteceria com o mar. Os humanos e o Povo da Água trabalhando juntos, depois de todo esse tempo. Ele queria nadar pelas cidades que eles construiriam, e sabia que seriam incríveis. Queria ver Anya e Ace liderarem um grupo de humanos para consertar a terra lá em cima. Queria ver toda a beleza que viria da parceria entre tantos que se odiavam há tanto tempo.

Pouco antes de chegarem à aldeia, Alexia estendeu a mão e segurou seu queixo. Ele parou de nadar instantaneamente e olhou para a fêmea forte e capaz que, por algum motivo, tivera a sorte de ter em seus braços.

— Fortis? — ela perguntou.

— O que foi, *virago*?

— Só quero que saiba que o tempo que passei com você foi a melhor parte da minha vida. Acho que eu nem sabia como viver antes de você me mostrar, e quero que saiba o quanto sou grata por isso. Aconteça o que acontecer.

Ele queria beijá-la. Queria arrastá-la de volta para a instalação com todo aquele vidro e vê-la arquear as costas ao gozar. Havia tantas outras coisas que ele queria tentar com ela, mas o tempo não estava a favor deles.

Suspirando, ele passou a mão pelas costas dela e a encarou.

— Eu nunca te esquecerei, virago. Nem nesta vida, nem na próxima. Você mudou a maneira como eu vejo este mundo, e por isso também sou grato. Tenho sorte que você foi gentil o suficiente para não me matar no primeiro momento em que me viu.

Ela bufou.

— Você tem sorte de ser um babaca rápido, senão eu teria feito isso.

Eles sorriram um para o outro, as ameaças do passado há muito

perdoadas. E ele teria ficado para sempre, sorrindo para ela com toda a esperança que sentia no coração, mas eles não tinham o luxo do tempo.

— Pai! — gritou a voz de Aulax. — Estamos prontos.

O que ele quis dizer com "estavam prontos" ? Não podiam estar prontos, ainda não. Ainda havia muitas coisas para fazer e descobrir, e precisavam planejar. Mas, quando ele os levou para a aldeia, percebeu que muitos já haviam planejado sem eles.

— O quanto você contou a eles antes de partirmos? — ele perguntou, indo em direção à principal área de reunião da vila.

— Tudo — disse ela. — Dei a eles todos os códigos de acesso que eu tinha e todos os mapas dos quais me lembrava. Dei acesso ao funcionamento interno de Tau e mudei os códigos de um daqueles androides para fazer parecer que vinham do meu submarino.

Ele piscou para ela.

— Você fez tudo isso em tão pouco tempo?

Mais uma vez, ela olhou para ele como se ele tivesse enlouquecido.

— Sou muito eficiente, Fortis.

E assim foi. Ele só não tinha percebido o quão eficiente e difícil isso tornaria as coisas para ele.

Expirando, ele os levou para a sala principal, onde foram abordados por cem pessoas tentando conversar ao mesmo tempo. Talvez cem fosse um exagero, mas era o que parecia.

Alexia foi arrancada da água por várias mãos, todas agarrando-a e arrastando-a para a briga. Havia muitos humanos vagando pela sala, cada um tentando falar por cima do outro enquanto se moviam em pequenos grupos em direção ao seu próprio objetivo. Ele não sabia qual era esse objetivo; era difícil ouvir qualquer um deles falar em meio ao barulho enorme que faziam.

Uma mão vermelha agarrou seu braço, incitando-o a voltar para debaixo d'água para que pudesse falar com os outros. Mas seus olhos

estavam apenas nela.

Ela tirou o capacete de mergulho da cabeça, sua longa trança balançando livremente como um chicote enquanto se aproximava da multidão sem medo. Ela era facilmente uma cabeça mais alta do que o homem mais alto naquela sala. Alexia dominava qualquer espaço em que estivesse e chamava a atenção por onde passava.

Daios puxou seu braço novamente, dessa vez forçando-o a mergulhar na água.

— O que há de errado com você? — murmurou Daios.

Tudo.

Nada.

Ele havia perdido a razão porque uma guerreira invadira sua vida, e agora ela parecia acreditar que ele poderia existir sem ela. Ela conseguiu se livrar de tudo o que haviam vivenciado juntos, e ele não tinha certeza se gostava disso. Queria que ela fosse consumida por pensamentos sobre ele, incapaz de pensar em qualquer outra coisa. Especialmente tão perto do encontro deles.

Daios lhe deu um tapa na garganta. Com força.

— Coloque a cabeça no lugar, Fortis. Escute. Há planos e você tem que segui-los, e não pode fazer isso se estiver desejando uma mulher que você já sabe que vai te matar.

Fortis o encarou.

— Como você sabe disso?

— Eu sei muitas coisas. Você se esqueceu, eu trabalhei com os andarilhos das profundezas a maior parte da minha vida. Você não é o único que eu conheço, e muitos do seu povo estão falando sobre como você está do lado da mulher que vai te matar. — Daios franziu a testa. — Por que você está fazendo isso, eu nunca vou entender. Mas não é meu trabalho entender você. É meu trabalho garantir que você esteja com a cabeça no lugar o suficiente para que todos nós façamos isso do jeito que

tem que ser feito.

Fortis entendeu o significado por trás de suas palavras. Eles estavam em cima da hora.

— Por que estamos com pressa? — perguntou ele enquanto nadavam para outra parte da vila. — Presumi que voltaríamos e teríamos que fazer o máximo de planos possível antes que tudo isso acontecesse.

Um andarilho das profundezas passou nadando por eles com os braços carregados de armas. Três androides o seguiram, cada um deles já equipado com mais armas que provavelmente seriam usadas na batalha que se aproximava.

Daios balançou a cabeça.

— Antes de Alexia partir, ela deu a todos a ideia de qual deveria ser o plano, e era um bom plano. Ela retornará ao submarino, fingindo curar as feridas depois de perder você. Será uma história de dois meses que eles precisarão tirar dela, e ela sabe o suficiente sobre eles para mentir bem. Sua Original acreditará nela, porque Alexia sempre foi um ponto fraco na armadura de Harlow. Isso lhe dá a chance de restabelecer a conexão e então nos deixar entrar.

— Este é um plano terrível. Vocês estão deixando nas mãos do destino a confiança de que ela não foi comprometida, ou que não a desativariam à primeira vista.

— Este é o plano que ela sugeriu, e estamos confiantes de que ela sabe o que fazer com seu próprio povo.

Mas ela não sabia. Eles já haviam estabelecido essa verdade. Ela lutara a vida toda para se livrar do domínio de Tau, e agora todos confiavam que não a matariam por isso?

Daios franziu a testa.

— A menos que você tema que eles a coloquem de volta sob seu controle?

— Não, eu temo que ela faça alguma tolice e acabe morta. — E aí

residia o problema. Alexia estava com muita raiva de todas aquelas pessoas, e ele sabia que talvez não fosse razoável esperar que ela contivesse essa raiva.

Com uma lenta exalação de bolhas pelas guelras, Daios assentiu.

— Acredito que a única coisa que podemos fazer agora é confiar nela, Fortis. Mostramos a Alexia como é estar conosco, nos apoiar, fazer tudo o que temos feito por incontáveis meses a fio. Temos que acreditar que ela fará a coisa certa, mesmo que seja difícil.

— Tipo, me matar — murmurou ele, antes de balançar a cabeça. — Entendido. Qual é o plano?

— Fabricamos outra bateria para ela acoplar ao submarino. Os androides de manutenção que roubamos de Beta também foram para o local que ela revelou para garantir que o submarino ainda estivesse viável, e o sistema estará pronto para entrar em operação assim que você a colocar nele. Ela retornará à cidade no mesmo, ciente de que precisará passar por testes rigorosos para garantir que ainda seja a mulher que acreditam que ela seja. Uma vez concluído, ela abrirá as comportas da cidade, uma por uma. Entraremos por ali e mataremos o máximo de pessoas possível.

— E se eles retaliarem?

— Sairemos pelas mesmas aberturas que ela está abrindo. Mas também teremos muitos guerreiros destruindo seus submarinos externos com os aprimoramentos androides que Alexia nos forneceu. Com nosso pessoal e as armas desses androides, devemos estar seguros tanto do lado de fora quanto do lado de dentro. Lá dentro, matamos algumas pessoas de cada vez, atacando continuamente pelas novas aberturas que ela está abrindo e saindo antes que elas se fechem.

Chegaram à oficina de Mira, onde ele presumira que a bateria estaria.

— Eles vão perceber que é ela. Ninguém cometeria erros como esse.

Eles tiveram centenas de anos para aperfeiçoar a proteção de sua cidade.

— É aí que os andarilhos das profundezas entram. Alexia vai lançar o escudo ao redor da cidade o mais rápido possível, e os andarilhos das profundezas trabalharão na desmontagem do exterior da cidade. Aparentemente, há estruturas de vidro entre as águas, nos arredores de Tau. Uma vez removidas, as entradas para a cidade serão vastas e numerosas. — Daios deu de ombros. — Os andarilhos das profundezas vão perfurar as janelas da cidade. Uma por uma.

Em termos de planos, não era tão ruim assim. Tau nunca havia sido atacada diretamente. O que significava que, embora tivessem se preparado durante anos, suas proteções nunca haviam sido testadas antes.

Eles se aproximaram da oficina de Mira e foram recebidos por uma parede de androides. As luzes piscantes e o som agudo de sua linguagem enchiam a água de tons vermelhos e ecos estranhos. Androides sempre o deixavam desconfortável.

Mira já havia saído de sua oficina com uma roupa de mergulho prateada. Ela estava com o respirador sobre o rosto, nadando em torno de uma bateria familiar. Ela mal os notou, mas pelo menos olhou por cima do ombro quando se aproximaram.

— Parece que está tudo certo — murmurou ela, mas havia uma pontada em sua expressão que Fortis achou familiar naquele momento. — Não sei. Não é a mesma bateria que o submarino usava antes, e temo que isso deixará bem óbvio que ela foi adulterada.

— Só avisa a Alexia. Ela vai inventar uma desculpa. Talvez ela tenha precisado atracar em uma antiga instalação para retornar.

— Não é uma má ideia. Mas você vai ter que contar a ela. — Mira deu de ombros. — Ela já está vindo para cá, de qualquer forma. Já deveriam ter avisado ela.

Já? Certamente não. Havia inúmeras razões para eles precisarem de um tempo, e ainda assim... Ele se virou e lá estava ela. Nadando até eles com aquela graciosidade de sempre. Nadadeiras nos pés, uma máscara firmemente em volta do rosto e o cabelo trançado em um rabo de cavalo mais alto e liso.

Droga, isso estava mesmo acontecendo. Não importava o que ele fizesse para desacelerar.

A determinação deixou a expressão de Alexia quase irreconhecível.

— Ah, que bom, você já tem a bateria pronta.

Mira assentiu.

— Mas estou preocupada com a aparência. Eles vão saber que esta não é a mesma bateria com a qual você foi enviada.

— Tenho certeza de que eles esperam isso. Estou fora há dois meses. Eles sabem que não tive energia suficiente para me sustentar por tanto tempo. Vou pensar em alguma coisa. — Alexia acenou com a mão e olhou para ele. — Acha que consegue carregar nós dois, grandão?

Este era o momento de dizer não. Ele não podia, na verdade, carregar as dois. Era um motivo válido para não poder levá-la a lugar nenhum. Ele precisaria de outra pessoa para acompanhá-lo nessa missão suicida. Claramente.

Mas sua boca estúpida disse:

— Eu consigo carregar as duas coisas muito bem, virago.

Daios e Mira trocaram um olhar antes que seu irmão de barbatanas vermelhas pigarreasse.

— Assim que ela estiver lá, você deve voltar para os outros andarilhos das profundezas. Eles têm um plano para você lutar com eles, e considerando o seu destino, tenho certeza de que Mitera sabe onde você deve estar e a que horas.

Ele esperava que sim, porque ele certamente não. Fortis sabia que aqueles eram os últimos momentos de sua vida, porém, e não se deixaria

levar pela preocupação e pelo medo do que poderia acontecer a seguir.

— Diga a Aulax que ele é o filho com quem sempre sonhei — murmurou. — E se meu filho me encontrar perto do submarino dela, teremos nossos últimos momentos juntos.

Ele pegou Alexia nos braços, agarrou a alça da bateria e saiu.

Não disseram nada durante a viagem. Mas não havia muito mais a dizer. Ela sabia como ele se sentia. Sabia que a vida dele havia sido ampliada para sempre por suas ações. O único medo que ele tinha era o que aconteceria em seguida, e quão cedo isso aconteceria.

Não demorou muito para que voltassem ao submarino dela, ou talvez tenha demorado o mesmo tempo e ele estivesse apenas perdido em pensamentos. Mas, cedo demais, ele o viu na saliência exatamente onde o haviam deixado. Uma fina camada de poeira o cobria, mas havia marcas onde os droides haviam pousado.

— Os andróides consertaram seu submarino rapidamente — ele murmurou enquanto os colocava no chão em frente à ele.

— Mira me contou. Ela disse que eles se certificaram de que o submarino pegaria assim que a bateria fosse instalada.

Ambos estavam hesitantes demais em se soltar. Nenhum dos dois queria dizer o que aconteceria em seguida, e ele não queria ir embora. Ainda não. Queria ter certeza de que ela estava em segurança lá dentro. Então, ele a soltaria.

— Só tome cuidado para que eles não te peguem — ele disse, ao mesmo tempo em que ela falava.

— Não corra riscos desnecessários.

Os dois riram baixinho, e ele segurou a lateral do pescoço dela, puxando-a para perto.

— Fique bem, *virago*.

— Igualmente, Fortis. Nos veremos de novo.

Ele sabia que sim. Mas, enquanto ela se dirigia para o fundo do

submarino e o deixava sozinho no mar, ele temeu que a próxima vez que a visse seria o fim. Enquanto conectava a bateria no topo do submarino empoeirado e observava todas as luzes se acenderem, disse a si mesmo que vinha se preparando para aquele momento há anos.

Ele ainda não estava pronto.

TRINTA E SETE

ALEXIA

Ela odiava estar de volta àquele submarino. Parecia tão errado. Ela havia se distanciado tanto da pessoa que o perseguira pela primeira vez, e, ainda assim, tudo em que Alexia conseguia pensar era em quem ela costumava ser.

Em breve, ela teria que fingir ser aquela mulher novamente. Precisaria convencer o povo de Tau de que era a mesma Alexia que havia partido. Precisaria ser impassível, capaz de qualquer coisa, não afetada pelo mundo ao seu redor, porque sabia que um pouco de droga tiraria qualquer medo ou ansiedade que ela pudesse sentir.

Uma sensação gelada percorreu suas omoplatas. Ela teria que tomar o remédio novamente. Apoiando-se no painel de controle, ela olhou para o vidro empoeirado na proa do submarino. Expirou, vendo o vapor da própria respiração.

De todas as coisas que ela havia se preparado para fazer, não havia pensado nas injeções. Essa seria a primeira coisa que lhe fariam. Uma rápida injeção na lateral do pescoço, só para mantê-la calma e garantir que tudo corresse normalmente. Ela não tomava o medicamento há muitas semanas, pelo menos até onde sabiam. Todos os cientistas iriam querer cutucá-la e provocá-la. Ninguém sabia como alguém como ela reagiria por não tomar seu "remédio" regularmente.

Os geneticistas não perceberam que as pessoas que foram aprimoradas poderiam ter sentimentos como os dela. Eles escolheram não acreditar porque era muito mais fácil do que a verdade.

Respirando fundo e se acalmando, ela começou a apertar botões no submarino para acordá-la. A primeira coisa que ouviu foi o som do

computador voltando a funcionar.

— Diga sua designação.

— É a mesma pessoa de antes, computador. Alexia, guarda pessoal da Original Harlow. Cumpri minha missão e gostaria de voltar para casa.

— Executando diagnósticos.

Claro que sim. Ela ouvia o leve tilintar dos androides se fixando no topo do submarino. Eles começaram a trabalhar rapidamente, perfurando partes do submarino onde implantariam rastreadores, para que Mira soubesse onde estava o tempo todo.

E, claro, havia os androides em seus bolsos. Pequenos androides do tamanho de contas, feitos por Ace. Ela disse que eles fariam o que nenhum outro droide conseguiria. Eles entrariam e sairiam da cidade, filmando cada detalhe para que os ondinos que entrassem soubessem para onde ir de vista e não apenas lendo um mapa.

Essas pessoas tinham pensado em tudo, e agora tudo se resumia a ela. Conseguiria trair o próprio povo? Com certeza. Ela precisava de vingança como precisava respirar. Mas, independentemente de conseguir ou não convencer os Originais de que não havia mudado, essa seria a maior e mais difícil tarefa de sua vida.

— Envio online — declarou o computador. — O protocolo deve permanecer até que o guarda termine o serviço.

— Eu já disse, eu já fiz isso — murmurou Alexia enquanto começava a apertar botões de substituição.

— As redes e os porões de transporte estão todos vazios. Por favor, procurem o alvo novamente.

Porra, ela odiava computadores. Eles estavam sempre discutindo nos piores momentos, e ela precisava ir.

— Ace, por que você não me mandou com um androide que pudesse dominar essa vadia tagarela? — ela murmurou enquanto

tentava entrar no sistema principal.

O problema era que ela precisava aparecer com alguma coisa. Uma lula grande, ou talvez uma pequena baleia, enganaria o computador e a deixaria voltar para Tau, mas ela não tinha certeza de como encontraria uma delas. Eles não tinham muito tempo. Os andarilhos das profundezas já estavam ficando impacientes.

Ela não conseguia pensar com o maldito vidro coberto daquele jeito. Precisava de espaço para respirar e de todas as outras coisas necessárias para que sua mente pensasse. Mesmo que isso acabasse sendo apenas alguns momentos olhando para o abismo antes de entender.

Talvez ela precisasse de alguns momentos na escuridão. Só para colocar a cabeça no lugar.

— Computador, limpe o vidro frontal de todos os detritos.

Um estrondo alto percorreu o submarino, que então se sacudiu. Ela se agarrou ao encosto da cadeira do piloto e esperou a poeira baixar.

Havia algo lá fora. Espreitando na penumbra. Alexia mal conseguia distinguir a forma, mas estava lá. Esperando que ela a visse. Inquieta, ela estendeu a mão para o botão que acenderia os faróis.

As luzes se acenderam e iluminaram o enorme ondino em frente ao seu submarino. Ela ofegou, já se repreendendo por ter tido qualquer tipo de reação quando deveria estar praticando para Tau. Mas então percebeu que era Fortis.

— Você não foi embora — ela disse, um pouco confusa sobre o motivo.

Mas então ele nadou um pouco mais para perto, aqueles olhos escuros enxergando demais.

— Eu não podia deixar você ir sozinha, virago. Você sabe que vai precisar de mim.

— Fortis, é muito perigoso você voltar comigo. Eu sei disso. Você sabe disso. Simplesmente não é seguro.

— Você precisa de um motivo para voltar. Eles não vão deixar você voltar para aquela cidade sem um bom motivo. — Ele passou os dedos pelos cabelos. — Eu estive pensando sobre esse plano e por que ele me deixou nervoso. Acaba com eles acreditando que você não foi embora por seus próprios motivos. Eles não vão acreditar em você. Eles não vão confiar em você. No momento em que você entrar naquela cidade, eles vão dar um tiro na sua cabeça.

Ele não estava totalmente errado. O risco estava lá. Mas ela não podia deixá-lo ir com ela e se arriscar também.

— Eles vão te despedaçar — disse ela. — A única maneira de garantir que não haja nenhuma suspeita quando eu voltar é voltar com você, Fortis. Não com você me seguindo. Não com nada além do seu cadáver, ou do seu ser incapacitado, pronto para ser dissecado.

A cabeça dele se inclinou para o lado, um gesto curioso que ela reconheceu muito bem.

— Você sabia disso.

— Eu sei.

— Você não contou aos outros porque não queria arriscar a minha vida. — Ele quase pareceu zangado. — Achei que já tivéssemos conversado sobre isso. Você sabe que deveria me matar.

— E estou disposta a fazer tudo o que puder para não te matar, seu teimoso filho da mãe. — Ela agarrou o encosto da cadeira com tanta força que o couro rangeu. — Não gosto de ser retratada como a vilã da sua história.

— Você não é a vilã! Você é apenas o fim. — Ele estendeu a mão e tocou o vidro. — Vou deixar o reino dos vivos, Alexia. Você será a arma que me eliminará. Já me conformei com isso e me sinto confortável. Mas não se pode lutar contra o destino. Não é possível.

— Não quero ver você se machucar.

— E é algo que você não pode impedir que aconteça. Deixe-me

fazer esta última coisa por você. Deixe-me saber que, no final, eu ajudei a mantê-la segura.

Seu coração se contraiu com essas palavras. Ela sabia por que ele queria mantê-la segura. Ela entendia que ele estava lutando contra isso tanto quanto ela, e que parte dela sabia que não podia lutar contra o destino, exatamente como ele estava dizendo.

Mas ela não queria que isso acontecesse. Não tinha certeza se sobreviveria e os veria atacando-o como fizeram com todos os outros ondinos em suas mãos.

Respirando fundo, ela se preparou para dizer não. Que ela teria que decepcioná-lo e ele teria que continuar vivendo, mesmo querendo ver a esposa morta. Ela odiava ser a pessoa a fazê-lo viver, mas ele precisava.

— Alexia — disse ele, num tom quase suplicante. — Faça isso por mim.

Ela odiava cada segundo daquilo e odiava ainda mais saber que deixaria que ele a convencesse. Porque isso significava que ela estava um passo mais perto de ter que matá-lo, e lá estava ela, pensando que poderia evitar tudo isso.

Respirando fundo, trêmula, ela assentiu.

— Suas últimas lembranças de mim não serão boas. Serão da pessoa que você tanto se esforçou para que eu deixasse de ser. Odeio que você nem consiga me ver de verdade enquanto tudo isso acontecer.

— Eu sempre saberei quem você é, virago. Vou te ver lutar para fazer o que é certo e ser vitoriosa. Sei, sem sombra de dúvida, que você liderará nosso povo rumo a um futuro melhor. — Ele apoiou a mão no vidro, esperando que ela fizesse o mesmo. — Eu te adoro, Alexia. Mas, mais do que isso, eu acredito em você.

Ele não poderia ter dito nada pior ou melhor.

— Droga — sibilou ela. — Seu homem tolo e maravilhoso. Nunca vou te esquecer.

Porque não havia muito mais a discutir. Ela teve que bater a mão no computador e dizer:

— Computador, trave o alvo na frente do submarino. Capture-o.

O submarino ganhou vida com isso. Afinal, era um submarino feito para caçar e mutilar. A rede atravessava a água, tornando quase impossível para Fortis sequer tentar se esquivar. Não que ele tentasse. Permaneceu imóvel, pronto para qualquer coisa que acontecesse enquanto a rede o envolvia e o arrastava em direção à barriga do submarino.

Ao mesmo tempo, todos os motores foram acionados. Seu pequeno submarino subiu na água para poder recolhê-lo com os braços de metal contra a barriga, e então partiram. Com tanta facilidade.

Ela esperava que os androides tivessem tempo de colocar os rastreadores no submarino. Alexia precisaria deles mais tarde.

Seu estômago se revirou, no entanto. Enquanto avançavam em direção a Tau, tudo o que ela conseguia pensar era em como isso seria difícil. Ela não queria entregá-lo a eles. Ela estava assinando sua sentença de morte, e seria uma morte dolorosa.

— Computador, tempo aproximado até chegarmos a Tau?

— Seis horas e vinte e três minutos.

Então eles não estavam tão longe de Tau. Fortis a havia guiado em uma perseguição de vários dias, mas isso não significava que Tau estivesse fora de alcance. Ela estava a apenas seis horas de viagem. Eles poderiam tê-la encontrado a qualquer momento, mas não o fizeram.

Acomodando-se na cadeira do piloto, ela começou a treinar para manter as emoções sob controle. O que ela queria era desabafar, no entanto. Os Originais tinham feito de tudo para torná-la um trunfo e depois a abandonaram para apodrecer no fundo do oceano? Como ousavam? Ela era uma pessoa de merda, e eles não davam a mínima!

— Computador? — perguntou ela, com a respiração já um pouco

ofegante. — Você pode tocar sons de baleia, por favor?

— Afirmativo.

Com aquele som no ouvido, ela inclinou a cabeça para trás e tentou meditar pelo resto da jornada. Tudo o que precisava fazer era acreditar que coisas boas poderiam acontecer. Ela iria entrar lá, o plano daria certo e todos perceberiam que Tau era o vilão, afinal. As cidades prosperariam sem a influência adicional de pessoas malignas que já estavam vivas há tempo demais, e isso daria certo.

Tudo o que ela precisava fazer era vender isso como uma entrada crível.

Ela levou seis horas para se acalmar. E quando o computador anunciou que haviam chegado a Tau, ela estava pronta.

Isso seria ótimo. Ela ia fazer a melhor performance da sua vida.

Agarrando o fone de ouvido pendurado num gancho acima da cabeça, ela o levou até as orelhas e o ligou.

— Alexia para Tau. Alexia para Tau.

Houve alguns momentos de silêncio crepitante antes que outra voz dissesse:

— Alexia? Confirme o nome do Original.

— Harlow.

Mais silêncio, depois estalos como se alguém do outro lado estivesse tentando se elevar. Então, ouviu-se uma voz que ela reconheceu.

— Sargento Russell aqui. A senhora está dizendo que é Alexia?

Ela suspirou.

— Estou voltando com o ondino. Peço desculpas pela demora. Ele era um canalha astuto. Me levou por todo o oceano antes de finalmente pegá-lo.

Isso os deixaria perplexos. Eles certamente não sabiam o que fazer com aquilo, e ela tinha certeza absoluta de que tentariam encontrar uma

maneira de impedir sua entrada.

Mas Harlow queria Fortis. E se um Original quisesse algo, a cidade inteira fazia o que podia para providenciar.

O Sargento voltou a ficar online.

— Por favor, dirija-se à doca de escaneamento. Entenda que não esperávamos o seu retorno.

— Afirmativo. Indo para a doca quatro agora.

Ela desligou os fones de ouvido e disse a si mesma que tudo ficaria bem. Era a única maneira de dar certo. Ela conseguiria.

Mas enquanto as brilhantes luzes verdes de varredura pairavam sobre seu submarino, verificando se tudo estava exatamente como ela havia dito, ela não tinha tanta certeza de que estava pronta. E se ela o perdesse? E se ela lutasse com eles para manter Fortis seguro? Ela deveria ter mandado o homem irritante buscar as malditas drogas que ele havia jogado no oceano e poderia ter se injetado para começar.

— Alexia? — Ela mal conseguia ouvir a voz nos fones de ouvido, mas rapidamente os pegou novamente.

— Aqui.

— Por que há uma bateria não reconhecida no topo do seu submarino?

— Você sabe que nossas baterias não durariam dois meses, Sargento. Encontrei outra em uma instalação abandonada. Que sorte a minha que ainda tinha energia, e só o suficiente para me levar para casa. O ondino arrancou uma das outras do meu submarino. — Ela cobriu o bocal com a mão, respirou fundo e continuou: — Sargento, estou sem meus medicamentos há muito tempo. Se o seu exame estiver completo, por favor, pegue o ondino e me leve de volta para dentro. Preciso ser avaliada pelo médico. Cumpri minha missão e não serei tratada como um animal.

Pareceu que resolveu. A porta da doca se abriu sobre sua cabeça e

ela se preparou para deixá-lo ir. Era assim que tinha que ser. Ele morreria para que todos pudessem viver.

— Porra — ela sussurrou enquanto as lágrimas queimavam seus olhos. Ela precisava se recompor, e rápido.

As portas do submarino se abriram e ela endireitou os ombros. Ela ficaria bem. Isso era para o bem de todos, não apenas dela.

Ela se virou com uma expressão fria para encarar o exército de cientistas e soldados. Seis armas estavam apontadas para ela, e já havia uma equipe médica pronta para atacá-la com o que pudesse.

Ela ergueu as mãos com um sorriso irônico.

— Que boas-vindas ao lar.

TRINTA E OITO

Fortis

Fortis sabia que precisava dar um show. Os humanos que o levariam para aquela cidade não ficariam felizes em apenas capturá-lo. Não esperavam que uma criatura do seu tamanho - uma que já havia atacado a cidade deles - viesse silenciosamente. Se ele queria que ela vivesse, precisava provar que ela estava certa.

Ele ouviu a conversa, notando a desconfiança dos cientistas. Ele soube o momento em que ela recebeu a injeção. O som do suspiro dela provavelmente os tranquilizou, pois ela estava esperando para ser tratada, mas ele conhecia o som pelo que era.

Ela estava decepcionada. Envergonhada. Havia até um toque de culpa naquele som, como se ela tivesse cometido um erro grave ao voltar.

Mas isso precisava ser feito. Ela precisava atravessar aquela cidade e destrancar pelo menos algumas daquelas entradas secretas, ou nada disso funcionaria. Eles precisavam que ela traísse seu povo e fizesse isso; ela precisava tornar aquilo crível.

E ele também.

Então, quando as portas se abriram e uma investida de soldados surgiu em sua direção, ele fez com que parecesse real. Lutou e se debateu contra a rede, rasgando-a com os dentes e expondo aquelas presas afiadas para todos verem. Rosnou para eles, contorcendo-se repetidamente até que não tivessem escolha a não ser temê-lo.

— Se esta rede não estivesse aqui, eu já teria te despedaçado — rosnou ele. — Não há nada que eu ame mais nesta vida do que rasgar carne humana e provar seu sangue na minha língua. Desejo lhes ver destruídos de todas as maneiras que vocês possam imaginar, e então

sugar a medula dos seus ossos.

Fortis presumiu que eles poderiam entendê-lo, assim como ela. Ele também presumiu que, independentemente do que dissesse, eles acreditariam que era uma ameaça, como deveriam. Mas eles não sabiam que ele morreria hoje, assim como não sabia como ela o mataria.

Os soldados apontaram suas armas laser para ele, aquelas que ele sabia que arderiam se disparassem. Mas ele não tinha medo delas. Já havia levado muitas delas no peito e na cauda ao longo dos anos. O que ele temia, no entanto, era o cientista que entrou na sala com um punhado de agulhas.

Não, isso não estava certo. Eles não deveriam matá-lo antes que ela o fizesse.

— Não cometeremos o mesmo erro da última vez. O que eu te dei deveria ter incapacitado uma baleia — resmungou o cientista antes de latir: — Certifiquem-se de que ele não consiga se mexer.

Vários soldados levantaram a rede da água e o prenderam no chão com ela. Era quase impossível se enfiar na rede agora, embora ele tentasse. Sua nadadeira caudal bateu no chão e mais quatro humanos se posicionaram na borda. Havia pelo menos dez deles segurando-o agora, talvez mais que ele não conseguia ver por cima do ombro.

Por fim, ele fingiu estar cansado. Fortis deixou suas nadadeiras se agitarem com um golpe final dramático e então soltou um suspiro profundo enquanto permanecia em silêncio esperando o cientista se aproximar. Ele precisava acreditar na visão e confiar que Alexia seria a única a matá-lo. Ele sabia do seu fim. Ele sabia do seu futuro. E o futuro dele era ela. Sempre fora e sempre seria.

A picada da agulha o avisou que em breve sentiria os efeitos. Se lhe dessem o dobro do que recebera da última vez, ele não tinha certeza de quão desperto ficaria. A droga acabaria dificultando sua percepção do ambiente ao redor.

As drogas fizeram efeito rapidamente. Ele não estava fingindo que seus músculos estavam relaxados e que sua respiração estava irregular. Sua mente mal se dava conta de que ainda estava naquela sala. Ele conseguia ver o teto branco acima dele e ouvir os murmúrios dos humanos ao seu redor, mas não estava tão preocupado com o que diziam.

— Mate-o logo e acabe logo com isso — disse um dos soldados. — Não entendo por que você o mantém vivo. A fera dá mais trabalho do que vale a pena.

O cientista suspirou.

— Porque não podemos estudá-los nem extrair seus órgãos se estiverem mortos, seu idiota. Os espécimes precisam estar vivos o máximo de tempo possível. Além disso, Harlow quer estar presente quando este morrer, considerando que ele tirou dela sua guarda favorita. O que você faria se estivesse no lugar dela?

Algo deslizou por baixo do seu corpo. Dois braços de metal que se mostraram estranhamente firmes enquanto ele era erguido do chão. O mesmo soldado que fizera a pergunta caminhava ao lado dele enquanto se moviam, e aquele homem resmungou baixinho:

— Eu queria a criatura que quase matou nosso soldado mais habilidoso morta. É isso que eu queria.

Então havia achromos inteligentes. Humanos, ele se corrigiu, e teria rido se tivesse conseguido. Ele sempre presumiu que os humanos eram criaturas estúpidas, mas um deles conseguiu fazer uma piada que achou engraçada.

Que interessante descobrir uma coisa dessas quando ele estava prestes a morrer.

Logo, o que ele viu se fundiu com a visão que tivera da esposa. O teto branco que passou correndo por ele, o piscar de luzes que ele percebeu agora não serem luzes se acendendo e apagando, mas sim que

ele estava se movendo sob elas. Fileiras de luzes que começavam e paravam conforme se moviam por Tau.

A jornada o aproximou de muitos outros humanos. Houve suspiros de choque ao perceberem quem estava sendo transportado entre eles. Alguns sibilaram palavras como:

— Impossível. Esse é grande demais! Certamente não é do mar?

Tantas vozes que se sobrepunham. Vozes que ele levaria consigo para o túmulo e que esperava que logo retornassem para assombrar.

Ele foi levado de maca para a sala onde sabia que tudo terminaria. Exatamente como sua esposa havia previsto e exatamente como ela havia compartilhado seu futuro com ele. Ele reconheceu as luzes no teto. Ele conhecia aquele lugar como conhecia sua própria alma. Quantas vezes ele havia assistido a este exato momento? Sabendo que as luzes brancas brilhantes acima dele começariam a ficar embaçadas e como ele teria dificuldade para manter os olhos abertos?

Uma sensação de paz floresceu em seu peito. Ele esperara por isso durante tantos anos; agora que chegara, ele poderia deixar todo aquele medo e aquela dor desconhecida para trás. Logo ela chegaria. Logo, ele estaria preparado para o fim.

Mas havia detalhes que ele não esperava. O som de metal batendo enquanto os cientistas se preparavam para a extração de seus órgãos e partes. Os murmúrios dos homens... e as mulheres que o cercavam, cada uma delas especulando sobre as diferenças que encontrariam nele e o que fariam com os órgãos.

— Eles são mais fortes e muito mais capazes de sobreviver debaixo d'água do que nós. O que eu quero saber é como a pressão não os afeta. Mesmo os peixes de águas profundas são incapazes de emergir das profundezas como os ondinos. — A voz feminina era suave e calma, embora falasse de coisas que nenhum humano tinha o direito de entender.

— Acho que nossa curiosidade não vale a pena desperdiçar todo esse tempo e esforço. Sabemos que há propriedades curativas na pele deles. Deveríamos usar este espécime para descobrir como eles se curam muito mais rápido do que nós e como podemos adaptar esse conhecimento para não desperdiçar tantos recursos criando mais renascidos. — Desta vez, era a voz de um homem, muito mais áspera e cortante.

Ele sabia que os humanos estavam fazendo experimentos com seu povo por um motivo, mas não imaginara que fosse por isso. Eles estavam tão curiosos sobre sua espécie que nem perceberam que deveria ter sido muito mais fácil para eles pesquisar o que seu povo era capaz de fazer.

Eles poderiam ter simplesmente pedido. Todos esses anos perdidos, e tudo o que precisavam fazer era trabalhar juntos. Ele tinha visto que daria certo. Veja a vila que Mira e Arges construíram. Eles poderiam ter trabalhado juntos por anos e o oceano que poderiam ter cultivado teria deixado tantas pessoas felizes, ricas e saudáveis. Todas as coisas que essas pessoas queriam, mas estavam tão determinadas a fazer por conta própria antes que sequer considerassem que valeria a pena pedir ajuda a outra pessoa.

Ele mal podia esperar que tudo aquilo acabasse, mas a ansiedade lhe revirou o estômago. E se ele tivesse cometido um erro? E se eles nunca conseguissem fazer o que ele acreditava que seu povo conseguiria?

A ansiedade aumentava quanto mais tempo ele ficava sozinho com essas pessoas. Seus batimentos cardíacos aceleravam e ele podia ouvir os pequenos bipes de qualquer monitor ao qual o tivessem conectado, à medida que a velocidade aumentava. Ele não conseguia pensar em nada além do som do próprio coração disparado. Sabiam que ele estava nervoso, e essa foi a maior vergonha da sua vida.

Respirando com dificuldade, ele se esforçou para abrir os olhos. Ela

chegaria logo. Era para ela estar ali. Por que não estava?

— Ah, Harlow! Você chegou! — disse um dos cientistas.

Se a Original estava ali, certamente isso significava que Alexia também estava. A menos que a tivessem matado. A menos que tivessem decidido que não valia a pena o risco de mantê-la por perto, e que poderiam transformá-la em outra tão facilmente. Não se importavam se ela tivesse ido embora.

Mas ele se importava.

Droga, ele se importava se ela tivesse ido embora e mal conseguia piscar os olhos contra a luz turva. Ele achava que estava pronto. Estava em paz com o que estava acontecendo, mas queria vê-la novamente.

Exatamente como a visão lhe havia prometido.

Uma última vez.

E então lá estava. A visão de seus cabelos escuros bloqueando a luz ofuscante que era tão dolorosa de se olhar. A escuridão dela era o mesmo conforto que olhar para o abismo. Uma visão adorável e bem-vinda depois de tanto cansaço. Respirando fundo, ele a encarou com todo o amor que sentia em seu coração.

Ele havia dito a ela que a amava? Não com tantas palavras, mas ele acreditava que sim, com suas ações.

Foi mais gentil que ele não tivesse admitido. Ela não precisava saber o quanto ele a amava quando eles iriam se separar para sempre. Mas talvez as drogas tivessem ido direto para o cérebro dele, porque ele se arrependia de não ter contado a ela. Ela merecia saber que alguém a amava.

— Então, foi aqui que você o trouxe? — perguntou Alexia. Sua voz era um bálsamo bem-vindo em comparação com todas as outras vozes que ele não reconhecia, e ele também não tinha o menor interesse em ouvi-las falar.

— Ele vai para o processamento. Mas achamos que a Original

Harlow gostaria de vê-lo primeiro. — Foi o que disse a cientista que queria desmembrá-lo para entender como a pressão não o afetava como afetava os humanos.

— Ah — disse Alexia. Sua mão pousou em seu ombro, e ele sabia que devia parecer que ela estava ali para reivindicá-lo, mas sentia o conforto em seu toque firme. — Acho que não vamos fazer experimentos com este.

— Nós vamos.

— Não, não vão. — Sua voz endureceu. — Este é o prêmio de Harlow. Eu o cacei para ela e o trouxe de volta. Não me importa quais experimentos vocês escolheriam, e não me importo com seus interesses mesquinhos. Este é o ondino dela.

Ele havia sido avisado de que ela seria cruel, mas ainda era difícil ouvi-la dizer tudo isso. Ele queria que ela mandasse todos se foderem e protegesse seu corpo caído enquanto ele não podia fazer nada, ficando ali deitado e aceitando o que quer que oferecessem.

Mas também era a sua hora. E por mais que sua mente lutasse para sobreviver, ele sabia que aquela era a única escolha que tinha.

Outra voz se pronunciou, e esse tom cadenciado devia ser o da Original de quem ela falara.

— Não me importa o que façam com ele, Alexia. Só estou feliz que você tenha feito o que eu pedi.

— Eu entendo isso, Harlow. Mas você também me enviou em uma missão para matar essa criatura e eu ainda não o fiz. Eu queria que você estivesse aqui, para que não houvesse dúvidas de que eu cumpriria suas ordens e não deixaria nada me atrapalhar. — Novamente, sua voz assumiu um tom de aço. — Eu sei que há rumores de que eu não poderia ser a mesma guarda que era antes de partir. Embora eu esteja em medicação novamente, percebo que me ressinto daqueles que acreditam que não os servirei até meu último suspiro.

O suspiro que ecoou pela sala foi puro amor. Como se Alexia tivesse dito algo verdadeiramente romântico.

— Ah, que fofura. Você sempre sabe a coisa certa para me dizer. Então vá em frente. Mate-o e mandaremos todos para o inferno. Você sempre foi a melhor de todas, mesmo que algumas emoções escapem aqui e ali.

E então Alexia se virou para ele. Tudo o que ele conseguia pensar era nela ali, parada, olhando para ele com aqueles olhos escuros cheios de arrependimento. Ela estendeu a mão.

— Me dê quatrocentos miligramas de neurotoxina. Aquela que extraímos das diatomáceas.

— Alexia, não podemos simplesmente matá-lo. As informações contidas no corpo dele são valiosas demais para destruir um espécime como este!

— Eu vou fazer você fazer isso se for preciso.

Os cientistas correram. E, durante todo o tempo, ela o olhava de cima a baixo. Certamente todos pensavam que ela estava diante da maior presa que já capturaria na vida, mas ele viu o brilho em seu olhar. Viu como seus olhos já lacrimejavam, mesmo enquanto ela lutava para não chorar.

Uma agulha e um frasco foram entregues a ela, e ela cuidadosamente retirou a neurotoxina do frasco antes de devolvê-la. Sua mão caiu fora de vista, provavelmente para o braço dele, onde ele sabia, sem sombra de dúvida, que ela o mataria.

Mas então ela hesitou. Ele percebeu que ela não ia fazer aquilo. Havia um brilho de rebelião naqueles olhos escuros, e ele precisava impedi-la. Aquele era o destino de ambos, por mais que doesse.

Lutando contra a droga, ele levantou a mão e a pressionou contra a dela. Com a mão sobre a dela, ele guiou a agulha para dentro da própria carne.

Sussurrando para que ninguém ouvisse o que ele dizia, ele calmamente disse a ela:

— Está tudo bem, *virago*.

Uma única lágrima rolou pela bochecha dela e pingou sobre ele. Ele sentiu o calor dela respingar no pescoço ao mesmo tempo em que a sentia injetar. Seu corpo inteiro se contraiu por um instante, cada músculo enrijecendo de dor até que ele sentiu tudo se soltar. Todo o seu corpo estava tão solto, tão à vontade. Ele não imaginara que se sentiria assim. Como se nada tivesse acontecido e tudo fosse ficar bem. Ele não imaginara que afundar na morte seria tão... tranquilo.

E a última coisa que ele viu foram seus lindos e tristes olhos cheios de lágrimas.

TRINTA E NOVE

ALEXIA

Essas pessoas fodidas. Alexia jamais os perdoaria por isso. Nunca. Ele não merecia morrer, e eles haviam tirado a única coisa boa que ela tinha.

Ela só queria que ele vivesse. Só isso. Ela não queria implorar por isso nem arruinar a missão em que estava, mas queria que ele vivesse para que ela não tivesse que perder a única coisa que a fazia se sentir uma pessoa.

Ele era tudo para ela. E enquanto observava seu olhar se afrouxar e seu corpo ficar mole, ela sentiu que morria com ele. A pessoa que ele trouxera a este mundo, a versão dela que era suave e gentil, teve uma morte longa e dolorosa. Ela ia com ele, para onde quer que ele fosse, porque ela, com certeza, não seria aquela Alexia suave ali.

Não era seguro ser mole naquele antro de víboras, onde todos queriam ver os outros sofrendo. Eles a estavam testando. Ela sabia disso. Estavam testando para ver se ela realmente era a pessoa que fora um dia, e se matar um ondino inocente a faria escorregar.

Bem, eles não tinham ideia do que ela faria com eles agora. Ela os despedaçaria com as próprias mãos, mostraria a todos exatamente o que o ondino lhe ensinara. Ela seria o pesadelo que colocaria aquele lugar de joelhos e se banharia no sangue deles, exatamente como Fortis queria que ela fizesse.

Endireitando-se, ela limpou a expressão de todos os pensamentos que estava tendo. Eles não conseguiam ver sua raiva. Não conseguiam ver o ódio borbulhando sob a superfície de seu ser.

Então, quando ela se virou, parecia exatamente como era antes. A

mulher que aceitaria literalmente qualquer coisa de qualquer um, desde que Harlow estivesse feliz.

— Pronto. Morto.

Harlow bateu palmas de alegria. Seu rosto já se contorcia em um sorriso radiante, rugas se formando nos cantos dos olhos, que ela certamente mataria um renascido para consertar em breve.

— Que maravilha! Agora, tenho uma surpresa para você. Você chegou bem a tempo, e mal posso esperar para que você veja.

— Uma surpresa, Harlow? — Ela seguiu sua Original e disse a si mesma para não olhar para trás. Não olhar para o corpo do macho por quem ela se apaixonara tanto. Mas ela olhou. Ela olhou para os cientistas e estreitou os olhos.

— Não mexam com esse corpo. Ele não é seu. Joguem-no fora.

Eles a encararam, mas ela percebeu que seguiriam suas instruções. Não profanariam o corpo dele, pelo menos. Agora, ela só precisava sacudir Harlow por alguns instantes e colocar o plano em prática.

Enquanto caminhavam pelos corredores brancos ofuscantes, Alexia achou cada vez mais difícil não se deixar dominar pela raiva. Ela vira a foto de Harlow naquela parede. Sabia que aquela mulher estivera lá no início do fim do mundo. E agora, agia como se nada tivesse acontecido. Como se não fosse grande coisa que humanos estivessem ali embaixo, fazendo experimentos uns com os outros e com tudo o mais no mar.

Enquanto caminhavam em direção a um dos aposentos privados de Harlow, Alexia teve que se certificar de que não estava respirando com dificuldade. O som de sua raiva já era talvez um pouco óbvio demais.

Ela precisava se distrair antes de fazer algo estúpido. Como uma fúria incontrolável por aquela mulher tê-la obrigado a matar o único homem que amava. Ou simplesmente assassinar a mulher por tudo o que Harlow fizera.

Não que eles não a trouxessem de volta. Alexia tinha certeza de que

os Originais tinham um plano caso alguém os assassinasse também.

— Harlow? — ela pediu. — Por favor, me conte tudo o que eu perdi.

— Ah, nada demais. Houve uma grande festa. Todos estavam lá. Mas com certeza senti sua falta enquanto você esteve fora. Os guardas que seriam seus substitutos eram todos tão sem graça. Eu não gostava deles.

Chato. Tudo aquilo era tão chato. Nada disso realmente importava, e ela não entendia como aquelas pessoas conseguiam viver assim por centenas de anos. Quem se importava com uma festa ou com as pessoas que compareciam? Quem se importava que alguém tivesse usado algo tão fora de moda que fosse tão ultrapassado?

Mas ela entrou na brincadeira. Manteve-se sob controle durante todo o caminho até a sala dos fundos, onde Harlow costumava se exercitar sempre que tinha vontade de fazer isso. Os colchonetes ainda estavam no chão, azul-escuros, para não ofender os olhos de Harlow. E então havia as altas janelas de vidro, cada uma delas tão larga quanto Alexia, empilhadas umas ao lado das outras como peças de dominó para dar vista ao mar escuro além. Luzes externas iluminavam as partículas de poeira na água e o nada que havia lá fora.

— Ótimo, chegamos bem na hora — disse Harlow. Ela girou em um pequeno círculo antes de suspirar. — Escute. Você ficou fora por tanto tempo, e eu queria fazer algo especial para você. Eu sempre apreciei sua companhia, e você realmente é a melhor pessoa para caminhar pela vida comigo.

Ela não estava gostando do rumo que aquilo estava tomando.

— Obrigada, Harlow.

— Agora, eu entendo que vai ter gente que vai falar. Você sempre foi um pouco diferente dos outros guardas, mas eu gostava disso. Então, eu te deixei em paz. Infelizmente, muitas dessas pessoas têm muito

poder aqui e eu preciso que elas gostem de mim. — Harlow foi até outra porta e bateu na fechadura. Ela destrancou, e uma pessoa entrou. — Então, este é o meu presente para você.

Uma pessoa? O que ela queria com outra pessoa?

Mas então Alexia olhou de fato para o estranho e encarou os próprios olhos escuros. Ela traçou o contorno do próprio cabelo escuro, preso em uma trança apertada que tornava suas feições ainda mais severas. Esta versão dela era um pouco mais larga, um pouco mais robusta e musculosa, mas esta era... ela. Só que ela vestia um terno cinza-claro, muito mais rígido do que qualquer coisa que Alexia usaria. O terno tinha botões pretos no centro, e a nova versão geneticamente modificada de si mesma começou a desabotoá-los enquanto se encaravam, revelando uma regata branca por baixo do blazer.

Alexia estava parada na sua frente, olhando para uma mulher que não deveria existir e, ainda assim, ambas sabiam o que tinha acontecido.

— Alexia? — ela perguntou.

— Alexia, a oitava, para ser mais específica — disse a mulher.

Alexia percebeu que seus olhos estavam tão mortos. Não havia nenhuma emoção neles, como se ela não estivesse realmente viva.

Harlow pareceu perceber o horror que aterrorizava Alexia.

— Ah, sim. Isso. Infelizmente, sempre houve uma falha em você, e geralmente está relacionada à emoção. Disseram que, se eu quisesse ficar com você, teria que consertar isso.

— Como isso é um presente, Harlow? — Alexia se moveu enquanto a outra versão dela se movia, certificando-se de que a mulher não ficaria atrás dela. Ela sabia o que guardas pessoais deveriam fazer. Esta criação a atacaria a qualquer momento. Era para isso que servia aquele momento. Sem dúvida, eles iriam matá-la.

— Porque você vai conhecer a sua substituta! Achei que você gostaria de saber que vou ser bem cuidada. Toda a sua vida foi dedicada

a garantir que eu fosse feliz, e agora, depois da sua morte, pode ter certeza de que ficarei bem. — Harlow levantou a mão e enxugou os olhos, como se estivesse com os olhos marejados só de pensar. — Vou sentir falta dessa versão sua. Mas o tempo passa e às vezes cometemos erros.

— Harlow — ela sibilou, mas a Original já estava caminhando em direção à porta.

— Não, não. Eu simplesmente não aguento mais. Alexia VIII, certifique-se de que sua antecessora esteja morta antes de sair desta sala. — Harlow respirou fundo e assentiu. — Esta é a coisa certa a se fazer.

A porta se fechou atrás dela, e então ficaram apenas Alexia e a nova versão dela.

— Você não precisa fazer isso — disse ela, começando a circular a outra mulher. — Eles querem que a gente se mate, mas nós duas podemos sair daqui vivas.

A oitava versão de si mesma apontou para cima.

— Estão filmando tudo. Sabe, até dizer algo tão estúpido é uma má ideia.

Claro, eles estavam filmando. Quem se importava? Ela sairia daquela sala antes que qualquer uma dessas imagens vazasse.

— Você realmente não quer lutar comigo — respondeu ela, ignorando o aviso sobre as câmeras. — Você pode ter treinado para servir Harlow, mas eu vivi muito mais do que você.

— Eles me fizeram melhor que você por um motivo.

— Elas te deixaram entorpecida. Emoções não são nada a temer. Elas devem ser acolhidas.

Elas se circulavam, enquanto a oitava versão arregaçava as mangas como se fosse ajudá-la a lutar. Bastou uma contração muscular para Alexia reagir. As duas se lançaram uma contra a outra.

Elas se uniram em um choque de força e peso. Ela sabia que essa

versão de si mesma teria mais músculos do que ela, mas Alexia agora estava forte e esguia por causa da natação. Ela também tinha a vantagem adicional de ter algo pelo qual lutar, algo que essa outra versão não tinha.

Lutando com a mulher maior, ela conseguiu acertá-la com uma chave de braço.

— Escute, eles fizeram algo terrível com você. Você precisa se recompor. As drogas no seu organismo podem ser superadas.

— Você precisa morrer. — A oitava estendeu a mão por cima da cabeça, agarrou um pedaço da camisa de Alexia e a arrastou por cima do ombro.

Ela bateu no chão com força suficiente para ficar sem fôlego, mas precisava se mexer ou morreria. Rolando, ela se defendeu por pouco de um chute nas costelas.

Alexia se levantou, certificando-se de sacudir as mãos antes de desferir um soco em cheio no rosto da outra mulher. O soco fez sua mão doer, mas foi bom aplicá-lo. Então, ela repetiu o gesto várias vezes.

Mas então sua mão foi agarrada no quarto golpe, e a oitava a puxou para perto o suficiente para que ela a envolvesse com os braços. Ela apertou com tanta força que ficou difícil respirar.

A oitava respirava com dificuldade, mas resmungou:

— Você é uma anomalia. Estão resolvendo o meu problema.

— É — ela ofegou. — Eu nunca fiz nada que eles queriam que eu fizesse.

E então ela deu uma cabeçada em si mesma.

Porra, isso doeu. A parte frontal dura do crânio dela atingiu o nariz da oitava, e ele quebrou imediatamente com o impacto. Ela sentiu-o se quebrar contra o crânio, e, caramba, foi bom fazer isso. A oitava recuou, momentaneamente cega pela dor e pelo sangue que jorrava do nariz.

Uma oportunidade perfeita. Alexia poderia ter esperado antes, pois

o orgulho de sua própria habilidade de luta dava à oponente a chance de se recompor.

Mas ela não ia fazer isso. Não quando a vida de todos estava em jogo.

Estendendo a perna, ela levou a outra Alexia para o chão e rastejou para cima dela. Como Fortis fizera com ela tantas vezes, Alexia prendeu seus membros em volta da outra mulher. Mantendo os braços da oitava presos com suas pernas fortes, ela envolveu o pescoço da mulher com força.

— Enquanto você morre — ela rosnou, lutando para manter o controle, mas conseguindo imobilizar a outra mulher. — Preciso que você saiba disso. Você é capaz de muito mais do que lhe dizem. Você é forte, capaz de fazer o que quiser. Suas emoções nunca foram destinadas a serem tiradas de você. Eles fizeram isso, e eu me vingarei por todas nós. Por cada versão que elas ainda estão crescendo, e por todas as que vieram antes de nós. Elas morrerão pelo que fizeram.

Finalmente, o último suspiro escapou dos pulmões da oitava Alexia. Ela a segurou por mais alguns minutos, certificando-se de que aquela versão estava morta. E, para completar, Alexia então quebrou o pescoço.

— Isso parece tão errado de se fazer — murmurou ela enquanto finalmente soltava o cadáver. Ele caiu para longe dela, e ela encarou o próprio cadáver enquanto dizia a si mesma que estava tudo bem.

Ela sabia que teria que matar pessoas. Já havia matado muitas outras pessoas antes.

Ela simplesmente... nunca se matou. Ou uma versão de si mesma. Ou essa mulher era mesmo ela? Elas tinham experiências completamente diferentes. Experiências ao longo de toda a sua vida, então esta não era ela. Era apenas uma estranha que usava o rosto dela.

— Ainda estranho — ela murmurou antes de pegar sua blusa e

puxá-la pela cabeça.

Alexia também tirou a calça rapidamente, puxando todo o tecido antes de começar a despir o cadáver. Enquanto isso, murmurava desculpas.

— Sinto muito por isso. Você não merece ser tratada assim, mas... bem. O dever chama. Se alguém consegue entender isso, é você.

De alguma forma, encarar um cadáver nu que parecia exatamente com o dela era ainda pior. E vestir um? Isso era particularmente horrível. Ela nunca mais queria fazer aquilo. Não na vida dela. Era errado. Tão errado.

— Eu nem sei por que estou falando com você. Você está morta — murmurou ela enquanto vestia as calças por cima das pernas da oitava Alexia. — Mas estar em um quarto com um cadáver que se parece muito com você é realmente terrível. Eu não desejaria isso nem para o meu pior inimigo. — Ela hesitou. — Ou você é meu pior inimigo?

Alexia balançou a cabeça e terminou de trocar de roupa.

— Estou realmente perdendo a cabeça. Primeiro Fortis, agora você, e depois o resto do mar. Só preciso decidir o que fazer agora. — Endireitando-se, ela alisou as mãos no blazer e começou a abotoá-lo.

Se ela fosse um robô completamente sem emoções, não seria vista sem o paletó abotoado até o pescoço. E por um instante, ela se permitiu chorar. Lágrimas escorriam por suas bochechas e soluços silenciosos faziam seus ombros tremerem enquanto ela vestia roupas novas e uma nova persona.

Ela sabia que seria difícil. Nada naquilo jamais sugerira que seria fácil, mas ela não tinha percebido o quão terrível seria.

Seus olhos se voltaram para as janelas e, inconscientemente, ela o procurou. Porque sua mente ainda jurava que ele tinha que estar lá. Ele sempre estivera lá. Se ela continuasse olhando, logo veria aquela cauda roxa, ou um brilho de luzes amarelas lá nas profundezas.

Mas ela estava completamente sozinha agora. Apenas parada em uma sala, olhando para o mar, com a versão morta de si mesma a seus pés.

E ela estava ficando sem tempo.

Ela precisava se recompor e sair dali. Alguém eventualmente veria as imagens daquela sala. Veria que a Alexia errada estava andando pela cidade. Ela precisava sair, convencer Harlow de que era aquela versão sem emoções de si mesma, e então... lá se foi ela. Infiltrar-se na cidade e matar quase todos lá dentro.

Alexia se abaixou para esvaziar seus bolsos antigos daqueles pequenos androides de contas e jogou todos no chão. Eles sabiam o que fazer agora que estavam soltos. Cada um deles disparou em direções diferentes, e logo encontrariam a sala de controle.

Respirando fundo, ela saiu pela porta para o corredor, onde Harlow a esperava. Sua Original a olhou de cima a baixo e perguntou:

— Foi horrível?

— Ela resistiu. — Alexia tentou manter a voz completamente impassível. — Agora acabou.

— Ótimo. Ah, coitada. Eu gostava mesmo dela, sabia? — Respirando fundo, Harlow deu de ombros. — Mas vocês são tantas. Matar uma não vai me tirar o sono. Agora, você se importa de pegar minha roupa suja? Mandei meu vestido novo para a lavanderia, e ele sempre o passa errado.

— Imediatamente, senhora. — Ela se afastou da mulher que havia tornado sua vida um inferno e prometeu a si mesma que a mataria na próxima vez que visse Harlow.

QUARENTA

Alexia

Eles eram todos idiotas, percebeu Alexia. Idiotas ricos que pensavam que o mundo era algo que podiam manipular e controlar. Ao passar pela lavanderia, ignorando uma ordem de Harlow, percebeu que todos os Originais daquela cidade eram tolos. Mas eles se achavam gênios, e foi aí que o problema começou.

Eles tinham poder, e o tinham há muito tempo. Esse poder lhes dava a sensação de serem melhores que os outros, embora isso simplesmente não fosse verdade. Achavam que, com poder e dinheiro, suas mentes eram melhores que as de todos os outros. Mas todas essas pessoas simplesmente tiveram sorte. Sorte de receber alguns recursos a mais que os outros, sorte de um negócio ter se saído melhor que o concorrente ou de ter sido vista com bons olhos pelo destino ao longo de toda a vida porque já tinham uma vantagem.

A história não os veria com bons olhos. Enquanto caminhava pelos corredores em direção ao arsenal, Alexia sabia que seria a primeira pessoa a destruir toda a reputação que haviam construído por anos. Ela contava todas as histórias que os faziam parecer menos deuses e mais os seres frágeis que realmente eram.

Ela se certificaria de que todos soubessem que eram incapazes de escovar os próprios dentes sem que alguém os lembrasse. Contaria histórias sobre a frequência com que tinha que limpar a bagunça deles, ou como choravam com frequência porque alguém os magoava. Eles eram humanos, não deuses, e centenas de anos de vida não haviam mudado isso.

Um grupo de soldados caminhou em sua direção, e ela colocou as

mãos atrás das costas para imitar a postura deles. Com a coluna rígida e ereta, ela passou por eles sem olhar mais, como se pertencesse àquele lugar.

E fizeram o mesmo com ela. Porque todos que trabalhavam para os Originais não existiam. Eram zangões numa colmeia. Sem pensamentos, sem sentimentos. Se começassem a existir, seriam simplesmente substituídos. Como já haviam feito com ela.

Ela virou à direita no corredor e entrou no arsenal. Estava quase deserto àquela hora do dia, considerando que todos os guardas estavam indo para o refeitório para se alimentar antes do treinamento. Tudo naquela sala era mortal, pois não importava se treinassem com armas de verdade. Não seria grande coisa se alguém como ela morresse.

Não havia janelas nessas paredes, apenas prateleiras cheias de armas. Mais e mais armas até que ela chegou à seção de espadas. Depois, os objetos contundentes, como porretes e todos os outros itens que machucariam alguém se fossem atingidos. Ela respirou fundo e começou a reunir todos os itens de que precisaria.

Caminhando até a parede dos fundos, ela pegou uma arma de choque e a enfiou na frente da calça. Era uma boa arma para combate corpo a corpo. Então, pegou o que parecia ser um rifle de assalto e o pendurou no ombro pela alça. Ele disparava grandes bolas de energia que esvaziariam uma sala rapidamente, e era disso que ela precisava. Mais duas armas de choque foram colocadas na parte de trás das calças dela, para quando as outras finalmente ficassem sem energia.

Bom o suficiente. Isso a faria começar. Ela pegou sua longa trança e a enrolou no topo da cabeça, dando um nó para não atrapalhar.

Uma leve batida na porta a fez desviar o olhar, apenas para ver uma daquelas pequenas contas androides no chão. Eles haviam encontrado a sala de controle, o que significava que tudo estava pronto.

Ela se abaixou para pegá-la e pressionou-a contra a parte de trás da

orelha.

— Está me ouvindo? — uma voz surgiu. Parecia a de Mira.

— Alto e claro.

— Preparada?

Ela balançou o rifle nos braços e desengatou a trava de segurança, sentindo o peso e a força familiares.

— Ah, sim, estou pronta.

Este corredor levava a uma complexa rede de corredores que a levaria à sala de controle. Mas certamente haveria pessoas em seu caminho. Muitas pessoas moravam ali, e cada uma delas a veria, armada até os dentes, e tentaria detê-la.

Ótimo. Ela precisava desabafar.

A primeira pessoa que apareceu foi um dos Originais. Ela imaginou que o nome dele pudesse ser Donatello, embora tivesse tido pouco contato com ele. Ele sempre viajava com dois guardas, pois era um indivíduo paranoico que passava por mais renascimentos do que a média das pessoas. Ela pegou o rifle e abriu um buraco no peito dele.

Houve um momento de silêncio atordoante enquanto ele olhava para a ferida aberta que escorria sangue e então cambaleou para o lado. Considerando que ele tinha um buraco no peito do tamanho de uma taça d'água, ela não fazia ideia de como ele ainda estava de pé.

Um dos guardas pegou uma arma e o outro correu em direção a Donatello. Ela atirou naquele que pegou a arma primeiro. O pulso de energia atingiu o homem enorme bem na testa, e ele caiu com força suficiente para fazer o chão tremer. O outro já havia pegado o Original nos braços, provavelmente indo para a ala médica, onde sacrificariam outra pessoa para manter aquele ser ancestral vivo.

— Ele já devia ter morrido há muito tempo — rosnou ela para o corpo dele que se afastava enquanto ele se afastava pelo corredor. — Deixe-o morrer.

O guarda hesitou por um breve instante. Ele até olhou por cima do ombro para ela e então soltou um longo suspiro.

— Não posso deixá-la fazer isso. Você sabe disso tão bem quanto eu.

Ela atirou nas costas dele, um tiro mortal que garantiria que ele não sentisse muita dor antes de partir para a vida após a morte. O tiro pesou bastante em seus ombros quando ela passou por cima do primeiro cadáver e depois do outro. Ela olhou para o rosto do Original, vendo o homem na foto naquela ilha. Ele era tão jovem e ainda parecia tão jovem agora. Mas ele também estava nervoso naquela época. Ela viu isso nos olhos dele na foto.

Nervoso como estava agora, com aqueles olhos arregalados que lhe diziam que ele estava apavorado de morrer. Mas ele não morreria por muito tempo. Em breve, alguém o encontraria. Enquanto houvesse a mínima chance de que a atividade elétrica em seu cérebro pudesse continuar, eles poderiam trazê-lo de volta. Ela mesma já tinha visto isso acontecer.

Tirando uma arma de choque do bolso, ela apontou para a cabeça dele.

— Você nunca deveria ter vivido tanto. Humanos não foram feitos para sobreviver centenas de anos. É por isso que nos deram uma data de validade. Veja o que você e seu povo fizeram durante todo esse tempo. Nada de útil, e tudo apenas para satisfazer suas próprias necessidades, sem se importar com os outros.

Ela atirou na cabeça dele para que ninguém conseguisse reconstituí-lo. A primeira morte de verdade de um Original, pelo menos que ela soubesse. Ele estava morto e enterrado, e ninguém iria reconstituir aqueles pedaços de cérebro estilhaçados.

A menos que pudessem fazer um transplante de cérebro.

Porra.

Ela odiava isso. Mas, para garantir, atirou mais seis vezes na cabeça dele até que não houvesse mais como dizer quem ele havia sido e para onde aquela cabeça tinha ido. Ela sabia com certeza que nunca haviam conseguido um transplante completo de cabeça. Ela estivera presente quando tentaram, e tinha quase certeza de que aquele homem em particular fora quem liderara a tarefa de como fazer aquilo.

Por fim, ela correu pelos corredores, mantendo-se fora do caminho de qualquer outra pessoa. Não queria brigar com mais pessoas até que fosse absolutamente necessário. Como na sala de controle.

Ao chegar àquela sala, Alexia se encostou na parede e respirou fundo algumas vezes para se acalmar. Ela conseguiria. Afinal, eles a haviam criado para matar, e agora era exatamente isso que ela estava fazendo.

Eles nunca imaginaram que não conseguiriam controlá-la. Respirando fundo novamente, ela virou a cabeça para olhar para a sala de controle.

— Mira? — ela perguntou baixinho.

— Ainda aqui. Ouvi tiros.

— Vocês vão ouvir muito mais. Há quinze pessoas na sala de controle o tempo todo. Vou esvaziá-la e começar a abrir o que puder até o alarme disparar. Depois, preciso sair daqui e começar a abrir as outras portas que são de acionamento manual. Mande-os entrar agora mesmo.

— Agora? — Ela ouviu um clique, como se Mira estivesse tentando digitar ao mesmo tempo em que falava com ela. — Mas o escudo ainda está ativo.

— Não vai demorar muito.

Um fantasma de desejo percorreu-lhe a espinha. Fortis entraria correndo naquela sala com ela, todo dentes e garras. Ele adoraria ter presenciado aquele momento em que ela destruiria todas as pessoas que os assombraram por tanto tempo.

Ele merecia saber que ela tinha feito a coisa certa. E, além disso, merecia saber que ela os fizera sangrar por ele.

Arreganhando os dentes num rosnado que lembrava o de um ondino, ela apertou o botão para abrir a porta automática e correu para dentro da sala, com as armas em punho. Ela conhecia bem aquela sala. Havia seis monitores enormes, todos alinhados em três fileiras organizadas. Haveria duas pessoas em cada um deles, e isso já dava para doze. Os outros três ficariam posicionados à sua direita e esquerda, e logo à sua frente. Embora o da frente estivesse olhando para a água, porque o guarda gostava de observar as luzes e os peixes.

Como esperado, havia quinze pessoas em seus postos, garantindo que a cidade funcionasse como uma máquina bem lubrificada. Ela atirou nos dois mais próximos em suas mesas, observando-os curvados sobre os painéis de controle. Mas esse era todo o tempo que ela teria para facilitar as coisas.

Os dois de cada lado dela já estavam empunhando armas. Tiros voaram, e um dos enormes monitores foi pego no fogo cruzado. Ela mergulhou para se proteger, abatendo outro cientista nos monitores ao cair de lado e bater no chão.

Faíscas voaram sobre sua cabeça, pousando em seus ombros e cabelos. Ela sentiu o cheiro de carne queimada onde já queimava sua pele, mas isso não importava. Ela não importava.

Olhando por cima do monitor, ela observou um dos guardas tentar fazer com que três cientistas se dirigissem à porta enquanto atirava nela. Mas ela não se importava se levasse um tiro. Não estava tentando se esconder. Alexia atirou nos três até que um dos disparos do guarda a acertou no ombro.

Morto. O braço ficou mole. Ele cortou o tendão do bíceps dela e o rifle caiu no chão.

Isso não era bom. Ela realmente precisava usar mais aquilo. Ela só

tinha matado seis deles até agora.

Com a respiração entrecortada, ela pegou a arma de choque na cintura. Mais trabalho manual, mas pelo menos eles cairiam.

Os guardas eram treinados para proteger. Então, eles conduziram os outros seis cientistas para um grupo no fundo da sala, pensando que poderiam mantê-los a salvo com fogo de cobertura.

Eles não conseguiriam.

Ela se levantou e foi direto na direção deles. A arma de choque abateu rapidamente os cientistas restantes, e ela também pegou um dos guardas desprevenido.

Mas então a dor a invadiu. Estremecendo, ela olhou para o vermelho que se espalhava pelo blazer. Nada bom. Nada bom mesmo.

Ela tinha um trabalho a fazer, um trabalho a terminar, e o faria. Com um grito áspero, ela jogou a arma de choque na cabeça de um guarda e se virou para o outro que havia atirado nela. Eles presumiram que ela estava desmaiada, mas ela ainda tinha outra arma de choque na cintura, e a sacou rapidamente. Um tiro. Bem na cabeça.

Girando, ela sentiu o mundo desacelerar enquanto dava o próximo tiro. Um tiro de resposta soou, e ela recuou bruscamente quando o tiro a atingiu no peito pela segunda vez.

Eles se encararam, ambos respirando com dificuldade. Ela sentia o coração reclamar lentamente da falta de sangue. Mas então o guarda cambaleou para o lado, caiu de joelhos e, em seguida, caiu no chão.

Engolindo em seco, ela se arrastou até o console mais próximo.

— Computador, código de ativação xi rho tau.

— Acesso original a Harlow concedido.

Perfeito.

Ela começou a trabalhar. Tocando na tela, deixou marcas de dedos ensanguentados no verde brilhante ao derrubar o escudo primeiro. Faíscas voaram do teto e um fio caiu através de um painel danificado que

crepitava com eletricidade branca e incandescente.

— O escudo caiu — disse ela a Mira. — Mande-os entrar.

— Eles já estão indo. Qual porta?

Ela abriu três delas antes que a sala ficasse vermelha.

— Duas no quadrante alfa e uma no lado leste.

— Você soa machucada.

— Não importa. — Ela apertou mais um botão, mas seu acesso já havia sido revogado. Todas aquelas impressões digitais ensanguentadas a entregariam facilmente. Elas saberiam exatamente onde ela havia aberto os portões...

Recuando, ela disparou a arma e estilhaçou a tela do computador. Fumaça saiu desta, e então as chamas ganharam vida. Em breve, água cairia do teto para proteger o pouco que restava.

— Alexia, se você estiver ferida, precisamos abortar o plano. — Mira parecia quase frenética. — Isso não vai funcionar se você morrer.

— Sou difícil de matar — sibilou ela. Pegou os rifles de dois guardas enquanto saía mancando da sala. Virando-se, atirou no controle da porta e observou enquanto ele deixava um buraco negro na parede. Isso lhes daria algum tempo antes que alguém conseguisse entrar na sala. — Não preciso sobreviver para que isso funcione. Só preciso abrir portas suficientes.

— Alexia.

— Obrigada, Mira. Sua opinião foi anotada. A partir daqui, trabalharei no sentido anti-horário. Todos os portões que eu conseguir abrir manualmente estarão abertos.

E então ela deixou o fone de ouvido cair no chão. O pequeno androide rolou para longe dela, deslizando por baixo da porta danificada para invadir o mainframe e fazer o que quer que os androides pudessem fazer. Talvez eles abrissem mais portas, mas algumas delas precisavam ser abertas manualmente.

A fumaça acre preencheu seu nariz enquanto ela se dirigia à primeira eclusa manual. Dois guardas surgiram no corredor, mas ela atirou neles antes mesmo que percebessem o que havia acontecido.

Ela deixou uma mancha de sangue no chão atrás de si, mas chegou à primeira escotilha. Era uma alavanca manual, e ela precisou usar todo o peso do corpo para girá-la. Mas ela finalmente cedeu, e com um suspiro profundo, ela abriu a escotilha.

Uma cabeça com guelras surgiu quase instantaneamente. Era o de barbatanas amarelas. Maketes. Ela sabia o nome dele. Ela simplesmente... sua mente estava divagando.

Ele lhe lançou um sorriso selvagem.

— Você parece estar em péssimo estado.

— Entre aqui e mate algumas pessoas, pode ser?

— Claro.

Ele rastejou para o corredor e abriu todos os espinhos. Os espinhos mortais brilharam sob as luzes brancas do teto.

— Fique viva, Alexia — disse ele.

— Farei o meu melhor.

Com a mão ensanguentada na parede, ela começou seu caminho em direção à próxima escotilha, ouvindo os tapas molhados de cem ondinos entrando na única casa que ela já conhecera para banhá-la em sangue.

QUARENTA E UM

Fortis

A vida é uma coisa engraçada.

Luzes piscavam, apareciam e desapareciam. Não deveria ser um vazio de escuridão? Em vez disso, as luzes brilhantes pareciam ser causadas pela rede elétrica de uma cidade ligando e desligando. Como se tivessem... vencido.

Estaria ele sonhando? Ou talvez sua alma tivesse retornado porque ele precisava saber o fim antes de partir para cumprimentar todos os seus ancestrais. Fortis sabia que era de se esperar que seu espírito quisesse permanecer, mas ele ainda conseguia sentir seu corpo.

Ele podia mudar de ideia. Podia sentir o hematoma onde ela o injetara e sabia que havia muito mais força em seu corpo do que deveria ter depois que ela o envenenara. Certamente isso não estava certo. Ele havia morrido. Esse era o seu destino.

Mas, à medida que sentia a vida preencher suas veias e a realidade o atingia com força, Fortis entendeu que, de fato, não havia morrido.

Sentando-se, ele fixou o olhar em um homem no canto. O humano parecia fraco, tremendo no momento em que o olhar de Fortis o encontrou onde estava. Ele ergueu as mãos como se implorasse a um monstro que não o machucasse.

— Por favor, por favor, não. Ela me mandou. Alexia me mandou.

Por que Alexia enviaria alguém para recebê-lo? Ela deveria ter se certificado de que ele estava realmente morto antes de partir, porque *esse era o seu destino*.

— O que aconteceu? — ele rosnou.

— Meu nome é Doutor Barker. Sou amigo da Alexia há muitos

anos. Quando ela se aproximou de mim depois de voltar e me contou sobre você, pensei que ela estivesse louca, mas quanto mais ela falava, mais eu acreditava. — Ele torceu as mãos num movimento que revelava o quanto estava nervoso. — Ela me pediu para estar aqui quando você acordasse e me disse para lhe dizer que o futuro nunca é concreto. E que, às vezes, temos que escolher nosso próprio caminho, mesmo que outra pessoa nos diga o que fazer.

— Isso não faz sentido.

— Ela disse que você diria isso. — O Doutor Barker pareceu hesitar antes de acrescentar: — Ela também disse para lhe dizer que qualquer futuro que você visse poderia não ser toda a verdade. Que talvez você a tenha visto, mas que ela nunca o matou, afinal.

Aquela mulher vil. Ela mudou o destino dele.

Ele não sabia se ficava furioso ou alegre. Porque ainda não queria ir. Queria continuar vivo. Com ela. Fortis queria passar a vida inteira se dedicando a aprender cada som que ela emitia. A explorar o mundo que ela nunca tinha visto e a ver toda a maravilha em seu olhar cada vez que lhe mostrasse algo novo.

E ele queria fazê-la feliz. Queria vê-la sorrir com mais frequência. Queria ouvir aquela risada horrível e vê-la vivenciar coisas novas. Ele a achava incrível e maravilhosa, e nunca lhe dissera isso.

Mas agora o médico estava em seu caminho. Fortis rolou para fora da mesa, caindo com força sobre os antebraços e estremecendo com o impacto. Talvez ele não estivesse totalmente em sua melhor forma, mas logo estaria. E então ele a encontraria.

Ele se levantou, olhou o médico nos olhos e rosnou:

— Onde ela está?

— Não sei.

— Então por que ela te mandou aqui?

— Para ter certeza de que você estava vivo. — O médico engoliu em

seco, com o nervosismo evidente. — Ela queria... bem, ela queria ter certeza de que você estava sendo bem cuidado. Os outros teriam feito experimentos no seu corpo e teriam percebido muito rapidamente que você não estava, de fato, morto. Foi por isso que eu te trouxe aqui.

Aqui? Ele olhou ao redor e percebeu que aquela sala nem era a mesma em que estivera antes. Isso complicava as coisas.

— Eu estava acordado quando me levaram para a outra sala. Eu sabia para onde tinham me levado e como voltar. — Frustrado agora, ele rastejou até a parede para se encostar nela e se elevar mais alto que o médico. Olhando para o homem, pelo menos sua raiva diminuiu ao ver o tremor do homem recomeçar. — Como eu a encontro?

— Eu também não sei. Ela não me contou nada sobre o plano dela, mas já faz horas que se ouvem sons de briga lá fora. — Para pontuar suas palavras, um estrondo retumbante ecoou do lado de fora da porta, como se alguém tivesse disparado uma arma, seguido por um silêncio profundo.

Claro que eles estavam brigando. Fortis tinha perdido toda a diversão.

Ele se dirigiu à porta, apenas para parar e olhar para o médico.

— Se ela estiver machucada, como posso curá-la?

— Traga-a de volta aqui. Tenho tudo o que preciso para garantir que ela não morra. — Uma expressão preocupada cruzou seu rosto. — Espero que ela não se machuque, no entanto.

Ele também, mas também conhecia Alexia e sabia de todas as escolhas que ela faria. Ela se arriscava todos os dias para garantir que os outros estivessem bem. Ele não ficaria surpreso em encontrá-la ferida, especialmente se todos os outros estivessem lutando.

Com um aceno rápido, ele saiu para o corredor e fechou a porta atrás de si. Esperava que o médico permanecesse lá. Duvidava que alguém da sua espécie fizesse mal ao homem, mas espalharia a notícia

assim que encontrasse o outro Povo da Água.

Não demorou muito.

Ele seguiu por um corredor branco manchado de sangue para encontrar seu primeiro andarilho das profundezas. A fêmea estava inchada de raiva, com os espinhos erguidos e o corpo maior do que seria se não estivesse tão irritada. Ela se virou para ele com um silvo, e ele pôde ver que uma rajada a atingira no rosto, cortando sua linda bochecha lilás-clara.

— Está tudo bem — disse ele enquanto passava por ela engatinhando, apoiado nos antebraços. — Onde está minha humana?

— Fortis? — sussurrou a andarilha das profundezas. — Mas você deveria estar morto.

— Eu não morri.

— Mas o destino disse...

— A visão estava errada. Eu não morri. Eu deveria estar aqui, e o mar cuidou para que minha alma não fugisse ainda. Alexia me salvou, independentemente de como meu futuro fosse interpretado. — E ele jamais esqueceria que ela salvara sua vida, mesmo quando ele lhe dissera para não fazê-lo.

— Eu não a vi. Mas há outros vagando pelos corredores. Alguns dos achromos ainda lutam contra nós, mas seus números diminuíram. Em breve, todos estarão mortos, exceto aqueles que escolhemos poupar.

Ele percebeu que não se importava. Havia pessoas más ali, sim. Ele as queria mortas tanto quanto qualquer outra pessoa, mas ele queria... Ela.

Alexia se tornara muito mais importante do que se vingar daquelas pessoas. Ele passara a vida inteira querendo prejudicar aquela cidade, destruí-los pelo que fariam com ele, mas agora só queria estar com *ela*. Quem se importava com o que seu povo fizesse com aquela cidade agora?

Assentindo, ele seguiu na direção que a andarilha das profundezas apontava, encontrando rapidamente rostos familiares. Mira estava parada no final de um corredor, com uma arma na mão, enquanto conversava com Arges. Ele ficou surpreso por qualquer um deles estar por perto quando qualquer um poderia tê-los atacado. A batalha estaria realmente tão perto do fim?

Ela o viu e arregalou os olhos.

— Fortis! Eu não sabia que você estava...

— Ela não te contou? A maldita mulher não me matou.

Um sorriso lento se espalhou pelo rosto de Mira.

— Eu não achei que ela fosse capaz de mentir para você daquele jeito, mas olha só ela, me surpreendendo a cada momento. Bem-vindo de volta à terra dos vivos, eu acho.

— Onde ela está?

Arges entrou em seu campo de visão, as guelras nas laterais do pescoço repuxadas de profunda emoção.

— Estávamos falando sobre isso. Não temos certeza de onde ela está, Fortis. Esperávamos encontrá-la na última escotilha aberta, mas ela deve ter passado para a próxima.

— E alguém foi enviado para buscá-la?

Os outros dois se entreolharam antes de Mira estremecer.

— Não. Estamos lutando por nossas vidas aqui. Tau tinha mais pessoas dentro do que pensávamos. A maioria está enfurnada na mesma sala neste momento, mas não conseguimos entrar. Não temos certeza se há uma cápsula de fuga acoplada, mas há cerca de cinquenta pessoas lá dentro.

— Isso não responde à minha pergunta.

— Ninguém a procurou, Fortis.

Suas guelras se arregalaram com um chiado raivoso.

— Tudo bem, eu vou.

— Você seria útil aqui, irmão — disse Arges. Mas não havia emoção alguma em sua voz. Arges claramente esperava que ele fosse.

E assim o fez. Fortis seguiu pelo corredor mais próximo, seguindo o caminho que deveria ter tomado. Havia tanto sangue no chão que ele escorregou ao se mover. Acabou rastejando entre as manchas vermelhas nos antebraços, o que só o fez lembrar o quanto odiava não estar na água.

As cinco primeiras escotilhas estavam todas abertas, e o som da água espirrando nas bordas era a única coisa que ele conseguia ouvir. Mas então ele chegou à sexta e sentiu o cheiro do sangue dela. Não havia muitas pessoas ali, ou, se havia, estavam todas lá dentro. Então agora ele podia seguir o sangue dela no chão, apenas o dela. Ela estava arrastando os pés enquanto sua força vital se derramava.

Ali ela havia escorregado. Havia uma mancha de sangue na parede onde ela havia caído, uma poça onde ela havia descansado por um momento antes de continuar.

Com o coração batendo forte no peito, ele finalmente a encontrou de quatro, passando pela sétima escotilha. Ela estava quase na oitava, rastejando em direção a ela.

Alexia nem olhou para ele quando ele se aproximou. Toda a sua atenção estava voltada para sua respiração ofegante e para as palavras que ele mal conseguia entender.

— Só mais uma. Só mais uma.

Ele chegou até ela e a abraçou. Ela lutou por alguns instantes, mas então se acalmou quando ele pressionou os lábios em sua testa.

— Mulher corajosa e estúpida — ele sussurrou contra ela. — O que você fez?

Todo o corpo dela ficou mole em seus braços. Ele absorveu todo o medo dela, todo o cansaço dela, enquanto ela deixava a cabeça cair em seu ombro com um baque pesado.

— Eu te salvei porque você não quis se salvar.

— Você salvou a todos nós, Alexia. A luta acabou. A batalha acabou.

A respiração dela falhou. O som era tão parecido com um soluço que ele não sabia o que fazer com ele.

— Ótimo — ela sussurrou. — Que bom.

— Precisamos de você conosco. — Ele agarrou o queixo dela, forçando-a a levantar a cabeça para olhá-lo. — O que você estava pensando, me deixando viver?

Suas feições estavam pálidas devido à perda de sangue. Havia várias manchas de sangue ao longo de seu maxilar, como se ela tivesse levado a mão ao rosto enquanto tentava se manter firme. Um hematoma já se formava em sua bochecha e havia fios vermelhos em seus olhos. Mas ela estava viva. Ela ainda o olhava, ainda lutava como ele sempre soubera que ela lutaria.

Ela ergueu a mão trêmula, ainda coberta de sangue, e tocou delicadamente a bochecha dele.

— Eu te libertei da sua profecia, Fortis. Chega de esperar a morte. Chega de esperar o fim. Eu só quero que você viva.

Ele se inclinou e a beijou. Seu povo não fazia isso, mas agora ele sabia o quanto precisava beijá-la. Seus lábios ainda tinham um gosto doce, mesmo com um toque metálico.

— Você deveria ter me deixado morrer — murmurou ele contra a pele dela. — Eles teriam te matado se descobrissem que eu ainda estava vivo.

— Imaginei que eles fariam isso de qualquer maneira.

— Alexia... — ele sussurrou, antes de beijar seu ombro. — Eu nunca consegui expressar o quanto você preenche minha alma. Cada dia com você me provou o quanto você é valiosa. Já ouvi outros humanos dizerem eu te amo, mas as palavras simplesmente não parecem suficientes.

Ela cantarolou contra a pele dele.

— Eu também te amo. Só espero que não seja tarde demais.

Então ele percebeu que ela estava pior do que ele pensava. Para ele, Alexia sempre foi um forte pilar de uma guerreira que não podia ser parada. Mas agora ele podia ver o quão fraca ela estava. Ela estava rastejando até a próxima escotilha, sem nem perceber que conseguiria parar de lutar.

Mas agora ele estava aqui.

— Eu vou cuidar de você — disse ele enquanto a levantava com mais firmeza com um braço. — O Dr. Barker está nos esperando.

— Ah, que bom, ele sobreviveu. — A cabeça dela pendeu no ombro dele enquanto ele começava a arrastá-la de volta por onde viera. — Para ser sincera, não achei que ele sobreviveria. Ele não é um lutador.

— Ele estava lá na sala comigo quando acordei. — Fortis franziu a testa enquanto a manobrava sobre alguns corpos que haviam sido deixados em seu caminho. — Como você não me envenenou? Você pediu a neurotoxina.

— Eu não te dei a neurotoxina. Eu a escondi debaixo do seu braço. Roubei uma droga diferente deles, uma que eu sabia que te faria dormir e parecer morto. — Ela suspirou, mas o som era preocupante. — O Dr. Barker deve estar com ela agora. Tenho certeza de que ele vai usá-la para se proteger se precisar.

— Mulher covarde.

— Eu sempre tenho um plano — ela sussurrou, a voz ficando cada vez mais baixa. — Sempre. Foi para isso que me treinaram.

Suas bochechas estavam pálidas demais. Eram brancas como pérolas, e ele não estava dizendo isso como um elogio. Estava preocupado que ela tivesse perdido muito sangue, mas se havia algum lugar no mar que pudesse salvá-la, era aquele lugar.

Então ele passou a mão pela cabeça dela, puxando-a um pouco mais

rápido e com mais força.

— Descanse agora, Alexia. Vou garantir que você esteja segura.

Ao avistar alguém em quem pudesse confiar, ele gritou por socorro. Dois de seus homens e um humano correram para buscá-lo. O jovem que ele já vira na aldeia de Mira antes, embora nunca tivesse interagido com ele. Juntos, eles moveram Alexia muito mais rápido.

O Doutor Barker estava esperando, e se ele levantou uma agulha quando eles entraram, Fortis ignorou. Junto com os outros, ele deitou Alexia na mesa onde estava deitado e então se virou para o médico com um rosnado no rosto.

— Salve-a — ele exigiu.

O homem já havia eliminado a neurotoxina e estava colocando luvas nas mãos. Com um estalo que preencheu a sala, o médico assentiu.

— Farei o meu melhor.

QUARENTA E DOIS

Alexia

Doutor Barker pairava sobre ela um pouco demais. O homem insistia incansavelmente para que ela fosse completamente curada antes mesmo de deixá-la sair de sua vista, o que ela sabia muito bem que tinha a ver com o enorme ondino pairando logo atrás dele. Era como se Fortis pensasse que, se a deixasse sozinha por um instante sequer, ela morreria.

Ela não ia morrer. Alexia já tinha sobrevivido a algo pior.

— Eu realmente vou ficar bem — lembrou ela a Fortis, enquanto se recostava na cama do hospital e olhava para o teto familiar. — Sobrevivi a uma facada em que cortaram todos os meus órgãos principais antes de eu matá-los.

O Doutor Barker cantarolou baixinho.

— Eu me lembro disso. Foi uma briga entre Harlow e um dos outros Originais, não foi?

— Lester, eu acredito.

— Certo, Lester.

Fortis se inclinou em sua linha de visão, sua voz uma nuvem de raiva.

— Por que você foi esfaqueada por esse Lester?

— Ah, o Lester não esfaqueou. Nenhum dos Originais suja as mãos. Ele mandou o guarda me esfaquear quatorze vezes por uma ofensa da Harlow. Ele não gostava dela, ela não gostava dele. Eles estavam sempre brigando por alguma coisa. Eu levei a facada que era para ela, e eles consideraram suas diferenças resolvidas.

Ela estremeceu quando Barker passou um fio por sua pele sensível. Normalmente, pontos não doíam tanto, ou talvez ela simplesmente fosse

melhor em lidar com eles enquanto tomava drogas para manipulação emocional.

Fortis estalou os maxilares para o Doutor.

— Cuidado com isso.

— D-desculpe — gaguejou Barker, mas então as mãos do maldito homem começaram a tremer. — Não estou acostumado a costurar pessoas na frente de uma plateia.

Ela suspirou e estendeu a mão para o médico. Segurando-as delicadamente em uma das suas, Alexia lhe deu um leve aperto e um sorriso suave.

— O senhor não está acostumado a trabalhar com pessoas que conseguem sentir tanto quanto eu agora. Está tudo bem, Doutor Barker. Faça o seu melhor. Já suportei dores muito piores do que esta.

Ele a encarou, com os olhos arregalados e as pupilas dilatadas até os olhos ficarem quase pretos.

— Não sei como responder a essa versão gentil de você, Alexia. Você sempre foi tão prática e tão insistente em fazer o seu trabalho e nada mais. É difícil olhar para você assim e ver a mesma pessoa.

— Eu não sou a mesma pessoa. — Embora isso não tenha caído bem depois que ela disse isso. Alexia inclinou a cabeça para o lado, olhando para Fortis enquanto o Doutor Barker começava a costurá-la novamente. — Ou acho que sou mais eu mesma do que nunca. Sou a mesma pessoa, só que... agora posso ser eu mesma.

Ela encarou o olhar sombrio de Fortis durante todo o tempo em que Barker trabalhava para curá-la. Ela não se encolheu mais, pois não precisava ter medo de dor enquanto seu andarilho das profundezas estivesse ali.

Não demorou muito. Havia um remédio que acelerava sua cura e que fora projetado para funcionar com seu corpo. A genética que injetaram em seus guardas foi projetada para que ela pudesse ser ferida

mil vezes e não demorasse tanto para voltar a lutar. Ela podia suportar mais do que uma pessoa comum, mas agora, ao olhar para seu futuro com aquela enorme criatura marinha, sabia que não precisaria estar tão preparada para sofrer.

Não, pelo menos, a menos que ela quisesse defender as pessoas que agora chamava de família.

O Doutor Barker ergueu uma agulha, mas então congelou quando Fortis mostrou os dentes e todas as suas guelras se dilataram.

— Alexia? — perguntou o Dr. Barker, com a voz trêmula novamente. — Estes são os esteroides que devem acelerar sua recuperação. Gostaria que eu lhe injetasse?

— Sim, por favor.

— Você não precisa — disse Fortis. — Você não precisa tomar nada de novo.

Ah, que homem tão doce! Ele claramente não confiava que o Doutor Barker não lhe injetaria todo tipo de droga, nem tentaria matá-la. Ou talvez temesse que o médico tentasse fazê-la voltar a ser como era antes, e que ela não fosse mais capaz de tomar decisões por si mesma.

Desta vez, Alexia estendeu a mão para Fortis, agarrando-a e levando-a até a bochecha.

— Ele não vai me machucar, Fortis. São só esteroides.

— Não sei o que isso significa.

— Vai me ajudar a me curar mais rápido, assim como depois do ataque da lula. Não é a primeira vez que tomo isso, e certamente não será a última. — Ela acenou para o médico e sustentou o olhar de Fortis enquanto a agulha perfurava sua pele.

Os esteroides sempre faziam efeito rápido, e estes seriam ainda mais rápidos do que os que ela havia tomado de Mira. Logo, ela estaria bem o suficiente para ver os outros. Porque ela podia sentir a apreensão no ar.

Eles conseguiram. Eles tomaram Tau, embora no momento fosse um domínio frágil, e agora não tinham certeza do que fariam com ela.

Ela se endireitou e jogou as pernas sobre a cama, respirando fundo para se acalmar.

— Doutor Barker, o senhor já pensou em como esta cidade realmente era delicada? Durante todos esses anos, achamos que ela era completamente impenetrável. Ninguém jamais destruiria Tau, mesmo que fosse a única cidade restante no mar. E agora...

— Agora vivemos para vê-la cair — murmurou. O Doutor afundou na cadeira e passou a mão no rosto. — Acredito que nossa tolice sempre foi acreditar que ela era forte. Não há certeza na vida, e nenhuma certeza nisso. Criamos seres nestas paredes, manipulamos nossa própria genética, brincamos de deuses por tantos anos, que era difícil imaginar que duraria para sempre. Eu... estou feliz em vê-lo acabar. Mesmo que tenha sido muito mais fácil destruir tudo do que eu jamais imaginei que seria.

Ela sorriu, mas era uma expressão triste ao mesmo tempo.

Emoções confusas a invadiram. Ela estava tão feliz que ninguém mais se machucaria. Emocionada que os renascidos e as crianças geneticamente modificadas agora teriam a chance de viver uma vida de verdade, uma vida onde não seriam transformados, atormentados ou dilacerados para pesquisas. Mas este prédio, cheio de todos os seus segredos e finais horríveis, tinha sido seu lar. Era o lugar onde todas as memórias da infância haviam sido construídas, boas ou ruins. E agora, tudo iria mudar. Tudo por causa do que ela havia escolhido.

Era a coisa certa a fazer, e ela estava emocionada por ter vencido. Mas isso não significava que não houvesse uma parte dela que também estivesse um pouco triste. Não por si mesma, mas pelo futuro que poderia ter sido. O futuro que deveria ter sido, se este lugar tivesse sido... cheios de boas intenções e não pessoas que queriam destruir o mundo

para satisfazer sua própria curiosidade.

Com delicadeza, ela se levantou. Teve que se agarrar ao braço de Fortis para se firmar, mas já conseguia andar sem sentir que ia cair.

Ela acenou com a cabeça para o Doutor Barker.

— Estou bem. Obrigada. Mas acho que você deveria ficar aqui enquanto nos encontramos com os outros. Só por precaução. Vou explicar quem você é e tudo o que você poderia fazer para ajudá-los, mas... Você sabe.

— Agradeço qualquer palavra gentil que você possa me dizer.

Alexia não tinha muita certeza de que sua palavra significaria tanto para aquelas pessoas. Eles mal a conheciam. Sim, ela os ajudara a derrotar o inimigo, e talvez com um pouco mais de facilidade do que esperavam. Mas, no fim das contas, o vínculo entre eles era tão fraco quanto o de qualquer outra pessoa em Tau.

Enquanto ela saía para o corredor com Fortis se arrastando pelo chão ao lado dela, ela olhou para ele e disse:

— Você sabe que todos eles lhe devem suas vidas, certo?

Ele pareceu confuso.

— Quem?

— Seu povo. Os humanos que estavam te ajudando. Todos eles. Eles devem a vida a você.

Ele balançou a cabeça enquanto viravam uma esquina.

— Não sei do que você está falando, Alexia. Eles não me devem nada.

— Você foi quem me convenceu de que esta vida valia a pena ser vivida, mesmo que fosse difícil me livrar do que eles me treinaram para ser. Você foi quem me provou que tudo valia a pena. E se eles não me tivessem, nunca teriam chegado a Tau. Esta cidade teria governado por mais duzentos anos, enquanto os Originais viveriam por um tempo anormalmente longo. Nada teria acabado. Teriam sido incontáveis anos

de luta até que toda a nossa espécie fosse completamente exterminada. Tudo isso mudou por sua causa e de mais ninguém, Fortis.

Ele não teve tempo de responder, pois dobraram uma esquina e viram os outros reunidos. Todos eram rostos que ela agora reconhecia. Mira, Arges, Anya, Daios, Ace, Maketes, até mesmo Aulax, que de alguma forma se juntara à batalha, embora ela tivesse certeza de que Fortis ficaria furioso com isso.

Olhando para o enorme ondino ao seu lado, ela ficou satisfeita ao ver que estava certa. O rosto dele se contorceu em uma expressão de raiva enquanto ele encarava o filho.

Aulax apenas sorriu e acenou para ele.

— Desculpe, pai. Era para você estar morto.

— Isso justifica suas escolhas, como?

— Agora sou um adulto.

— E eu ainda sou maior que você — rosnou Fortis. — Vamos conversar sobre isso em breve.

Certo, eles teriam uma discussão maior se ela não interviesse. Então ela caminhou entre eles, em direção a Mira e Ace, que ainda estavam conversando em frente a uma grande janela de vidro.

Alexia sabia onde eles estavam. A janela dava para o andar inferior, onde ficava o refeitório. Os Originais provavelmente nunca tinham estado lá antes, mas havia muitos guardas que sabiam o quão fortificado era o local. Havia comida também, e isso lhes daria tempo para negociar.

Ace disse:

— Parece que não há uma saída para a sala, mas eu não duvidaria que eles estivessem tentando descobrir como fazer uma. Sei que eles não vão desistir facilmente, então precisamos considerar que esta sala pode ter uma saída.

— Deixe-os correr! Para onde eles vão?

— Beta. Tem uma seção embaixo dela que descobrimos onde

pessoas de Tau estavam trabalhando, lembra? O mesmo com Gamma. Eles poderiam desaparecer e depois tomar outra cidade. É uma caçada inútil na qual não queremos entrar, Mira. E se sobreviverem? E se convencerem outros a segui-los novamente?

Alexia ficou ao lado deles, cruzou os braços sobre o peito e observou a sala. Havia cerca de cinquenta pessoas lá dentro. Algumas eram mais familiares do que outras. Parecia que eles tinham levado alguns cientistas e guardas com eles, mas não tantos quanto ela imaginara. Na verdade, apenas um guarda para cada um dos vinte e quatro Originais, e depois um punhado de cientistas extras. Eles correram, mas não conseguiram reunir tantas pessoas quanto esperavam.

— Esta cidade inteira é um banho de sangue — murmurou Alexia. — Vamos ter que limpar tudo por meses para que funcione direito.

As duas mulheres atrás dela pararam, mas foi Mira quem disse:

— Com licença?

— A cidade. Vocês vão tomá-la como base principal, presumo. Sua vila permanecerá de pé, é claro, para aqueles que quiserem ficar mais perto do sol e das tempestades. Mas esta cidade tem tudo o que vocês precisam. Ela tem contato com todas as outras cidades e pode controlar quase tudo o que elas obtêm em termos de recursos. Todos os programas aqui são como obtemos comida e de onde ela vem. Sem mencionar que vocês podem trabalhar com os líderes das outras duas cidades com muito mais facilidade daqui e podem forçá-los com a ameaça direta das armas armazenadas em Tau. — Ela respirou fundo, os lábios pressionados em uma linha firme ao avistar Harlow lá embaixo. — Ace, aperte aquele botão na parede ao seu lado.

Embora houvesse uma pequena hesitação, Ace fez exatamente isso. Ela apertou o botão, e Alexia sabia que as pessoas lá embaixo a ouviriam.

— É como atirar em peixes em um barril. Qual de vocês eu devo matar primeiro? — ela rosnou.

— Alexia? — a voz de Harlow ecoou pelos alto-falantes nas partes superiores das paredes. — Alexia, como você está aí em cima? Você os enganou? Mate todos e nos liberte.

— Eu não vou fazer isso.

— Acabei de criar você. Você é a versão perfeita de si mesma! — Harlow bateu o pé. — Alexia, você precisa me ouvir!

— Alexia, a oitava, está morta, se é a ela que você está se referindo. Eu a matei quando você me trancou naquela sala e esperou que apenas uma de nós saísse. Todos vocês sabiam o que fizeram e a culpa que carregavam nos ombros. Vocês são a razão pela qual o mundo acabou, e ainda estão aqui, presumindo que as pessoas e o planeta que vocês destruíram devem algo a vocês.

Houve um longo momento de silêncio e cinquenta rostos a encaravam em choque.

— Como você sabe disso? — perguntou Lester Original, com a voz tremendo de raiva.

— Eu vi o museu que vocês deixaram como um golpe de misericórdia para si mesmo. Vocês são todos idiotas, sabiam? Vocês se acham tão espertos, criando um jeito de controlar o clima. Mas acabaram de arruinar a única casa que tinham, e agora parecem achar que o mar também é seu. Mas vocês também estão destruindo isso. Tudo o que sabem é destruir.

Os Originais começaram a conversar entre si, mas Harlow não se mexeu. Ela olhou para a janela, e Alexia desejou estar mais perto para poder ver se havia tristeza ou raiva em seus olhos.

— Alexia, você é como uma filha para mim. Estou com você há sete gerações. O que você gostaria que fizéssemos? — Ela abriu os braços, como se esperasse um abraço. — Sete gerações da sua vida, e todo esse esforço para fazer de você o ser perfeito que você é. Isso com certeza prova o quanto você significa para mim?

— Isso não basta — interrompeu. — Você fez uma oitava, Harlow. Você ia me matar.

— Só porque os outros me obrigaram.

— Você quer que eu te veja como uma mãe? Pois é, Harlow. Passei a vida inteira te admirando, sonhando que você era a mulher que eu queria ser, te amando o máximo que pude com todas aquelas drogas correndo pelo meu organismo. *Você é minha mãe*.

Ela estava farta de tudo aquilo. Cansada da expectativa das pessoas lá embaixo de que ela os ajudaria. Das expressões das pessoas ao seu redor, que temiam que ela ajudasse aqueles que tinham acabado de derrotar. Mas nenhum dos grupos esperava que ela pegasse a arma antiga na cintura de Mira. Esta tinha balas, e isso era mais do que suficiente.

Arges estendeu a mão para Mira ao mesmo tempo em que ela se virava. Todos os ondinos se lançaram sobre suas companheiras, agarrando as mulheres como se pensassem que ela fosse machucar as pessoas ao seu redor, mas ela não faria isso.

Não, ela girou e abriu um buraco de bala perfeito na janela, atravessando o vidro acima de todos os Originais. Era alto demais para qualquer um deles remendar. De qualquer forma, nunca chegariam a tempo. A água jorrou para dentro, formando rachaduras ao redor do buraco enquanto a pressão do oceano comprometia todo o cômodo.

Gritos ecoaram pela sala enquanto os Originais e seus guardas corriam para a porta. Todos bateram na entrada selada, seus gritos de súplica sem resposta enquanto a água rapidamente enchia a sala.

— O que você fez? — Mira sibilou.

— Eu terminei com isso. — Calmamente, ela devolveu a arma para Mira e então pegou um androide que estava rolando ao redor dos pés de Ace. Ela o ergueu contra o vidro à frente deles e, imediatamente, o androide começou a aquecer uma pequena pistola de rebites e derreter o

vidro. Ela consertaria o buraco muito antes que a água atingisse o nível deles.

E durante todo o tempo, ela fez questão de assistir todos os Originais se afogarem. Um por um.

— Poderíamos ter usado o conhecimento deles — murmurou Mira.

Mas Alexia balançou a cabeça.

— Eles tiveram tempo mais do que suficiente para consertar o que quebraram. Agora é a nossa vez.

QUARENTA E TRES

Fortis

Ele podia ver que os outros estavam com raiva. E, de certa forma, ele entendia o porquê. Muito conhecimento havia se afogado diante deles. Mas, enquanto olhava para aqueles corpos flutuantes, não conseguia se sentir mal por eles. Eles tinham recebido o que mereciam, e quanto mais pensava nisso, mais certo parecia. Ela precisava se curar de tudo o que lhe fizeram, e esta era a melhor maneira de fazer isso.

Alexia havia se vingado. Finalmente. Ela havia cortado todos os laços com as pessoas que a oprimiam havia anos, e não deveria se sentir culpada por escolher sua liberdade em vez da influência delas.

Ele tocou o ombro dela, puxando-a para perto de si, onde estava encostado na parede.

— Vamos sair um pouco.

Mira virou a cabeça tão rápido que ele pensou ter ouvido seu pescoço estalar.

— Como? Você não vai levá-la a lugar nenhum. Ela é a única que sabe se virar por aqui.

Ele estava pronto para argumentar em seu nome, mas Alexia respondeu:

— Os androides de Ace já mapearam o local. Você precisará ir de sala em sala para garantir que todos os sobreviventes concordem em se juntar a nós ou os matem. Só tome cuidado para não entrar no setor doze.

Anya deu um passo à frente, batendo no androide preso à sua cabeça. Provavelmente já havia um mapa no vidro que descia sobre um dos seus olhos.

— O que tem no setor doze?

— Os experimentos. Deve haver algumas crianças geneticamente modificadas nessas salas. Algumas delas ainda estarão em estase, então acordá-las precisa ser feito com cuidado. E além delas estão as salas com todos os renascidos. Eles são geneticamente compatíveis com os Originais.

Daios bateu o cauda no chão.

— Não deveríamos destruí-los?

— Eles não são os Originais. São clones. E merecem ter uma vida como a nossa. — A voz de Alexia endureceu, mas Fortis já sabia reconhecer uma ameaça quando a via.

Ele se moveu para a frente dela, encarando Daios até que o bastardo de barbatanas vermelhas recuasse.

— Estamos indo embora. Limpem a cidade. Todos vocês. Se este for o seu novo lar, não há motivo para que esteja cheio de cadáveres.

E então ele se virou, pegou Alexia em seus braços e foi em direção à escotilha mais próxima.

Ela passou os braços em volta do pescoço dele e não reclamou nem um pouco quando ele prendeu o tubo de respiração em seu pescoço e mergulhou na água com ela. Ele sabia que seria congelante para ela, e ela acabara de se machucar, mas sua mulher corajosa e maravilhosa nem hesitou em desaparecer com ele.

Sua alma se encheu de felicidade, sabendo que finalmente havia encontrado alguém que lhe permitiria se livrar de todas as suas correntes.

Eles sobreviveram. Ambos.

Enquanto corria pelas ondas em direção ao único lugar que queria mostrar a ela mais do que qualquer outro, ele soltou uma risada que ecoou em seu peito. Felicidade assim era tão rara na vida. Ele queria aproveitar cada segundo.

Ela olhou para ele e bolhas explodiram de sua boca enquanto ela também começou a rir. Talvez ambos estivessem delirando ao perceber que estavam livres agora.

Logo, ele encontrou o sistema de cavernas que sempre o cativara. Não pelas luzes que pendiam do teto em pequenos vaga-lumes azuis, nem pela água que espirrava nele. Mas pelo buraco no teto por onde o sol e os relâmpagos passavam, revelando todas as esculturas nas paredes.

Esculturas do Povo da Água, de sua própria espécie nadando nas ondas. Baleias e lulas, tubarões e pequenos cardumes de peixes decoravam as paredes com tantos detalhes que pareciam quase vivos. Centenas de esculturas, todas feitas por seu povo.

Alexia levou as mãos à boca, encarando cada uma delas com os olhos arregalados antes de rastejar para fora da água.

— O que é isso?

— Não sei. A fuga de um artista entediado, imagino. — Ele também saiu da água, jogando o cabelo para trás enquanto a observava. A escultura de um andarilho das profundezas ao lado dele era tão detalhada que ele conseguia passar a garra pela textura das escamas. — Achei que você acharia lindo.

— Sim — ela sussurrou, mas não estava mais olhando para as esculturas. Agora, estava olhando para ele.

Uma sensação desconfortável relaxou em seu peito. Finalmente. Era isso que ele esperava. Um momento a sós com ela, onde pudesse se entregar sem o medo da morte pairando sobre os ombros de ambos. Ele sabia o que queria fazer com o tempo que lhe fora devolvido.

Talvez ele não devesse lamber os lábios enquanto a encarava. Aparentemente, isso o denunciou.

Ela deu alguns passos para trás, as mãos já indo para a jaqueta ensanguentada que usava. Tirou-a, revelando uma camisa branca

encharcada por baixo, que não escondia em nada os músculos da barriga que se contraíam enquanto ela se movia, nem os picos firmes dos seios.

— Você recuperou anos, Fortis. Tantos anos em que você pensou que poderia estar morto.

— Sim. — Ele rastejou atrás dela, conduzindo-a em direção a uma pedra plana no centro da caverna. — Tantos anos.

— O que você planeja fazer com eles? — Ela bateu a parte de trás dos joelhos na pedra, e olhou para trás, surpresa.

Ele aproveitou a oportunidade para se erguer. Agarrando-se ao teto da caverna com uma das mãos, esperou que ela se virasse e ofegasse ao perceber que ele estava bem acima dela, segurando uma pedra com uma das mãos e esperando com a outra para agarrá-la pelo pescoço.

Ele enrolou as garras em torno do pulso dela, forçando-a a olhar para ele.

— Tire a calça, Alexia.

Ela obedeceu. Provavelmente foi um pouco difícil para ela, já que ele a segurava pelo pescoço, mas ela se livrou da roupa molhada e a jogou de lado. Só então ele a abaixou sobre a pedra plana que parecia um altar. Ela estava deitada diante dele, coberta de água salgada que pingava de sua clavícula e se acumulava na cavidade logo abaixo de suas costelas.

Inclinando-se, ele cortou a blusa dela com a garra, deixando-a em dois pedaços esfarrapados e, em seguida, puxando-a para trás, revelando os seios que tanto adorava.

— Pretendo me banquetear com você por horas, Alexia. É isso que estou fazendo com os meus anos.

Ele desceu sobre ela como um macho em frenesi. O gosto da pele dela foi o suficiente para fazer sua mente se fragmentar. Ele sempre se esquivou dela, pelo menos um pouco, porque sabia o quão grande era e o quão nova ela era em tudo aquilo. Mas ela havia tomado os dois paus

dele da última vez, e certamente poderia tomá-los novamente agora.

Alexia o abraçou e o puxou para baixo. Suas línguas se entrelaçaram, explorando o sabor da paixão, mesmo enquanto as garras dele encontravam seus mamilos. Ele não conseguia parar de tocá-la. Não conseguia evitar a vontade de deslizar os dedos pelas laterais do corpo dela, provavelmente machucados pelo aperto tão forte. Mas ele queria se aninhar dentro dela. Era uma necessidade, um frenesi, que tomava conta de todo o seu ser. Ele a desejava, isso era certo, mas precisava estar mais perto dela do que estava naquele momento.

— Senti sua falta — disse ela, mordiscando os lábios dele. — Preciso de você dentro de mim.

— Preciso provar você primeiro.

Um gemido baixo vibrou em sua garganta. Ela estava tão desesperada por ele quanto ele por ela, mas ele tinha que ser o sensato ali. Ela podia ter um pouco mais de experiência do que antes, mas precisava de muito mais do que alguns beijos e uma apalpada nos seios antes de poder tomá-la.

Deslizando pelo corpo dela, ele depositou beijos em cada parte que conseguia encontrar. E então, lentamente, virou-se, rolando-os na pedra até que ela estivesse em cima dele, com os lábios dele sugando seu seio. Com um estalo suave, ele recuou e a encarou.

— Monte em mim — ele disse.

— Você quer que eu faça o quê agora?

Ela podia não ter a mínima ideia do que ele queria dizer, mas ele podia muito bem lhe mostrar. Agarrando-a pelos quadris com as mãos, ele a balançou lentamente para frente e para trás sobre sua cauda. As escamas lhe deram a textura que ela tanto procurava, e ele pôde se entregar a ela por um instante.

A escuridão caiu sobre a caverna enquanto a noite tornava o cômodo prateado, com os tênues raios de luar vindos do buraco no topo

da caverna. E enquanto a observava balançando, encontrando prazer nele, ele gravou aquele momento na memória.

Ela estava deslumbrante com o cabelo escuro ainda preso em uma trança, alguns fios se soltando ao redor do rosto. O luar prateado mal a mostrava, dando a ele a impressão de músculos flexionados onde ela se apoiava em sua barriga. Seus dois bíceps eram fortes, saltando de força enquanto ela se movia. Seu abdômen flexionado, pequenas montanhas que ele sabia que muitas outras mulheres não tinham. Não como Alexia.

E então veio a chuva. Gotas macias, mesmo sabendo que seria um dilúvio fora daquela caverna. Mas as gotas de chuva tiveram que descer pelo pequeno buraco no topo da caverna, pingando sobre o corpo dela em pequenas gotas de gelo. Calombos surgiram em sua pele, um sinal de que ela estava com frio.

O rosto dela se contraiu como sempre acontecia quando ela estava por perto, e ele sabia que aquele era o momento de se juntar a ela. Fortis hesitou, porém. Só mais um instante enquanto um raio transformava todo o ambiente em um brilho branco intenso. Ela atingiu o ápice sem a ajuda dele, com a cabeça jogada para trás e todos os músculos se contraindo em uma impressionante demonstração de força e poder.

— Pelos deuses, você é linda — murmurou ele enquanto ela abria os olhos lentamente. — Mais do que linda. Uma deusa que assumiu a forma humana e me abençoou com sua presença.

— Cala a boca e me fode — disse ela com uma risada suave. — Você também é lindo, ondino.

Ele se endireitou, virando-a para a frente para que ela pudesse sentir a pressão do pênis dele entre as pernas.

— Cansou de esperar, virago?

— Cansei de esperar desde o momento em que você percebeu que não morreu. — Ela colocou a mão atrás do pescoço dele e a usou para se aproximar.

Ela o provocou de joelhos, usando a mão livre para deslizar a ponta dele por entre suas dobras. Para frente e para trás, certificou-se de que ele conhecia cada textura e cada sensação dela em todo o seu comprimento antes de apertá-lo e empurrar para baixo.

Ambos gemeram quando ele a penetrou, a sensação tão sublime que era quase difícil respirar. Dentro dela estava seu lar. Era tudo o que ele buscava há quase vinte anos, até aquele momento, com aquela mulher em seu colo, acolhendo-o profundamente em seu corpo.

— Porra — ela sussurrou, pronunciando a palavra longa e lentamente. — Isso é tão gostoso.

— Perfeito, virago. Agora se mova.

— Eu não quero.

Ele soltou uma risada surpresa e então acariciou os quadris dela.

— Você teve um dia difícil, querida. Permita-me.

Ele a ergueu e abaixou. Mesmo com os músculos pesados, ele ainda conseguia mostrar como se mover para os dois. Lentamente, ele a penetrou e a puxou de volta. Queria sentir cada pedacinho dela o cercando antes de perder a razão.

Mas era difícil respirar assim. Ele manteve o ritmo deliberadamente lento, mais lento do que o necessário, enquanto a respiração entrava e saía dos pulmões com dificuldade. Seu controle logo se romperia.

Alexia se endireitou, ainda segurando o pescoço dele e forçando-o a se inclinar para trás para poder apoiá-la. E então ela se jogou de volta no outro pau dele. Com força. Com força suficiente para que ele deslizasse até a base e ambos gemessem com a força. Então ela se levantou novamente e se jogou de volta no outro pau.

Exatamente como ele fizera com ela antes. Mas desta vez era ela quem fazia. Usando todo o peso da gravidade e o próprio corpo para possuí-lo. Repetidamente, ela brincava com ele. Provocando-o como ele acabara de provocá-la.

— Virago — ele sussurrou, tentando ao máximo manter a sanidade enquanto ela continuava o ritmo. — Goza para mim.

— Você primeiro.

— Droga, mulher. Goza pra mim! — ele gritou, e então ela se despedaçou.

Ele podia senti-la se contraindo em volta dele, cada músculo se enrolando em volta do seu pênis até que fosse demais. Ele gozou, seus dois paus explodindo ao mesmo tempo. Um dentro dela e o outro respingando na pedra atrás dela enquanto ele a puxava para perto de si.

Fortis pressionou os lábios contra o topo da cabeça dela, segurando-a contra o coração enquanto ambos desciam de uma sensação de euforia que parecia quase impossível de ser alcançada por alguém da sua espécie. E, no entanto, ele havia alcançado.

Aquela mulher era tudo para ele e muito mais. E ele não lhe dissera isso antes de morrer.

— Jamais me perdoarei por pensar que morreria sem te dizer o quão maravilhosa você é. O quanto você mudou a minha vida e o quanto eu me arrependeria de nunca ter te contado que você é a outra metade da minha alma. Eu te amo, virago. Mais do que eu imaginava ser possível.

Ela pressionou os lábios contra o peito dele, virando a cabeça para se aconchegar sob o queixo dele.

— Eu sei que sim, Fortis. Sou obcecada por você. Espero que saiba disso. Eu te amo mais do que tudo e acho que nunca vou me arrepender de ter desistido da minha vida por você. A que construiremos juntos será muito melhor do que qualquer futuro que eu poderia ter tido de outra forma.

Ele gostou disso.

Recostando-se na pedra, ele olhou para o céu tempestuoso e expirou o último resquício de tensão que ainda existia em seu coração.

— Um futuro — murmurou. — Eu gosto disso.

QUARENTA E QUATRO

Alexia

Eles retornaram sem pressa, como já teriam feito antes. Alexia queria se entregar a ele. E, pela primeira vez na vida, não sentia que tivesse obrigações para cumprir. Afinal, havia completado sua missão. Trouxera de volta um ondino de poder impressionante e salvara o mundo com ele.

Deixe os outros resolverem o resto. Ela não era a pessoa indicada para perguntar sobre realocação ou como os outros poderiam se sentir. Ela era uma soldada. Sempre fora e sempre seria.

Então ela travou uma batalha diferente com ele. Fortis lutou com lábios, dentes e língua, aprendendo sobre os corpos um do outro novamente, pois parecia que ambos eram pessoas diferentes. Como se pudessem ser quem quisessem ser pela primeira vez.

Mas, finalmente, a realidade se impôs. Eles precisavam voltar para Tau, pelo menos por um tempo. Fortis a abraçou, e um rosnado baixo ecoou por seu corpo enquanto ela envolvia as pernas em volta do seu rabo e os braços em volta do seu pescoço.

— Não me olhe assim — ele resmungou, dando um beijo na lateral do pescoço dela. — Não vamos embora.

— Você e eu precisamos comer algo mais substancial do que o peixe que você pescou no oceano. — Ela riu das palhaçadas dele, no entanto.

Com ele, ela sentia que era o mundo dele. E isso era uma bênção. Era mais do que ela jamais imaginou que conseguiria nesta vida.

Ele suspirou e pressionou as testas, absorvendo-a mais uma vez enquanto inseria o tubo de respiração em seu pescoço. Era uma inserção mais fácil ultimamente. Ele já havia feito isso tantas vezes que ela

finalmente tinha aquele pequeno volume de gosma que o impedia de se fechar novamente enquanto ela se curava, assim como as outras companheiras de ondinos.

— Tudo bem — resmungou ele. — Mas assim que eu puder te roubar, pretendo fazer isso.

— Claro que sim.

E ela não o impediria. Juntos, eles rodopiaram pelas águas até se aproximarem de Tau novamente. Ela esperava ver pelo menos alguns corpos flutuando na água, mas não havia nada ao redor da cidade além de água suspeitamente limpa.

Um clarão amarelo brilhante se aproximou deles, e a princípio ela pensou que fosse Maketes. Mas então percebeu que a luz era um brilho intenso, e soube que não era nenhum dos ondinos, mais acostumados a águas rasas. Era um andarilho das profundezas.

Aulax correu em direção a eles e soltou um grito estridente antes de finalmente chegar ao lado deles.

— E eu aqui pensando que vocês ficariam fora por pelo menos uma semana!

Fortis a virou e estendeu a mão para seu filho.

Ela não esperava ser recebida com um abraço. Quando foi a última vez que isso aconteceu? Já aconteceu? E não foi como se a tivessem tirado do caminho para que Fortis pudesse ter um momento com o filho. Aulax a agarrou e a envolveu no abraço tanto quanto seu pai. A muralha de ondinos a envolveu, puxando-a para mais perto da unidade familiar e ela...

Ela não sabia o que fazer com aquilo. Será que deveria abraçá-los de volta?

Aulax bagunçou o cabelo dela com a mão e a puxou com ainda mais força até que ela estivesse espremida entre os dois.

— Você está pensando demais. Apenas aceite o abraço e retribua.

Levaria um bom tempo para se acostumar. Mas ela se aconchegou no calor surpreendente dos dois e se permitiu relaxar. Talvez fosse novo e desconfortável, mas também era dela. E isso era algo que ela valorizava.

Finalmente, Aulax recuou e, com outro puxão em seus cabelos, os guiou de volta para Tau.

— Quando você ofereceu a cidade para Mira, acho que a princípio ela não ia aceitar. Há muitos fantasmas nesta cidade, mas também acho que ela estava animada. Quanto mais contatos fazia, mais achava que era uma boa ideia. É claro que muitas pessoas de Alfa ainda não são confiáveis para serem deixadas sozinhas. Não em uma cidade como esta. Mas havia muitas famílias em Beta que trabalhavam há muito tempo e não tinham o espaço necessário para crescer. Esta instalação poderia ser um lar para elas, diferente de qualquer outra.

Essa sempre fora a esperança de Alexia. Eles giraram na água, contornando um dos corredores sinuosos e depois subiram até uma das poucas piscinas lunares da cidade. Era ali que os submarinos geralmente tinham pelo menos dois pontos de controle antes de serem autorizados a entrar em Tau. Agora, todas as portas estavam abertas.

Alguns ondinos nadavam nas lanças de luz que as iluminavam da cidade. Alguns deles seguravam tablets nas mãos, erguendo-os para escanear partes da cidade que talvez precisassem de reparos após a luta. Androides também estavam na água, alguns deles passando rapidamente com o que pareciam sementes vitais ou comida. Talvez estivessem levando alguns desses recursos para as outras cidades que precisavam desesperadamente deles.

Ela gostou da ideia. Eles deveriam estar fazendo algo parecido. Distribuindo a riqueza e garantindo a longevidade de cada cidade.

— Mira queria falar com você — disse Aulax, olhando para ela e não para Fortis. — Estou pensando naquela sala cheia de corpos.

— Os afogados?

— Não. As pessoas que ainda não acordaram. — Ele coçou a nuca. — Ninguém mais vai lidar com elas, receio. O Povo da Água não gosta... delas.

Certo. Isso fez sentido.

Fortis agarrou o braço dela, fazendo-a encará-lo antes de sair.

— Você ouviu isso? — perguntou.

— Ouvir o quê?

— A voz.

Ela franziu a testa e tentou ouvir o máximo que pôde.

— Não, Fortis. Não ouço nenhuma voz.

Ele pareceu perturbado com o fato, mas então balançou a cabeça como se quisesse afastar os pensamentos da mente.

— Está tudo bem. Às vezes, esqueço que o mar fala comigo. É só que...

— Uma nova voz — interrompeu Aulax. — Por que existe uma nova voz?

Os dois se encararam, e ela temeu estar perdendo algo muito, muito importante.

— Meninos? — ela perguntou, lentamente. — Por que isso soa mal?

Eles continuaram se olhando, e então ela percebeu que estavam *ouvindo*. Atentamente. Seus olhos estavam embaçados, e alguns dos outros andarilhos das profundezas também haviam parado de se mover. Todos olhavam para o longe, como se estivessem ouvindo algo ou alguém que ela não conseguia ouvir.

Engolindo em seco, ela se sentou na beira da piscina lunar e esperou. Logo, Mira se juntou a ela também. As duas permaneceram em silêncio, olhando para todos aqueles ondinos congelados, mesmo que alguns dos seres de águas mais altas se moviam ao redor deles. Como se

fosse normal ver os andarilhos das profundezas congelarem como um só.

— Você já viu isso acontecer antes? — perguntou Alexia.

— Não. Mas Arges disse que não é nada que os esteja machucando, então não devemos nos preocupar muito. — Mira colocou a mão em seu ombro e apertou. — Talvez devêssemos deixá-los com isso. Os andarilhos das profundezas estão mais próximos do oceano do que qualquer outro de sua espécie, e às vezes ele fala com eles. Como uma deusa.

— Disseram que era uma nova voz.

Ela olhou por cima do ombro e viu a expressão preocupada de Mira, mas a ruiva rapidamente apagou a expressão do rosto assim que viu Alexia olhando para ela.

— Lidaremos com isso quando for preciso. Mas primeiro, eu queria saber sua opinião sobre aquelas salas cheias de gente.

De pé, Alexia a acompanhou, mas parou em uma das salas da guarda para trocar de roupa. Estava molhada e vestida apenas com uma jaqueta e uma calça que certamente já tinham visto dias melhores. Se Mira reagiu ao vê-la tão despida, a outra mulher era muito boa em esconder isso.

Por fim, ela se dirigiu a sala onde todos os seus pesadelos haviam começado. Ao entrar na área de aprimoramentos genéticos, ficou satisfeita ao descobrir que nenhuma das crianças estava lá.

Mira acenou para os tubos vazios, onde alguns deles ainda estavam crescendo.

— Crianças, sabemos o que fazer com elas. Mesmo que elas tenham necessidades diferentes, já entramos em contato com Beta e muitas das pessoas que foram realocadas de Alfa. Muitas delas têm experiência em cuidados infantis e foram informadas de que essas crianças são um pouco diferentes das que estão acostumadas. Tenho certeza de que, com tempo e amor suficientes, elas serão como todas as outras.

— Isso é... legal. — Alexia não tinha as palavras certas para descrever o alívio que a invadiu. Essas crianças, que eram exatamente como... Ela, elas teríamos uma vida normal. As pessoas não as odiariam, nem as temeriam, nem tentariam colocá-las em caixinhas como se fosse algo normal para crianças sofrerem.

Ela as veria crescer e se tornarem pessoas. Exatamente como deveriam ser. Mesmo que fossem um pouco mais fortes do que a maioria ou um pouco mais capazes, não seriam vistas como diferentes.

Elas eram apenas crianças.

Mira sorriu para ela, como se entendesse o significado por trás daquelas duas palavras.

— Seu Doutor Barker se ofereceu para ser o médico pessoal delas por toda a vida. Ele já está bastante preocupado com os aprimoramentos genéticos e o que isso pode significar para as crianças ou para a reprodução com o resto de nós. Ele acha que todos vocês podem ser o futuro da humanidade. Mesmo que a origem de suas linhagens seja um pouco incomum.

Ela sorriu.

— Espero que inventem a história mais ridícula sobre de onde viemos. Vou contar às crianças que somos alienígenas que vieram do Acima.

— Talvez sim. O Doutor Barker sugeriu que seu povo talvez consiga sobreviver na superfície, ou pelo menos, seja resistente o suficiente para lidar com isso. — Mira deu de ombros. — Quem sabe? Talvez um dia façamos uma viagem até lá e descubramos outras pessoas que já vivem lá.

Não seria uma surpresa?

Alexia atravessou a sala que inspirara todos os seus pesadelos pessoais e entrou na sala gélida onde todos os renascidos estavam armazenados. Sua respiração ficou embaçada diante da boca enquanto

ela estava ali com Mira, observando as centenas de tubos cheios de pessoas. Cada um deles era idêntico ao outro. Uma combinação perfeita. Um clone de todas as vinte e cinco pessoas que haviam acabado com o mundo.

Era estranho olhar para eles. Ela caminhou alguns metros à frente e parou em frente a uma mulher suspensa à sua frente. Ela era um clone de uma Original menos conhecida. A mulher era uma reclusa social.

— Clara — disse Alexia. — Este é um clone de Clara, uma das cientistas que chefiavam o programa genético.

— Ah, então alguns dos Originais foram realmente úteis?

— Alguns deles. A maioria eram pessoas inteligentes naquela época. Cientistas, médicos, Harlow era física. Mas centenas de anos de vida tornaram tudo chato, e algumas coisas que ela sabia nunca teriam respostas. Por que estávamos aqui, o que vive além do nosso planeta, todo esse conhecimento foi tirado deles no momento em que não conseguiram sair deste planeta e tiveram que vir para o fundo do mar. — Ela pousou a mão no vidro gelado, fractais de gelo se projetando entre seus dedos. — Mas essas pessoas não são eles.

— É por isso que queríamos você aqui. Temos um probleminha. Acordá-las e mandá-las para as cidades submarinas vai ser difícil. Enxames da mesma pessoa andando por aí não vão fazer bem para... ninguém. — Mira passou a mão pelo rosto. — Logicamente, todos nós entendemos que essas pessoas não são as mesmas. Elas nunca estiveram acordadas. Elas nem têm memória. Mas precisam tomar uma decisão sobre para onde vão e o que faremos com elas. Francamente, não acho que eu deva tomar essa decisão.

Claro que eles não podiam simplesmente acordar todos e liberar cada um deles para a população em geral. Havia centenas deles. Tantos clones em diferentes estágios de idade.

Ela saiu da sala gelada e ligou um dos computadores. Abriu o mapa

vital para Mira ver.

— Há oitocentos e cinquenta e quatro clones atualmente nesta sala. Metade deles já foi usado. Os renascidos são congelados e colocados de volta em estase se alguns de seus órgãos tiverem sido coletados, mas havia mais órgãos que ainda poderiam ser usados. Basicamente, se eles...

— Se apenas um rim ou um fígado fosse removido, eles manteriam os renascidos vivos apenas para retirar mais órgãos e ter menos resíduos.

O rosto de Mira se contorceu de desgosto. Ela não precisou dizer nada.

— Concordo. Mas era a única maneira de garantir que cada corpo fosse usado adequadamente e não desperdiçado. — Ela digitou mais algumas coisas e apontou para a tela. — Isso nos deixa com quatrocentos e vinte e sete. Metade deles ainda está na fase de zigoto. Podem ser eliminados sem culpa. Ainda estão crescendo.

— Então isso acaba sendo...

— Duzentos e doze. Restaram apenas cerca de oito versões de cada pessoa. Eu sugeriria que um grupo delas, capazes de sobreviver por conta própria como adultos, fosse colocado em cidades separadas. É improvável que se encontrem. — Ela apontou para uma contagem. — São basicamente dois de cada pessoa, sempre disponíveis para alguma necessidade.

— Um pode ir para Beta por enquanto. Posso mandar alguém lá mostrar o básico e como ser humano. O outro pode ficar aqui.

Alexia apontou para mais alguns números.

— E há mais seis de cada que são bebês. Dois podem vir ao mundo como gêmeos.

Sentada em uma das cadeiras perto dela, Mira soltou um longo suspiro e estufou as bochechas.

— Então, ainda tem mais cem. Isso ainda nos deixa com o quê? Cento e doze pessoas em êxtase?

Alexia assentiu. Não se acalmou, mas era onde estavam.

— Não podemos simplesmente acordá-los agora. Eles terão que permanecer como estão e, aos poucos, ser adicionados às cidades.

— Poderíamos fazer o mesmo aqui. É improvável que Beta e Tau se misturem, mas sempre há uma chance.

— Cem pessoas que estamos escolhendo manter dormindo. — Alexia balançou a cabeça. — Parece errado.

— Não há outro lugar para colocá-los, a menos que você queira que eles vão para a cidade-prisão.

— Eu não — retrucou Alexia. — Eu sei que é a coisa certa a fazer. Eles vão acordar eventualmente. Eu só... queria poder salvar todos eles.

— Você salvou todos eles. — Mira puxou a cadeira para mais perto, apontando para os números mais uma vez. — Se você não estivesse aqui, essas pessoas teriam sido usadas para sabe-se lá quê. Agora, elas têm uma chance de ter uma vida normal. Alexia, você precisa encarar isso como um sinal de que é verdade. Sem você, todas elas teriam sofrido um destino muito pior do que esperar mais alguns anos para acordar.

Alexia assentiu e tentou entender aquilo.

— Escute. Você está salvando quatrocentas e vinte e sete pessoas. Sem mencionar as inúmeras outras que Tau estava controlando e usando para distrair do que estava acontecendo aqui. — Mira agarrou as mãos e as apertou. — Leve o tempo que precisar para que isso se acalme. Tenho certeza de que não é fácil de acreditar. Mas é a verdade.

A verdade.

Alexia mordeu os lábios e assentiu. Ela podia acreditar. Algum dia.

Mas, por enquanto, ela ajudaria a levar esses renascidos para lares onde pudessem viver. Viver de verdade.

EPILOGO

FORTIS

Fortis retornou lentamente a este mundo. A voz fora a mesma que ele ouvira naquela tumba. A voz profunda do acerto de contas os alertara sobre o que haviam feito.

— Vocês todos entraram em uma era em que os humanos agora farão parte de suas vidas. Quer vocês queiram ou não. Eu estive adormecido por séculos. Esperando. Eu sei o que vocês enfrentam e o que verão em breve. E sou eu quem os ajudará a guiá-los.

E então todos os andarilhos das profundezas tiveram a mesma visão ao mesmo tempo.

Ele não tinha certeza do que eles deveriam obter com aquilo. Humanos nadando ao lado de sua própria espécie. Novas cidades, que incorporaram seu povo a elas. Ele viu salas inteiras onde o Povo da Água tinha a capacidade de nadar para dentro de tubos e descansar em casas inteiras que eram acessadas por droides para eles. Braços de metal que lhes traziam comida permitiam que trabalhassem com os humanos em espaços enormes cheios de pessoas tomando decisões entre si. Havia crianças também. Crianças com caudas menores, duas caudas, crianças que pareciam humanas e seu povo misturado.

Era um futuro promissor, mas ele sabia que muitos de sua espécie temeriam. Isso mudaria radicalmente suas vidas. O Povo da Água não precisaria mais evitar os humanos ou esperar ser combatido. Eles estariam... entrelaçados.

Quando finalmente conseguiu enxergar o mundo ao redor, olhou primeiro para o filho. Aulax tinha um sorriso radiante no rosto e tanta esperança nos olhos.

— Esse é o nosso futuro, pai?

— Eu acredito que sim.

— Não acredito... — Aulax soltou uma risada chocada. — Então funcionou. Tudo o que fizemos. Funcionou.

E assim foi. Mais do que qualquer um deles poderia esperar, funcionou. Eles criaram algo que mudou a própria estrutura do tempo. E ele, por exemplo, estava muito animado para ver aquilo se concretizar.

— E eu posso estar aqui para vivenciar isso com você — ele murmurou, antes de jogar a cabeça para trás e rir.

Juntos, ele e o filho se alegraram com o futuro que viria. Ele sabia que havia alguns, como Mitera, que estavam aterrorizados. Eles não sabiam onde se encaixavam naquele novo futuro, mas ele sabia exatamente onde sua família se encaixava. Bem no centro de tudo.

Alexia retornou com Mira, e ele sabia que sua vida com ela estava apenas começando.

— Estamos transportando alguns dos renascidos. Os androides já estão preparando o transporte, mas precisaremos de alguns dos seus para guiar os submarinos — disse Alexia. — Os androides conseguem chegar aonde querem, mas estou preocupada que não cheguem em segurança. Os renascidos são importantes.

— Para onde eles estão indo?

— Beta, por enquanto. Há cinquenta cápsulas que precisam ser movidas, vinte e cinco adultos e vinte e cinco crianças.

Ele assentiu, mas então estendeu a mão para ela.

— Venha comigo. Nós os guiaremos juntos, e você poderá vê-los em seu novo lar.

Fortis sabia o quanto isso significaria para ela. Ela quase havia desistido de toda a sua vida para ver essas pessoas sãs e salvas. Ela precisaria desse encerramento, saber que eles haviam chegado ao seu destino e que estavam acordando em braços acolhedores. Ele sabia,

porque precisaria do mesmo se estivesse abrindo mão do filho.

Ela pulou na água sem hesitar, e ele se certificou de que ela conseguia respirar antes de partirem. Aulax se juntou a eles, e seu filho lhe contou sobre a visão que o deus do mar recém-desperto tivera.

— Outro deus? — perguntou ela a Fortis, sem interromper o filho enquanto o jovem continuava a lhe contar uma história mais complexa a cada momento. — Você deveria se preocupar com isso?

Fracamente. Uma parte dele não tinha certeza de quem estava falando com eles, e temia que tipo de criatura tivesse aquele tipo de poder.

— O mar é misterioso. Não sei o que despertou no fundo do mar, mas sei que seu propósito é semelhante ao nosso. Ele quer que os humanos e o Povo da Água trabalhem juntos.

— Então ele pode ficar. — Ela esfregou a mão no antebraço dele enquanto ele a arrastava em direção ao transporte.

Era uma estranha fera androide. Parecia mais um submarino do que ele esperava, já que a criação fora feita para coletar as cápsulas. Alguns braços nas bordas arrancavam as cápsulas da cidade e as depositavam como sacos de ovos nas laterais. Havia uma criatura das profundezas do mar com aquela aparência, ele tinha certeza.

Estremecendo, ele observou enquanto a última cápsula era carregada antes de partir. O submarino deslizou sobre o abismo, movendo-se cuidadosamente até que uma cápsula solitária se moveu. Ele não pôde deixar de notar o saco de ovos brilhante flutuando para o abismo, suas luzes piscando antes de se apagar.

— Não! — Alexia ofegou, antes de agarrar o braço dele. — Temos que ir buscá-la.

Mas então ele ouviu aquela voz profunda e dolorida ecoar em sua mente novamente.

— *Ela* — chamou, e havia tanto interesse ali.

Um lampejo de visão surgiu em sua mente, mas então ele percebeu que não era uma visão. Ele estava vendo o que o deus no fundo do mar via. Uma tumba selada, que estivera fechada por séculos e que ele odiava profundamente. A entrada era escura e coberta de arranhões de séculos tentando sair com as garras. Mas ele nunca conseguira, até aquele momento.

Agora havia uma luz na borda. Uma fenda onde uma mão enorme, verde e cheia de garras poderia cravar uma garra afiada na lateral e começar a forçá-la a abrir. Aos poucos, a garra se mexeu e forçou a abertura a ficar cada vez maior, até que finalmente se abriu.

Fortis caiu com o deus, sentindo a fraqueza do corpo e o quão grande ele era. Era enorme. Maior do que Fortis jamais se sentira em toda a sua vida, com uma cauda esfarrapada e desgastada. E ao olhar para as mãos afundando na lama, Fortis percebeu que sua pele era quase translúcida. Ele conseguia ver através dos ossos.

O deus flexionou os dedos, cerrando os punhos, e de repente todos aqueles ossos brilharam. Fortis conseguia ver seu esqueleto através da pele e sabia que, o que quer que fosse aquela criatura, não era um deles. Mas também não era um deus.

Ele estava preso há anos. Séculos. Estava preso em uma tumba que os humanos haviam construído, mas não queria destruir todos por isso. Não, ele queria que uma única pessoa pagasse penitência pelo que todos os outros haviam feito.

E aquela vagem, caindo no abismo, era sua oportunidade de buscar reparação por séculos de dor e tormento.

À medida que a visão se esvaía de seus olhos e o casulo se afundava cada vez mais, Fortis apertou Alexia um pouco mais contra o peito.

— O mar exige reparação pelo que lhe foi feito.

— A morte dos Originais não foi suficiente? — ela rosnou.

— Não. O mar precisa de alguém vivo. — Ele olhou para a cápsula

com pena, depois se virou para o resto do submarino e continuou em frente. — Não há nada que possamos fazer agora. Quem quer que tenha sido despertará como servo de um deus.

Alexia assentiu, talvez acreditando em suas estranhas palavras pela primeira vez. E juntos, eles se voltaram para um futuro mais brilhante, sabendo que sacrifícios suficientes finalmente haviam sido feitos.